Discurso

Discurso é uma sequência racional encadeada de ideias que se entrelaçam para estruturar um pensamento central que possui princípios, sustentação, regramento, coesão, coerência e sentido lógico; fruto de um processo natural de incorporação de raciocínios que se transformam em estruturas balanceadas que refletem o eixo decisório de um monólogo ou diálogo.

O discurso é uma forma de comunicação que visa se propagar através de um canal que ao ser alcançado é capaz de gerar sobre um contexto um veículo de comunicação, onde as ideias conscientes são lançadas e ficam disponíveis na linha e estrutura de um saber.

Existem duas formas principais de comunicação no discurso: uma via de expressão interna, e outra via de expressão externa. Na via de expressão interna, os vocábulos são transcritos de forma que possam ter uma impressão conceitual de cada segmento incorporado na construção do discurso. Essa comunicação interna dota um observador e o agente do discurso de um sentido de coesão que o faz relacionar as ideias anteriores às novas ideias que forem sendo incorporadas no transcorrer das disposições das informações; Na via de expressão externa, para quem pratica a escuta um sentido de balanceamento lexical inibe o ouvinte de perceber falhas e antagonismos sob a tônica que o diálogo esteja sendo construído. Ela parte de um sentido de coesão, que os elementos voltados para a porção conscientes são suficientes para entrelaçar em noção de afetação e verdade todo o conjunto de ideias expostas sobre determinado assunto a ser abordado na transcrição de um discurso.

A formação de um discurso pode seguir vários padrões linguísticos, e dependendo do contexto pode ser objetiva ou uma transcrição subjetiva. Em que princípios de linearização do pensamento ou translinearização, ou multilinearização do pensamento podem ser construídos a fim de oferecer a sustentação visível que seja fundamental para que um assunto seja livre de contradições.

Do ponto de vista sintético sua apresentação é densamente resumida, mas mesmo assim contida dentro de uma estrutura de amarração que a fixação em um ou mais trechos do pensamento possa permitir que um indivíduo chegue as mesmas conclusões lógicas que o adensamento de informações caso necessite expansão.

Do ponto de vista analítico sua apresentação é densamente ampla, no qual as vias secundárias e terciárias de sustentação à transcrição das ideias são apresentadas dentro do modelo descritivo em que as premissas são lançadas e encadeadas para a formação do pensamento central, homogêneo e estrategicamente distribuído para convencer um leitor ou ouvinte de sua estrutura coesa.

Sua via de construção pode ter um caráter concentrado ou difuso. No caráter concentrado o pensamento principal vir projetado como tópico frasal, o que é muito comum dentro de sistemas científicos em que os desdobramentos decorrentes amarram a estrutura do pensamento dentro de uma ordem que facilita como os argumentos foram capazes de se formar para a geração da ideia padrão nomeada que é desejo ser informada. No caráter difuso, o organizador das ideias centrais, parte por um princípio no qual seja aderente à visão de quem está no ambiente, e a partir dos desdobramentos seguintes passa a atribuir várias funcionalidades e ativar para o consciente elementos também difusos que ao serem incorporados irão tecendo um encadeamento que no final do discurso a conclusão se converge no tópico frasal que deu origem a toda a afetação das sequências nomeadas.

Pessoas condicionadas a um padrão linear de pensamento possuem maior dificuldade de concentração em entenderem os desdobramentos de um discurso difuso, porque sua essência de ativação segue um padrão multilinear de funcionamento. Existem outras lógicas de discurso, que são trilhadas de forma grupal, ao contrário das expressões anteriormente grifadas que são de ordem singular.

Nas construções dos discursos grupais é fundamental a participação coletiva para a realização das conexões que são criadas a partir dos diversos conhecimentos individuais que ao serem lançados para o grupo passam a pertencer a um coletivo que adere como pertenciamento ao agrupamento.

Nos discursos grupais a coesão é conseguida graças a um processo de depuração do pensamento, onde as conclusões lógicas são obtidas a partir de um sentido democrático presente no agrupamento, observando quando o tema já é maduro o bastante para promover um aquietamento das ideias, visto como um processo lúdico de pacificação de um conjunto de informações.

Um desdobramento da lógica de discursos, são os desenvolvidos de forma mecânica, geralmente por equipamentos e computadores. Esse conceito foi desdobrado para uma estrutura de conectividade de máquinas, onde foi possível construir linguagens computacionais capazes de dialogar diretamente com a CPU e assim tirar proveito das relações de linguagem em que o processo de comunicação permitia o desenvolvimento e desencadeamento de ações ao longo dos processos lexicais que as linguagens de programação eram capazes de nutrir nos núcleos de processamento dos dispositivos.

Todo discurso é considerado uma cadeia racional porque faz parte de um pensamento flexionado que tem uma razão programática de estar inserido sob a lógica encadeada do discurso. Por ser uma flexão, ele é condicionado a ter uma determinada impressão como forma de expressão que se destina a ser lançada sobre o ambiente como uma plataforma devolutiva do que deve ser pontuado e passar a integrar de forma ordenada uma resultante de um processamento interno de um indivíduo. Um discurso pode ser um complexo racional cuja expressão venha a se concentrar em qualquer dos sentidos humanos, sendo o mais usual e comum a elaboração de discursos que se pautam sobre processos de comunicação através da fala, escrita ou da comunicação entre máquinas, visto como um desdobramento mecânico dos sentidos, através de estruturas de linguagens computacionais.

Assinatura

Assinatura é uma inscrição iconoplástica que se faz graficamente através de símbolos impressos sobre uma superfície a fim de nomear a transcrição de uma “verdade” construída pelo próprio autor ou que dela venha a servir de endosso à elaboração de um pensamento exposto no qual se firma um aspecto de detentor ou subscrevente da palavra gráfica.

Ele serve para celebrar o referente, no qual a mensagem gráfica indica a procedência de uma ideia, como também é responsável por dar um “de acordo” com tudo nomeado que fora transcrito como ideia: formalização de comunicação; em que um indivíduo firma sua intenção de evidenciar seu posicionamento perante terceiros.

Ela serve para comunicações coletivas, quando mais de uma pessoa deseja endossar um desejo seu. Quando todos os concordantes assinam um documento manifestando comum acordo às ideias transcritas e das citações descritas em um documento.

Tem poder de verdade, e serve como prova documental, quando uma pessoa diante de suas plenas faculdades mentais, de uso de sua consciência, manifesta seu posicionamento em relação a determinado preceito ou contexto.

Serve para a celebração de pactos, em que as pessoas temporariamente se associam para atingir um objetivo comum. Como também demandar direitos de transferência de bens para terceiros, como um endosso que autoriza um sistema econômico ou bancário a praticar atos em que a assinatura reflete a anuência de um indivíduo para que o negócio seja consumado.

Ela serve para declarar comportamento coletivo, quando realizada na forma de um abaixo assinado. E é um poderoso instrumento de personificação capaz de provar e comprovar a identidade de uma pessoa.

É um poderoso instrumento de comprovação de presença que está presente em vários ritos, cerimônias e atividades culturais.

É uma forma de distinção entre pessoas, que permite através do nome ser reconhecido como uma individualidade dentro do coletivo, no qual é levado em conta todos os traços, características gráficas, estilo da escrita, deformidade das conexões gráficas e outros símbolos que incorporam sobre a assinatura a personificação de um indivíduo.

Para ser reconhecida a exigência é um fator de imutabilidade em torno do tempo. O que a faz ser identificada dentro de uma mesma perspectiva para o mesmo indivíduo.

Os símbolos expostos podem retratar indícios sobre a personalidade de um indivíduo, ou algo em que o seu comportamento se molde, ou simplesmente se incorporar a um dos múltiplos estilos padrões de grafia em uma sociedade.

Quando incorporada à meios eletrônicos, essa variante recebe o nome de assinatura digital cujos ícones impressos somente o detentor é capaz de validar por meio de um processo criptografia capaz de identificar a procedência que valida a assinatura física de um usuário que previamente assinou um contrato de validade de sua assinatura virtual.

Sistemas modernos de identificação de usuários adotaram como assinatura partes do corpo humano de constituição e natureza exclusiva, como as digitais, íris dos olhos ou expressão facial.

Essas assinaturas usam modernas concepções de identificação, por uma questão de associação mais direta com um alvo que esteja contido de forma singular em um indivíduo que não faz referência com nenhum outro, dificultando assim, formas ou tentativas de se tentar burlar uma identificação que remeta a um acesso a algo exclusivo que um indivíduo identificado teria prioridade ou acesso dentro de um ambiente controlado.

Para assinaturas com maior grau de segurança podem ser exigidos como identificação a constituição do código genético de uma pessoa.

Porém uma assinatura não tem efeito eterno em muitos casos em que o endosso pode ser refeito a partir da prática de novo ato que invalida o primeiro.

Em muitas civilizações, o endosso, através da assinatura, para um casamento pode ser percebido como algo constituído que o seu desfazimento não é algo possível de ser realizado. Ou algumas reservas de negócios, principalmente quando o consumo já foi realizado, em que um consumidor deseja voltar atrás e reaver o capital investido, em que é exigido a formalização de um contrato, como por exemplo, pagamento realizado através de crédito em cartão de crédito onde a assinatura é exigida no ato da compra.

Para efeito de simplificação, a assinatura pode ser reduzida graficamente, e ter o mesmo efeito padrão em sociedade. Neste caso é denominada como rubrica.

Dependendo da natureza de um processo ou documento que se espera ter efeito perante um juízo que incide uma lei, há necessidade de que todas as páginas de um documento sejam rubricadas, e ao final a assinatura padrão do indivíduo seja colhida como ateste final para todos os aportes nomeados no decorrer da narrativa documental.

Dependendo da legislação ou país, órgãos podem ser instanciados a fim de validação e comprovação de assinaturas, geralmente recebem o nome de cartórios, em que o reconhecimento de firma é o ato de reconhecer a procedência da assinatura que parte do próprio indivíduo como um ato de fé pública.

Em sistemas online, dependendo da legislação, quando um indivíduo está de posse de um padrão de entrada (senha) em um ambiente fechado em que há garantias de que o usuário está identificado, então o simples ato de escrever, através da digitação, o nome completo do usuário para dar endosso a contrato, ou transação efetuada, em lugar apropriado, junto a um estabelecimento virtual, é suficiente para o reconhecimento de firma que valida um ato de consumo ou contratual entre as partes.

Herança

Herança é uma transferência de patrimônio geralmente organizada e expressa em vida, no qual um indivíduo por questões genéticas, humanitárias ou de alta autoestima designa parte ou a integralidade de seus bens para outro a fim da incorporação de patrimônio.

Na maioria das sociedades os herdeiros genéticos têm preferência pela partilha do patrimônio de um ente querido quando este deixa a condição de vida.

Então o principal condicionante da herança é sem dúvida o fator hereditário com base na genética.

Sistemas modernos de transmissão de bens, podem ser organizados em sistema de partilha ainda em vida, com usufruto dos detentores do patrimônio, geralmente utilizada por famílias tradicionais que não desejam que os possíveis beneficiários briguem pela partilha dos bens.

Em alguns sistemas de hereditariedade, uma pessoa da família pode ter preferência da linha de transmissão dos bens, como por exemplo o filho mais velho, ou o primeiro filho varão, ou o cônjuge.

Existem países que limitam a transmissão de bens para o cônjuge conforme for a procedência deste em relação a sua nacionalidade anterior.

A base de toda a herança é um bem, que pode ser imóvel ou móvel, que pode ter vida, ou ser algo abstrato ou inanimado. Requer por parte do doador um valor inestimável que pressupõe que estará bem nas mãos do outro a que se destina a herança.

Pessoas em grau de evolução elevada, deixam para seus parentes como herança a nomeação de valores, virtudes, e mensagens que incentivam a progressão espiritual, dentro dos moldes e ritos em que o processo de transferência de patrimônio é gerenciada por uma pessoa habilitada para proferir a vontade do indivíduo que lhe deixou a incumbência de organizar os proclames que institui a transferência.

Pessoas muito ligadas a posses e a matéria, deixam como bens objetos de grande expressão monetária, propriedades, papéis monetários, obras de arte de grande valor e conteúdo artístico, obras raras, e demais posses de valor econômico.

Algumas sociedades litúrgicas deixam gravadas ensinamentos que foram úteis em uma vida, e que poderão servir para a prosperidade do indivíduo que fica.

Sobre a herança pesa um valor sentimental, que é fundamental e que o indivíduo que abre mão deste valor e repassa para alguém, ao qual subjetivamente se espera que se cuide e que se deseja bem, serve como um conforto para quem vai, a fim de saber que as coisas que se cercou durante a vida ficam armazenadas, por meio da transferência, para pessoas em grau de confiança e estima elevadas.

Algumas leis em alguns países podem regular o tipo de transferência de valores, e designar um quantitativo mínimo em que a transferência deve ser organizada a fim de que os herdeiros genéticos não sejam prejudicados.

Em outras sociedades mais liberais, a vontade do herdeiro prevalece sobre a lei estando ele cônscio de suas ideias no ato de transmissão da herança. Que no caso pode designar outros, para fazerem papéis de herdeiro, e destituir quem julgar não ser merecedor da sua herança.

Em alguns casos a pessoa ao designar uma herança pode adotar um sistema de condicionantes que se satisfeitos legitimam o indivíduo para o recebimento da parte do patrimônio correspondente à vontade do manifestante do desejo e vontade expressa.

Uma pessoa pode designar seu patrimônio para uma pessoa que ainda não se encontra em vida, ou esteja em um estado gestacional, ou de futura gestação, ou pela concepção espiritual de um futuro retorno em que todas as condições de legitimidade do futuro ser vivente ficam expressas em um rito processual.

Geralmente um tabelião é responsável pela leitura do registro em cartório, de todas as tratativas e comunicados que foram relacionados para os herdeiros, tais como justificativas que endossam a distribuição ou não de bens, e demais apreços e desapreços aos candidatos a herdeiros que participarem do rito de transferência e comunicado de transferência do patrimônio.

Geralmente os Estados detêm o direito de sobretaxar as fortunas transferidas que incide sobre elas determinado valor monetário. Cabendo aos herdeiros de posse dos bens transferidos fazer a devida coleta do valor a fim de quitar o seu débito com a força governamental.

Na falta de um herdeiro, os herdeiros do herdeiro, na maioria das legislações têm direitos sobre os valores transferidos, na ausência de novos herdeiros, e não havendo nada expresso que transfira o benefício para um terceiro, o Estado toma posse dos ativos transferidos em que não existe forma de apropriação por nenhuma outra pessoa de forma subjetiva.

Muitas vezes uma lei estabelece um princípio de temporalidade para que um herdeiro venha a reclamar sua herança. E em muitas legislações, esse direito é uma fonte subjetiva e permanente.

Nos casos de hereditariedade a lei, em muitas legislações, pode obrigar os herdeiros reconhecidos, a dividir o patrimônio com pessoa igualmente amparada pelo direito, pelo não reconhecimento genético em vida, e reconhecido após o óbito ou testamento, quando o fato vir a ser comprovado cientificamente.

O testamento é o guardião da vontade de quem deixa uma herança. E sobre ele paira um juízo atribuído a consciência de quem o legitima e deixa registrado seu desejo e vontade expressa. No decorrer do processo de leitura é livre o processo em que um possível herdeiro se motive impedido de receber a transmissão dos bens em virtude de consciência, de necessidades, valores ou outros princípios que o fazem não perceber legítimo para o recebimento de sua parte na partilha.

Valores universais

Valores Universais são unidades referenciais de comportamento geradores de benefícios que aproximam indivíduos de uma relação benéfica, centrada sobre a continuidade, perpetuidade e estados de conservação da vida.

São exemplos de valores universais em linguagem conceitual: lealdade, integridade, discernimento, humildade, honestidade, respeito, coragem, nobreza, vontade, cortesia, disciplina, paciência, determinação, bondade, serenidade e amor.

Existem várias metodologias disponíveis para a formulação de valores universais. Muitas sociedades podem desenvolver estes aspectos baseados em sua experimentação e costume, onde as práxis que integram o comportamento ficam moldadas pelo tempo numa dinâmica populacional gerando um indexador, na forma de regra que é válido para um agrupamento.

Em sociedades mais modernas há que se pensar em uma estatização desta moral, em que estes valores são levantados e fabricados para nortear a comunicação e interação entre pessoas.

Os princípios quando regulados podem passar a assumir como parte de um sistema moral que abastece a sociedade com informações suplementares de como o comportamento deve ser guiado entre os diversos players de uma organização social.

Quando esta fase se torna avançada, coexiste uma necessidade regulatória dos valores a fim de contrapor uma vontade não muito regular em que não é de base hegemônica. Neste estágio, as relações que se formam dos valores candidatos a universais é uma abordagem sofista de fundamentação ética que privilegia questões de bom senso que estão além de uma moral civilizatória.

Os valores universais são unidades quânticas que sua apropriação reflete o desencadeamento em que é possível medir benefícios que podem ser colhidos a partir da canalização motora sobre um determinado fenômeno. Como melhores práticas são medidas comportamentais de excelência do comportamento em que se pressupõe que toda sociedade tem a ganhar com suas aplicações.

É medido em uma escala de benefícios mútuos, gerador de um contexto de empatia, solidariedade, partilha, vínculo e coordenação e integração entre seres. São capazes de fortalecer os laços sociais, e base da boa convivência e relacionamento entre as pessoas.

Em sociedades de base monocrática os valores que servem para a universidade social são outorgados através de processos de imposição de regramentos.

Em sociedades de base democrática os valores são decididos por proporcionalidades da representatividade de um indivíduo na sociedade ou pela força da maioria absoluta dos indivíduos do agrupamento.

Um valor universal absoluto é um ente raro de acontecer, embora na transitoriedade do saber possa existir por um breve momento, no infinito uma convergência decisória neste sentido.

Como os indivíduos estão em constante mutação, existe uma certa deformidade do saber jurídico que explane determinado valor universal. Como também, a complexidade das relações humanas depender de quesitos de interpretação, quando necessário para a ordem e organização entre pessoas de um agrupamento.

Embora exista um intervalo de confiança, que torna determinado valor de base democrático em universal, a disparidade, e o exercício de uma aplicação para outra forma de condução das unidades quânticas leva a um paradoxo referencial, no qual a exigência de consumo social de um agrupamento pode levantar hipóteses de estabilização do conhecimento, saber e aplicação dos regramentos necessários para a manutenção social. E em determinados trechos e eventos históricos, o coletivo e comum vir a partilhar exceções, em torno das estruturas de decisão que levam pessoas à pratica de atos de vida.

Um valor universal ao ser desencadeado refletirá em uma constante de volição que irá traçar um eixo motivacional que irá guiar um indivíduo para a afetação que irá promover sobre este uma ação.

As sequências de atividades a serem desencadeadas serão reflexos motrizes e psíquicos que irão se substanciar em termos de direcionamento para que a práxis da ação seja desenvolvida dentro de um senso de integridade em que permitirá ao sujeito se moldar de forma gerenciável sobre a linha conceitual do argumento que estiver instanciando o indivíduo para sua afetação como ente dotado de personalidade.

Assim, uma pessoa que desencadeia um princípio de valoração universal de disciplina ficará se tangenciado a cada nova ação para que o sentido de sua afetação, na qual ela se permita ser influenciada e ser gerenciada por um misto de movimentos e estruturas mecânicas que terá por base um princípio de coordenação que lhe permitirá desenvolver uma atividade dentro do padrão estipulado de “disciplina” daquilo que ela considera substancial para o requerimento da sua atividade.

A quebra de um valor provoca uma ruptura dentro do indivíduo e sua consequente integração com um fator de morte (pulsão de morte). Que tenha por base também outro tipo de princípio que seja, o que induz a uma desintegração de algum princípio fundamental que venha uma pessoa perseguir.

Por outro lado, os valores universais se propagam para gerenciar indivíduos a fim de uma maior sobrevida, sobre práticas de gerenciamento consagradas que permitem a um indivíduo ampliar seu benefício vital dentro do seu plano de existência material. Os valores universais consagrados são patrimônios intangíveis da humanidade, e ninguém tem o direito de posse e comercialização sobre os mesmos, como poder de barganha, com ressalva para a prática de transferência por meio de aprendizado necessária para a vida do professor.

Instrução

Instrução é uma experimentação de sentido para transferência de conhecimento, através do aprendizado, que vise uma pessoa ser detentora de determinado saber para que este passe a incorporar nas tarefas, atividades e processos das demandas vitais.

É uma necessidade de rotinização que organiza o aprendizado de forma que se possa incorporar sobre as funções exercidas correntes, a rotina que irá agregar ao movimento esperado pela transferência de conhecimento.

Ele somente consegue êxito por meio de elementos que incentivem a livre iniciativa, a descoberta, o conhecimento lúdico, a sinergia de propósito e a conversão do pensamento em algo que se sinta gratificado ou útil no desenvolvimento e exercício de uma ação, mesmo que seja de natureza recreativa.

É uma instrumentação referencial que gerencia o comportamento humano para fazer determinado procedimento que exige procedimentos específicos para a sua realização.

A instrução mesmo em meios coercitivos pode resultar em aprendizado, porém quando o estímulo dominante é retirado, na maioria das vezes o indivíduo interrompe o fluxo de exercício de sua instrumentação.

Com a instrução se pressupõe um ganho de ordem interna cuja incorporação de novos valores é observada num modelo de assimilação de conteúdo.

Ela colabora para um ordenamento psíquico com desdobramentos motores. É um poderoso instrumento de pacificação da mente, uma vez que ela retira o indivíduo de um estado de tensão, dotando-o do equilíbrio fundamental para o desenvolvimento de uma tarefa.

Parte de um ponto de estabelecimento de regramentos que se obedecidos irá converter na resultante da ação idealizada. E o efeito da instrução é uma habilitação para um ofício, mesmo que seja de ordem apenas procedimental.

Requer reforço neural, uma vez que o nível de instrução é o de instanciar novos complexos egoicos, necessários para o novo padrão de desenvolvimento e interpretação do indivíduo.

O ato de transferência requer intercâmbio por meio de comunicação, em que o detentor de um conhecimento prévio, é capaz de repassar o que domina para o indivíduo que é órfão das ideias, e uma vez integrada ao seu saber se torna a base de seu conhecimento para que ele possa repercutir o ensinamento capaz de gerar plenos poderes para o exercício da tarefa.

Quando um conhecimento é transferido uma etapa de acomodação do novo saber é necessário para que se realize a integração da estrutura antiga e nova colocada com o conhecimento excedente, a fim de que fatores homeostáticos possam gestar o equilíbrio suficiente para a gestão da interface cerebral de um indivíduo.

Além do caráter teórico de uma transferência, outro fator importante é a prática seguida da experimentação, no qual o indivíduo irá dar um salto evolutivo de entendimento, colocando os valores apreendidos como em um processo de linha de montagem, onde os fatos são desdobramentos dos entes adicionados através do processo e instrumentação da instrução.

Os conhecimentos pregressos têm uma influência sobre os conhecimentos recebidos, então é importante que o indivíduo seja o mais coerente possível para não se deixar influenciar por um centro de decisão que desvie o saber integral de uma instrução ao ponto de gerar imperfeições e/ou viés sobre a coisa a ser produzida.

Na falta de disseminadores, pode ser o ambiente o instrutor transferencial de um indivíduo, principalmente na observação de fenômenos em que seja possível ao indivíduo observar evidências que o permitam reproduzir dentro de seu espaço artificial as características observadas inatas na natureza, e replicar as forças conforme suas necessidades a fim de ganhar o máximo de aproveitamento possível de suas descobertas.

Os costumes podem ser utilizados também como forma de transferência de uma instrução. E a moral moldar a forma em que a padronização desta transferência é permitida em termos de repasse de informação para outros indivíduos de uma população.

Uma instrução pode estar amparada por meio de uma instrumentação teórica escrita, na forma de um manual em que os processos são identificados e incorporados dentro de uma lógica em que um observador possa facilmente utilizá-la como consumo e reproduzir os efeitos esperados a partir da assimilação através de uma consulta prévia.

Os meios computacionais são ótimos propagadores de instruções, uma vez que deixam armazenados práticas que podem ser observadas nos mínimos detalhes, através de utilização de sistema de escrita, áudio e vídeo, que permite a um aprendiz se organizar para receber o máximo de informações possíveis de forma padronizada, além de poder contribuir para incorporar os desdobramentos de seu conhecimento colocando à mostra suas impressões de consumo, e ampliando a capacidade de entendimento dos fatos e fenômenos abordados.

A imitação pode ser uma forma expressiva bastante importante e influenciadora para uma instrução, até que o indivíduo tenha recursos psíquicos suficientes para incorporar subjetivamente o nível de assimilação de um conhecimento.

A resultante de um processo de instrução é uma habilitação que torna o indivíduo capacitado para executar uma determinada tarefa que se pressupõe caso seja seguida à risco poder reproduzir os efeitos esperados de um direcionamento instrumental.

Na falta de instrução ou de não atingimento de instrução, geralmente meios educacionais impedem o acesso do indivíduo a realização de uma ação que requeira a comprovação de habilidades específicas.

Nomeação

Nomeação é um ato de declaração de um objeto, como ente dotado de identidade, em que seus próprios atributos incorporam um princípio subjetivo que lhe confere uma personalidade, gerando uma referência que um processo de evocação permite um indivíduo se conectar mentalmente à “coisa” contida no espaço tridimensional.

Porém para “algo” ser nomeado, ele tem que ser sentido, apreendido, em termos de propriedades físicas e convertido em uma imagem topográfica que lhe permita ser gerenciável dentro de um espaço psicológico no intelecto.

A aquisição do objeto como instrumento a ser incorporado dentro da subjetividade, requer a capacidade de armazenamento para posterior reconhecimento, quando se gesta um vínculo ambiental capaz de ativar a lembrança do objeto dentro do indivíduo.

Então através de um simples processo e evocação, o instanciamento neural que guarda os atributos interligados da coisa identificada, elabora uma imagem holográfica do objeto, de fundo integrado de sentidos, nos quais é possível distinguir a visão, audição e tato como os principais codificadores que se firmam fisicamente aos atributos do objeto, no qual o neurograma formado identifica a “coisa” como um aspecto de vizinhança do que fora registrado previamente mnemicamente pelos processos de reconhecimento e lembrança.

A imagem sonora, ou seu complementar na falta a visual, é vital dentro deste processo, por estabelecer um vínculo descritivo do objeto, no qual permite que ele se funda em conceitos, e classes que estabelecem indícios de suas funcionalidades.

Essa restrição de denominação do objeto, que geralmente permite nomeações curtas, como uma palavra, ou duas e no máximo três palavras distintas, é fundamental em termos de formação de um traço que permite fisicamente o objeto ser identificado como uma classe ou coleção em que o elemento está contido como parte de uma rede neural.

Essa economia de evocação é necessária para que o conteúdo, por exemplo, “Casa” possa vir à tona quando algum contexto ambiental despertar uma relação semântica em que os registros mnêmicos estão contidos em uma área que é despertada pelo auxílio da imagem formada momentaneamente no plano ambiental.

Deste referente de nomeação, é possível que o grupo semântico “Casa” visualizado como apenas um elemento que possui uma identidade definida, seja possível evocar outros indícios de atributos que caminham com ele associados, numa forma de associação em que o caminho que conduzirá a outro elemento de mesma classe possa ser encontrado facilmente por uma questão de simples manipulação mental. Há de convir que quando a imagem é formada dentro de um indivíduo com o conectivo “Casa” de nosso exemplo, um deslocamento sensorial do indivíduo sobre outros atributos lançados sobre o ambiente desperta a lembrança de outras nomeações, como por exemplo “Cozinha” no qual o encaixe semântico faz surgir uma série de eventos e experiências anteriores, em que a nova imagem formada trará um composto de nomeação, de novas coleções daqueles elementos que fazem sentido uma menção de algo que despertou o interesse neste ambiente externo que está sendo explorado.

Dentro desta dimensão interna, em que a conectividade gera um forte atrator em torno de conexões que se assemelham em termos de retórica, uma história passa a ser contada, pelos fragmentos sucessivos em que as informações evocadas passam a configurar o intelecto e a partir de seus desdobramentos é possível criar um contesto com cenários onde um enredo ganha vida e conexão com o mundo externo na forma de entes reativos que tentam corresponder frente as demandas ambientais. As histórias se projetam conforme as indexações sobre o plano real. Este movimento cinético toma conta da porção mental de um indivíduo enquanto houver capacidade vital de correspondência, e se distancia cada vez mais do biológico o quão complexa se torna as relações deste indivíduo para com o mundo.

O grau de complexidade da nomeação irá compor uma série de significados que possuem dimensão física definida, ou aspectos sensoriais acessórios indispensáveis para a coordenação dos movimentos cognitivos, sendo estes últimos são evocações de base abstratas, que motivam, instituem desejos, constroem rotinas, estatizam prioridades, exercem comunicação entre diversos centros do sistema nervoso central e periférico, ativam e retraem emoções, coordenam fluxos de imagens, constroem relações associativas entre vários elementos armazenados em zonas diferenciadas no cérebro humano.

De repente uma nomeação, como por exemplo de uma palavra abstrata: “BREVIDADE” não possa ter sentido físico definido por não incorporar sua classificação em nenhum objeto por ser puramente abstrata, mas ela pode ser funcional quando ao seu teor associativo com outra palavra que possa ter um apego a uma ideia central que se incorpora como nomeação a algum objeto. E dentro do contexto em que ela é elaborada despertar um sentido neural para sua aplicação. Ex. BREVIDADE **DA FALA**. E indicar um movimento do córtex temporal capaz de criar junto com o córtex somatossensorial uma razão de tempo em que determinado fenômeno foi identificado, e assim indicar um tipo de canalização assessória do lobo temporal para coordenar, neste exemplo, um processo de aceleração da fala, que é um objeto definido como uma dimensão sonora em que a acústica lhe confere uma identidade e um sentido claro e coeso de existência.

Embora muitas palavras não existem compreensão de fato sobre o tipo de desencadeamento que ela é capaz de providenciar dentro de um cérebro, o seu correto uso processual permite desencadear e ativar o procedimento requerido para que haja coordenação motora e psíquica dentro de um indivíduo. Nomeações livres de imperfeições conferem grandes ganhos de produção laboral, uma vez que encaminham um sujeito para a correspondência ótima diante de uma demanda sensorial que parta do ambiente.

Testamento

Testamento é um documento em que uma pessoa expressa sua vontade, estando ela em plenas faculdades mentais de consciência, delegando ou repassando para outras pessoas: direitos, deveres e/ou obrigações após sua morte ou declínio de sua habilitação enquanto ser vivo.

O registro em órgão oficial e a coleta de assinaturas legitima o testemunho do indivíduo que deseja deixar esse ato de vida perante a terceiros.

Geralmente o testamento está acima do regramento expositivo da lei, não excluindo os herdeiros do ônus de taxas e impostos incidentes sobre os patrimônios transferidos.

Suas páginas devem ser numeradas e cada uma delas rubricada a fim de legitimar a vontade nelas expressas e todas as linhas de argumentações que levaram o indivíduo a vir a praticar o ato de transferência.

É aconselhável que o documento seja fornecido com a anuência de no mínimo duas testemunhas, em caso de contestação da vontade expressa lavrada.

O testamento deve vir de forma protocolar em capa dura, com um lacre que não permita ser folheado enquanto o seu efeito não começar a transcorrer após o falecimento ou invalidez de seu executor.

Os espaços em branco devem ser lavrados com um traço, a fim de não permitir inclusões entre linhas ou na parte final do documento, que deverá conter as assinaturas legais reconhecidas pelo Estado como sendo o executor o legítimo detentor da expressão da palavra.

O registro em órgão específico de preferência deve ser mantido em sigilo, para que a pessoa que expressa sua vontade não corra risco de vida em virtude da expressão de sua vontade, e faça com que os herdeiros apressem o óbito ou invalidez do executor do testamento a fim de se apossar o quanto antes de seus bens.

Informações de registro devem estar contidas na capa e na contracapa a fim de que o objeto possa ser verificado através de sistema computacional quando em um cartório ou órgão oficial um procedimento de constatação de óbito ou invalidez é oficializado.

Documentos podem ser anexados ao testamento a fim de comprovação de posse de bens móveis e imóveis que são objeto de transferência e assim facilitar aos herdeiros a organização dos documentos que lhes permitirão tomar a posse definitiva dos bens que se intencionam a transferência.

Como medida preventiva um dos anexos do testamento pode ser um laudo médico em que atesta que o indivíduo está de posse de suas plenas faculdades no momento que resolveu organizar o processo que legitima a forma expressa de transferência de patrimônio conforme é de sua vontade determinar e legitimar.

Algumas exceções e medidas preventivas de comprovação de habilitação para a herança podem estar determinadas dentro do testamento a fim de deixar claro qual a forma que é da vontade do falecido em que seus objetos sejam migrados para a figura de seus herdeiros.

As folhas em branco devem ser eliminadas do documento quando ele for elaborado, ou não havendo essas possibilidades um traço deve ser passado em diagonal no qual irá constar de uma assinatura do tabelião e do indivíduo que expressa sua vontade de que naquele espaço não havia nada a ser declarado ou acrescentado.

Durante a vida da pessoa que expressa sua vontade através de um testamento, se ainda não satisfeita as condições de transferência a qualquer momento pode o executor, de posse de suas faculdades mentais de rever os objetos escritos de seu testemunho, e até mesmo cancelar o testamento a fim de que novos procedimentos possam ser adotados, ou decidir não deixar nada expresso por achar desnecessário a linha expressa instrumental.

De preferência as assinaturas colhidas na instrumentação do processo devem conter também carimbos que endossam a firma da vontade.

Se o testamento for violado antes que seus efeitos comecem a incidir sobre os herdeiros, se identificado os autores, um processo judicial pode partir por parte dos seus executores a fim de sanar o problema de invasão de intimidade e os problemas referentes à segurança que podem originar a partir desta violação.

A escrita embora possa ser admitida à mão livre, deve ser lavrada de preferência por meio mecânico, máquina de datilografar ou sistema computacional a fim de que os caracteres impressos tenham a conformidade do tempo e não fiquem apagados com o decorrer do tempo. Os modernos processos de guarda de materiais permitem a inclusão de documentos também através de sistema digital, em que as informações são armazenadas em sistema de nuvem de acesso restrito, no qual apenas pessoa habilitada tem acesso ao mainframe os dados foram depositados. A validade é restrita a não incorporação de nenhum outro dado no arquivo.

Se quando aberto um testamento for designado para herdeiro determinado objeto transferido que já não era mais de posse do executor falecido, o direito de transferência da coisa perfeita, feita em vida, perde a validade para o herdeiro que não terá direito de posse do objeto selecionado em vida para compor o seu patrimônio. No sistema tradicional de testamento não é possível trabalhar em um sistema de atualização de bens candidatos a serem transferidos, uma vez que o testamento expressa uma vontade que é retrato de seu período em que foi objeto de construção e determinação. As alterações realizadas ao longo deste processo, se não corrigidas a tempo, devem ser objeto de verificação a fim de saber se é possível aos herdeiros o direito subjetivo ou a perca do direito, caso que deverá ser administrado por uma justiça jurídica. Na ausência de herdeiros, e sendo a vontade expressa, fica valendo as regras contidas na lei padrão do estado ao qual a pessoa está sujeita aos ditames do regramento.

Obra publicada

Uma obra é considerada publicada quando ela deixa de ter a exclusividade da leitura por parte do escritor, sendo possível sua localização social imersa em uma cultura.

Obra é uma reunião de informações sobre um conteúdo principal que possa ser degustado, em que uma relação de valores pode ser construída por meio de uma obliteração do saber que permite a um indivíduo interagir com um objeto de expressão.

Esse objeto de expressão pode ser um livro, uma tela, um objeto decorativo, estátuas, poesia declamada, movimentos corporais, música, um imóvel, um móvel, ... tudo que possa sugerir ou repassar conceitos para outro ser humano.

Quando ao efeito da publicação está o gerenciamento de um ente expositivo, em que permite além do autor que a conferiu uma forma, ou identidade, estar visível para um público, que procurando saber os detalhes que condicionam o processo de barganha a sua degustação, estar disponível para aqueles que concordarem em pagar o preço para sua releitura, que pode ter valor monetário ou psicológico.

Antigamente uma publicação era considerada aberta para o público se passasse por um processo de catalogação em que era possível indexar o autor dentro do segmento artístico que a sua obra estivesse vinculada, como um rito processual que desse identidade para o autor que seu conteúdo estava às reservas do Estado.

Atualmente, os meios digitais, imprimem formas variadas de expressão, de forma que um movimento artístico pode surgir da noite para o dia e toda uma sociedade vir a se informar praticamente em tempo real sobre o conteúdo artístico que fora lançado.

Movimentos artísticos coletivos são outra variação desta arquitetura de obra publicada, em que pessoas se posicionam em diferentes contextos de especialidades e compõem um ou mais peças artísticas dando publicidade instantânea as obras processadas coletivamente.

Espaços são gestados a fim de garantir a publicidade de obras, entre eles: museus, curadorias, bibliotecas, áreas de patrimônio histórico públicas, prédios e edificações públicas, salas de exibição de películas cinematográficas, estabelecimentos que permitem a degustação da música, alimentos e bebidas, lan houses, parques e exposições, estádios, teatros, ...

Os criadores das obras geralmente têm predominância quanto ao destino de suas idealizações. Como também receber ônus sobre parcela pecuniária referente ao direito de retransmissão dos benefícios e influências geradas pelo acervo artístico.

Toda obra carrega dentro de si um espaço, milimetricamente arquitetado, a fim de que a sociedade possa aproveitar os conceitos e inseri-los na gestação da vida pessoal dos cidadãos quando objetarem fazer suas transformações que são requisitadas na vida privada.

Portanto sobre toda a obra coexiste uma moeda de troca, a fim de que uma reserva de conteúdo ao ser assimilada possa se converter em um conceito que irá se projetar ativamente ou passivamente na vida de um indivíduo.

Existem obras que o acesso não é de domínio público, sendo restrita a um público determinado no qual é gestor da ideia-conceito, como por exemplo templos em que monumentos são erguidos para culto ou adoração, restrito dos indivíduos de uma religião ou seita.

Como também existem obras para um público ainda mais restrito, como por exemplo uma composição que fora publicada para abastecer a imaginação apenas da pessoa amada, que mesmo outra pessoa tendo acesso ao seu conteúdo o sentido original e pessoal não é revelado, por falta de conectivos que contextualizem a informação que fora processada por seu autor. Portanto, a publicidade é um conceito elástico que diz respeito a uma abrangência em que um conteúdo transmitido é repassado por meio da observação para outros indivíduos.

Por ser dotada de elasticidade, é possível que dentro de uma razão conceitual, o seu uso restrito a desqualifique como pública, e quando endereçada para indivíduos de uma cultura isolada, como por exemplo uma tribo indígena de pouco menos 50 habitantes ser totalmente pública para este agrupamento.

Embora ela possa ser dotada de sentido oculto, artisticamente o potencial para assimilação é projetado de forma exponencial, onde cada observador de arte pode remeter as informações coletadas para seu universo pessoal e dar publicidade conforme a linha de assimilação em que foi objeto de sequestro da visão integral do autor.

Para efeitos meramente didáticos uma obra é pública quando ela for repassada para um canal de transmissão em massa, independente no número de pessoas por meio deste canal venha a acessar, no seu efeito de publicidade. O fato da obra ser pública não tira o direito dos autores da composição das ideias, sendo as pessoas que desejarem interferir na obra de um autor deverá consultar e pedir autorização para a exploração comercial ou uso particularizado de sua expressividade.

Uma vez que uma obra se torna pública dificilmente se construirá meios para tornar o seu vínculo novamente privativo do autor, à menos que todas as pessoas que tenha tido contato com a obra, a seu tempo, deixe sua expressão vital, voltando a exclusividade apenas de seus autores. E os desdobramentos sucessivos das incorporações particulares que cada observado abstraiu desta obra tenha sido se perdido com o tempo. Isto remete a noção de um evento utópico, praticamente impossível de ser transponível. Mas que pode vir a ser real, como por exemplo um machado de pedra encontrado numa época em que a civilização humana ainda não existia. Quem publicou essa obra e com que propósito? Que fora oculta até de seus idealizadores.

Pronunciamento

Pronunciamento é um tipo de fala de discurso cujo objetivo principal é fazer um ato de comunicação sobre determinado conteúdo que se pressupõe relevante para um público definido.

Os elementos que devem ser expostos no discurso devem ser racionais, e entrelaçar uma linha que dá suporte e embasamento para a retórica de quem pronuncia.

Uma força de expressão geralmente é empregada para a conquista do ouvinte ou expectador, em que se objetiva por meio do convencimento a adesão as ideias expostas que estão sendo organizadas por um interlocutor.

O tempo em que as ideias são gestadas devem permitir pausas que possibilitem ao receptor refletir e organizar suas ideias para verificar se existe nexo causal com sua realidade pessoal.

A frequência com que as palavras são pronunciadas deve ser medida em termos de composições que lembrem notas musicais, a fim de facilitar, por meio da entonação, as ideias que estão sendo enumeradas.

Uma linguagem apelativa é evidenciada na maioria dos pronunciamentos para se despertar a emoção no receptor, a fim de lhe conquistar a simpatia e o interesse por meio das notas explicativas do pronunciamento.

A fala deve ser limpa e livre de vícios e cacoetes, a fim de que nenhum sinal interfira sobre a lógica do discurso e faça o seu público se perder em meio a outros tipos de informação que não denotem precisão, e distanciamento do núcleo da ideia central que se deseja transmitir.

O vocabulário empregado no colóquio deve ser o mais básico possível para que um maior número de pessoas possa de fato entender o que está sendo transmitido e despertar assim, o interesse de um número significativo de pessoas.

Os pronunciamentos que são capazes de fazer com que o receptor sinta benefícios são mais fáceis de receberem engajamento que discursos que pregam oposição ou antagonização a preceitos e outras ideias.

A aversão inicial ao interlocutor inibe que a mensagem seja observada dentro de seu conteúdo mais objetivo, e entre as partes do discurso, os receptores na busca conceitual buscam pela fuga do contexto percebendo outros elementos discordantes da tônica transmitida através do vínculo indireto semântico que concorda com agrupamentos de signos que fazem o receptor prever ou se ressentir com a lógica do discurso evidenciada.

O sentido da retórica deve ser orientado sempre num único plano gerencial de ideias, de forma que elementos negativos não se confrontem com elementos ou estruturas positivas dificultando assim a compreensão lexical do pronunciamento.

As ideias devem compor gradações de motivos que fazem o interlocutor se filiar ao contexto abordado, e através do convencimento noticiar a relação de motivos que o levou a tomada de decisão de sua adesão e interesse pelo assunto, a fim de que um maior número de pessoas possa também compreender os motivos e as razões aderentes à proposta por meio da retórica evidenciada.

Elementos visuais devem ser o mais estático possível quando o desejo do emissor é atrelar a transmissão da mensagem a personificação de sua fala, para que o receptor tenha o emissor como um referente forte do pronunciamento.

Quando o objeto é adesão a um projeto, imagens podem ser utilizadas durante o pronunciamento para fortalecer perante ao público a fidelização a ideia central, mostrando-se assim que a maior relevância não é a pessoa de quem transmite, mas o objeto do pronunciamento.

Quando a linha de argumento requer sensibilização, como no caso de calamidades públicas, desastres naturais, epidemias, o uso de imagens pode ser adotado para que as pessoas possam se engajar por meio da emoção e a solidariedade humana.

Quando a notícia a ser pronunciada é contrária a manifestação do receptor, preceitos éticos devem ser colocados em voga, para que o receptor construa um desenvolvimento mental que admita a necessidade citada pelo interlocutor, a fim de que tensões sociais não eclodam sob a lógica do discurso.

O tom de respeito deve ser precedido sobre o pronunciamento a fim de que a conquista da simpatia do receptor possa abrir uma porta para que a mensagem seja catalogada e quiçá racionada para que um ponto de vista seja projetado na sociedade.

Os pronunciamentos são mensagens que não permitem aparte, geralmente é uma comunicação que é transmitida em uma via exclusiva de afirmações, no qual pessoas são informadas sobre conteúdo, sendo direito a concordância ou discordância das ideias.

É muito erroneamente utilizada para comunicações de grande impacto de imposição de leis e tributos, seu campo de ação é muito mais vasto, e exige um aprofundamento teórico em que o entrelaçamento de ideias possa gestar conceitos mais nobres e inteligentes de comunicação entre as partes.

No âmbito das organizações, ela diz a um público algo que se transmite em nome do negócio, no qual é substanciada a vontade de um coletivo na organização de ideias, necessário quando o rol de afetações estabelece uma fissura de entendimento em que é preciso informar para evitar mal-entendidos.

Ela é a oportunidade de elevação de um indivíduo em nome de um coletivo. Em que a representação deste um, transmite a ideia central e padrão de uma organização ou agrupamento, possibilitando um nivelamento padronizado rápido e livre de interferências, principalmente quando o seu conteúdo é gerido por meio da expressão da leitura.

Nome do Pai

Em Nome do Pai, dentro da psicanálise, é uma inscrição, um tipo de obliteração que gera um laço com o agrupamento neural, que se faz dentro do instanciamento psíquico que dota o indivíduo de autocontrole em relação à urgência ambiental que torna o ser reflexivo em suas ações mnêmicas.

O grupo neural instanciado que faz papel de pai, é o mestre, que regula as funções internas de um indivíduo. Dotando o indivíduo de controle, estabilidade, instrumentabilidade, instrução, regulação, determinação, discricionariedade, vínculo interno, limites e delimitadores.

Quando um grupo neural instanciado não é capaz de reverter a influência externa, o indivíduo não consegue fazer a inscrição sobre este instanciamento, e o indivíduo tenderá a reagir conforme o impulso externo exercido pelo ambiente.

No caso descrito acima o indivíduo é considerado esquizo, porque reflete o regime de urgência que parte das necessidades do ambiente, e não do aprendizado interno.

Existem graus e mais graus de psicoses devido à falta de inscrição do Nome do Pai. A ausência da inscrição, desta obliteração do instanciamento psíquico, impede que um indivíduo leve uma vida normal, porque a pessoa se torna muito mais influenciada externamente do que sua capacidade de retenção de informações propiciar um ganho escalar sobre a interação e interatividade humanas.

A ausência de inscrição é relativa e parcial, algumas pessoas que possuem deficiências sobre os controladores neurais são capazes de aprender e codificar a linguagem e a corresponder conforme a necessidade nutricional e gestão de seu sistema hídrico.

Geralmente a falta ou falha de inscrição do Nome do Pai ocorre no processo de construção do Édipo em uma criança, fase essencial em que o indivíduo deve perceber limites, e controle sobre as excitações que chegam por intermédio do ambiente do berço.

Os pais devem aprender a fornecer quebras da criança em relação ao vínculo com o estímulo ambiental, para que esse retardo de funcionamento sirva para que a criança possa se desenvolver em termos de estrutura volitiva e centro de decisão que lhe permita interferir sobre o ambiente através de seu sistema coordenado de reação, e não apenas de um sistema de impulso reativo que surge de acordo com cada nova excitação que venha a surgir na estrutura psíquica desta criança.

Longe de ser uma falta de cuidado dos pais, esse ingresso da criança no instanciamento que lhe permite obliterar o Nome do Pai é uma construção interna da criança, no rol de suas preferências que a incumbe de construir aos poucos, essas barreiras frente à demanda e os fluxos ambientais.

O papel dos pais nesse processo é cuidar para que a criança passe a perceber os diferenciais e que é possível ela gestar sua conduta baseada numa linha de preferências em que ela mesma possa gestar de acordo com sua habilidade de expressão corporal.

Mesmo em crianças que não tenham construído dentro de si um Complexo de Édipo dentro dos padrões de desenvolvimento modal natural, é possível com um intenso trabalho moldar o comportamento da criança a fim de que ela recupere o atraso de consciência frente as demandas ambientais, se os pais agirem de forma precoce. Tudo parte de um pressuposto de estranhamento, em que a criança passa a identificar a mãe como sendo uma imagem distinta de sua identidade, e na sua relação com o pai, outro diferencial, em que ela passa a perceber como sendo este pai uma nova identidade, diferente de si mesmo e que, portanto, é também diferente desta mãe.

Desta relação diferencial é a base para que o caminho desta diferenciação, por meio da identificação deste estranhamento, se construa um modelo de retenção de ação, no qual é replicado para outros centros e circuitos de decisão, que seja possível a criança identificar padrões para os quais ela terá referenciais, para reter valores, limites a lidar com tais diferenças e a aprender a controlar a variação de comportamento que deve ser gerenciado de acordo com a necessidade de correspondência da excitação do ambiente, em relação a cada indivíduo em particular ao qual ela venha a se relacionar.

Deste princípio base, a criança começa a transferir o seu aprendizado inicial para todos os entes que ela se vincula a fim de ampliar o seu espaço de desenvolvimento emocional. Destas novas relações que se formam novas divisões dentro do psíquico desta criança, nesta fase em que o Complexo de Édipo já está formado, é possível fracionar os objetos de estima em condutas delimitadas no qual é necessário agir de forma diferenciada conforme uma necessidade de aprendizado que a criança incorporou do seu rol de experimentação com as “coisas” nomeadas.

Esse Pai agora está fragmentado, os instanciamentos obliterados, e são capazes de fazer um controle diante das demandas ambientais no qual o retardo da ação irá privilegiar um “bom senso” de um agir que melhor se identifica com a construção interna deste indivíduo.

Enquanto as responsabilidades iniciais da mãe no modelo de construção da identidade de uma criança é fazer o gerenciamento para que esta criança crie um vínculo forte com a pulsão de vida, por meio da insistência da mãe em fazer com que seu pequenino se sinta cada vez mais atraído e confortável com a presença do estímulo, visualizado nos primeiros momentos de vida pela transferência do leite materno através da sucção do peito, e pelas carícias desta mãe por seu contato direto pelo odor e pelo tato com esta criança, dando continuidade progressivamente ao contexto uterino em que o laço se forma e se fortalece. Na ausência do pai outro “objeto/pessoa” pode fazer o papel de inserir o Nome.

Destino

Destino é uma designação de lugar topográfico para instanciar um ponto final do comportamento humano certo e não probabilístico, derivado de uma escolha prévia no qual é suficiente para comandar todos os desdobramentos que cheguem na resultante esperada.

O destino por ser certo segue um fluxo de ações convergentes, em que a resultante somente irá determinar a coisa idealizada. Parte de um princípio de incorporação de papéis, em que o indivíduo se sujeita a perseguir para que seu objetivo certo seja alcançado.

Diante da regra do destino o perseguidor do fluxo dificilmente não terá o seu alvo ao seu alcance, após ter decorrido o tempo para que a ideação seja convergente.

Porém coexiste um regramento, que apenas os seres mais avançados cognitivamente conseguem objetivar para que o resultado seja convergente de fato. Requer que o indivíduo siga a lei do livre arbítrio. Razão que nenhum ente impeditivo é capaz de romper o ciclo de convergência que resultará no destino almejado.

Dentro desta abordagem não convém misturar Fé com Designo, uma vez que fé é uma espécie de apego a certeza da conversão, enquanto designo (Destino) é o ponto de inflexão esperado para modelar um comportamento depois de decorrido um tempo para sua concretização.

Tudo parte de uma vontade consciente, que traça e associa os entes disponíveis para que o destino seja cumprido ao final do tempo estabelecido.

É uma coligação de vontades, onde as necessidades, desejos e afetações são complementares por um tempo necessário para que as engrenagens do sistema possam aproximar o objetivo esperado.

Parte de um princípio de busca de amadurecimento, onde os laços são forjados dentro dos aspectos que circundam os indivíduos e ao mesmo tempo se projetam na elaboração de compromissos das engrenagens que estão faltando ao longo do processo para que o sentido da convergência seja perfeito (umami).

O princípio é uma programação estelar que exige esforços para sua realização, onde uma medida de força é mensurada, e de acordo com sua elasticidade o objeto esperado pode resultar no devir de forma mais célere ou longínquo, conforme a necessidade de amadurecimento de um indivíduo, a fim de que a sua base de sustentação esteja legitimamente erguida para ser 100% prazer quando a conversão assim for o atingimento do desejo, da tempestividade, enfim, do destino.

A falta não interrompe a convergência em destino quando um indivíduo deixa esvair o seu fluxo vital, ela apenas promove um salto quântico da base biológica, em que uma nova fornalha irá integrar todos os aspectos vitais relevantes para que o trato, ou acordo estelar, seja de fato concretizado.

Portanto, dependendo do grau de complexidade de um projeto de vida, pode muitas existências auxiliares serem necessárias para que um indivíduo atinja seu destino conforme o pacto de sua realização.

Embora o sentido da individualidade seja apenas uma única oportunidade existencial, o sentido eterno da alma humana pulveriza e potencializa as singularidades de forma que novos projetos de vida possam ser alçados a fim de concretizar um tratado realizado por uma geração passada, mesmo que tardio, as novas singularidades encapsulam o Karma e o Darma, a fim de que o selo do compromisso jamais seja alterado enquanto for procedente as vontades da alma em que repousam o livre arbítrio.

E o que sobra depois do Destino alcançado é o limite que estabelece a satisfação e se integra com a realização. Onde o resultado é um simples manusear de estado em que permita ser eterno, os laços gerados por uma resultante de compromisso.

Requer habilidade para que o laço não se perca, e que os seus idealizadores possam aproveitar as estruturas de prazer construídas pelos desenvolvimentos ao longo das barreiras de tempo.

Longe de ser o atingimento uma perfeição, será a resultante da coisa almejada, que é a perfeição da coisa idealizada, que tem serventia para se cumprir um objetivo de vida, ou um propósito em que os seres envolvidos tinham por mente passarem a fim de uma construção mais sólida de seus aspectos interiores.

Então alcançar o destino não significa que um trabalho espiritual esteja finalizado, mas que foi possível incorporar todos os elementos para se fundir em uma nova etapa ou oitava de vida. No qual a exigência de consciência serão novos desdobramentos de consciência para a contínua elevação espiritual de um indivíduo.

O aspecto unitário é formado pela consolidação da conversão. Onde o indivíduo passa a observar novos conteúdos e novas necessidades de convergência, pela incorporação de novos estímulos e a florescência de outros conceitos antes não percebidos.

O resultado é um deslocamento da afetação, em que o ser passa a desejar novos designos, e a construir seu futuro, a partir de novos desdobramentos e arranjos que exigem novas conversões de pensamento.

E como uma música que se encerra, os ouvintes passam a exigir novos padrões de entendimento, então um novo destino se projeta, para que a vida passe a ter um sentido mais elevado e a base espiritual de uma pessoa passa mergulhar mais profundamente no seu próprio ser.

Então destino pode ser visualizado como um limite, ou melhor dizendo um delimitador, que demarca uma passagem, que transita dentro de um critério homeostático para outro em que a exigência assim definir ou determinar o alcance de outro delimitador, ou seja um novo dique para que água da vida possa circular, repousar e novamente circular para um ponto mais distante e profundo.

Registro imaginário

O Registro imaginário é uma sobreposição de engramas de formação de posicionamento da gravação do espectro ambiental que possibilita criar dentro de si uma representação tridimensional de algo que incorpora ao contexto onde está submetido um indivíduo.

Essa sobreposição cria uma trilha no qual indexa os elementos apreendidos em uma organização psíquica que privilegia o reconhecimento da imagem através da experiência e experimentação do ambiente.

A trilha ativa um conjunto de funcionalidades em que a imagem é formada internamente, e a partir da fixação quando requisitada, vir a ser alocada numa região mnêmica e servir para evocação todas as vezes que algum fator ambiental provocar um estado de urgência em que torna o conhecimento prévio adquirido do objeto necessário para incorporar uma tratativa que enseje uma tomada de decisão.

Os objetos apreendidos ao longo do tempo são facilmente combinados e associados a fim de que a potencialidade das combinações possa construir para o reconhecimento de outras formas mais complexas.

Uma pessoa que possui uma mente geométrica pode utilizar a proximidade estética de geons (24 básicos) para compreender formas complexas e mais facilmente arquivar na mente informação necessária para os eventos de evocação quando necessários.

Traços unitários são formados em várias áreas do córtex cerebral e a associação entre várias características geofísicas permitem ao indivíduo fundir a imagem como sendo um objeto sólido e integral.

As áreas somatossensoriais principalmente as que compõem o córtex occipital são responsáveis por essa integração da imagem, e a partir das dimensões evidenciadas de um movimento cinético, a face da imagem que vier à tona representar aqueles componentes estruturais cujas informações importantes são transportadas a fim de que o indivíduo possa tomar sua decisão ao estar envolvido dentro do contexto ambiental.

Um objeto se forma a partir do entrelaçamento de camadas e mais camadas de traços, que incorporam propriedades físicas que foram isoladas quando a percepção do objeto foi colhida via estímulo por um indivíduo.

Cada região específica do córtex cerebral irá transformar as informações físicas em elementos percebidos da coisa identificada, e a partir da necessidade de trabalho, irá realçar partes da forma, para que esses matizes fiquem em evidência em detrimento de outros traços menos importantes para a situação de urgência de um dado momento.

Isso não impede que a necessidade de migrar outras informações de um objeto representado não seja motivo de ser cineticamente remodelado, a fim de que outros componentes que incorporem também sua “evidência” não fiquem receptivamente expostas determinadas propriedades que a conveniência pode atribuir uma necessidade de utilização de algum ente ou informação cujo conteúdo seja importante para expressar algo como uma devolutiva para o ambiente.

A morfologia da imagem carrega como impressão aspectos físicos importantes como: aparência, relevo, densidade, cor, brilho, sombra, proximidade, padrões, comprimento, altura, largura, linearidade, geometria, traços, curvaturas, impressões de temperatura, impressões de solidez, luminescência, iluminescência, aspecto de espectro visível, constância de luminosidade, fosforescência, imantação, dureza, odor, aspecto de fragmentação, impressões táteis, gosto, ...

E dependendo da necessidade um indivíduo pode ativar um ou mais sentidos a fim de que alguma métrica possa ser composta para que algum de seus componentes físicos possa ser avaliado e servir de informação para um indivíduo que deseja tomar uma decisão. Seja através do simples olhar em que uma pessoa observa uma blusa e se aproxima do objeto por se simpatizar com a cor ou elementos da estampa, ou simplesmente ignorar o seu ato de consumo porque a impressão tátil indicou uma certa rugosidade do tecido fazendo associação da vestimenta com um certo incômodo ao vesti-la, baseado em suas experiências passadas. Conforme o indivíduo necessitar ele coloca as propriedades físicas ativas em sua psique, e através dela é capaz de abstrair métricas responsivas que transmitem informações preciosas sobre o objeto observado.

Uma espécie de bordeamento geralmente é observado quando uma imagem está em formação, onde a presença do S1 (Significante primordial) mapeia para as bordas de vários setores do cérebro humano as características complementares em que se objetiva fundir e formar cineticamente o objeto clone do espectro externo, internamente constituído. Esse processo de alocação, permite fundir as trilhas, evidenciadas anteriormente neste texto, de forma que se constrói um mapa sensorial do objeto na porção interna do indivíduo mais precisamente no lobo parietal.

Toda vez que algum sentido humano ativar propriedades físicas em que existe traços mnêmicos antes constituídos novamente a trilha é ativada, e do uso desta memória os elementos novos tornam a trilha neural ainda mais complexa e identada a fim de outras conexões mais robustas possam ser gerenciadas para os propósitos mais variados de uma experimentação de um indivíduo.

Quando uma estrutura física antes mapeada não é mais reconhecida por algum problema interno, o indivíduo se não for capaz de recombinar os estímulos para a aquisição do objeto em seu intelecto, provavelmente ele encontrará barreiras associativas, e terá de utilizar de plasticidade cerebral para que novas composições mascarem o problema de perca de dado, a fim de que o objeto da evocação seja obtido através da similaridade ou parientologia, em que a inclusão de novos componentes poderão ajustar a necessidade da peça que falta ao indivíduo.

Registro simbólico

O registro simbólico é um registro de ordem superior que integra principalmente informações audiovisuais que implicam uma correspondência psíquica ou motora capaz de desencadear uma ação como devolutiva para um evento expresso no ambiente.

O registro simbólico é uma integração de registros que se combinam fisicamente, no quais as componentes são capazes de criar um espaço subjetivo do sujeito. Onde elementos físicos se integram com algum desencadeamento reativo do indivíduo propiciando uma indexação sonora-visual da “coisa” percebida com o “sujeito” responsável pela ação.

Para se formar um campo de registro simbólico é necessário a ativação de três bases energéticas. Uma energia de recepção de informações, conhecida como Registro real, uma energia capaz de geração imagética do espaço externo ao indivíduo e uma combinação de fases que permitem a criação de um padrão mais elevado e complexo de registros cognitivos percebido como simbólico, mutualmente conectadas.

O registro imaginário abastece representações do espaço externo, enquanto o registro real fornece estímulos sobre as coordenadas externas momentâneas, e o registro simbólico fornece uma representação do que o espaço sugere como expressão para o indivíduo como conteúdo interativo que deve ser devolvido ao meio, por intermédio de reflexões e elementos conscientes.

A combinação de registros: real, imaginário e simbólico; indicam o quão integrado um indivíduo se encontra em um dado momento a recepção de sinais vindos do ambiente.

Ao simbólico é instituído uma aproximação mais vigorosa com a parte interior de um indivíduo. Enquanto ao imaginário, os elos primários que contribuem para a absorção tridimensional do objeto. E ao real o conteúdo que deve ser analisado no momento de sua captura, quando o sujeito está na fase de interação com o habitat.

O registro simbólico se apropria de signos, formados pelos elementos primários produzidos através dos registros imagéticos. As “imagens” indexadas com elementos sonoros, táteis, gustativos e olfativos contribuem para gerar uma significação das “coisas” como elementos mensuráveis de apropriação do sujeito, de forma que o indivíduo busca no contexto externo uma posse das informações criando uma incorporação do sinal como sendo um elemento pertencente ao indivíduo.

Uma vez simbolizado, este elemento passa a ser subjetivo, porque já é visto como uma identidade, que o compõe e cercado de outros entes que dão sustentação ao seu princípio unitário na inserção dentro da psique humana.

Os elementos subjetivos ao gestar uma identidade, cria uma estrutura cognitiva facilmente gerenciável capaz de dar uma estrutura de rotina, na forma de uma linguagem em que princípios de ordenação da informação são facilmente percebidos, e o resultado deste conteúdo gerenciável por uma lógica, é um alto padrão de performance que é capaz de armazenar grandes quantidades de informação, e requisitar os conteúdos de interesse toda vez que algo no ambiente despertar assim o senso volitivo, crítico, de urgência de um indivíduo.

Os processos que regem os componentes simbólicos também são responsáveis por processar os registros imaginários, porém apenas os elementos simbólicos têm significação para o sujeito. Os elementos imaginários são fisgados para que entes simbólicos se apropriem das propriedades físicas a fim de que um indicio de razão seja criado, ou a trilha que conduz por meio de um processo lógico à captura de um raciocínio.

Os elementos simbólicos são escalados para o gerenciamento de uma interface mental, no qual os processos são gestados dentro do intelecto humano.

Como os entes simbólicos uma parte diz respeito ao que o sujeito verdadeiramente o é por expressão da indexação reativa aos elementos imagéticos, é possível a visualização dentro desta interface de um padrão de sugestionamento de conduta do indivíduo conhecido como personalidade.

Os registros simbólicos quando organizados são constituintes de um processo de linguagem, o que facilita bastante o alcance dos centros motores e psíquicos apenas pela instrumentalidade de gerenciar os múltiplos conceitos que se formam e empoderam as reações somáticas ao longo do tempo.

Os registros simbólicos abrem portas para que reações possam ser organizadas no corpo humano. Por esta razão no intelecto, quando projetados, são responsáveis por formar uma fila de execução, no qual é possível ter um quantitativo de opções para que a próxima ação seja desencadeada dentro do fluxo de desencadeamento de necessidades vitais a que um indivíduo se submete pela interação com o habitat.

Os símbolos são “imagens” com propriedades transitivas no qual o sujeito ancora com algum elemento de sua estrutura corporal que faz algum sentido, mesmo que vago e distante, e que projetivamente lhe permita fazer uma devolução projetiva do ente ao espaço através da subjetividade por intermédio de uma expressão corporal. As imagens não são entes formados apenas pelo sensor ótico, todos os sentidos são capazes de formar imagens, ou seja, o empilhamento de eventos físicos, que são capazes de organizar internamente um espaço para representar espacialmente algo externo na porção interna do indivíduo.

Para que o componente imagético seja simbólico é necessário uma fusão do que se apropria fisicamente do espaço externo, e uma reação do que se configura o espaço interno, de modo que uma representatividade é formada sobre a “coisa” em que houve um molde criado dentro do sujeito que lhe permite a retenção de um espaço interno seu causador de conflito, e ao ser indexado, este componente simbólico é capaz de tecer uma rede de ações aos quais sejam possível gerenciar a si, conforme a demanda ambiental que um indivíduo necessita para manter a sua homeostase.

Registro real

O Registro real é o tipo de apreensão em que o estímulo é encaminhado para a porção interna de um indivíduo no momento de sua ocorrência. Ou seja, é a afetação do meio sobre o indivíduo no momento de ocorrência do estímulo. Que é gerador de um efeito, que deve ser trabalhado e devolvido para o ambiente de forma que corresponda a um aspecto de convergência de pulsão de vida, ou de afastamento da pulsão de morte.

A apreensão que se faz do tridimensional nunca será integral, porque o indivíduo biológico é por natureza limitado, portanto apenas alguns frames de informações são encaminhados de um objeto para o indivíduo que está em um ambiente.

Os registros do real são convertidos em pulsos coordenados por eventos bioquímicos, e que são deslocados via aferência para o sistema nervoso central, geralmente através do sistema nervoso periférico.

Esses pulsos são convertidos em representações, e se chocam com as informações antes incorporadas, e de acordo com o nível e grau de experiência deste indivíduo ele fica mais ou menos propenso a reagir conforme as demandas ambientais que se projetam para o seu interior.

O real é um ente indomável, por isto o corpo humano dentro de sua fragilidade perante as forças da natureza fabrica barreiras de contenção a fim de controlar essa natureza que muitas vezes lhe parece hostil.

Graças aos registros simbólicos e imaginários antes coletados, é possível fabricar uma biblioteca de sinais em que seja possível criar uma barreira para o real quando este se mostrar extremamente hostil.

A porção do real que não apresenta perigo ou foi facilmente controlada é transformada em um elemento interno, alguns componentes vão para o imaginário e outros vão servir de conteúdo simbólico.

A capacidade do organismo humano de interpretação dos sinais do plano real é imensa, e muitos ensinamentos são incorporados diretamente na estrutura do DNA dos indivíduos de uma espécie.

Este princípio de evolução, permite que o ensinamento prévio seja encaminhado dentro da espécie para as gerações futuras, e é de fundamental importância e relevância para a fixação de uma espécie em cadeia evolutiva.

As primeiras representações do real em que o indivíduo não possuía registro anterior são mais difíceis de serem organizadas, mas com o sucessivo aprendizado, uma fixação neural se encarrega para apreender o sinal que traz a informação codificada nova.

A capacidade de urgência como resposta de uma espécie as suas demandas ambientais são diretamente proporcionais ao grau de afetação deste habitat nas exigências de fixação da espécie, por meio de sua manutenção e necessidades de condicionamento a sua pulsão de vida.

Quando o sinal é incorporado e/ou integrado a um indivíduo, essa frequência que antes pertencia ao plano real, deixa de ser pura, e passa a constituir parte e história deste sujeito, vindo a ser imaginário ou simbólica.

Nem todo sinal em sua completude é capturado em termos de ente perceptivo por um indivíduo. São diversos fatores que influenciam quando as apropriações que um sujeito se condiciona a armazenar informações, que vão do seu interesse, de sua volição, de seu desejo, dos entes motivacionais, das rupturas de intelecção e do sinal, dos ensinamentos anteriores fixados, da aptidão do indivíduo de reconhecer os sinais, da existência ou não de bloqueios no canal de comunicação ou nos diversos órgãos que integram os diversos sistemas neurais do organismo humano.

Devido os eventos não serem observados de forma contínua em termos de absorção de entendimento por meio de sensações e percepções, os indivíduos passam a gerenciar a si, através da montagem de padrões em que os fenômenos são mais ou menos visualizados, pela atenção que é despendida sob o foco por onde passam a maioria dos estímulos por onde o evento esteja sendo desencadeado.

O real, portanto, é incompleto, e como um grande quebra-cabeça os seres humanos necessitam recompor e compor as partes para que o gerenciamento da informação possa ser a mais coesa possível.

O real apenas está ativo enquanto os objetos emissores de energia encaminham estímulos para um indivíduo. Quando o efeito do estímulo passa, provavelmente outro objeto do plano real irá desencadear um bombardeiro de novas excitações a fim de que o indivíduo passe a gerenciar o seu conteúdo.

Geralmente quando um indivíduo está recebendo estímulos de mais de um objeto, a maior parte do tempo ocupado irá para aquele objeto que estiver oferendo perigo a sua integridade, de forma que os princípios básicos de segurança são preponderantes em relação a outros princípios menos emergenciais.

Um plano real que encaminha poucos estímulos dificulta uma espécie a se defender quando as condições ambientais se inverterem para movimentos hostis. Por outro lado, quando o habitat é extremamente inóspito, como por exemplo, estações climáticas bem definidas, em que a exigência biológica requer um atuante movimento de proteção à vida, isto facilita para que os indivíduos de uma espécie fiquem cada vez mais observadores quanto as mudanças e as alterações deste plano real.

O ser humano é um complemento deste real que o integra e o incorpora, e que o faz através do tempo, transferências de aprendizado para que ele possa sobreviver as suas transformações físicas brutas, é como se uma parte que não é dotada de inteligência ensinasse outra que tem maiores propensões para sanar as deficiências da primeira, numa capacidade de transcrever por intermédio de codificação a própria existencialidade.

Estádio do Espelho

Estádio do Espelho é uma condição de identificação que ocorre nos estágios iniciais de vida de um bebê, após os 6 meses de idade, em que a criança se torna capaz de perceber uma imagem distinta de sua configuração corporal, e através deste processo começar o desenvolvimento cognitivo fixando o imaginário e colaborando para que o simbólico possa criar a subjetividade neste bebê.

Essa identificação parte de uma retenção, e uma fixação da imago em que a criança ancora algum aspecto psíquico ou motor no que tange a uma afetação que se constrói a partir de algo que se fez sentido para a criança, onde sentido é uma ancoragem entre a imagem e algum ente reativo que a criança venha a perceber como um diferencial de movimento se integra com sua necessidade.

Assim, a criança adquire a experiência por meio da experimentação que seu mastigar irá contribuir para a sucção do leite materno, e através da visualização do peito ser atraído por uma imago de odor de identificação com este peito materno.

Os referenciais do espelho passam a ter vontade própria, e um poder de barganha começa a ser gestado a fim de que a criança obtenha a resultante esperada de seu movimento que condiciona o seu próprio comportamento.

Assim, um processo de fixação progressivo, faz com que as imagos se tornem cada vez mais complexas, até que o imaginário seja constituído e com ele a produção subjetiva a partir do amadurecimento do simbólico que ainda é prematuro e que logo deverá passar pelo complexo de édipo a fim de firmar o contexto psíquico social deste indivíduo quando ele se aproximar dos 7 anos de idade.

A reflexão do espelhamento ocorre grandes transformações dentro de uma criança, ela passa a perceber que as coisas que se projetam além da extensão de seu corpo possuem uma vontade distinta e que para obtê-las é necessário saber o procedimento adequado a fim de espreitar pelo efeito desejado.

Então, a criança passa a perceber que seu choro conduz para perto o seu alimento, que suas cólicas podem ser administradas a partir de sua intenção em reclamar os efeitos indigestos de seu conteúdo intestinal.

A criança passa de uma fase completamente passiva, para uma fase que começa a ser influenciadora no processo, e passa a colaborar para que a decisão da mãe seja refletida baseada em sinais que ela for desencadeando para o ambiente.

A ruptura do modelo passivo do comportamento infantil demonstra os primeiros indícios de fixação mnêmica, que é um avanço considerável para o indivíduo que passa cada vez mais a demandar, de forma não acidental, suas necessidades básicas e ambientais.

Embora desde as últimas semanas de gestação a criança já comece a reter e fixar informações essenciais para o seu desenvolvimento, a retenção da imago é um processo mais complexo, e gradativamente se situa em desenvolvimento, onde progressos e avanços significativos neste sentido começam a ser observados visualmente quando o estádio do espelho começa a ter denotação com o aspecto comportamental do bebê, conforme visto antes a partir dos 6 meses de idade.

A imago passa a ser canalizada na forma de fluxos, onde as imagens percebidas passam a guiar o bebê para que ele possa corresponder com este habitat hostil e ainda pouco explorado.

Os acontecimentos mais repetitivos, geralmente gerenciados pelo alicerce da mãe, passa a ter uma compreensão mais elevada e plena para esta criança, que começa a construir o seu mundo interno, diferenciado deste muito cheio de excitações e propriedades que devem ser cada vez mais exploradas.

Essa capacidade de reconhecimento que a criança forma é anterior a cristalização de uma imago, mas quando a imago se forma, ela é suficiente para começar o desenvolvimento psíquico do bebê na construção do onírico e dos registros imaginários.

Os sons nesta fase começam a ter um sentido um pouco mais específico, porque a criança é capaz de identificar que os espectros são repetitivos em torno de algumas cenas que ocorrem com frequência em seu movimento de transição diária.

A imago sonora lentamente se funde ao espectro visual, e a partir deste feixe a criança começa a criar as trilhas neurais para fabricar o seu constituinte psíquico.

O estádio é percebido como um represamento amplo que encapsula em 360º um espectro no qual pode ser identificado primitivamente como um objeto, e a partir desta fixação, ser possível alocar esforço para que a criança se identifique com o elemento de forma a construir sua subjetividade.

Esse ente identificável que se observa projetivamente, e a partir dos fatores de interação ao se perceber, a criança, inserida, como um cenário contexto, ser capaz de extrair informações e tirar proveito para que a necessidade do momento possa ser suprida com o momento de expressão corporal que sintetiza a vontade deste bebê.

Então neste espelho está inscrito o outro, como um ente percebido, que também pode ser observado como a própria imagem do bebê que se diferencia do ambiente, de sua mãe, e de seu pai, e de outros objetos que configuram sua ideação como ser humano, sem sua prematura jornada de transferência social.

Através do estádio do Espelho é possível fixar diferenciações, e a partir das experiências e experimentações do bebê ele tenta aproximar as respostas do ambiente para a situação de resolução de conflito mais próxima de suas necessidades vitais.

Reflexão

Reflexão é um estado consciente e inteligente de retardo da reação necessário para maximizar positivamente as saídas motoras e psíquicas de um indivíduo na observação de ato que se intenciona exercer por meio da expressão.

O fluxo de pensamentos é retido, a fim de que os ensinamentos da experimentação e experiências passadas possam ser utilizados a fim de gerenciar o impulso emocional que a demanda ambiental exige de pronta reação por parte de um indivíduo.

Parte de um princípio de retenção e introdução de outros pensamentos que estão em equilíbrio homeostático a fim de que a resultante da ação seja a observação de algo que permita a um indivíduo a melhor escolha entre as alternativas de ideação como resposta orgânica para um acontecimento.

Geralmente quando o indivíduo move na direção de uma reação, um conteúdo emocional está fortemente presente e influenciando este indivíduo no rol de sua afetação.

Esse movimento reflexivo é capaz de frear o desenvolvimento da pulsão responsável por desencadear a energia que move o indivíduo na direção da reação.

Ao passo que os elementos introdutórios calcados pela razão ao serem introduzidos abastecem o intelecto deste indivíduo facilitando o intercâmbio de informações e fazendo florescer a via mais sensata que surge como modelo de resposta.

A ideia central da reflexão que o retardo da reação implica em maior poder de consulta, uma vez que o indivíduo terá mais tempo de processamento a fim de determinar a melhor escolha entre as possibilidades de interação com esse ambiente exigente de demanda.

Embora o tempo de processamento dilatado por meio da reflexão, não garante que a saída encontrada é a melhor alternativa entre as soluções possíveis e viáveis, mas é aquela que contém a maior chance de resultar em equilíbrio dinâmico cerebral após a sua realização.

O nível de inteligência de um indivíduo também é uma componente importante neste modelo de canalização de soluções, e parte de um pressuposto que a convergência de uma solução através de uma reflexão, para uma estabilidade mais duradora parte do exercício de construção de sua subjetividade.

Para estruturas psíquicas que demandam soluções rápidas é fundamental a existência de um mecanismo lógico capaz de inicializar processos de pronta aplicação a fim de que o negócio mental seja livre de falhas, porque na maioria das vezes a demanda de solução temporal é tão curta que o retardo reflexivo, não desencadeia o suficientemente rápido a fim de dar a saída esperada para um indivíduo.

O mecanismo de reflexão é uma rápida consulta a região mnêmica que privilegia o grau de experiência do indivíduo em lidar com a situação-conflito.

O sistema límbico neste caso atua fortemente a fim de conduzir as transições de informações entre o eixo pulsionar que demanda por informações emocionais e os diversos centros com informações acessórias apreendidas de conflitos anteriores.

A lógica que comanda o subsistema que coordena a excitação que causa a reflexão deve ser forte o suficiente para fazer adequar a força propulsora dos estímulos para os centros vitais que realmente demandem o gasto de energia, sob o pretexto do efeito de retardo não atingir a sua função principal de devolver o mais contínuo equilíbrio por um tempo mais vigoroso.

O regime de urgência irá controlar o desencadeamento de forças necessárias para resolução do conflito, porém o seu uso contínuo em relação as demandas ambientais, priva o indivíduo de uma melhor gestão do tempo de descarga, fazendo com que um nível mais elevado de carga e descarga indexe este indivíduo dentro de fluxos cada vez maiores e desproporcionais a real necessidade momentânea.

Os fluxos retidos através do processo de reflexão devem ser consumidos a fim de que o indivíduo recobre a sua homeostase antes do desencadeamento do evento propulsor da inquietude de seu estado comportamental.

Até mesmo um simples suspirar, em um momento ofegante, em que um estado de irritação toma conta do indivíduo devido situação que não fora capaz de controlar é suficiente para fazer com que a energia excedente seja pulverizada por outros centros da estrutura corporal de um indivíduo e fazer com que o equilíbrio novamente seja retornado.

Esse suspirar do parágrafo anterior parte de um momento consciente, em que o indivíduo muda o rumo e o sentido de sua afetação fazendo agir a sua subjetividade pela via mais sensata e, contudo, livrar o seu organismo de efeitos de estresse, e de explosão da expressão que poderia causar prejuízos para sua imagem e para a vida social.

Em um movimento meramente reativo onde o indivíduo age segundo o impulso de seus estímulos o sistema luta e fuga está atuante e fará com que os processos mais básicos observados por este indivíduo sejam ativados a fim de liberar a pessoa do estresse que estiver sob pressão.

Porém quando o sistema reflexivo age de forma negativa, o indivíduo é capaz de reter o seu potencial explosivo para administrar dosagens cada vez mais perversas para fazer valer o seu estresse sofrido, razão que se credita a muitos crimes premeditados.

A reflexão, portanto, parte de um princípio consciente, em que o sujeito percebe o fenômeno sendo desencadeado e os processos ao qual ele repercute o permite exercer uma administração que seja possível estabelecer pequenas intervenções no rol de conflitos que surgem devido os movimentos estressantes.

Refração Cerebral

O cérebro humano trabalha em frequência de pulsos, do ponto de vista de encaminhamento de informações, do ponto de vista vital em energia bioquímica, capaz de manter as células ativas e vivas desempenhando suas funções fisiológicas. A refração cerebral é o movimento de energia que é extraído do ambiente e passa a fluir no interior do organismo humano onde ela se remodula e recompõe conforme o órgão que a atingido pela pulsão a que se destina trocas e intercâmbios de informações e a partir destes fenômenos agir de forma distinta do meio antecedente, no qual o novo fluxo terá um padrão diferenciado de funcionamento, mais ou menos concentrado, fluídico ou organizado, pulverizado, fracionado ou canalizado que se destina a iniciar atividades específicas dentro do corpo humano.

Para compreender como uma refração cerebral desenvolve-se nas trocas de energia de um meio para outro é necessário compreender de psicofísica; esse fenômeno é bastante complexo, uma vez que a composição dos meios interfere na forma de transmissão de energia. Embora o princípio dinâmico básico de transferências de energia seja a transdução, a diferenciação de meios, afeta de forma decisiva como os pulsos irão fluir, para a próxima direção, por meio do órgão que está demandando o fluxo de energia.

Variações de calibre neural, resistividade presente nos meios, agentes químicos que circulam de forma mais concentrada em um meio em relação a outro, os fluídos internos presentes em cada órgãos, as facilidades que afetam as trocas energéticas, a presença de neuromediadores, e neurotransmissores, a impedância, a indutância, a corrente elétrica que é capaz de circular dentro de um meio, os diversos potenciais absolutos dos vários segmentos biológicos que se concentram dentro de um órgão (meio) específico, a presença de canais e obstruções, de vias aferentes e eferentes seriais e/ou em paralelo, movimentos hídricos e constantes de temperatura no interior dos órgãos, são algumas variáveis fundamentais que devem ser estudadas a fim de que os cientistas tenham uma maior compreensão sobre os movimentos de refração cerebral.

Um estímulo convertido na forma de pulso que atinja, por exemplo, uma certa região do nervo vago, deverá ser conduzido para a área de convergência em que a demanda assim sinalizar dependendo do tipo de informação colhida no qual deverá ser encaminhada para a área do sistema nervoso central conforme o tipo de impulso capturado, seja ele um estímulo visual, sonoro, palatável, olfativo ou tátil.

Decorre deste processo que quando um estímulo é colhido, até que o indivíduo desencadeie a ação mais específica para a gestão de sua necessidade, o sinal é transferido por uma infinidade de meios, sendo que dentro de um mesmo órgão pode existir muitos tipos de meios auxiliares responsáveis por tentar domar e compreender a que se refere o tipo de demanda específica que está sendo enviado através daquele órgão específico afim de fornecer parâmetros para contribuir como coordenadas diretivas de funcionamento.

Os diversos órgãos do corpo humano, possuem distintas associações de densidades, e estas densidades retardam ou aceleram processos conforme for descrito a sua funcionalidade. Alguns meios são capazes de fracionar os pulsos em unidades menores, e esses pulsos são fracionados na maioria das vezes por deslocamentos químicos, que se convertem em novos fenômenos de transdução, a fim de nova conversão em formato de pulsos.

Os agentes químicos que agem dentro deste sistema também fazem parte de meios, que são responsáveis também por mecanismos de refração cerebrais. Esse processo não é uma transformação fácil de ser percebida uma vez que exige um profundo conhecimento em três áreas distintas: biologia, química e física. Os poucos equipamentos que existem de imagiamento não são sensíveis o suficiente para mapear todo um fenômeno de refração cerebral a fim de compreender como todo um fluxo de demanda ambiental é capaz de afetar um indivíduo.

Num processo evolutivo (2017) do conhecimento cerebral e cognitivo é possível que em 50 anos já estejam disponíveis no mercado os primeiros sistemas de rastreamento humano capazes de observar as influências do habitat sobre o comportamento humano e inferir com um grau de inteligência preditiva a partir de equipagem, a propensão de um indivíduo vir a sofrer um colapso em virtude de excedente ou falta de canalização em algum de seus subsistemas internos, no qual o domínio da técnica de refração será necessária a fim de elevar o grau de certeza das simulações que se fizerem necessárias no decorrer do acompanhamento da saúde de um usuário deste serviço. O fenômeno de refração cerebral não está presente apenas na caixa craniana, é algo que está presente no interior e nas transações entre os diversos órgãos de toda a estrutura corpórea de um indivíduo.

Os estudos de refração se baseiam no ritmo empregado por cada órgão, subsistema e até mesmo componente para trocas energéticas, e a partir de uma modelagem estatística, inferir com modelos de constância fisiológicas o quão propenso está o indivíduo a se condicionar a reação do evento dentro de um eixo de interação que o faça migrar determinado quantitativo de descarga capaz de influenciar o funcionamento de outros eventos, ou órgãos, capaz de romper o equilíbrio dinâmico interno se a tendência do fluxo de energia estiver convergente para um determinado nível de ação num futuro próximo e provável.

Assim, um indivíduo que emprega um movimento constante e contínuo, irá provocar eventos em um sistema que corresponde a sua ação, como uma cadeia de Markov que o evento antecedente abastece um fluxo para o evento seguinte condicionando o seu nível de atividade e correspondência, de forma a convergir em um resultado X períodos à frente, como uma resultante provável de seu esforço repetitivo e contínuo no exercício da atividade metódica. Como também dar dicas de áreas saturadas e em bom estado de conservação da atividade orgânica. O mapa de Markov será um indivíduo com entradas, processamento e saídas, e a partir da dinâmica do fluxo calcular a reatividade do organismo.

Crise Mental

Crise Mental é uma situação de descontrole em relação ao fluxo padrão normal de um ambiente que não permite a um indivíduo exercer a interação e a comunicação com outros indivíduos em que prevalece a evidência de uma falta de harmonia e equilíbrio dinâmico cerebral.

A conexão com a realidade grupal é perdida, e o indivíduo passa a criar e a tecer um tipo de realidade que não está inserida dentro do contexto conjugado. O comportamento do indivíduo afetado passa a não corresponder ao comportamento esperado segundo uma expectância de sua norma de funcionamento a partir de um histórico de vida perceptível e observável.

Os limites tendem a ser ultrapassados pela pessoa que esteja em crise mental de forma que o indivíduo passa a demandar mais tratativas de controle sobre os elementos sociais, podendo ocasionar rupturas e traços de inconformidade dentro do grupo.

Pode ocorrer que o indivíduo fique centrado em um estado de atenção e perigo, no qual passa a temer que os outros entes do ambiente exerçam sobre ele alguma atividade que lhe possa restringir sua ação ou até mesmo a gestão de sua vida.

Um estado percebido de alteração somática dá fortes indícios do desvio de conduta grupal, o que fortalece a tese da necessidade de intervenção para que o indivíduo não venha a ser influenciado por raciocínios que poderão colocá-lo em situação de perigo ou constrangimento coletivo.

Embora uma crise mental possa ser um conteúdo pessoal, em caso de calamidade pública ou outra desarmonia verificada no ambiente o descontrole pode ser percebido de forma coletiva.

Em situações de forte estresse os indivíduos submetidos a fortes pressões podem romper o rito com a realidade grupal e apresentar comportamentos diferenciados do padrão estabelecido para o grupo.

Uma crise mental pode ter caráter esporádico, momentâneo ou crônico, o que vai depender da extensão da crise é se o aspecto estressor ainda estiver presente e os efeitos psicológicos forem ou não tratados a fim de tirar o indivíduo do estado de afetação mental.

Quando o efeito estressor é ativado com frequência maiores as chances de um indivíduo ter seu quadro revertido na forma de uma crise mental.

Os maiores sintomas presentes em quem passa por uma crise mental são relacionados com os fatores a seguir: inquietude, intranquilidade, eloquência não habitual, agitação, indícios de agressividade, rompimento de relacionamentos com outros indivíduos sem motivação declarada, medo, pavor, ressentimento sem causa, angústia, instabilidade do humor, quadro persecutório, devaneios, paranoias, choro constante sem causa definida, afloramento de fantasias sem controle, sentimento de invasão, sentimento de fuga, distresse, depressão, esforços repetitivos sem necessidade, repentino retardo mental, aceleração de pensamentos, euforia sem justificativa, alucinações, psicoses, distúrbios do sono, distúrbios da alimentação, distúrbios motores, esquecimento, fragmentação da mente, indícios de múltiplas personalidades, quadro maníaco, distúrbio sexual, obesidade, frustração acentuada ou constante, anorexia, bulimia, irritação crônica, distúrbios de odor, mente perversa, gagueira não habitual, esquizofrenia, cegueira sem causa definida, neurose, histeria, incontinência urinária, dependência química, dependência psicológica a pessoas ou objetos ou animais ou equipamentos, intoxicação química, luto, melancolia, dissidia, ataque de hipocondria, ataque de risos ou soluços, ataque de cólera, ataque de inveja, ataque de cobiça, ataque de ciúmes, ataque de nojo, desespero, ataque de intemperança, ataque alérgicos, sofrência, solidão, revolta, ataque de impotência, esgotamento mental, esgotamento físico, falta de nutrientes, excedente de nutrientes, insolação, influência de temperatura e/ou fatores climáticos, sequestro, abdução, coação, recusa de praticar atos, conflitos somáticos, ciência a informações em que o indivíduo não estava devidamente preparado, susto repentino, traição conjugal, efeito de medicamentos, efeito de vermes alojados pelo corpo, efeito de infecções no corpo, sensação de combustão espontânea, queimaduras, traumas na pele e no corpo, surpresa que desperta um estado de contentamento emocional elevado, sensação de tontura, desmaios, envenenamento, laxante, desequilíbrio emocional, desequilíbrio cardíaco, desequilíbrio respiratório, desequilíbrio hormonal, desequilíbrio simpático-parassimpático, choro constante sem causa definida, hipersensibilidade, hipossensibilidade, pressão arterial alterada, problemas gastrointestinais, perda repentina dos cabelos, sensação de afogamento ou sufocamento, banimento, fome, cede, situação de guerra e terror, calamidades públicas, soterramento, sensação de invasão de consciência, perda da pressão hiperbárica (nadadores), vertigens, e, perca da renda familiar.

Quando um ou outro fator estiver presente não significa que o indivíduo irá necessariamente passar por uma crise mental, mas que a propensão, em passar por uma crise mental, se elevará, podendo a pressão que o indivíduo sente a partir das circunstâncias desencadear a crise mental.

Fazer atividades de relaxamento reduzem as chances de um indivíduo vir a passar por uma crise mental. Portanto o caminho da meditação é uma ótima oportunidade para uma pessoa recompor as suas energias.

Outra alternativa é o contato com a natureza e fontes e recursos d’água a fim de que a pessoa possa promover o relaxamento através dos mananciais hídricos.

Uma música relaxante após os primeiros indícios de crise pode fazer funcionar o sistema parassimpático de uma pessoa, e fazer com que ela retorne o seu contato com a realidade, numa relação de rapport em que a pessoa se sinta amparada quando a situação externa indicar como sendo o desencadeamento estressante que está afetando o humor do indivíduo afetado.

Em situações de risco e perigo para si próprio ou para terceiros um profissional deve ser procurado a fim de auxiliar na retomada da estabilidade do paciente.

Arrefeção

Arrefação é o ato de esfriar um relacionamento tumultuado em que o rol de afetações é prejudicial para o equilíbrio dinâmico do comportamento. Ela é voltada para o senso de fazer prevalecer o subsistema parassimpático na liberação de neurotransmissores que inibem o aquecimento e aceleração da corrente sanguínea, através da diminuição do encrudescimento da pressão arterial.

Pode ser que um indivíduo esteja num nível associativo com outra pessoa que o efeito social da dependência psíquica não é uma variável que tenha consequências positivas. E esse efeito pode ser prejudicial ao ponto de constantes e fortes tensões sejam desencadeadas aos pares dentro do laço disfuncional do relacionamento.

Às vezes o relacionamento ruiu com o desgaste provocado pela acomodação das expectâncias que condicionam o tempo, ou um conhecimento mais profundo do outro indivíduo fez com que as necessidades conjuntas não mais se equilibravam dentro de uma mesma constância ou lógica de funcionamento.

Então um afastamento da lógica de transposição da zona de exclusão do conflito, dos indivíduos que permutam um relacionamento é necessário como uma medida restritiva de arrefeção que serve para uma preservação momentânea para que o indivíduo erija novamente sua subjetividade, para poder reparar o muro enfraquecido de suas feridas expostas com o relacionamento.

Então este mecanicismo automático negativo, que o indivíduo absorve dentro do relacionamento é senão fruto de um eixo de frustrações que somatizou com o tempo um amontoado de imperfeições que colaboraram para a construção de uma dialética subjetiva que dizia ao ser onde as feridas não cicatrizaram e passaram a bordear com ele todo um rol de incompreensões a tornar mais denso, através deste processo de bordeamento, uma nítida exclusão de uma vida compartilhada.

Se supõem a crença da existência de um vazio, em que as bordas contêm pétalas que foram saturadas de propósito através das mãos de alguém que desavisadamente, as machucou e deixou ranhuras em sua face, e no centro, onde deveria exalar perfume, encontra-se apenas uma falta, que a querência é permanecer num mundo de forma isolada e serena.

Enquanto no mundo à volta se agita, e tudo parece ter perpetuidade dentro de um dinamismo a rosa está lá plantada inerte na esperança de uma suave brisa de vento que lhe dê um direcionamento para que o eixo de sua localidade possa se encontrar neste vazio com uma faísca de luz solar.

Então quando alguém que assim se sente tem que arrefecer, em vez de deixar tudo transbordar sobre si mesmo. E fazer com que este tempo em que a temperatura das densas tensões se eleva ao seu redor, ser capaz de se descobrir em outra circunstância, em outra querência, e em outro lugar.

Arrefecer entra aqui como uma questão de congelamento a tudo que envolve para que o indivíduo teça novas relações de descobertas, é um tempo ideal para a pessoa perceber sua unidade e se integrar as forças da natureza, para compor um novo indivíduo fragilizado, em que o movimento social o prendia dentro de uma dimensão de aquecimento que não permitia mais se identificar dentro de uma construção subjetiva que racionalize uma vontade coesa e uniforme de se viver.

É um dar tempo ao tempo, um novo fôlego, um novo respirar, ser capaz de alçar voo em uma construção de uma nova identidade que se projeta dentro de uma edificação em que cabe no projeto apenas as descobertas daquilo que algum dia se deixou para trás, ou do aspecto novo que um dia não deixou que ele entrasse e fizesse um efeito de transformar-se a si como um indivíduo mais integro dentro de sua própria história de vida.

É a busca de um tempo que se supunha ter perdido, através do congelamento daquilo que culminou na falta de tempo. É um recomeço, uma nova entrada de estação que não se notava, para fazer florir novamente um campo que nunca se tinha deixado visualizar.

É deixar o viver em demasia, para solidificar um novo recomeço, de algo que não sabe se brota, ou o broto já estava lá e não se tinha noção de sua existencialidade. Por que você estava um vaso cheio de preocupações, e não tinha mais espaço para você descobrir o mundo em sua volta. Como era o formato das nuvens hoje pelo céu quando você se pôs a locomover pelo seu presente cristalizando o seu passado em processamento de informações de seu cotidiano? Seria capaz de se libertar do seu condicionamento psíquico para trilhar uma nova trilha para formar uma nova espécie de luz que dê uma nova espécie de prazer em sua vida? O que de fato te faz feliz, perseguir a trilha de todo o dia, ou a nova trilha que a expectância tem uma probabilidade de acontecimentos ignorada?

Arrefecer é se encontrar com uma nova plataforma de respirar o ar que circula em sua volta, uma nova forma de ver o próximo que está contigo entrelaçado nas ideias todos os dias, é uma nova forma de lidar com a situação desconexa ou desconcertante, é se permitir ousar diante da atitude de mudar o ritmo da mesma constante que te deixa nervoso todos os dias em repetidas situações de conectividade.

É reconhecer a si mesmo dentro de algo antes não percebido, no qual a cabeça esfria em grau de temperatura e a vidraça do recinto onde se encontra seu corpo é capaz de condensar com um sopro de esperança para uma nova atmosfera de vida.

É fazer fluir um novo tipo de clima entre seres humanos, e a partir de um princípio mais ameno se permitir recomeçar tudo novamente, para que a construção dê à massa do bolo uma nova chance de crescimento para que não se perca toda a fornalha das excitações de uma chama que arde, e pode queimar se não for sensato e verdadeiramente as arestas não forem apagadas.

Excessos

Excessos são movimentos reativos além de um limite comportamental definido por si mesmo ou por outros seres e ambiente que exercem uma influência além de uma medida que se supõe estar abastecida por uma regra que torna um padrão aceitável de subscrição, no qual o transbordamento da “coisa” pode ser geradora de conflito, incômodo ou influência.

O estabelecimento do limite para aplicar determinada ação é uma medida em que o sujeito é capaz de suportar uma privação, descarga ou excitação. Quando esta medida transborda, o efeito esperado que estava escalonado dentro do limite sofre uma decomposição em sua forma, e a consequência direta é que aquilo de ultrapasse esse limite esteja sujeito a um movimento de estresse que condiciona a uma afetação não esperada que reverta em um estado de angústia ou agonia, intemperança, incômodo ou crença de invasão pessoal.

Então há que se pensar em dois movimentos, o primeiro o inercial que caminha com a expectativa de estar sob o controle, onde os seus efeitos são prováveis de ocorrência, e um segundo que foge deste controle que está além da capacidade de aceitação, que leva o indivíduo a tomar outras medidas para que ele possa novamente contornar uma determinada ação.

Esse foco é do ponto de vista da pessoa que é paciente em uma ação, do ponto de vista do indivíduo que está ativamente influenciado por uma atitude excedente, talvez o seu limite seja mais elástico do que o limite do receptor, e sua atitude funcional vai além da capacidade de distinguir o seu efeito excedente dentro do seu modelo de desencadeamento de comportamento.

Essa ruptura leva há um profundo questionamento: até que ponto é um indivíduo sujeito ao seu próprio limite, ou ao limite ambiental e de terceiros? Como se estabelece o conflito entre pessoas a partir dos elementos excedentes imperceptíveis em um circuito relacional? Como gerir um regramento em que que seja possível criar um limiar absoluto (ponto fixo de percepção física) da interação entre pessoas em que seja possível introduzir homeostase no relacionamento?

O excesso parte de uma elaboração subjetiva que avança sobre a percepção de outro. Ou uma elaboração subjetiva que avança sobre a percepção de si mesmo. Onde geralmente a porção excedente transborda algum efeito imaginário ou real que passa a incorporar por meio da expressão algum contexto social em um evento.

Essa exposição pode ser um extravasamento, uma descarga, um consumo de energia residual, que leva o sujeito a invadir um espaço de um referente, seja ele si próprio, ambiente ou o outro.

O que descarga ultrapassa o limite, e ao ultrapassar algo mesmo que subjetivo invade um território onde existia uma reserva de valor cujo entendimento do referente estabelecia conexão com outros elementos que não devem ser perturbados.

Então dentro desta lógica o ente excedente ultrapassa algo definido, delineado, e delimitado, e por ser invasor deve ser combatido a fim de que a harmonia volte a ser encontrada como no espaço original antes da invasão.

É um consumo excedente de energia que encontra na saída motora um meio de manifestar o transbordamento da excitação.

Longe de ser uma falta, é um preenchimento que está além da capacidade de suportar o limite de um recipiente, como um copo de água que possui uma certa dimensão para conter o conteúdo líquido que uma torneira despeja em seu interior, e que tudo que é colocado além de sua capacidade irá contribuir para que a porção excedente seja convidada para uma exposição em outro ambiente capaz de conter o seu próprio movimento expansivo.

E como o líquido transportado invade outro espaço, ele incomoda o ambiente além da porção interna do copo, e passa a oferecer um obstáculo para outros processos relevantes que poderiam ser aplicados do rol de experimentações dos entes que estejam contidos em outros ambientes influenciados pelo teor do elemento invasor, que cabe aos entes, do meio invatido, após a exposição da invasão interagir para que a situação volte novamente à normalidade dentro do aspecto de controle conhecido.

A expectativa da falta corrobora para o preenchimento da expectativa, que pode se converter em uma ilusão, ou uma realidade aproximada da fissura ocasionada pelo elemento excedente sobre o receptor. No qual é perceptivo o conflito, sob a parte afetada, que o transbordamento é capaz de indicar o eixo excedente em que a influência enseja adentrar na zona de exclusão de conflito.

Então resta ao ente receptor da informação que excede em outro meio, interpretar a conduta e a forma de influência a fim de que o controle novamente esteja contido no meio em que jorra a porção excedente.

O excesso, sobre este ponto, é um contencioso quântico, que cognitivamente exerce domínio sobre outro meio no qual o receptor que pode ser um complexo ou “Outro Ser” sofrer influência do primeiro, além da zona de exclusão de conflito que a interferência passa a ser observada em uma zona exclusiva que pertence a uma unidade sensorial e perceptiva do indivíduo.

Onde essa zona de exclusividade de um indivíduo é intocável e está sujeita às leis próprias da própria individualidade, que quando alcançada sinaliza sua forma de ordenação do espaço interno, conforme é sua conceituação psíquica, em que o fluxo de outras afetações nunca é bem-vinda, porque faz parte de uma identidade que é exclusiva ao indivíduo, e que não é objeto de transformação por parte do ambiente e de outro ser. Quando um elemento entra nesta zona exclusiva é interpretado como uma unidade patológica e que portanto, deve ser literalmente combatida, para a preservação de si mesmo, e esse efeito excedente tem a função de invadir essa área de exclusividade, por isto a malquerença geralmente é percebida diante de um excesso. Porque no ato de comunicação, as partes rivalizam e não conseguem construir uma identidade que se solidifique em uma construção de frequência uníssona.

Superfície

Superfície é um plano estruturado que tece uma divisória entre dois meios, como uma membrana que é uma camada mais externa de um substrato independentemente do estado físico que o elemento-objeto se encontra no ambiente. É, portanto, a porção exposta que diz de forma fragmentada um resumo do que o holístico representa em termos de identidade, por ser a parte visível que interage no ecossistema onde habita a “coisa”. Do ponto de vista cognitivo são os elementos subjetivos expostos, mesmo que somente internamente, na inscrição consciente, que sintetizam a visão do indivíduo ao exercer a influência sobre si mesmo, mesmo que buscando representações enigmáticas reativas através de terceiros (outros objetos).

Uma superfície é uma imagem que cristaliza uma divisão entre dois meios, que pode se constituir empiricamente por um processo de miragem, ilusão ou constatação real, podendo se estender de forma gasosa, líquida, plasmática, sólida, energética, eletromagnética ou psíquica.

Uma superfície deixa à mostra as propriedades de um elemento-objeto segundo uma função e finalidade ambiental. E conforme a lei dos estados de conservação e continuidade de objetos geralmente a face da superfície que se encontra à mostra é dotada de atratividade para corresponder a seu aspecto funcional e orgânico.

Ela fornece um mapa para delimitar o elemento-objeto, por meio de arestas que determinam o ponto contíguo em que começa o espaço ambiental e termina o elemento-objeto.

Fornece também uma forma de gestão de um fenômeno de localidade, onde é possível através do fator delimitador o poder de conceituação do objeto.

Outro aspecto relevante da superfície é sua capacidade de aglutinar em seu interior um aspecto unitário do elemento-objeto.

A superfície como portal de entrada de um objeto é uma camada que previne as influências que são prejudiciais para a integridade da “coisa”.

Geralmente a superfície contém elementos encapsulantes capazes de oferecer proteção ao seu conteúdo interno e meios de alerta, no caso de seres vivos, a pele, para poder sintetizar um tipo de fuga do movimento estressor que possa colocar em risco a vida do indivíduo de uma espécie.

Em estruturas planetárias uma densa camada de elementos gasosos é capaz de gerar um filtro natural para o bloqueio de pequenos fragmentos celestes que possam se precipitar sobre a estrutura terrestre do planeta auxiliando em sua rápida combustão, ou servir de escudo para refletir um tipo de onda solar e de raios cósmicos para proteger a parte interna contra os perigos do excedente das radiações cósmicas.

Graças as propriedades das superfícies, é possível aos seres vivos terem experiências táteis, e poder manusear e a manipular objetos sem prejudicar o seu conteúdo interno, em que suas características são facilmente preservadas mesmo através do ato de contato.

Do ponto de vista cognitivo, uma superfície é uma exposição sobre o intelecto de determinadas estruturas cognitivas, geralmente associadas a modelos de reatividade comportamental em que uma ação é facilmente desencadeada.

É uma porção visível e racional de um indivíduo, que ao ser acionada parte da crença pessoal que a reação planejada e colocada automaticamente sobre a mente humana adquira a função emocional ao qual o evento deve ser reativamente encaminhado para um fator de expressão corporal. É um procedimento que é tangível (em nível biológico), uma vez que ele tem consequência definida de delimitada dentro da mente humana.

É um tipo de organização psíquica de correspondência com a realidade que visa moldar o comportamento humano para sua funcionalidade. Porém, em certos mecanismos de uso, é provável que a linha temática racional não esteja alinhada com as melhores práticas de comportamento social, e em virtude disto, a consequência direta reativa ao ativar a superfície subjetiva, seja colocar à mostra uma disfuncionalidade que aproximará o sujeito em relação a sua pulsão de morte, afastando-o dos estados de conservação e preservação dos corpos.

A superfície psicológica ou cognitiva é uma cópia da superfície da pele humana, porém é auxiliar para a primeira mais extensa quando a um regime de urgência que indica qual é a melhor forma de processamento de correspondência com o ambiente que deve um indivíduo encaminhar uma reação ao ambiente como a melhor prática que deva ser adotada a fim de dotar o indivíduo de instrumentação para o seu agir consciente e coletivo.

Então essa superfície psicológica é o que pode ser vista pelo indivíduo ao exercer a sua individualidade, e na forma de expressão, talvez um componente que deixa visível o processo de sua fala, por exemplo, ou a transcrição literal daquilo que ele deseja repassar de informações através de seu processo de escrita.

Onde a superfície mais externa toca a superfície mais interna e traduz a chance de propensão ao prazer e desprazer suficiente para desencadear a reação desejada. E a superfície mais interna ao deslocar o seu plano de afetação é capaz de codificar o sentimento e a sensação, seja ela de angústia, malquerença ou prazer que irá deslocar o eixo de sua afetação para a correspondência sensorial mais inteligente em lidar com a interpretação da demanda ambiental.

Por outro lado, o inconsciente, peça de sustentação do aparelho psíquico, é sua porção interna, que está armazenada pela superfície, o ente consciente, no qual faz jorrar todas as correspondências que devem ser realçadas a fim de que o indivíduo construa sua saída para a crise causada pela demanda externa. Se por um lado é o organismo uma unidade interativa que compõem distintas dimensões conforme o ângulo cinético das necessidades de interpretação, as várias superfícies que o compõem coexistem distintas funcionalidades e aplicações para se concentrar o equilíbrio fisiológico de um indivíduo.

Sistema Manicomial Público

Entenda como Sistema Manicomial Público uma instituição que tem como função exercer o tratamento em regime semiaberto ou fechado de pacientes que apresentam disfuncionalidade psíquica que não se enquadra dentro de um comportamento social que exija internação em que a unidade é gerenciado pelo Estado.

O estado de criticidade do paciente é levado em consideração para efeito de triagem para o tipo de internação, se a queixa familiar é procedente, e, comprovada a falta de condições dos familiares para cuidar do indivíduo em crise, e esta crise representar um perigo para o próprio indivíduo ou para a sociedade a internação é autorizada pelo médico psiquiátrico que avaliar o caso, havendo vagas disponíveis no estabelecimento, quando a instituição recusa por superlotação, a família é aconselhada a encaminhar o paciente para outra unidade mais próxima a fim de obter auxílio, ou tentar encaminhar o paciente para uma unidade hospitalar onde ficará internado caso corra risco de vida, até o surgimento da vaga em hospital psiquiátrico.

O regime fechado é a regra da internação. Nas primeiras 48 horas de internação os pacientes são observados e passam por um processo de adequação de uma rotina no qual deverão seguir, entre banhos, absorção de medicamentos, acompanhamento psiquiátrico, regras para o consumo de alimentos, e regras para o convívio com outros indivíduos em situação similar. A todo o instante, por ala, um ou dois guardas ficam responsáveis pela segurança dos internados. Que tem a função de observar os pacientes que possuem condutas de agressividade em relação a outros pacientes, e acionar quando possível o corpo médico e de enfermeiros para a administração de tranquilizantes e a amarra do paciente à maca que serve de dormitório a fim de neutralizar os efeitos prejudiciais de sua intranquilidade. O internado é isolado da comunicação externa durante este período, podendo apenas ter contato com um televisor que se situa em ambiente rústico que simula uma sala de espera. No refeitório as porções são administradas pelas cozinheiras que possuem um dosador para determinar uma medida padrão de alimentos que cabe a cada paciente de forma uniforme e padronizada. Os dormitórios são coletivos e amplos e sem divisórias entre os enfermos.

Quando avaliado a situação do paciente pelo corpo médico, após a primeira consulta geralmente sendo o paciente acompanhado por dois guardas, os de comportamento mais agressivo são separados dos demais pacientes, e encaminhados para colônias de tratamento intensivos próprias para lidar com indivíduos com severo transtorno de comportamento. Os que correspondem inicialmente bem ao tratamento, são transferidos para outras alas de internação de similar aparência física, porém que segue um rito de tratamento no qual é possível ter também acompanhamento psicológico. Neste modelo público de interação, existe uma rotina em que os profissionais psiquiátricos e psicólogos estarão presentes na ala de internação a fim de verificar através de prontuários a renovação da internação e/ou a o processo de reabilitação do indivíduo no meio social. Atividades motrizes geralmente são realizadas a fim de que os internos possam gerenciar o seu tempo livre, mas não é uma regra em toda o estabelecimento manicomial público, o que dependerá muito da disponibilidade do corpo de psicólogos de fazer trabalhos em grupo com os indivíduos internados.

O grau de periculosidade dentro dos estabelecimentos é maior que no sistema manicomial privado, mesmo depois da triagem, existem constantes disputas por espaço dentro das alas, os escassos móveis e assentos, criam um padrão em que alguns pacientes começam a comandar a rotina de outros indivíduos internados. Se um espaço é exigido através da expressão do olhar, que seja um assento, o paciente mais frágil na relação psíquica é convidado por meio da coerção a ceder a posição para outro. As alas são separadas integralmente entre somente homens e somente mulheres, e nunca compartilham o mesmo espaço ou o mesmo horário para se usar o refeitório. Os mais vulneráveis psiquicamente e com conflitos de sexualidade no período noturno acabam estabelecendo pactos sexuais com os pacientes de estrutura dominante. Os pertences, como chinelos, escova de dentes, e livros são furtados com muita frequência, e para se ter garantias entre um período noturno e outro da permanência dos utensílios permitidos de ficar com os pacientes em sua posse, os enfermos os depositam debaixo do travesseiro e durante o dia sempre à mão a fim de não perder a guarda do objeto. Geralmente as duchas são frias, material rústico que faz papel de chuveiro, e poucos vasos sanitários se sustentam no lugar, sendo muitos estabelecimentos ainda utilizam um sistema em que um buraco recebe a descarga de evacuação de um indivíduo.

Alguns pacientes organizam fugas e o corpo de bombeiros é acionado para a recuperação dos enfermos. Estes acabam sendo transferidos para as colônias de recuperação com características agrícolas em que um trabalho ocupacional mais intenso é desenvolvido a fim de recuperação da personalidade do indivíduo.

Quando o quadro do paciente já está estabilizado, o regime de interação passa para semiaberto, onde aos finais de semana é feita uma tentativa de inserção do indivíduo novamente em seu núcleo familiar, mas isto não é a regra geral, que normalmente quando é percebido que o indivíduo se recuperou é dada a alta imediata e o indivíduo é conduzido para o seu núcleo familiar, passando a ter acompanhamento psiquiátrico e psicológico em nível ambulatorial. Geralmente existe grandes lacunas de acompanhamento da melhora do paciente uma vez que os regimes de plantão quase sempre não são respeitados pelo corpo médico psiquiátrico ou pelo núcleo de psicólogos. Também os recursos humanos e físicos são muito limitados, e melhorias são muito difíceis de serem organizadas, uma vez que se exige procedimentos burocráticos que devem ser seguidos para a implementações de obras de melhoria nos recintos. Geralmente as famílias possuem baixo poder aquisitivo, e após a internação muitos pacientes que não conseguem medicamentos de alto custo, pela falta da distribuição gratuita do material acabam abandonando o tratamento e se tornam reincidentes na internação quando outras crises são observadas.

Sistema Manicomial Privado

Entenda como Sistema Manicomial Privado uma instituição que tem como função exercer o tratamento em regime semiaberto ou fechado de pacientes que apresentam disfuncionalidade psíquica que não se enquadra dentro de um comportamento social que exija internação em que a unidade é gerenciado por um particular.

O estado de criticidade do paciente é levado em consideração para efeito de triagem para o tipo de internação, se for constatado traços de agressividade do paciente, é feita uma avaliação administrativa a fim de que a unidade observe o risco de internação com foco na interação com outros pacientes, e, comprovada a capacidade familiar de pagamento do tratamento a internação é efetivada para cuidar do indivíduo em crise, e se esta crise representar um perigo para o próprio indivíduo ou para a sociedade a internação é autorizada pelo médico psiquiátrico que avaliar o caso, havendo vagas disponíveis no estabelecimento, e a familiar assinar termos de responsabilização do paciente. Quando a instituição recusa por superlotação, a família é aconselhada a encaminhar o paciente para outra unidade mais próxima, ou optar pelo regime semiaberto a fim de obter auxílio, ou tentar encaminhar o paciente para uma unidade hospitalar pública ou privada onde ficará internado caso corra risco de vida, até o surgimento da vaga em hospital psiquiátrico.

O regime de internação segue o rito monetário em que a família está disposta a manter o indivíduo em internação, e somente nos casos mais graves que não existe outra alternativa a regra fica sendo a internação em regime fechado. Nas primeiras 48 horas de internação os pacientes são mantidos em isolamento podendo apenas o corpo psiquiátrico ter contato com o indivíduo e os enfermeiros. O indivíduo terá ao seu dispor um quarto reservado, com banheiro, uma cama nos padrões domésticos, e nenhum objeto cortante que prejudique a integridade do paciente em caso de surto ou crise que ele venha a atentar contra a sua própria vida. O quarto é mantido trancado externamente, e apenas nas horas indicadas o corpo de enfermeiros abastece o indivíduo com medicamentos e alimentação. Se após este período o corpo médico e de enfermeiros notar boas chances de socialização por parte do paciente ele é liberado para transitar nas alas livres no pátio externo ao dormitório. O internado é isolado da comunicação externa durante este período, podendo apenas ter contato com um televisor que se situa em sala ambientalizada, a possibilidade de fazer uma ligação diária para a família a fim de relatar necessidades por objetos pessoais, e espaços recreativos como sala de jogos, quadras esportivas, e/ou academia, e/ou espaço para hidroginástica e espaço para se fazer caminhadas e banhos de sol, e refeitório semelhante a um restaurante de um grande centro urbano em regime de sel-service.

Quando avaliada a situação do paciente pelo corpo médico, após a primeira consulta, geralmente sendo o paciente acompanhado por dois enfermeiros especializados em mobilização do paciente em caso de agressividade, os de comportamento mais agressivo são separados dos demais pacientes, e condicionados ao alojamento reservado excludente de qualquer interação social. Os que correspondem inicialmente bem ao tratamento, são transferidos para quartos de internação similares a quartos de hotel com mobília padrão e convencional da localidade, e passam a seguir um rito de tratamento no qual é possível ter também acompanhamento psicológico, liberdade para transitar na sala de jogos, conversar com outros pacientes, receber visitas nos horários indicados, usar a piscina quando permitido ou a academia e praticar esportes, além de ser informado por um corpo auxiliar de enfermeiros da necessidade de administração do remédio.

Neste modelo privado de interação, existe uma rotina em que os profissionais psiquiátricos e psicólogos estarão presentes na ala de internação a fim de verificar através de prontuários a renovação da internação e/ou o processo de reabilitação do indivíduo no meio social. Atividades e dinâmicas motrizes são realizadas a fim de que os internos possam gerenciar o seu tempo livre, em horários específicos, sendo uma regra geral no estabelecimento manicomial privado, em algumas sessões, familiares são convidados a participar a fim de conhecer mais de perto através dos olhos de um profissional que conduz um trabalho lúdico como efetivamente é o sentimento dos internados, para ser utilizado como forma de aproximação do enfermo com sua família.

O grau de periculosidade dentro dos estabelecimentos é menor que no sistema manicomial público, depois da triagem, na verificação de constantes disputas por espaço dentro da instituição, o paciente é convidado pelo corpo médico e de psicólogos a não prejudicar o clima do espaço coletivo, caso persista dentro do comportamento subversivo ele é conduzido a permanecer em tratamento isolado, ou a suspensão de sua internação por inadequação ao tratamento (este último caso é mais raro, sendo mais comum a reclusão). Os quartos são separadas entre somente homens e somente mulheres, geralmente no máximo duas ou mais pessoas dividem o mesmo quarto. E os internos indiferentemente do sexo compartilham o mesmo espaço no mesmo horário para se usar o refeitório. Os encontros sexuais não são permitidos e o comportamento sexual é monitorado pelo corpo de enfermeiros. Os pertences, como chinelos, escova de dentes, e livros possuem armários para serem guardados dentro do quarto onde o acesso é restrito aos pacientes que compartilham o mesmo recinto, e para se ter garantias de que não haverá fuga durante o período noturno os quartos são trancados num horário padrão externamente pelos enfermeiros.

As fugas são menos comuns de ocorrerem, embora em número reduzido ainda existe uma certa estatística para o fato.

Quando o quadro do paciente já está estabilizado, o regime de interação passa para semiaberto, onde aos finais de semana é feita uma tentativa de inserção do indivíduo novamente em seu núcleo familiar, mas isto é a regra geral, que normalmente quando é percebido que o indivíduo se recuperou é dada a alta em um processo mais moroso do que no sistema manicomial público e o indivíduo é conduzido para o seu núcleo familiar, passando a ter acompanhamento psiquiátrico e psicológico em nível ambulatorial.

Dica

Dica é um aconselhamento de alguém que se supõe a pré-existência de experimentação passada ou um conhecimento acessório que pode ser transmitido para outro em escala de profundidade e refletir num aprendizado que poupa esforços do receptor no desencadeamento de uma ação.

A dificuldade de administração da dica é que o emissor da ideia se torna, na visão do receptor da mensagem corresponsável pelos efeitos da transferência de informação, e quase sempre quando o receptor não é capaz de verificar parte da veracidade da mensagem, a conversão da falsa imagem, em uma quebra de expectativa quase sempre recai sobre o emissor da mensagem como um ser em que a autoestima é prejudicada.

Uma dica tem a possibilidade de acelerar uma ação, no sentido em que o indivíduo inexperiente se apropria de uma informação que somente seria possível se fosse experimentada, e parte de um princípio de um gerenciamento de um dado acessório que objetiva melhorar a elaboração subjetiva de um indivíduo.

É uma espécie de indução a um resultado imaginado e esperado, que se satisfeita a condição da informação espera-se que se reflita na coisa idealizada.

Uma dica é olhar para um fato passado e abstrair dele um ensinamento capaz de ser transmitido para os demais para que a linha de argumentação reflita a imagem da coisa testada e aprovada anteriormente.

A dica deve ser administrada sob reserva de responsabilidade e indicar quando possível as situações que estavam presentes dentro de um contexto em que se possibilitaram a evidência em que uma ou mais informações fora colhida.

A dificuldade de conter a própria frustação, quando uma pessoa instiga outra a administrar uma dica se torna uma transferência de responsabilidade, onde a pessoa ao correr o risco de realizar uma ação, joga sobre a outra a responsabilização caso o efeito esperado não seja semelhante a informação gerada pelo conselho.

Quando uma dica é lançada por um interlocutor, os fatores intervenientes de alto autoestima que condicionam a apreciação de um indivíduo em termos de um status de veracidade do emissor irá determinar o grau de perseguição ao pensamento que irá ter o argumento como elemento possível e imaginável de fazer parte como resultante de uma ação e assim o indivíduo se vê imbuído de praticar a ação de seu interesse.

Conforme for o grau de acertos do indivíduo que costuma a ser percebido como a pessoa de referência ao dar uma dica, sua escolha para opinar sobre outros assuntos correlatos ao fato, ou evento, ou acontecimento será proporcional ao crédito percebido a uma constante dos prognósticos que indicar através de seu espírito observador a elevação de sucessos por parte do receptor da mensagem de sobreaviso.

Outro aspecto importante, é que a morfologia social, quando um indivíduo é visualizado como uma pessoa bem-sucedida, corrobora para que sua expressão seja mais precedida como um indicativo de valor que torna sua palavra mais fácil de ser assimilada e seus argumentos reconhecidos mais facilmente quando sua opinião for requisitada.

As dicas quando ministradas por profissionais seguem um padrão de consulta em que a informação é baseada em um aspecto modal em que é verificado um comportamento padrão “vitorioso” que o resultado é percebido como positivo para quem segue.

Os profissionais que mais fazem uso deste tipo de estrutura são médicos, nutricionistas, fisioterapeutas, professores, guardas de trânsito, ...

Uma forma de compreender bem este aspecto é o caso de nutricionistas e médicos que afirmam que para uma pessoa ter uma vida saudável, pelo menos a sua refeição principal deve ser elaborada através de um prato com teor nutricional em que estejam presente 5 variedades de alimentos com cores distintas, isto garantiria um certo equilíbrio nutricional para uma pessoa que não tem tempo e disponibilidade para compreender profundamente como organizar sua alimentação de forma saudável e consciente.

As dicas de trânsito são observadas a partir das estatísticas em que vítimas estabeleceram determinados comportamentos que induziram a realização de uma fatalidade.

As regras gramaticais por exemplo, no ensino do idioma de uma língua, podem ser seguidas por alguns instrumentos de identificação linguístico em que as dicas são administradas para facilitar a absorção do conhecimento até que um indivíduo tenha domínio sobre o conteúdo a ser fixado.

Toda dica parte de um conhecimento prévio, mesmo que seja uma falsificação da realidade, mas que o indivíduo acredita ser a “verdade” de um racionamento psíquico.

As questões de ordem pessoal devem ser evitadas como dicas, porque é evidente que a pessoa quando exercita sua dúvida de agir conforme um comportamento, que de fato ela quer se eximir da responsabilidade de arbitrar para si o fato ou acontecimento se a coisa não sair conforme o seu planejamento.

As dicas mais valorizadas são aquelas que acompanham procedimentos ligados à ciência, em segundo as de reflexão modal ligados as teorias do comportamento social, e em terceiro as de cunho experimental, que são mais aproximadas dos costumes e hábitos da população.

Uma dica mal avaliada pode conduzir uma pessoa a um nível de estresse tão elevado que a frustração exercida pela não convergência da receita poderá resultar em um rompimento de relacionamento caso a frustração seja tão densa que o indivíduo estressado reverta toda a sua dor e mágoa para a pessoa que não foi capaz de lhe atribuir a sensação positiva que era esperada.

Transferência

Transferência é o ato de encaminhar para o ambiente ou outro indivíduo/objeto uma informação através de um canal presente no contexto que permite um ato de comunicação a partir de uma representação interna que é lançada por meio da expressão para o exterior de um indivíduo.

Ela engloba o ato de catalogar uma informação, de encaminhar por uma via de expressão e de haver um receptor a fim de aglutinar e captar as informações através de um processo e processamento de uma coleta.

Nem sempre o processamento de uma informação no receptor faz com que a mensagem originalmente encaminhada possa ser compreendida conforme o regramento do emissor.

O contexto e o conhecimento já embutido dentro do receptor e os ruídos transportados através do canal ou imperfeições contidas dentro do próprio código quando lançado por um canal também colaboram para a distorção e reinterpretação da mensagem inicial.

Outro aspecto é que qualquer tipo de transferência por ser emissária de informação irá provocar uma transformação dentro do indivíduo receptor, devido a adição de informação, que requererá um rearranjo funcional no receptor a fim dele recobrar seu equilíbrio homeostático novamente.

Uma via de expressão geralmente é utilizada por um interlocutor a fim de que o código seja encaminhado, seja através de gestos, fala, expressão corporal tática, expressão corporal onde seja possível observar a utilização de sentimentos e sensações, gustação, tato, paladar, olfato, visão e gustação fálica.

Este lançamento de informações é essencial para que se estabeleça o princípio básico de toda comunicação que é a conectividade.

Essa conectividade ocorre quando o dado lançado pelo emissor chega no receptor e neste é capaz de provocar o desencadeamento de uma influência que interfere sobre o seu fluxo normal de atividade.

No capto deste texto foi mencionado que a transferência pode ser um ato de encaminhamento de informações também para o ambiente ou objetos. Entenda como uma intervenção do indivíduo sobre o senso de ordenação de tais elementos presentes na natureza em que o espaço se altera pela influência do influenciar da operação de encadeamento de um fenômeno de deslocamento capaz de alterar o plano físico.

De modo que se uma pessoa está em uma mesa sentada com outra que está mais próxima de um bule de chá, se um emissor empurrar uma xícara na direção da outra, a mensagem encaminhada é uma necessidade que a outra pessoa incorpore em sua vontade de servir o conteúdo que esteja dentro deste bule.

Repare que dentro deste processo de comunicação não foi preciso imprimir um código sonoro a fim de que a mensagem fosse compreendida, apenas houve um atrito em que a xícara fora deslocada para próximo do indivíduo que estava posicionado próximo do bule.

Uma transformação ocorreu então através da percepção visual sobre este indivíduo, que providenciou que sua contratransferência fosse programar uma reação em que o bule fosse tocado, e parte do seu conteúdo fosse transferido para a xícara em questão.

Quando esta reação foi observada sinal que o ato de comunicação foi estabelecido e o código interpretado sem grandes ruídos, pois houve entendimento entre as partes que ao somarem suas percepções converteram o conhecimento individual contido dentro de cada um em diretivas que influenciaram o comportamento de cada um dos envolvidos dentro deste contexto.

Por outro lado, a reação que poderia ter surgido dentro do indivíduo que estava posicionado próximo ao bule, poderia ser te empurrar o bule para próximo do indivíduo que estava posicionando a xícara, ou empurrar novamente a xícara para próximo do indivíduo, ou simplesmente não esboçar qualquer tipo de reação ao observar o ato do emissor da necessidade.

O que distingue as múltiplas realidades, e situações que podem eclodir diante de uma situação deste porte é a experiência e experimentação prévia do receptor que irá influenciá-lo na programação da resposta de que deve ser expressa no ambiente.

Pode ser que o receptor encare como um obstáculo a xícara que esteja aproximando de si, por isto se propõe a devolver para o seu espaço de origem o recipiente vazio, ou encarar como uma ofensa ter que nutrir seu companheiro, sendo que ele mesmo próprio poderia fazer a atividade, por outro lado pode não entender o que o outro deseja, e passa a ignorar o movimento da xícara para não afetar a vontade alheia. Todas estas hipóteses estão ligadas a um estado de espírito ao qual o indivíduo esteja integrado naquele momento e sua forma receptiva para coordenar uma saída para corresponder ao deslocamento da atividade sensorial que corresponda com sua volição em lidar com a mudança do cenário pelo fenômeno de deslocamento dos corpos.

Toda transferência deve ser impressa com responsabilidade a fim de não romper o equilíbrio interno do receptor. Principalmente quando se sabe que a carga enviada é forte demais que o outro não consiga suportar, pelo declínio, em que os dados coletados, são capazes de provocar dentro do indivíduo que perde todo o seu equilíbrio emocional.

A transferência umami é aquela que desperta alto grau de conectividade e proporciona a sensação mais agradável dentro de um indivíduo receptor, capaz de causar dependência pela mensagem e necessidade de perseguição de seu conteúdo. Desperta o amor, e vontade de fundir os corpos, de acoplar as ideias no nível mais profundo que um ser humano acredita o desenvolvimento da conexão. Ela se conecta à administração de um eixo imaginário e faz pulsar o coração, onde se deseja cada vez mais o fluxo que vem do outro: amado.

Conserto

Conserto é o ato de introjectar uma medida de reparação em um objeto percebido de forma sistêmica para a devolução do seu pleno funcionamento. É a retomada da adequação da “coisa” percebida em um comportamento de disfuncionalidade no qual não permite produzir o efeito esperado pela qual ela fora projetada para seu funcionamento padrão e pleno.

O concerto parte do pressuposto que uma ou mais peças não estão em pleno funcionamento, e que é possível fazer a substituição ou reparação para que o objeto volte a funcionar conforme o modelo descrito de seu funcionamento.

Um conserto pode ser um remendo, atadura, troca, colagem, recauchutagem, soldagem, incorporação, mudança de estado, inclusão de elementos, indexação de novas rotinas encapsulantes, uma ampliação da funcionalidade do conceito original, mesclagem, fusão, regulagem, recálculo das especificações das peças e componentes, redimensionamento, aprimoramento de rotinas, emenda, polimento, paralização de partes, peças e componentes, nivelamento de componentes, ajuste de peças, correção de imperfeições, elevação da potência, restauração, reparo, fixação de partes e componentes, rebobinagem, corte, costura, retificação, regeneração, remodelagem, remodulação, infiltração de elementos, gaseificação, isolamento de partes e peças, combinação de peças e elementos, engessamento, mistura, dosagem, encaixe, realce de partes e peças, integração de peças e partículas, soldagem, cristalização, petrificação, amarramento, armação, eletrocultagem, grampeamento, corda, sondagem, reflorestamento, reintrodução, resfriamento, aquecimento, indução, frenagem, limpeza de resíduos, pressurização, despressurização, aplicação de filtros, plugagem, parafusagem, energização, kits de controle, catalisação, afinamento, raspagem, regulagem, calibragem, recuo de partes, peças, engrenagens e características físicas, adaptação, emulsão, aplicação de graxas, ...

Tirar uma disfuncionalidade armazenada dentro do cérebro humano que não tem característica fisiológica e de ordem mental não é uma tarefa fácil, pois exige que um observador neutro compreenda como é o ciclo da rotina em que a procedure mental é desencadeada no cérebro do indivíduo que apresenta a rotina falha.

Dependendo de cada tipo de imperfeição cognitiva um tipo de tratamento deve ser organizado, e o mais importante de ser observado que dentro deste processo em nenhum momento a máquina pode ser desligada para reparos, portanto não importa o tipo de aplicação de fator de correção descrito nos parágrafos anteriores, a interferência deve ser sutil o suficiente para não gerar desequilíbrio dinâmico cerebral e mesmo que momentaneamente vir a prejudicar o indivíduo.

Se as diversas técnicas de conserto de objetos externos têm características próprias para o seu funcionamento e aplicação, existe um correspondente mental para cada uma delas que permite que um tipo de conserto seja providenciado dentro de um indivíduo, com características cognitivas similares as interferências organizadas nos objetos.

Imaginem a seguinte situação: existe uma usina nuclear que tem um sistema de controle elaborado com técnicas de construção de um circuito eletrônico. Os engenheiros são sabedores que em nenhuma hipótese o mecanismo de controle deve parar o seu funcionamento, sob o efeito de ter os níveis de radiação no interior da estação incontroláveis com possibilidade de ter prejuízos para a população. Existe um sistema auxiliar no qual também carrega sobre o seu circuito eletrônico a imperfeição do modelo conforme o planejamento do primeiro que tem sob efeito provocar uma contínua deteriorização ou corrosão de uma peça.

Quando os engenheiros descobrem a falha no procedimento percebem que não podem parar o funcionamento do circuito de controle, e em vez disto devem projetar um circuito de controle auxiliar com a usina em funcionamento para que o problema seja sanado e acoplado dentro do circuito de controle em funcionamento. Como uma intervenção é requerida para que não ecloda um novo desastre, é fundamental que um dos dois circuitos fique funcionando enquanto o outro recebe o circuito auxiliar. Porém, outra falha na concepção, não permite que um único circuito de controle fique mais do que 24 horas em pleno funcionamento, devendo ser substituído pelo circuito auxiliar para que sofra o devido resfriamento a fim de garantir o efeito da funcionalidade conforme esperado.

A questão é que o circuito auxiliar está sendo remodelado para atender o fator de correção, e antes que a operação de correção deixe pronto o novo circuito, o mecanismo precisa entrar em pleno funcionamento para garantir a sobrevida do sistema principal. A metodologia de conserto neste caso deve permitir que as partes implementadas no circuito auxiliar não interfiram sobre o circuito auxiliar quando este estiver na usina na área de produção, antes de estar complemente pronto e testado, e mesmo em funcionamento poder continuar a receber novos ajustes a fim de que o serviço seja realizado há tempo antes que a tubulação da usina sofra definitivamente o processo de corrosão.

Da mesma forma que a vida descrita na engenharia é capaz de encontrar em nível funcional uma solução para essa dinâmica de conflito, é possível organizar uma saída mental para um indivíduo com base no conhecimento adaptado desta situação em que possa os conceitos serem incorporados para o tratamento psíquico.

Da mesma forma imaginem uma espécie totalmente dependente de um complexo de energia para sua sobrevivência, se o objeto presente na natureza deixar de funcionar, a espécie passa a entrar em declínio e em poucos anos um processo de involução a torna integralmente extinta. Como resolver o problema de correção deste fator externo caso necessário, para que a espécie não sofra as consequências de sua falta ou inabilitação?

Como consertar um efeito produzido por um equipamento depois de realizado a tarefa sem que os produtos produzidos sejam objeto de descarte e seu conserto possa ser elaborado antes de chegar nas mãos do consumidor sem necessariamente indicar um atraso significativo da produção?

Amor narcísico

Amor! Ao olhar para os teus olhos eu vejo na menina de tua íris, a minha imagem refletida. Me conecto com você. E quando minha pele é acariciada com minhas mãos, eu sinto o quanto este amor me proporciona prazer pela reação que consigo reproduzir em meu corpo através de seu auxílio.

Você é tudo para mim: meu desejo, minha realização, a minha vontade e a minha alegria. Não consigo imaginar ninguém que o substitua, porque tudo em você é perfeito, é como um sonho, é como um processo respiratório. Nada é construído que não pertença a você.

Sei que sua imagem me completa e me contempla, quero sentir o seu gozo, quero aliviar meu estresse baseado na volúpia de observá-lo, sentir seu gosto, perceber o seu erotismo, ser capaz de dizer inúmeras vezes: eu te amo. Eu te possuo, eu te venero.

Tudo caminha para sentir este corpo, para satisfazer os elementos egoicos que me fazem perceber você como um espectro de minha felicidade. Nada mais é real do que isto que me dirijo a construir contigo este ensaio, este pensamento que tanto venero ao te perceber.

Suspirei agora, em profundidade, ninguém além de você merece o meu contentamento. Sou capaz de dar a vida a você. Os outros não me importam, não me importa nada que não lembre de você, não me importa nada que me faz completar o amor que sinto por você.

Você é o oásis da minha imaginação, é a luz que ilumina minha passagem, o Poseidon que me liberta da escravidão do trabalho, é a áurea que construí para meu caminho. É a âncora onde eu repouso meu navio. Sem você eu não sou nada, sou lixo, sou desvio de mim mesmo.

E quando me vejo através da menina de teus olhos, sei que estou represado dentro de ti. E este contemplar seu por mim é a prova de que sou amado por seu espírito.

Já perdi a conta dos dias que te contemplo. Você é a prova viva do que digo e do que falo, você sabe bem o amor que eu sinto por você, como real e uma semente duradora.

Não é promíscuo, é firme dentro da temperança de espírito, jamais profana o que verdadeiramente se sente e nutri um por outro.

Quando estou distante de você é como se estivesse isento de mim mesmo, vagando pelo um mundo em que construir não faz sentido, porque é uma falta que está presente e não alicerce de você mesmo.

Sou seu, essa é uma verdade que não é possível negar. Todos sabem desta construção, não me importa que percebam o quanto você é significativo para mim. Pode o dia estar ensolarado, pode a noite colocar a lua como candeeiro, pode a madrugada trazer uma névoa densa, o que verdadeiramente me importa é construir frente a frente minha realidade contigo. Porque você é a minha identidade, construção verdadeira do que realmente eu represento e do que eu sou.

Se algum dia perdesse a noção de mim mesmo, também acredito que não seria capaz de te reconhecer, já que você me acompanhou por toda minha vida. Será você minha identidade até quando o último sopro de vida sinalizar uma transcendência da sua exposição.

Assim, era amor demais, na esquina um tonel de lixo, do outro lado um gato a miar como quem pedisse ao seu dono que abrisse a porta para entrar finalmente em casa.

Geralmente um casal de namorados percorria a rua naquele mesmo momento, integrando a paisagem bucólica de Londres.

E eu como sempre conversando do lado de fora de casa, em frente a porta espelhada. Morava muitos anos dentro daquele bairro. Todos já me conheciam, e a cada dia ficava mais intrigado porque somente a porta se importava comigo.

Enfim, meio bêbado como sempre, e cambaleante, abri a porta, fui até a dispensa, peguei um pano e detergente, atravessei a porta novamente, um sorriso se abriu em sinal de reconhecimento de mim mesmo quando me encontrei com a porta espelhada, e como quem fizesse carícias devolvi a transparência e a lucidez para o espelho. Porque era através dele que conseguia de fato me conectar comigo mesmo, nada contra o espelho, mas tudo a favor da imagem que ele construía de mim mesmo.

Porque me amei desde o primeiro instante que aprendi a me significar, num reconhecimento de mim mesmo, em que não me importa a crítica alheia, não me importa a forma que me observam, porque em primeiro lugar se situa a cristalização de um autorretrato que eu mesmo ajudei a construir e a solidificar sobre a minha pessoa.

Sei do que sou capaz e me alegro disto. A imperfeição está nos olhos dos outros que me veem além do meu reflexo no espelho. Nada além do que sou me importa. E farei de tudo para proteger esta imagem de mim mesmo que ajudei a construir.

Sou excêntrico? Essa visão é o filtro que você colocou em sua mente, que fique para você, que não me importa saber sua opinião, porque me reconheço todas as manhãs em minha porta espelhada.

Tenho a mim mesmo. Sou autossuficiente em minhas verdades. A vaidade é um conceito dos olhos de quem emana preconceito no sentido de que construí uma pseudorrealidade que colabora para uma crítica pessoal para meu comportamento, no qual você consegue apenas identificar o que está a borda, e não o que sou internamente.

O espelho verdadeiramente não me importa, só me importa observar que quando estou diante dele a menina dos olhos que apreendo é a superfície de minha identidade.

Fractais

Fractais são formações uniformes e perpendiculares que são formadas a partir de pressão e ondas de energia que vibram concentricamente em relação a um eixo principal.

A expansão de um conteúdo, como por exemplo um floco de neve, obedece uma lei em que um vetor gravitacional é responsável por expulsar a quantidade de água excedente do centro de uma massa, sofrendo um rápido movimento de condensação, não suficiente para esgotar a influência sobre a massa periférica, que ao replicar as leis que a influenciam transforma réplicas cristalinas sobre o mesmo fenômeno até que toda a condensação seja integralizada.

O sentido em que a projeção concêntrica desencadeia uma força de propagação sobre a formação irá determinar o tipo de “designer” que irá formar as unidades de condensação em arestas geométricas.

Os fractais estão presentes no ambiente em configurações de plantas, animais, minúsculos seres vivos marinhos e fenômenos da natureza.

Se manipulado com inteligência poderá ser aproveitado para o transporte de moléculas com funções medicinais específicas dentro do corpo humano, de forma que a estrutura fractal teça uma rede em que suas conexões permitam criar armadilhas para patógenos dentro do corpo humano.

Ou na área de inteligência represar uma massa de informações que somente quando aberto, em um princípio de semente germinativa, um decodificador conseguir fazer a leitura e liberação da informação nele contida.

Servir como chave para um temporizador, em que seu desdobramento integral opera um circuito no qual faz a abertura de um contêiner de informações relevantes.

Pode ser aplicado para a produção de “nanocítos artificiais” que ao serem introduzidos dentro do corpo humano, quando uma variação física como um ph elevado for suficiente para a abertura destes circuitos artificiais, a toxina liberada atinge o músculo, nervo, ou órgão que sofre uma influência cancerígena e o elemento intrusivo é eliminado do corpo humano.

Pode servir como instrumentação e codificação na geração de senhas de alta precisão, ou para gerar um mapa de deslocamento em que deve um objeto aéreo seguir de acordo com as coordenadas produzidas da formação do fractal quando aberto, impedindo a necessidade deste mapa de ter que ser conduzido por instrumentos eletrônicos que podem ter seus circuitos cortados por ondas eletromagnéticas.

Pode ser um importante instrumento de gravação de dados que exige criptografia, ou carregar estruturas de programação que funcionem quando o fractal estiver corretamente aberto, bem como reverter em uma estrutura de decisão, em que a combinação de diversos fractais torna o mecanismo funcional e robótico ao ponto de transmitir funcionalidades específicas para ser despertadas em um corpo ou aparelho que requeira uma manipulação orgânica.

É um sistema de distribuição de cores bastante interessante e desperta aspectos de eustresse em seus usuários, muito aplicados em tecidos e malharias diversas, importantes influenciadores do desejo, da libido, do prazer, da conformidade e principalmente da atratividade.

Fractais podem ser estruturas que podem ser utilizadas como filtros, principalmente para a purificação de líquidos como a água.

Estruturas fractais podem ser misturadas em argamassas para geração de efeitos que criam uma estrutura arqueada de petrificação, de sustentação óssea, ampliando a durabilidade do cimento. Em um processo em que as estruturas fractais são acionadas com o nível de umidade da argamassa que em contato desperta a estrutura fractal para o seu crescimento a fim de quando compactada pelo processo de secagem o fractal esteja completamente aberto servindo de suporte para a estrutura.

Sementes fractais podem ser desenvolvidas para enfeitar recipientes com conteúdos líquidos em que o contato com a substância aquosa é suficiente para fazer que o fractal floresça dentro do recipiente, tomando conta de toda a estrutura interna de um vaso.

Fractais podem ser utilizados como sinalizadores dentro de conteúdos líquidos informando a um usuário quando uma infusão está pronta para o consumo pelo despertar de uma coloração específica em seu conteúdo químico.

Pode ser um importante instrumento de medição para saber se um conteúdo líquido possui uma toxina que pode ser nocivo para a saúde antes de sua ingestão.

Pode servir de tecido conjuntivo a fim de cicatrizar ferimento no caso de pessoas que tem problemas de cura de abscessos presentes na pele.

Pode ser utilizado como estrutura alimentícia, a partir da construção de fermentos inteligentes que dão granulidade para pastas e permite a observação de crescimento e expansão de materiais alimentícios.

Deve-se levar em conta que as tecnologias que envolvam fractais têm que passar por um estudo bem elaborado de influências de pressão, temperatura, condensação, expansão, energias e interação com outras substâncias.

O nível para se trabalhar com estas tecnologias é de exigência de trabalho laboratorial com equipamentos de precisão atômica.

Se não somente será possível visualizar fractais como sendo elementos vitrais que embelezam culturalmente a vida humana, sendo que seus benefícios podem ser estendidos por várias áreas e representar um avanço significativo para a humanidade. Poesias fractais também são de rara beleza, e elementos descritivos fractais são capazes de formar uma imagem dentro do intelecto.

Desídia

Desídia ou preguiça é uma disfuncionalidade cerebral interligada a ausência ou baixa quantidade de estímulos, insuficientes para fazer com que um indivíduo se influencie para a realização de uma tarefa. Também pode ser percebida como uma disfuncionalidade de uma mente muito ativa que perde o foco sobre a ativação da tarefa principal, em que sua energia é minada para outras ações ou não ação, em face apenas de deslocamentos psíquicos que não conduzem a ação de urgência (necessidade da hora, necessidade da vez, necessidade mais importante para agir no momento) necessária para o momento.

A desídia pode surgir a partir de um movimento de resistência de um indivíduo que não está consonante com o seu objetivo de vida, em que o castra em termos de condução a motivação para a realização da tarefa, surgindo como bloqueio o ócio ou a inatividade. Neste caso os elementos que provocam resistividade devem ser racionados e transformados para soluções, em que implique numa melhora da atividade do indivíduo sem que a reserva de valor atinja a sua autoestima.

Quando uma atividade não faz parte do regime de urgência de um indivíduo, os fatores emocionais e comportamentais que influenciam e moldam a motivação psíquica não emergem no consciente humano, o resultado desta falta de ação é a conversão a um pensamento automático que libera razões para que um indivíduo deixe de exercer ou executar uma atividade. Neste caso atividades de diversão e lazer tais como esportes radicais, podem contribuir para que o indivíduo desperte para a atividade.

Quando um indivíduo não possui componentes que o dotam de energia, dificilmente ele encontrará disposição para realizar uma determinada tarefa. Pode ser o caso de regular a alimentação para que o nível de energia se posicione num padrão adequado.

Quando o fluxo de pensamentos é interrompido por uma variável interna ou externa, como por exemplo o uso de ansiolíticos, a consequência natural pode ser uma baixa no nível padrão de atividade, que se muito prolongado pode ser percebida também como desídia. Neste caso para resolver o problema é necessário estudar e controlar a fonte estressora. No caso de medicamentos o relato da desídia deve ser informado para o médico que providencie a adequação da dosagem que não irá incomodar o paciente.

A principal causa de desídia é o corte do fluxo de raciocínio, no qual o indivíduo não consegue se manter ativo em relação a necessidade de urgência, na sua correspondência ambiental. Neste caso uma boa leitura de um livro pode instigar um indivíduo novamente a recomposição de sua força de trabalho.

A mente preguiçosa dificilmente consegue se adaptar as demandas ambientais, e fatalmente esse indivíduo, de qualquer espécie, é fadado a ser absorvido pelo meio, porque se torna inabilitado a correspondência com as necessidades ambientais. Neste caso atividades físicas podem contribuir para que o indivíduo passe a produzir as substâncias que o façam dotar de vigor e vitalidade para um estado ativo de comportamento.

A desídia promove as desconexões cerebrais, porque inibe a capacidade de evocar pensamentos, no qual as conexões mentais passam por um processo entrópico desfazendo-se pela falta de uso com o relativo tempo de inatividade.

Processos de estimulação cutânea, estimulação visual, estimulação auditiva, gustativa e olfativa devem ser aplicados como tratamento a fim de provocar o gatilho que tornará a mente novamente ativa e em um nível de operação mais elevado que permita fazer fluir uma lógica de composição cerebral, e fazer tornar ao posicionamento de rotina o nível de execução do raciocínio em um indivíduo.

A preguiça também pode surgir a partir de um esgotamento, em que o nível de energia necessária para outras atividades é tão baixo que o indivíduo não consegue concentrar e reunir forças para a correspondência de outras atividades. Neste caso, o tratamento é o repouso, infiltração de energia solar, e alimentação com vitamínicos suficiente para que o organismo passe a produzir sintetizadores de energia.

No caso da desídia provocada por mudança de foco, deve um indivíduo praticar técnicas de concentração que o façam perceber a realidade mais próxima e necessária de ser trabalhada, e deixar para segundo plano a outra realidade que o distancia do seu regime de urgência, mesmo que ela seja apenas atividade mental ou psíquica.

A desídia por mudança de foco também tem outra variante, que é a não conclusão da atividade, em que um indivíduo abandona a tarefa sem efetuar a sua conclusão. Neste caso deve ser feito um estudo dos fatores que interligam a ansiedade, a expectância da tarefa e a motivação para a realização. E a partir deste levantamento e análise clinica, reproduzir o espaço cognitivo para que a adequação a sua real necessidade converta na solução que irá trazer o indivíduo para a correta sequenciação das tarefas de que necessitar realizar.

A observação da desídia eleva o grau de preconceito quanto a um indivíduo, afrouxa a relação com as pessoas mais ativas pela observação de processos mais constantes de conflito, afasta os indivíduos do convívio familiar e social, aproxima os indivíduos de uma mente reflexiva negativa no qual torna-se a porta aberta para a depressão, não permite que um indivíduo se conecte com forças de atração para desenvolver a satisfação, alto autoestima e a sensação de realização pessoal ou profissional, impede o acesso as atividades profissionais, de lazer e de relacionamento emocional e afetivo, o tempo gasto com a desídia impede o indivíduo de aproveitar a sua vida em toda a sua potencialidade e como estrutura comportamental não é benéfica para a vitalidade de um indivíduo. A preguiça provoca atraso no desenvolvimento humano porque afasta o indivíduo dos meios de produção, e como consequência a ociosidade toma o tempo impedindo que o indivíduo se prepare em relação as necessidades ambientais, gera um padrão de proximidade e espera letal da morte, e colabora para que o indivíduo não prospere espiritualmente, conscientemente e socialmente.

Ajuda

Ajuda é uma intervenção consciente e reflexiva cuja base é a empatia, que visa transferir conteúdo dentro do padrão de comportamento de um indivíduo que situa seu foco e atenção dentro de uma área de conflito, que projetivamente se instala um problema que a conectividade da ocupação cerebral não é capaz de reduzir ou retirar o indivíduo de seu sofrimento psíquico.

O efeito consciente se refere ao conceito de ser um item valorativo e racional calcado em um conteúdo de boas práticas que aproxima o sujeito de uma solução que o retira da condição de vítima.

O efeito reflexivo parte de um princípio em que um indivíduo seja capaz de autoavaliar sua performance para perceber que tipo de influência está exercendo sobre a pessoa que venha a necessitar de auxílio.

Outro princípio que deve ser seguido é a empatia, pois toda intervenção deve se pautar pelo preceito de respeito as liberdades e ao livre arbítrio, então a solução a ser encontrada deverá se pautar dentro de um limitador, que somente é possível se a pessoa que propõe ajuda é capaz de se colocar no lugar do outro, e que saiba interpretar os efeitos que o sofrimento é desencadeado sobre o indivíduo.

Como transferência de conteúdo, a ajuda deve ser capaz de ter catalogado dentro de si uma experiência e experimentação que seja consistente o bastante para que a intervenção devolva o equilíbrio homeostático de um indivíduo.

O padrão de comportamento do indivíduo carente, do qual a ajuda é necessária, pode estar vinculado dentro de uma rotina que a recorrência torna a atividade deste indivíduo enclausurada dentro de pressupostos que o aproximam sempre da situação geradora de conflito.

Por sua vez, foco e atenção, represam o aspecto laboral da mente humana, no qual o indivíduo passa somente a se sentir próximo dos objetos que o vinculam com as estruturas de desprazer, ou o desencadeamento da sensação negativa, visto como um prazer invertido, que corrobora para a intensificação do desconforto. No qual o tempo de atuação do foco e atenção fica retido no imaginário na forma de dor, angústia ou demais afetações.

Quando um problema é projetivamente instalado, o indivíduo perde os fatores de atração para outros eventos que estão disponíveis para o seu agir dentro do contexto ambiental onde está inscrito sua história de vida. Desta forma soa mais célere um processo interventivo consciente e reflexivo, do que esperar que o efeito da exaustão do aprendizado do encarceramento psíquico deste indivíduo contribua para seu amadurecimento e saída de seu conflito psicológico.

A conectividade da ocupação cerebral tende a se estabilizar dentro de uma rotina no qual o sujeito facilmente se identifica com um regramento em que fenômenos auxiliares, vistos como entes reativos, desencadeiam elementos de expressão tornando público e social os elementos represados em sua estrutura psíquica que o abastecem como pertencentes a sua personificação, como uma personalidade que busca normatizar para o ambiente aquilo que é objeto de sua ocupabilidade.

A redução do sofrimento psíquico ou a eliminação dos elementos que tornam sua atividade constante e perene é um grande desafio para profissionais que observam a angústia de uma pessoa que sofre devido este tipo de enclausuramento psíquico.

Os processos de ajuda são desafiadores, uma vez que o profissional deve estar atento ao ponto em que o nível da intervenção é requerida e não venha a comprometer ainda mais a frágil percepção de estabilidade psíquica de um indivíduo.

O grande entrave do processo de intervenção é sem dúvida o fato das intervenções terem que serem processadas com o aparelho psicológico em pleno funcionamento. E uma peça mal encaixada, que afeta o entendimento do profissional que faz a intervenção, pode fazer com que o quadro do indivíduo que sofra seja alterado para a percepção de outra fase que as implicações reativas ainda não exploradas dificultarão em muito, os rearranjos seguintes que permitiram que o indivíduo retorne gradativamente para a homeostase.

Por outro lado, também o profissional que usa de empatia, se não tiver um sistema de defesa em que promova um reconhecimento de suas funcionalidades, pode facilmente se afetar pelo delírio onde está encarcerada a vítima, desta forma é coerente que um profissional que deseja trabalhar dentro deste setor possa ter disponíveis ferramentas que sejam fáceis de serem aplicadas para a própria manutenção do equilíbrio do profissional.

Essa atividade é muito requisitada em diversos níveis de atuação, não existe um padrão de atendimento em que seja possível gerenciar linearmente a atividade como sendo propagadora de desenvolvimento, retomada do equilíbrio e bem-estar de pessoas.

Geralmente os profissionais que se preparam para auxiliar outros indivíduos, se segmentam por áreas de atuação, onde é possível controlar em maior grau o tipo de problema ao qual é necessário intervir. A mente humana fica apta a reconhecer os sinais de transtorno, identificação projetiva, identificação de conflitos, indenização de problemáticas, no qual o sentido strito sensu torna as habilidades mais flexíveis, perceptíveis e estáticas que permitem chegar mais rapidamente ao ponto central que irá retirar o indivíduo de sua dor ou transe psíquico.

Mesmo que uma pessoa seja não habilitada para oferecer auxílio, ela pode oferecer para alguém que sofre a sua experiência pessoal para lidar com o problema a fim de transferir o conhecimento necessário para que o outro, possa compreender o caminho a perseguir para sair de sua situação de angústia. Toda ajuda deve ser pautada por princípios éticos, em que fatores de moralidade não possam ser colocados sobrepondo os interesses e pontos de vista da vítima que possui estrutura comportamental diferenciada da moral que se vincula quem deseja prestar auxílio.

Monotonia

Monotonia é o condicionamento a um padrão em que níveis de reação são de baixo padrão de ativação, havendo uma limitação da força de trabalho de um indivíduo, percebida como enfraquecimento, falta de ânimo, inconstância, desídia ou nostalgia. É o apego a uma única frequência cerebral, vista como um padrão síncrono, em torno de uma única força cerebral (pulsão dominante) que não permite a uma pessoa se indexar a outras atividades.

O ócio pode ser uma das componentes que podem ser encontradas dentro de uma monotonia, no qual uma identificação sem expressão, represa o indivíduo num imaginário que lhe extraí completamente o seu vigor e o condiciona ao represamento em torno de um núcleo central de pensamento.

Por outro lado, a monotonia se enquadra em um padrão estético estável, no qual o indivíduo dentro do padrão sente uma sensação de quase ausência de preocupação, que é incapaz de elevar o seu nível de estresse.

A sensação de letargia, que engloba o aspecto monótono provoca uma ruptura da necessidade de imprimir um raciocínio que o faz aproximar de inúmeras ideações, para formar elementos projetivos que distanciam o indivíduo da realidade.

Quando um padrão de funcionamento cerebral sofre um processo de refração monótona o indivíduo começa a perceber uma diminuição do ritmo impregnado para os processos de evocação do pensamento.

Um modelo de monotonia pode ser sugerido como uma forma de gestar o cérebro humano e retirá-lo de aspectos condicionantes de estresse elevado, devolvendo o equilíbrio e permitindo que o organismo se prepare para se abastecer de energia suficiente para impregnar no futuro novos ciclos de ação.

A monotonia pode ser percebida como um freio à condução, vista como um estímulo externo, que suaviza o tempo de trabalho que um indivíduo se condiciona ao seu funcionamento cerebral.

A monotonia pode ser um estado de transição entre o elevado padrão de funcionamento cerebral e o estado de meditação que a pacificação absoluta do pensamento para que o indivíduo possa recompor suas energias.

Encarada erroneamente como elemento disfuncional, que eleva o sofrimento humano, pode ser na realidade uma forma de resolver um problema em que o desenvolvimento laboral aplicou níveis cada vez maiores de exigências por funcionalidade ao cérebro humano.

Então um indivíduo em elevada concentração de pensamentos, pode gerar uma procedure, ou seja, uma rotina, que irá aos poucos reduzir o padrão de afetação neural, permitindo que o cérebro humano comece a desconectar o esforço excedente em que uma ação não é mais requerida, e que este processo de pacificação, permite ao indivíduo reduzir seu esforço por elevar pensamentos em seu intelecto, a fim de que um princípio básico passe a afetá-lo exclusivamente, e os níveis excedentes de energia possam ser realocados na máquina humana, em outras funcionalidades, como a respiração, a pressão arterial, os batimentos cardíacos, e o controle dos espasmos musculares.

De forma que uma receita de bolo, como regra prática, está num princípio do indivíduo compreender o nível de exigência modelo de sua excitação em seu cotidiano.

Ao partir desta observação de si mesmo, o indivíduo ser capaz de renunciar ao pensamento excedente em que o regime de urgência torna seu “cultivo” desnecessário para o comportamento de um determinado momento.

O processo de poda do pensamento, requer que o indivíduo diminua a importância relativa que a ação tem para si em ser conduzida no momento em que se deseja provocar a atitude de relaxamento dentro do corpo humano.

Então um controle do nível de energia irá permitir, num nível de superexcitação, descolocar elementos pulsionares para partes esquecidas do corpo, através de movimentos conscientes e mecânicos que induzem ao movimento.

Uma vez a mente estar preparada, por redução de atividade, ao declínio de sua atividade, o estado de monotonia é atingido, e basta para um praticante continuar no procedimento de redução da atividade mnêmica que o estado de meditação é finalmente atingido, mesmo que temporariamente.

O processo inverso, corresponde, ao indivíduo se permitir incitar por meio de estímulos, que o permitirá gerar correspondências com ambiente que lhe permite sair do estado de contemplação ou meditação.

Esse elemento de ocupação inicial que gera um pensamento restrito deve ser reforçado a fim de que o estado de monotonia seja atingido. Uma vez em estado monótono um padrão primitivo de funcionamento é gerado dentro do cérebro humano, a partir deste embrião de funcionamento, os passos seguintes é encontrar novas relações presentes no ambiente que permitem a um indivíduo indexar novos atrativos, que são fontes de ativação sensorial, que permitem a uma pessoa ampliar o padrão para um funcionamento mais robusto.

Para que o funcionamento seja mais robusto, e saia do padrão nostálgico, ou monótono, o indivíduo deve aprender a ativar-se diante das necessidades, percebidas como regime de urgência, que provoque reações, mesmo que tímidas que permitam a um indivíduo, gestar uma ou mais ações, em torno da canalização, para fazer com que as forças pulsionares sejam canibalizadas de outros centros, para uma supercanalização em torno do evento que ganhou em escala de importância o centro volitivo de um indivíduo. E criar uma rotina em torno do núcleo de pensamentos.

A supercanalização eleva o padrão de funcionamento de um indivíduo, aproximando-o de níveis de reação elevada, ou ruptura integral de seu estado funcional, onde o risco de aproximação do sofrimento é bem mais elevado do que um nível de funcionamento cerebral em que as demandas são mais harmonizadas.

Âncora

Uma âncora é um aspecto psicofísico represado que ao ser evocado se funde em uma relação lógica para direcionar o sentido do fluxo de informações para provocar uma reação psíquica ou motora. As âncoras são elementos assessórios, em que deforma o sentido original de uma conceituação, em que o viés permite calibrar uma aplicação que se destina a utilização de um argumento.

Assim, para a palavra “casa” vista como sendo um componente principal, no qual o sentido é a base da informação, uma âncora como por exemplo, “amarela” deforma o sentido original dentro de um princípio de particularidade, em que o usuário da informação projeta em sua mente um aspecto cognitivo restritivo que irá sintetizar o tipo de reação somática que se deseja impregnar para compor uma reação.

As âncoras, podem ampliar, restringir, canalizar, suavizar, reduzir, sublimar, realçar, condicionar, reavivar, transacionar, rotular, fazer apropriações, mesclar ideações e conceitos, subtrair propriedades, somatizar propriedades, comutar ações, valorizar conceitos, valorar procedimentos, esconder propriedades, fundir propriedades, sintetizar conceitos, organizar ideias, gerar conectivos diversos e realocar outros mecanismos cognitivos (existem outros princípios ainda ignorados por mim).

As âncoras dão um direcionamento para que um sentido lógico seja desencadeado pelas vias de expressão. Um texto quando combinado com diversas aplicações lógicas por intermédios de âncoras tem sua forma definida dentro de um molde de complexidade que exige do leitor habilidade para processar mentalmente a informação em seu cérebro, para ser mais exato, em sua mente, na região do intelecto.

Dentro do contexto Freudiano em que Jaques Lacan evoluiu o sistema consciente e inconsciente para quatro modelos projetivos considerados válidos em sua época e os conceituou como estratégias de discurso, é possível conceber a âncora como sendo o elemento oculto, não visualizado por quem se apresenta por uma ou mais, vias de expressão, em que se apoia a estratégia de uma pessoa no sentido de prevalecer o conhecimento que tem valor e importância, no sentido de relevância de uma relação mórfica no qual a base que instiga os atores do ambiente a agirem conforme o discurso, a terem como embasamento algo que se retém, para que o sentido necessário da retórica possa ser gerado de um princípio de bifurcação do diálogo, onde se deseja formar o laço em que um indivíduo passe a depender de uma relação de aprofundamento do outro.

Nesta relação, a âncora guardada dentro do inconsciente, corrobora para que o indivíduo receptor da informação, em uso de seu sentido auditivo, possa aprender a praticar a escuta, e exigir através do enlace da comunicação que a permuta da informação possa ser gestada, a fim de formar um diálogo em que a construção permita um processo de identificação e descoberta para o um aprofundamento mútuo, onde a cada novo desenvolvimento silábico, o elemento “enclausurado” ou “oculto” possa vir à tona como desdobramento da arte de expressar, o que pensa e o que se reteve para tornar necessária a conjugação entre pares da necessidade de relacionar pessoas em permuta de comunicação.

Estilos e comportamentos diferenciados geram estratégias diferentes de ancoragem. Alguns indivíduos preferem colocar o inconsciente a céu aberto, a fim de que a clareza das colocações reverta em maior conhecimento para o agrupamento, outros porém, se condicionam a agir de forma mais ou menos oculta, fazendo uso do inconsciente, no qual a restrição ao acesso integral do que se projeta é uma forma de causar dependência direta a um conhecimento e aprendizado.

Não existe uma forma de utilização do processo de ancoragem que seja ideal, isto vai depender do estilo que uma pessoa emprega para sua personalidade, e das exigências funcionais que um indivíduo intenciona perseguir para corresponder a uma necessidade ambiental percebida por um processo lúdico para corresponder as necessidades de aprendizado de um agrupamento.

A ancoragem quando não é devidamente calibrada distorce o sentido original passando a sensação de desordem ou confusão mental em quem é receptor de uma informação. Muitas vezes o que foi exposto no parágrafo anterior, é objeto de distanciamento da realidade grupal, que pode ser observado do ponto de vista de um observador que ao perceber a expressão do sujeito, passa a catalogar a informação como divergente da apropriação dos signos que instituem o processo de linguagem.

Alguns tipos específicos de engramas carregam as informações psicofísicas que se indexam projetivamente aos conceitos, embora os conceitos também são abastecidos por outros engramas mais complexos, da ordem de fluidez de energia mais estática que os da ancoragem, permite a fixação do elemento conceitual em vez de deformidade (trajeto), em que a energia se desequilibra e perverte a relação original do signo criando uma relação de canalização energética.

As âncoras podem ser classificadas como psedoconceitos, que têm como propriedades o encaminhamento de fluxos para outras regiões mnêmicas a fim de promover o processo de aquisição de novas informações pela ativação de conceitos nucleares que aproximam a ideia que se deseja compor na mente a fim de ser organizada para uma forma de modelo de expressão do pensamento.

Quando a energia que flui por uma âncora é suficientemente estática, é possível que a retenção, transforme-a em codificante, em vez de ferramenta de aproximação da codificação, ou conceito. Então há que perceber uma certa similaridade com atribuições diferentes nestes dois tipos de processos somáticos que são observados como conceito e conceito-âncora, no qual é afetado pela relação lógica que é construída de acordo com o regime de urgência, volição, necessidade do indivíduo, desejo, relações e estrutura de prazer e desprazer, libido e gozo que um sujeito estabelece para fazer fluir sua relação de troca energética com o mundo.

Insulto

Insulto é uma verbalização expositiva de um conflito desferida para outra pessoa com o intuito de provocar uma reação destrutiva sobre a mesma. Como se o indivíduo ofensor organizasse uma comunicação da necessidade de desfazer da influência interna que o sujeito agredido deslocou sobre a área de entendimento exclusivo da pessoa ofendida.

O insulto tem como base uma mágoa, angústia, necessidade de querência, inconformismo, não aceitação, negação da realidade, ou outro aspecto que tenha invadido a área exclusiva de um indivíduo.

A verbalização é uma válvula de escape onde o indivíduo encontra esta forma como meio para representar a sua aflição, que é desencadeada para o ambiente na forma de insulto, ou seja, manifestação de desacordo com a realidade ambiental.

O insulto é uma das formas não racionais que as pessoas encontraram para separar definitivamente um ato relacional, ou de comunicação permanente.

Ele gera uma exigência sobre a pessoa agredida de promover o rompimento da relação, por não suportar o peso ou a carga da afetação relacional que é desencadeada para o ambiente.

O insulto gera segmentação, e deslocamento das relações de alta, média e baixa estima. Gera uma progressão no sentido de resolução do conflito através de sistemas de apartheid. E corte das relações de empatia, compaixão, comunhão e solidariedade.

A saída da zona de intersecção do comportamento se rompe, o efeito direto é o distanciamento e acúmulo de elementos destrutivos que se somatizados passam a interferir internamente nos indivíduos que se sentem ofendidos dentro deste contexto de exclusão comportamental do ato relacional.

A zona exclusiva de um indivíduo, é a parte de uma pessoa, em termos de estrutura cerebral em que a influência externa é amplamente inibida por nada que se esteja integrado ou ancorado ao esquema estrutural psicológico de uma pessoa. E que os entes externos são lentamente indexados dentro desta zona.

Quando esta zona exclusiva recebe uma descarga e somatiza uma reação contrária a sua necessidade, desejo, prazer, libido ou volição; é suficiente para afetar a homeostase cerebral, dando vazão, como válvula de escape na ação em que o insulto é encaminhado para a expressividade de um indivíduo.

É um evento reativo que pode estar ancorado ou projetado sob várias sustentações, e não necessariamente sintetizar um movimento de expulsão relacional, como pode também sintetizar uma tentativa de enquadramento para dizer a outro indivíduo o grau de correspondência exigido para que o laço continue dentro de um contrato de permuta de sinergia ambiental.

O insulto tem a propriedade de criar correligionários e adversários, os primeiros para as pessoas em fase de concordância com os atributos levantados pelo agressor ou agredido; o segundo atribuído como uma identidade que pretenda perseguir o pensamento que se cristaliza de forma antagônica ao entendimento.

O insulto é uma componente desviada do eixo racional carregada de emotividade. No qual se tenta convencer a pessoa agredida que seu comportamento não condiz com a exigência para fixação do relacionamento.

Neste contexto, o relacionamento, é qualquer par que haja permuta de comunicação, e não no sentido de laço matrimonial. É um laço que se forma em um gerenciamento de uma informação que duas ou mais pessoas dependa do mecanismo de permuta de informações para gerar entendimento, desenvolvimento e sinergia entre os seres.

Parte de um princípio de discordância, de um modelo de comportamento ou conduta que gere um efeito motivacional em gestar a sequência de informações que atingirá a estima do indivíduo alvo de uma ofensa.

O insulto gera instabilidade ambiental, e torna os vínculos entre pessoas mais duros e amargos, em que crises sociais podem ser verificadas no ambiente toda vez que uma discussão se despende de um argumento racional.

É uma das formas de se perder uma guerra, do ponto de vista que um indivíduo que perde a razão se desvia da frequência mais branda que o aproxima da resolução do conflito, e passa a se ancorar a partir de atributos de perseguição que o distanciam do real motivo de seu atrito, segurança e aflição na condução de uma reclamação que não é aderente ao seu estímulo de vida.

É a porta de entrada de muitas doenças, uma vez que um organismo ressentido deixa de corresponder as demandas ambientais e passa a produzir uma infinidade de substâncias tóxicas que corroboram para afetar ainda mais o organismo antes sadio.

É uma forma de satisfazer e convalidar uma verdade interna, como estrutura de autorrealce em que o indivíduo administra a si mesmo para sobressair em uma área que venha necessitar firmeza e enrijecimento das relações com outros indivíduos.

O insulto é o uso de um tipo de inteligência pouco mapeada, que serve com o propósito claro de inibir uma ação no qual o indivíduo agressor se observa no direito de exigir conexão.

Afeta o ambiente, uma vez que réplicas de sofrimento passam a se alastrar pelo ambiente com o processo de identificação que o agrupamento sofre com a proximidade de um conflito.

O sofrimento causado por um insulto pode levar dias, meses ou anos para ser esquecido, pois ele possui conexão direta com o reforço neural que está vinculado com a memória de longo prazo, e pode banir ou prejudicar um sujeito definitivamente, aprisionando-o em um padrão de culpa, ressentimento ou delírio que o impede de prosseguir sua vida dentro do nível de urgência ambiental.

Acesso

O Acesso é algo que se permite dar passagem, transitoriamente ou fixamente sobre uma demarcação que representa uma ruptura entre dois meios, onde o segundo, objeto de transição, somente sob condições específicas e/ou especiais é permitido o livre trânsito ou deslocamento.

Vinculado ao acesso está um sistema de chaveamento, que é controlado por barreiras que impedem que a pessoa não habilitada seja capaz de acessar o conteúdo ou ambiente interno privativo daqueles que possuem o código de acesso.

As barreiras impedem a liberdade, como uma porta que estabelece um limite do que está fora e do que está contido. No qual os meios somente permitem a circulação por vias de acesso exclusivas.

A finalidade do acesso é controlar o que se transita, através de medida de afunilamento, principalmente em sociedades em que os recursos são escassos e as pessoas disputam pela concentração de instrumentações e matérias.

Serve como medida restritiva, para que apenas as pessoas que tenham autorização sejam permitidas transitar por determinado local que coexista um vínculo associativo.

Inserido em equipamentos, o conceito restringe instruções, ou condiciona perfis de acesso, no qual o trânsito de informações fica vinculado a um grau de comprometimento com a informação.

Na esfera orgânica pode ser percebido através de estruturas chamadas esfíncteres, ou outras barreiras de tecido que são permeáveis ou impermeáveis a determinados componentes que circulam na corrente sanguínea.

Na esfera marital permite o contato com o órgão sexual da pessoa que se vincula o contrato matrimonial. Embora algumas correntes doutrinárias limitem o uso abusivo desta cláusula a fim de permitir a conservação da integridade, dignidade e manutenção do corpo.

Muitos sistemas comerciais permitem a passagem para o contato com bens, produtos e serviços, apenas com princípios de valoração antecipada, geralmente organizadas na forma de uma vinculação estatal que gera o lastro de um papel, que simboliza um esforço apropriado de livre transferência, que pode ter por base algum elemento presente na natureza de grande valor para a sociedade, que dá direito a apropriação de um conteúdo que acredita depender a posse para o desenvolvimento pessoal.

O diploma é uma forma de acesso ao exercício de uma profissão. É um endosso de que o indivíduo é apto, pelo fato de ter incorporado as regras que estabelecem a forma de uma atividade deva ser conduzida para que a excelência seja preservada para o fato.

Um acesso pode ter uma janela restritiva ou muito ampla, pode sinalizar um tipo de comportamento que libera a passagem para quem atingir a meta, ou sintetizar uma gradação de fatores em que níveis são organizados e estruturas sucessivas de aberturas são organizadas para que após a conclusão de cada etapa, possa uma pessoa se coordenar para acessar a etapa seguinte.

O acesso transfere a legitimação do conteúdo para o indivíduo que tem autorizada a sua passagem. Muitas vezes tornando solidário quando a preservação, manutenção e manuseio do conteúdo que está além da passagem.

Passa a ter pertencimento, no sentido que o indivíduo que se vincula com o meio ao qual se deu a passagem, torna-se percebido como um igual, geralmente em escala de responsabilidade com outros de similar vinculação.

Alguns acessos restritivos permitem a vinculação com um objeto, na obrigação de desvinculação de outro objeto externo.

Outras, porém, por intermédio da ampliação, expandem a compreensão em que a passagem se torna de livre acesso ao nível imediatamente inferior dentro de etapas sucessivas de transição.

Um acesso pode permitir que a via de transição de informações transite entre emissor e receptor, e todas as outras combinações possíveis de comunicação, pois parte do princípio de liberdade de um conteúdo quando uma situação é favorável para a apropriação da informação.

Existem acessos que fecham as portas anteriores de forma definitiva, em que o acesso retroativo não é mais permitido para o indivíduo que se vincula ao outro meio. Exemplo: parto.

Os acessos aferentes e eferentes do corpo humano trabalham em sistemas de acesso, no qual a frequência de um pulso se interliga a um limiar, em que é exigido romper um potencial absoluto para que a comporta possa ser aberta, e assim, encaminhar a pulsação, ou seja, a informação, para a porta seguinte.

O acesso é percebido como um processo de aprendizagem, em que a compreensão que torna o elemento apreendido, um elemento racional, se vincula a um processo em que é permitido a um indivíduo avançar na direção de outro aprendizado de ordem superior, ou seja, de maneira mais complexa, que as conexões passadas, passam a incorporar o aprendizado mais recente. Este processo de acesso estabelece um vínculo biológico, no qual as aquisições metacognitivas servem para moldar a estrutura fisiológica com componentes, na forma de exercícios, que fazem a estrutura corpórea de um indivíduo progredir internamente, em que os efeitos esperados se encontram sobre o sistema reativo do indivíduo e as vias de expressão que são ativadas com o florescer dos ensinamentos apropriados por um ser humano.

Os vínculos biológicos gerados dentro do corpo humano se incorporam a estrutura de DNA, no qual o progresso da espécie passa a ser percebido por melhorias que são incorporadas indivíduo a indivíduo geração após geração. Em um sistema de acessos inteligente, que os princípios e mecanismos de evolução raramente são percebidos e interpretados pela civilização.

Homologação

Homologação é o ato de validar uma ação através de uma ação declarativa, que institui com o rito, uma relação em que se fixa um procedimento de igual teor, para um conteúdo de uma ou mais atividades humanas. É um ato de dar fé pública a determinado procedimento que inscreve uma atividade dentro de um registro sequenciado dos fatos que produziram a atividade.

Geralmente a inscrição de um objeto a ser homologado necessita de campos de registros que identifiquem a temporalidade e localidade em que o objeto se vincula aos fatos gerados.

A homologação é uma fotografia-registro da passagem de uma atividade humana, geralmente representada na forma de expressão de uma linguagem escrita, que um conteúdo característico de seu trâmite ou passagem, oblitera o objeto escrito, ou outro que sirva de anexo, a fim de comprovar a existencialidade ou procedência de uma informação.

A fé pública, é um efeito de gerar um entendimento em que as representações fixadas em um auto, sirva de referente e reconhecimento do gestor que auferiu a informação, para que outras validações sucessivas possam ser percebidas pelos indivíduos que tiverem acesso a tais conteúdos pictográficos-simbolizados.

O procedimento fixo, represa uma informação de registro, no qual um livro acessório, ou outro procedimento mecanizado, é capaz de deter aspectos complementares desta passagem, no qual torna possível averiguações caso sejam necessárias para efeitos de auditagem.

Nos casos em que não coexistam livros de registros auxiliares, a fé pública recai sobre o processo de assinatura de indivíduo instituído legalmente para constatar o material em um rito de passagem.

Uma homologação também pode ser um atestado que se pratica, como um ato que exerce influência sobre uma brevidade de tempo, observada sob o foco de uma fotografia, como por exemplo, uma corrida de velocistas, em que o instante da partida e da chegada é registrado por um equipamento, e um técnico, avalia a imagem, no qual irá determinar se os limites foram obedecidos, ou algum procedimento proibido ao longo do percurso foi motivo de invalidação dos efeitos que se reproduzem na chegada.

Portanto, homologação é um atestado de que o ato foi realizado de forma perfeita, e que seus efeitos podem reproduzir com o consentimento de um avaliador habilitado que os instituiu em uma percepção de fé pública, em que o indivíduo consciente de sua veracidade conta com a peça instrumental para ter direito de usufruir dos benefícios que o objeto lhe transfere sob o efeito da homologação.

O termo *homo* designa que a representação do ato, sob peça instrumental, determina igual validade. Portanto, não é necessário que todos os fatos sejam levados perante um terceiro, para que uma homologação faça sentido, uma vez que a própria homologação cede igual direito de validação das peças instrumentais.

Uma guarda ou retenção de documentos com efeitos de registro pode ser percebida também como uma vicissitude para o ato de homologação. Também fatores de anuência podem indicar, em grau mais brando um princípio de homologação para instituir uma fé pública.

Uma homologação não retém uma ação, apenas corrobora para seu registro e reprodução de outros efeitos para novos tipos de ato. Em que a passagem é representada por outro termo de igual valor, onde se projeta uma memória do deslocamento que é útil para a perseguição de fatos quando elementos difusos tornam necessários a averiguação de fatos. Os registros eletrônicos das mensagens também são instrumentações de homologação, e quando os logs são armazenados são passíveis de serem checados e, portanto, é possível o registro de fé pública da informação.

Para o efeito jurídico, o reconhecimento do agente público no ato de homologação, é suficiente para validar um documento quando este não apresenta vícios em sua denominação. A perda do registro de homologação retira o direito da peça instrumental de ter validade de fé pública, uma vez que o que substancia em termos de veracidade de um fenômeno temporal e de localidade, não é passível de ser checado.

Quando um objeto é homologado e passa a ter fé pública, caso uma imperfeição no próprio objeto é percebida após a homologação, o objeto não perde o registro público, porém o registro passa a ser utilizado para protocolar a intenção do indivíduo no falseamento das informações (dolo). Neste caso os efeitos gerados pela homologação devem retroagir para sanar o vício percebido e a homologação vir a servir de prova para a ação contrária a fé de um agente público.

A validade de uma homologação geralmente se situa até o término da reprodução dos efeitos gerados pelo benefício da fé pública, ou até o instante em que a atividade é regulamentada por outro tipo de instrumento que dependa deste processo para produzir efeitos, ou até que os registros estejam em estado bom de conservação que permitam que as ações sejam demarcadas dentro do espaço, tempo e localidade. Alguns tipos de validação podem homologar documentos e outros tipos de materiais através de carimbos específicos, picotes no papel que representam uma marca, assinaturas eletrônicas, fixação de materiais químicos, fotografia datada com assinatura eletrônica, ...

Quando uma homologação é gerada desconforme com uma norma, como por exemplo, um registro em que a datação tenha sido registrada de forma errada, o documento deve ser recolhido e o requerente deve providenciar outra peça instrumental a fim da validação do registro. No caso de documentos em que não podem ser rasurados, uma folha auxiliar deve ser anexada aos instrumentos a fim de que o registro seja devolvido ao requerente.

Acontecimento

O acontecimento é um registro temporal de uma época que retém a catalogação de um ou mais fatos de grande interesse pessoal ou coletivo, no qual configura um realce imaginário de um evento que repercute conjuntos de fluxo de informações até que os efeitos de seu conteúdo sejam fracionados na ordem da linha do tempo, onde demais fatos passam a comandar o regime de urgência humana.

Sobre um conhecimento situa uma apropriação de conteúdo emocional forte o suficiente para represar excitação cerebral no qual é possível reter o contexto despertado por uma transição de fase na vida de uma pessoa.

Este processo permite que valores possam ser resgatados, convalidados, realçados, modulados, bem como corroborar para que antivalores possam ser colocados à margem, extirpados da psique, negociados para fins de troca com outros valores universais adormecidos, ... no qual o condicionamento do acontecimento é uma contingência ou estímulo discriminativo que exerce influência na descarga de certos conteúdos e apreensões mnêmicas.

Um fato quando percebido como um deslocamento sensório que causa grande consternação humana perseguir uma cena, serve para ascender uma história como um acontecimento, que exige uma pausa contextual, onde as pessoas se ressentem para sintetizar a expressão da necessidade, volição, desejo, libido, prazer, contentamento, elição, ... que representa o segmento de impressão da vontade, no qual o indivíduo observador e atuante do esquema hipotético e imaginário calcado nos fatos reais, molda o seu comportamento para sintetizar sua expressão própria onde ancora sua personalidade, para dizer o que o fato se integra em termos de percurso com tais elementos que coordenam sua tomada de decisão, e fazer da elevação deste esquema de comportamento humano, algo destacável (acontecimento) que a temporariedade do ensinamento deve represar o foco e a atenção sobre o entendimento, para que novos fatos desencadeados possam ser interceptados ainda estando os objetos em formação.

O acontecimento descrito no parágrafo anterior ilustra um tipo de conceituação em que o conceito si situa à margem de aspectos morais, ideológicos, sociais, éticos e integralizadores. A segunda aplicação para o represamento de fato visto como acontecimento, ilustra um realce ancorado em projeções mentais de elevada magnitude, em que o fato gerador é muito importante e substancial para os indivíduos que atuam dentro deste tipo de evento programado, como por exemplo a importância de um casamento para um casal que tenha marcado uma cerimônia como um ato de publicidade societário para mostrar as famílias o quão significativo é designar para a sociedade o novo laço que está sendo formado.

Um acontecimento pode provocar grande comoção social quando o valor subtraído é essencial para muitos indivíduos de uma sociedade. Pode provocar uma onda de grande euforia, quando o acontecimento desencadeia sequências de pensamentos que fazem os indivíduos elevarem seus projetos e expectativas de consumo. Pode provocar temor e medo, quando o fato antes não havia sido previsto, e refletir sobre o tema ou assunto desencadeado, poderá mudar tudo o que fora antes planejado como esquema de continuísmo sistêmico de uma vida. Pode provocar indignação, constrangimento, irritação ou revolta quando indivíduos passam a se sentir perseguidos, humilhados, enganados, aviltados, ou perceberem direitos subtraídos. Pode provocar ondas de natalidade, quando o fato é tão benéfico que os indivíduos passam a se sentir inseridos em ondas de amor, na tentativa de repassar para a sua própria vida, aqueles ingredientes que passam a ser desejados e queridos em termos de proximidade com a trajetória de vida pessoal. Pode provocar grande pesar, embaraço, tristeza e sentimentos de desamparo, quando observados como fato gerador uma renúncia à vida, ou fatalidade que tirou pessoa querida, ao qual vários estímulos pessoais abasteciam o imaginário dos indivíduos receptores, que dependiam do laço enquanto vivo, para indexar conceitos, princípios e valores em seus projetos de vida pessoal.

Um acontecimento pode mudar sua vida, mudar o sentido que ela se projetava, para dar outra dimensão, uma nova base com que os elementos passam a repercutir a representação esquemática do passado, a representação esquemática do presente, e um porvir que representa e se segmenta um futuro hipotético.

Pode representar uma ruptura, ou mesmo a construção de uma reafirmação, ou quiçá, uma descoberta, ou um embaraço para toda uma civilização, em que um período de latência que antecede um interstício, é responsável por catalogar, afirmar e comutar as transformações exigidas.

Mas é da ordem de uma latência que não é da mesma ordem de uma inércia, é uma latência que se projeta num plano de transformações, que difere do movimento comportamental que era antes do acontecimento, e que irá diferir do movimento comportamental que se seguirá após, o interstício. Esse interstício que a transformação rege um novo padrão de comportamento seguido a margem da construção da influência que foi estatizada a partir da representação do acontecimento.

Porém o período de latência é da ordem de um movimento filosófico, em que as construções morais, sociais, éticas, comportamentais, emocionais, racionais, e, os raciocínios estão buscando adesão a fim de que os elementos realçados possam ser encaixados no contexto individualizado de cada indivíduo e servir como elemento a ser incluído dentro da personalidade de cada ser humano.

Portanto um acontecimento anula ou extingue o padrão anterior, para provocar uma entonação, ou surgimento, ou reativação de um novo padrão que passa a configurar um modelo de comportamento social exigido para uma unidade de civilização em face do aprendizado de novos elementos. Portanto um acontecimento é um demarcador. No qual rompe a estrutura lógica do passado, para que o futuro passe a configurar uma nova tendência de projetar as vicissitudes da vida, como um nascimento que retira a mulher e o homem da escuridão para projetar-se em variações de energia.

Tédio

Tédio é um estado comportamental em que nada inovador flui, em que o indivíduo se sentindo represado passa a não corresponder fora do padrão de continuidade ao qual se projeta sua mente.

O tédio quando mal administrado é fator de desencadeamento de angústia, vazio, e ausência de si mesmo.

É um se integrar para a totalidade de um dia completamente conhecido e que não desperta nenhum tipo de atratividade para sair da rotina que aprisiona o “olhar” de um indivíduo.

É um suspirar que não encontra sentido para aprisionar o fluxo de pensamentos em algo que gere benefícios. Em outras palavras é uma manutenção daquilo que já o é em essencialidade.

É a não soltura de um padrão uniforme, que não ancora em uma probabilidade, visto como emanação de uma incerteza, que gera uma insegurança, longe da proximidade inercial do existir.

Tédio é a ruptura da estrutura de usufruto do prazer, para se adequar a um processo de descarga de energia dentro de um modelo de comportamento em que o fisiológico comporta todas as demandas de energia sem ativar o emocional de ordem superior consciente.

É uma manutenção de um status quo, onde a identidade é uma fotografia estática dos atributos que o deslocamento sensorial provoca a continuidade de propósito, sentido e contexto onde a percepção flui.

É um princípio de conexão de comportamento respondente e operante em que novas indexações associativas percebidas como fenômeno de elição ou conectividade externa, não promovem uma ruptura do sentido lógico e lexical, onde os signos se ancoram, nos quais as rotinas procedurais preexistentes são a base do comportamento onde nenhum novo tipo de estrutura significativa é ancorada associativamente.

É uma ação em que o sentido da operação não agrega nenhum tipo de ativação que reforça os reforçadores que dão estabilidade a resposta geradora da consequência como uma devolutiva do indivíduo pelo fato de ter sido influenciado pelo estímulo.

Tédio é a perseguição integral dentro do padrão, onde o ciclo de pensamentos é estabelecido pela experiência e experimentação contínua, onde novas agregações e aquisições não representam um modelo diferenciado de comportamento, onde não há uma soltura do indivíduo em relação ao seu aspecto de coordenação esquemático.

Tédio é a não reação ao delimitado, onde não é possível perceber o algo mais, ou o ir além, de um ponto de observação que é o delimitador de um aspecto intransponível, onde as alternativas possíveis estão dentro da reação delimitada.

É um processo de não identificação de escolhas, porque escolhas se instanciam dentro de modelos de padrões reativos diferenciados. E o indivíduo em tédio somente apresenta como forma de soltura, o desencadeamento de caminhos, rotas, ou, alternativas que se situam dentro do mesmo padrão observável.

Tédio é uma identificação com uma temporalidade que nada além transita para outro tempo. Em que o represamento temporal se situa dentro de um mesmo nível de entendimento, em que nada é capaz de ultrapassar este limite.

É a identificação com uma projeção que dá voltas em si mesma, sem rupturas, como um filme que se consume milhares de vezes sem ter outro tipo de percepção para cada cena visualizada dentro da sequência.

É uma paralisia de atividades de ruptura, para integrar atividades rotineiras, onde as demandas ad hoc são abandonadas para que somente as demandas pré-existentes possa fazer fluir em termos de entendimento.

É um bloqueio que se faz que não se obtém o entendimento fora do círculo, porque tudo está inscrito dentro da mesma plataforma de exercício do entendimento.

É a capacidade de não se assombrar mais com nada que venha a mente ou a realidade, porque tudo se encarcera dentro da mesma tratativa de ação.

É ausência de percepções, argumentos e perspectivas fora do contexto já conhecido, em que o universo de atuação de um indivíduo está sob um controle de consequências que raramente é possível perceber mutações além das nomeadas.

Para sair do tédio se permita fazer novas conexões mesmo sem sentido aparente, se permita associar elementos que são lançados através de estímulos em que a influência não era percebida, em vez de ignorar a sua existência. Permita ser interceptado por outra pessoa que te mostre uma ruptura de entendimento para que o novo seja lançado como argumento em sua psique.

Para sair do tédio, permita deslocar a mente por várias temporalidades, para fazer com que o passado, presente e futuro se interconecte, e possa gestar um tipo de pensamento de resgate de valores, criação de expectativas sobre o futuro, e descobertas atemporais vindas do passado e do futuro hipotético.

Para sair do tédio, se permita criar uma realidade diferente daquela que projetivamente você esteja acostumado a navegar sua mente. É possível que na realidade do padrão que você se encontra tenha adormecido muitos elementos, pessoas e conexões cuja força de trabalho do padrão onde você atuava como trabalho, não te permitia mais identificar com tais objetos de observação.

Para sair do tédio, se permita ir além do delimitador, para ver o que se instancia além do seu instanciamento de consumo da existência. É ser capaz de ajustar o que já está estabelecido, e se permitir observar aquilo que antes era desapercebido para sua memória. É dotar-se de capacidade de transitar em vários aspectos não alienantes, e ao mesmo tempo pacificar e progredir a mente.

Facilidade

Facilidade é o desencadeamento de uma ou mais ações com escassez ou ausência de bloqueios no qual um indivíduo se permite reproduzir uma ou mais atividades para se realizar uma tarefa.

A via onde se desenvolve uma ação é livre para o trânsito cognitivo, a fim de que o indivíduo se expresse sem a necessidade de agregar uma força adicional para que uma tarefa seja realizada.

É um exercício volitivo, onde esta vontade segue sempre o sentido do fluxo de pensamentos, sem causar oposições, gerando consequências diretas por onde se pesa um conteúdo decisório de um indivíduo.

Facilidade é o domínio de um código em seu contexto de transmitir uma ou mais ideias, pois basta a vivência por meio da imagética que um indivíduo é capaz de converter em instruções linguísticas para sintetizar aquilo que deseja encaminhar do seu espaço interior, pela vida de expressão, para o espaço ambiente.

É um transitar entre, dentro, através de uma estrutura onde se tem a liberdade plena para criar, fundir ou elevar conceitos, sem se abastecer de um contencioso, ou uma ruptura, que impeça o indivíduo de controlar suas aquisições mnêmicas para transmitir a sua ideação ou verdade.

Facilidade é o desenvolver operativamente sobre o ambiente, os condicionantes que permitirão a um indivíduo manipular a matéria em sua volta, sem representar uma falta de instrumentação pois já se conhece a identidade e a representatividade física dos elementos com que este indivíduo interage para sua sobrevivência e se é sabedor desta manipulação.

É dotar de conteúdos de aprendizagem, no qual a identificação com os processos permite rapidamente que as construções cognitivas possam ser desencadeadas conforme a necessidade de um indivíduo.

Portanto, facilidade também é repetição com êxito no qual não é visível nenhum tipo de reação que reproduza dor psíquica para sua realização.

Facilidade é uma fundição que um indivíduo constrói somaticamente para atribuir a determinada ação, um atributo subjetivo e emocional que atrelado ao processo de descarga de energia, gera uma ação condicionada ao fluxo de prazer, no qual sensações desprazerosas são desprezadas ou não percebidas porque nada gera resistividade para fixar o indivíduo dentro do processo, no qual não permita que ele evolua dentro da atividade.

É um exercício que está atrelado a harmonia, domínio, tranquilidade, certeza, gestão homeostática, ... no qual uma pessoa é capaz de canalizar conscientemente recursos que a permitem desenvolver uma função utilidade sem nenhuma causa geradora de distresse.

O princípio de harmonia, que se ancora inconscientemente ao conceito facilidade dota o signo de o vínculo com uma frequência em que o controle absoluto do psicológico não chega a problematização sobre o desencadeamento da pulsão que faz o indivíduo exercer uma tarefa.

O domínio pode ser percebido como uma habilidade de coordenar dimensões, aspectos e perspectivas do cógnito que permitem gerar um estado de tranquilidade que o exercício de uma tarefa é apenas uma questão de preenchimento temporal com as coordenações suscetíveis já conhecidas deste indivíduo.

A tranquilidade é uma construção psicológica em que os recursos canalizados ativam uma funcionalidade certa, no qual não é necessário que novas forças sejam alocadas, em que se visualizaria um desgaste para adequar novamente a tarefa dentro da linha de produção cognitiva.

A certeza é uma habilidade, também de classe interna, subjetiva, e inconsciente, que dota o indivíduo do equilíbrio de que os processos mecânicos que estão sendo desencadeados irão cumprir o papel ao qual foram setados para influenciar o psicológico na inflexão de movimentos de expressão, ao qual intenciona um indivíduo aflorar um conteúdo para o ambiente.

A gestão homeostática, permita que os controladores ao longo do processo gerem estabilidade cognitiva para o indivíduo que realiza a ação, por intermédio de tarefas.

A não ruptura de um modelo de pensamento quando perseguido gera aspectos de facilidade da execução de tarefas em relação ao fluxo desencadeado. Porém, se o fluxo desencadeado se distancia da realidade produzida por um sujeito, então, a consequência direta será uma tentativa de realocação de trabalho, em que os indícios de facilidade passam a não corresponder a necessidade de produção de um indivíduo, então o trabalho passa a se tornar penoso, provocar dor psíquica, e de difícil obtenção ou conclusão.

O desvio somático de um objetivo retira a facilidade de um indivíduo na percepção de realização de uma tarefa. Quanto mais longe um indivíduo caminha distanciado de seu objetivo, maior será a propensão deste indivíduo se distanciar do conceito de facilidade.

Aspectos como importância, importância relativa, quantidade, qualidade, relevância, hierarquia conceitual, economia, prioridade, influência, intensidade, magnitude, ... são fundamentais para a percepção da subjetividade de um objeto, visto como um manuseio como tarefa, se distanciar em termos de atributos, instanciados em torno de métricas cognitivas, classificar ou eliminar o aspecto de facilidade de uma tarefa como uma unidade que integra uma dimensão sensória. Portanto, classificações distintas que envolvem experimentações diferenciadas classificam tarefas em graus associativos diferenciados, por isto um conteúdo pode ser relativamente fácil para um indivíduo, e para outro, não representar uma dimensão sensória de fácil integração ou resolução. Porque indivíduos distintos possuem diferentes expectativas, possuem diferentes conteúdos na mente e se associam de forma diferente com o ambiente.

Superação

Superação é uma realização, no qual precede uma satisfação, que possui uma rotina de funcionamento, para funcionar, além de uma capacidade de trabalho, que permite chegar a um resultado expectado, que o grau de incerteza e previsibilidade arbitra a resolução de um objetivo-conflito, dentro de um intervalo temporal, onde uma solução é possível de ser conquistada, onde a proximidade com o resultado é uma representação de esforço que permite um indivíduo alcançar uma meta de extrema complexidade.

A exigência da superação é o trabalho contínuo e continuado, para que a meta seja conquistada. Parte de um princípio de uma estatização de uma vontade no sentido do alcance de um objetivo.

É um ir além da capacidade de trabalho, no qual se emprega energia, por processo de canibalização de outros centros, para forçar a rotina que hipoteticamente irá desencadear um resultado esperado.

Parte de uma exigência funcional de ordem filogênica, onde uma lei de evolução estabelece um laço de construção biológica dos componentes orgânicos que irão desempenhar uma função programada, como por exemplo, um indivíduo que fortalece os seus músculos para corresponder a uma ação que necessite um comportamento de carregar pesados fardos de alimentos, sem, contudo, causar prejuízos para a sua integridade física.

Parte de uma exigência da Ontogênese Individual onde a característica física adquirida de um processo de esforço estabelece um pacto de compromisso com a temporariedade de um indivíduo, quando os elementos reforçados servem para sintetizar uma adição de estímulo que vise o desenvolvimento e desempenho de uma função em um prazo definido do tempo, que não objetiva transitar entre gerações.

Parte de uma exigência da Ontogênese Sociocultural onde as exigências de esforço são classificadas de acordo com as necessidades grupais, em que os papéis para os indivíduos que integram tais grupos são distribuídos em razão do despertar de habilidades específicas.

A carga aplicada a um modelo de tarefa que exige superação, amplia o potencial de atingimento do alvo a ser explorado e diminui o atingimento de outras atividades, consideradas secundárias ao longo do processo de desenvolvimento comportamental.

Por esta razão este modelo possui limites grosseiros, que não podem servir de base de estimulação para o atingimento de resultados em todas as situações, pois as necessidades canibalizadas podem sofrer processos involutivos, e a vida de uma pessoa pode correr ampliação de riscos devido a não ativação de habilidades que deveriam ser desencadeadas no período certo, porque o evento canibalizador retém a capacidade de raciocínio do indivíduo, e este deixa de corresponder a usa necessidade de urgência segundo as demandas ambientais que seu fisiológico exige pela correspondência ambiental, dadas as transformações de sua organicidade pelo amadurecimento temporal.

Nas situações em que necessidades de segurança são requisitadas para atuação de um indivíduo, para que o sistema simpático seja ativado, há necessidade de que um indivíduo corresponda reativamente ao regime de urgência que uma ação exige prontas respostas, neste caso o padrão de funcionamento de uma pessoa é rompido, para fazer com que os estímulos do ambiente passem a demandar reações somáticas com tomadas de decisões diferenciadas para que o indivíduo adquira o controle sobre o elemento que rompe a sua relação de equilíbrio e segurança. Neste caso a superação é uma peça chave que irá condicionar o agir de um indivíduo a exigir mais de si para que a demanda seja conquistada dentro do prazo que não comprometa ou revista em ampliação do risco contra a própria vida do indivíduo que deve sair de sua condição homeostática.

Quanto maiores forem as exigências biológicas ou psíquicas maior será a aplicação de um esforço para que um indivíduo, por meio de uma superação, atinja a realização de um alvo preterido.

Quanto a hierarquização do modelo de Maslow no que se refere à Lei das Necessidades de um Ser Humano, a necessidade mais básica somente exige superação quando o fator de escassez é um limitador que esteja presente e atuante em um mercado, no qual é gerador de exigências para que os indivíduos produzam mais do que a relação de consumo para corresponder a necessidade de sobrevivência.

A necessidade sociais e de autoestima afetam indivíduos que possuem personalidade muito robustas, que torna difícil compreender e corresponder a outros tipos de estruturas comportamentais e psíquicas humanas. No qual regras rígidas internas de cada indivíduo exige graus elevados de superação a fim de que a conquista da inserção sobre a subjetividade do outro possa ser percebida como uma implementação de um processo de empatia.

A necessidade de autorrealização é o nível que exige maior capacidade de superação, uma vez que temporalmente se situa, na maioria dos casos, mais distante em termos de atingimento do que nos outros níveis de necessidade. Em que um esforço somente é sentido quando o indivíduo ganha consciência do transcorrer de toda a sua funcionalidade, somente após transcorrido todos os seus estágios e processos do desenvolvimento de uma ação idealizada.

A conquista de uma superação é um estado de retenção de prazer, mais prolongado do que uma conquista por mérito, por exemplo, em que o ciclo de descarga de energia que sustenta a estrutura de superação, consegue uma propriedade inercial no qual o vínculo com o fato gera emanações e estruturas de pensamentos do ponto de vista funcional e tópico auxiliar em vários processos de estabilização energética e continuidade da vida. Que fornece sustentação para que o equilíbrio fique estático após a conquista, que resulta em uma sensação de consolidação e dever cumprido, e realização.

Amor objetal

Amor objetal é aquele componente que retém uma construção no espaço exclusivo de outro indivíduo pela elaboração do laço, como traço relacional com foco sobre metacomponentes, que inscrevem indivíduos em sintonia de propósito e convergência de objetivos para conteúdos de percepção coexistencial.

O objeto é uma unidade de informação, que se diferencia de um conceito, no sentido de ser uma construção além da característica semântica, que recria atributos em termos de uma representação com identidade e “personalidade” definida.

Essa “personalidade” se traduz em um espectro de comunicação em que o objeto estabelece vínculos metassistêmicos e metacognitivos no qual é possível capturar um ou mais de seus atributos para utilizar como um processo de elaboração semântica e conceitual.

O Amor brota de um processo de fusão e incorporação de um objeto quando o objeto visto como uma instanciação se comunica com outros elementos distintos de sua “persona” a formar um elo de concordância em que a harmonia projetiva retira os indivíduos a formar o par relacional, do movimento concorrente verificado no ato de um processo de comunicação.

Assim, sobre o objeto se fabrica uma construção subjetiva em que um processo de metáfora amplia o significado do indivíduo que passa a incorporar, na figura do objeto, o instanciamento projetado, que passa a incorporar o atributo percebido como sendo o eu ideal que projeta a pessoa amada, no qual o ideal do eu é o atributo que o indivíduo permite repercutir dentro de si que desperta uma funcionalidade, como por exemplo uma ereção.

Portanto o objeto é uma partícula de transição que se integra ao ser amado, e dela se absorve a característica que é projetada para servir de estímulo que ligue o elemento a imagem da pessoa que se forma dentro do intelecto de um indivíduo, onde se brota um processo simbiótico, entre necessidade e desejo, que faz o objeto necessário, para que o amor ecloda e faça sentido, como um objeto transacional, que aproxima o indivíduo da pessoa de referência onde o amor transita.

Um objeto pode ser um perfume, o pênis, os olhos, a vulva, os seios, a voz, o olhar, a forma de comunicar um carinho, uma carícia, um presente, ... tudo que possa gerar conexão com a pessoa que se ama.

E o processo de comunicação, por intermédio de um procedimento lúdico, primeiro ativa um destes objetos, para fazer com que o indivíduo passe a sentir correspondência.

E na falta do objeto, ocorre a falta do amor, porque a comunicação que é exercida é desenvolvida e desencadeada por intermédio do objeto. Por isto que se fala que o amor é objetal, porque faz conexão orgânica e psíquica com outro indivíduo por intermédio de um elemento que está codificado para funcionar em termos de efeito de transladar em um processo de comunicação as informações que irão fazer com que esse amor seja conectado.

Ao estabelecer vínculos metassistêmicos o objeto se permite intercomunicar em termos de um olhar interno dentro da estrutura que os laços são desencadeados e repassados para o indivíduo que se ama na forma da subjetividade que permite construir e identificar uma lógica em que os dados e informações permitem traduzir o centro superior das emoções.

Ao estabelecer vínculos metacognitivos o objeto permite intercomunicar em termos de um olhar interno dentro da estrutura de outros objetos, e causar diferenciais de visualizar o objeto instanciado no amor, no qual é possível criar um modelo de gestão e comparadores de estruturas lógicas de funcionamento em que se impregna um estilo de vida e uma escala de preferências que irá deslocar níveis de prioridade e importância do ser amado em relação a outros objetos disponíveis e distribuídos dentro da psique.

Quando se fala em metacomponentes está evidenciando um olhar interno nos atributos que são explorados no objeto a fim de criar o reforço, ou seja, a associação primária, que irá codificar como essencial as economias, do ponto de vista microeconômico, em que os entes valorativos passam a influenciar o agir pela ativação da perspectiva do componente que interligará o sujeito ao seu propósito e modelo de convergência do objetivo de vida.

Um objeto também pode ser um engrama – bloco de componentes biológicos com função definida – que temporariamente empresta o significante para expressar um significado que por meio de um processo de experimentação remete a um indício de significação em que o emocional é capturado para codificar uma instrução básica do reagir humano.

Um beijo, visto como um objeto é uma construção mental de algo que tem um significado e uma significação, vista esta última como um aprofundamento de um laço que tece o inconsciente de um indivíduo para dizer o quão sua personalidade está inserida na codificação do outro, como um tributo que se fortalece em sintonia de propósito, em que lógicas diferenciadas de interceptação, dotam os indivíduos que se amam de um desenvolver contínuo em que as partes se integram e se superam arqueando a relação de proximidade e distanciamento para um novo ciclo que se projeta de aproximação.

Um objeto pode requerer várias propriedades, como: esfacelamento, integração, integridade, junção, perspectiva, conectividade, atratividade, distanciamento, proximidade, ruptura, ligação metafórica, ligação metonímica, ...

E estas propriedades se comunicam dentro do objeto, inter-objetos e entreobjetos. No qual o nível de abstração irá indicar a dimensão que um observador prefere visualizar ou identificar um fenômeno de inscrição de amor. E os objetos podem sofrer processos de expansão, aglutinação ou retração de seus atributos, bem como convergir ou divergir em termos de migração de informações que permitirão que o amor expanda, contraia ou permaneça estabilizado enquanto os efeitos durarem.

Dialética

Dialética é uma construção realizada aos pares, em que fluxo de informações seguem caminhos distintos a formar uma canalização entre emissor e receptor, na forma de um processo de comunicação, em que a dimensão que este artigo traz é o efeito em que o dado ao ser migrado para a consciência do par afeta a si mesmo, o outro e o ambiente. A dialética aqui apresentada não irá possuir o mesmo conceito do platonismo ou do aristotelismo.

Quando um indivíduo absorve um estímulo ambiental e se projeta em relação a outro indivíduo para expressar aquilo que ele apreendeu, em um processo de construção de um diálogo, onde as partes trocam dados, informações e conhecimento, é criado um processamento dialético.

A Dialética requer que um emissor faça papel de referente e referenciado. Da mesma forma que o papel de construção do receptor siga um papel alternado de referenciado e referente em relação inversa ao primeiro. No qual a permuta sensorial, por meio de elementos de expressão possa fazer repercutir sob um canal, um código comum em que a assimilação permita ambos se interconectarem internamente para acoplarem a informação encaminhada pelo seu referente antagônico no processo de comunicação.

Porém, cada nova emissão existe uma consequência que é gerada sobre o ambiente, e essa consequência é capaz de provocar transformações. As transformações afetam os indivíduos em fase de comunicação antes do movimento expressivo, durante e após a produção de seus efeitos, de forma que o par fica condicionado às interferências diretas do outro no processo de comunicação, e as interferências indiretas, geralmente os ruídos que são integrados ao canal provenientes de outras fontes de excitação por onde percorrem os estímulos.

Neste processo bipolar por onde transitam as ideias um modelo de contingência é fornecido a cada um dos indivíduos na construção de um diálogo, que permite criar uma previsibilidade e um controle sobre a ação que é desencadeada sobre o meio, de forma que pequenas correções podem ser administradas ao longo do processamento das informações que são lançadas como conteúdo para o ambiente.

Quando um indivíduo no ato de lançar uma informação passa a influenciar o outro sujeito da linha de influência do discurso, este recebe um processo de autoinfluência também de sua atividade sobre si mesmo, e mesmo durante este processo, é possível que pequenas correções sejam realizadas na identificação de objetos que estejam realçando no receptor, como por exemplo, sua expressão facial, que lhe permite gestar uma oportunidade de aprofundamento ou suavização da informação, conforme o contexto, que faça o indivíduo observar o grau que seu entendimento afeta o equilíbrio do outro através do ato de comunicação.

O objetivo da comunicação é estabelecer um nivelamento que permita as partes de um processo de diálogo se igualarem como estruturas repetidoras e de integralização de informações.

Por sua vez o objetivo deste tipo de dialética se propõe a medir o grau de comprometimento em que os vínculos necessários de expressão corroboram para que a gestão do conhecimento possa sintetizar o aprendizado idealizado pela fluidez e a troca de informações.

Então se insere dentro deste princípio de dialética, neste modelo de dimensão, componentes que são fundamentais para compreender como essas trocas são desencadeadas, como: o canal externo que é utilizado, o contexto, os elementos delimitadores do contexto, o emissor, o receptor, os sensores ativados de cada um dos participantes da elaboração do diálogo, os ruídos existentes no ambiente, a lógica expressa com que os indivíduos geram o processo de comunicação e a estrutura da linguagem que ativa a compreensão interna dos indivíduos. E percebendo dentro de um contexto mais interno, os sistemas metacognitivos necessários de estarem ativados para que a compreensão do código seja passível de ser decodificada e codificada a fim de emissão e recepção respectivamente.

A dialética, ou seja, a Arte do Diálogo, permite gestar padrões de comportamento em que as pessoas passam a se indexar uma dentro da outra, no qual a relação de emissor e receptor, transmuta para uma questão de referente e referenciado.

Além de permitir um acesso do outro a uma zona que intercepta a linha onde se situa o conflito, para alcançar naquilo que é conjunto e uniforme a zona exclusiva onde um indivíduo cultua a sua personificação.

Quando a linha mais interna da personalidade num processo de identificação da construção de um diálogo por intermédio de uma dialética se intercruza, o acesso a zona exclusiva de outra pessoa é chamado de exercício da amizade.

Por outro lado, quando o indivíduo não se deixa observar com profundidade, o laço que se forma é um desenvolvimento de construção superficial de diálogo, no qual as pessoas passam a se perceber como simples colaboradores, colegas ou conhecidos.

E quando a linha interna é ativada com muita frequência, e ambos os indivíduos passam a ter acesso a zona exclusiva um do outro, os laços passam a ser incorporações profundas, em que a consciência é doutrinada para aceitar o outro como verdadeiramente ele é, em termos de estrutura de representação, e são visualizados didaticamente pela sociedade como namorados, amantes ou uniões estáveis (marido e/ou esposa).

A dialética tem esta função também de organizar os espaços internos dos indivíduos que se relacionam por intermédio de processos de comunicação, onde as trocas de informações servem para nivelar os pares para que a relação harmônica e de homeostase cerebral possa se repercutir no comportamento entre as pessoas formadoras do par relacional que exerce o ato de comunicação.

Ocupação

Ocupação é o preenchimento com alguma transformação interna ou externa que gera trabalho, do ponto de vista de rotinização e ordenação de informações. Quando observada internamente é chamada de atividade mental; quando observada externamente é chamada de labor.

As informações quando ingressam em um indivíduo através de estímulos, é possível que as tarefas do sistema nervoso periférico e do sistema nervoso central sirvam para filtrar, organizar, empilhar, fracionar, comandar, gestar e encaminhar instruções para que um indivíduo corresponda à necessidade ambiental para existir junto com a natureza.

Este processo descrito internamente no parágrafo anterior, se visualizado em uma métrica temporal é possível definir instanciamentos que começam e são processados no decorrer de um segmento de tempo. Durante este período, existe um referencial, que diz respeito a um mecanismo interno, que no caso da mente humana é o intelecto, que irá gerar procedimentos contínuos e continuados de acordo com a fluidez da captação dos estímulos. Então o intelecto durante este processo está constantemente ativado. Então é possível para um indivíduo se auto observar dentro deste processo como uma ocupação rotineira em que a sua mente está ativa numa dada circunstância.

Porém, processos não ocorrem somente internamente, é possível que um indivíduo passe a se observar interargindo do âmbito da expressão. Desta forma, a expressão desencadeia seus efeitos sobre a natureza, ou seja, o ambiente, e por intermédio deste ambiente é possível que os homens organizem os elementos físicos que encontra pela frente a fim de ordenar uma construção daquilo que ele foi capaz de construir internamente.

Visto desta forma a ocupação do espaço externo ao indivíduo ocupa um limite de tempo. Em que processos são despertados pelo interesse e volição humanos.

Porém o conceito de ocupação é algo abstrato, que pode ser observado por níveis de atividade, no qual interstícios podem ser construídos, ou períodos de latência, onde este efeito de ocupação passa a não ser percebido dentro de um modelo de regime de trabalho.

Se um referente é observado como um conteúdo que possa ser mensurado com um efeito de constância ou preenchimento, então é possível que se o referencial seja mudado, um outro objeto percebido no ambiente pode aparentar um processo de ausência de atividade.

Convém lembrar que desta relação o tempo está sempre operando o rol das mudanças e das transformações.

E aliado a este tempo está numa construção que permita observar o tempo como sendo reescrito com uma identidade que indexa um ou mais fatores de mutação que permite condicionar o olhar do homem na geração de uma percepção que integre o indivíduo à natureza, a si mesmo e a todo o tipo de elemento físico presente no espaço.

A vantagem de se trabalhar com o conceito de ocupação, é que a métrica permite regrar uma escala de comportamento em que os processos passam a ser mapeados e a sofrerem delimitação em face a outros processos, condicionantes e condicionamento da realidade.

Isto permite que um indivíduo passe a gestar melhor a sua temporalidade para dar conta de todos os aspectos que necessita trabalhar para que seu objetivo de vida seja alcançado num final de um período hipotético e condicionado.

Esse processo de gestão do tempo, leva o aspecto de ocupação a um patamar estratégico e de extrema relevância uma vez que fatores de ordenação do espaço permitem ajustar a realidade de um indivíduo com a necessidade grupal, e do ambiente e de si mesmo.

Embora socialmente associada, ocupação e habilidade não possuem grau de parentesco no sentido da primeira ordem deste discurso. Quando elementos de ordem social estão presentes a dimensão da funcionalidade passa a ter exigência associativa do vínculo de ocupação e habilidade.

O sentido puro de ocupação é utilizado para controle de eventos que se deslocam através da linha do tempo. O sentido estendido para o conceito de ocupação passa exigir um tipo restrito de labor que ingressa alguém em uma especificidade.

A descaracterização de uma tarefa como ocupação, como por exemplo uma ação cuja finalidade é o lazer, é uma forma de dotar uma atividade como sendo acessória ou complementar, onde somente recai a percepção de ocupação para a atividade principal e fundamental para a manutenção da vida.

Porém pessoas que possuem grande capacidade de adaptação, podem se integrar a princípios no qual o exercício de quaisquer atividades pode ser percebido como ocupação, por regrar um tipo de conhecimento em que o tempo é espacialmente preenchido para o exercício de uma ação humana.

A ociosidade pode ser percebida como o oposto à uma situação de preenchimento, vista como uma ocupação. E sintetizar uma ausência em que nenhum processo é gestado em um dado momento, em que a mente fica livre, em estado meditativo, e que o reflexo deste movimento é uma falta de ação, em que o eixo de expressão passa a se limitar a atividades essenciais e básicas a fim de manter um indivíduo funcional.

Ocupação em uma cultura moderna é a forma social encontrada para que os recursos sejam produzidos e canalizados para toda a sociedade, através de regramentos que se estruturam como elementos-chaves que liberam as transferências em que a posse de objetos passa por uma nomeação onde é possível ter um certo pertencimento de elementos físicos presentes da natureza, sob a guarda, tutela em que a proximidade com a “coisa” dota o possuidor de ser o proprietário do objeto, curador, protetor ou mantenedor. Este conceito também é estendido as moradias, instalações organizacionais, templos, e outras formas de fixação do solo e do espaço territorial, sendo um conceito de 3º ordem.

Instante de ver

O Instante de ver é o momento em que o indivíduo sai de seu padrão de condicionamento para visualizar o padrão de comportamento onde se situa o outro em sua volta, onde coexiste um vínculo entre pessoas que passam a se enxergarem e a observarem como parte de um mesmo conteúdo, ou unidade referencial.

Existe um instante que todos nós nos isolamentos projetivamente dentro de um espectro de conhecimento, e dificilmente saímos deste espectro quando o nosso objetivo não é atingido. É uma espécie de mergulho dentro da construção da subjetividade. Este tipo de instante de ver é um momento interiorizado, no qual o indivíduo passa a se observar internamente, como uma criatura particionada que irá ajustar suas demandas externas.

Já o instante de ver no qual se instancia a conexão deste texto a partir do âmbito externo, é um momento em que o mundo passa a ser percebido a sua volta, e que os processos interativos são facilmente observáveis e o sujeito passa a pertencer a um objetivo maior do que a construção de sua personificação.

Mas a questão estrutural é saber qual o momento certo em que uma pessoa deve canalizar o seu instante de ver para dentro ou para fora de sua unidade existencial?

Não existe uma fórmula exata para que este nível de comprometimento sobre a perspectiva que deva prevalecer deva vir à tona. Muitas correntes ideológicas, religiosas, místicas e filosóficas tentaram explicar quando o comportamento deve se moldar e se pautar através de uma forma.

O certo é que a complexidade do holístico dota a espécie humana com uma infinidade de interações que se incorporam internamente e uma infinidade de estímulos esperando o momento para fazer sentido dentro de um indivíduo.

E por esta razão, não há um equilíbrio em que seja possível medir este efeito dentro de um indivíduo, assim como o amor é de uma ordem tão ampla, o instante de ver também é da mesma ordem de grandeza, onde inúmeras variáveis são intervenientes no modelo e no processo de raciocinar o tipo de diretrizes que uma pessoa deva traçar para moldar a estrutura de seu comportamento.

Deixando de lado questões filosóficas, a tecnologia tem represado muitos indivíduos em torno de dominação de sua estrutura de interação humana. Em que o Instante de ver tem exigido cada vez mais conexão com um mundo virtual em que o conhecimento humano se represa, como se a mente humana expandisse a partir de uma concepção ímpar onde ela passa por um processo de ampliação de sentido no qual torna-se agora perceptiva de forma impressa em um mundo de voltagens, amperagens e energia eletromagnética.

Se a tecnologia agora oferece a mente estendida, os bens móveis entram em segundo plano quanto ao conceito de imprimir uma expressão de proximidade de indivíduos em permuta de espaço territorial, no mesmo sentido da mente mecânica, em que equipamentos passam a existir conectividade para aproximar pessoas em torno de suas necessidades de deslocamento.

O Instante de ver de um bebê recém-nascido é um momento em que ele se liberta da escuridão para ter acesso a um ambiente em que as dimensões são tão complexas que a limitação do útero dá espaço a dimensão de um universo que passa a comandar socialmente sua forma de expressar e a catalogar a sua subjetividade para construir uma identificação de correspondência que permita a essa criança exercer a sua cidadania.

Mas até que ponto é possível ver e não ausentar de si mesmo? Até que ponto é possível não romper o equilíbrio da realidade na leitura que se faz do mundo, com a observação de si mesmo, do outro ou do ambiente a sua volta? Como controlar a vontade que isola ou a vontade que egressa em sociedade em uma comunidade?

Por isto o Instante de ver subscreve um emocional de ordem superior em que a vontade passa a emergir como um conceito que se integra da ordem da motivação que permite um indivíduo observar seu conteúdo de vida e saber o momento exato que sua mente deve inverter a polaridade que o integra dentro de um padrão para perceber outras realidades que se inscrevem a sua volta.

Como um movimento involuntário, em que todos os indivíduos se interceptam é possível que um indivíduo saia do seu padrão pela interferência de outro que observa, e promove a ruptura de integração, que o permite por breves instantes se observar atuando dentro de um processo analítico em que o mundo se expande para se conectar com outros tipos de estruturas de pensamentos que estão em escala de integração e concorrência no mundo em que uma existência se situa.

Devido à complexidade das conexões, e a magnitude que as intercepções se projetam umas pessoas sobre as outras, é difícil dimensionar um fenômeno deste nível uma vez que a grandeza e variações dos componentes são infinitamente casuísticos para distintas atuações do comportamento humano, que torna a essência da necessidade do ser humano algo de difícil estatização, nos diferindo profundamente de máquinas, que trabalham em sistema binário de ativação.

O Instante de ver pode estar ligado a um momento de reflexão de si mesmo, seja da ordem interna, ou de aspectos externos, onde o sujeito passa a se experimentar, e as evidências de sua experimentação despertam para fenômenos corretivos sobre a própria conduta, e a observação de outras práxis em que é possível migrar um conhecimento externo para compor ou fazer parte de um tipo de indexação que serve como ancoragem para uma produção interna que está em processo de somatização.

O Instante de ver é um momento em que um indivíduo recebe um chamamento de sua essência para fundir a um conhecimento que o irá despertar para sua visão crítica do mundo, de si mesmo, da vida, dos outros, do ambiente, do cosmos e do universo.

Demanda

Demanda é uma mensuração agregada de correspondência pela aquisição de bens, produtos e serviços em que indivíduos, vistos como um mercado, estão dispostos a apropriar de um ou mais conceitos de consumo, pela sua relação de preço, custo e benefício, a fim de abastecer-se de instrumentações e materiais físicos de que necessita para a sua função social em um agrupamento.

Um mercado de consumidores é formado por uma aptidão em realizar um consumo, no qual uma demanda é percebida a partir da mensuração de indivíduos aptos a adquirirem itens que poderão ser indexados aos seus projetos de vida.

Porém existem várias métricas que podem ser fornecidas a fim de determinar uma demanda, que pode ser gestada a partir do número de indivíduos aptos ao consumo, números de itens por modalidade que podem ser objeto de consumo, capital disponível ao qual se vincula um potencial de aquisição de itens de consumo, conversão em horas de trabalho que podem ser convertidos em capitais para a realização de negócios, ...

Uma demanda pode ser fracionada por localidades, regiões, unidades administrativas ou por unidades familiares. O nível de agregação de demanda vai depender do tipo de item que é comercializado e as necessidades individuais de consumo.

Pesquisas de campo podem ser elaboradas a fim de verificar a capacidade instalada e de reposição a fim de dimensionar um potencial de mercado no qual uma demanda possa ser projetada a fim de definir um limite máximo que as ações empresariais possam deslocar seu esforço para a conquista de clientes.

Os comportamentos sazonais através de estudos sócioeconômicos-estatísticos podem contribuir para o estabelecimento de tendências em que o consumo se comporta a fim de que um mercado possa ser dimensionado.

Cada indivíduo é condicionado a uma função de demanda que é restrita a sua capacidade de correspondência em que está ancorada a sua renda, esta última, percebida como parcela de contribuição para aquisição de bens, produtos e serviços que podem ser adquiridos pela sua contribuição social em um agrupamento.

Quando um indivíduo não obedece a sua função de demanda dois fenômenos podem acontecer: o primeiro é a queda do consumo individual, visto como uma retenção de capital que inibe o consumo, formando uma poupança; o segundo é uma ampliação do consumo individual, visto como uma expansão de consumo que amplia as aquisições causando endividamento, mesmo sob a percepção de que o gasto acima da renda seja visualizado como um investimento.

Uma demanda é controlada pela sua relação com a oferta e procura, onde variáveis como preço, custo e benefício; juntamente com outros conceitos psicológicos determinam o comportamento do consumidor frente ao despertar de uma tratativa de consumo.

As demandas podem assumir estruturas associativas e mostrar elasticidade ao preço ou não dependendo do grau de dependência que um indivíduo possui em relação a aquisição de um bem, produto ou serviço.

Não é verdade que itens de consumo mais baratos possuem demandas elevadas, e o respectivo oposto, venha a condicionar demandas por itens de consumo mais baixos. Embora a lógica do mercado estabeleça como aspecto modal este tipo de comportamento para a maioria dos itens de consumo.

O custo de um item pode influenciar no seu preço final, desta força esta componente pode ser forte para justificar uma expectativa de demanda.

A percepção de um benefício se elevada provoca cognitivamente uma elevação de expectativa de consumo que poderá reverter em uma procura pelo item. Porém se o benefício é percebido como de baixa relevância ou importância, se o preço é baixo, pode acontecer que o consumidor se sinta motivado ou não a procurar um item de consumo. Se o preço, neste último caso é elevado, poderá provocar uma retenção em novas aquisições, uma vez que o item não se situa na base da pirâmide das necessidades de Maslow.

Algumas demandas seguem modelos ecológicos que obedecem a movimentos de reposição influenciados por aquisições passadas. Ou movimentos funcionais que obedecem a princípios de diminuição de custos, para aquisições de novos itens, a fim de recuperar um benefício pela economia conquistada pelo uso através do tempo. Ou movimentos estruturais que obedecem a princípios de inovação onde novos conteúdos passam a ser exigência vital de consumidores.

Existem demandas que são temporárias, que existem para corresponder uma necessidade pontual de determinado mercado. Mas a maioria das demandas seguem um fluxo contínuo de aquisições que diferenciam conforme o dimensionamento de um mercado.

Uma demanda pode ser extinta quando um item se torna ultrapassado ou obsoleto, em face de uma transformação tecnológica que pode ter absorvido o mercado.

Um controle eficiente sobre a demanda possibilita dotar os empreendimentos de informações nos quais os setores produtivos possam corresponder conforme o dimensionamento do mercado, a fim de evitar perdas e duplicação do esforço de produção. Assim o desperdício é evitado e o planeta passa a ser percebido em termos de eficiência, no qual a ausência de excedentes irá gerar uma poupança para a produção, como modelo de gestão dos recursos naturais, para as próximas gerações.

Notícias reproduzidas na mídia deslocam demandas pela perseguição dos efeitos, por parte dos consumidores, em que os itens são percebidos como benéficos ou representativos de malefícios que condicionam o acesso e aquisição. As demandas também são influenciadas pelas intervenções doestado cuja regulamentação pode provocar expectativas positivas e negativas de consumo.

Oferta

Oferta é uma mensuração agregada de correspondência pela disponibilização de bens, produtos e serviços em que indivíduos, coletivos ou jurídicos, vistos como um mercado, estão dispostos a produzirem itens para o conceito de consumo, pela sua relação de preço, custo e benefício, a fim de abastecer um mercado com instrumentações, materiais, bens e serviços de que um agrupamento necessita para que um particular possa incorporar um ou mais itens da produção em sua função social dentro do agrupamento.

Os itens produzidos são regulados em termos de quantidades ofertadas de acordo com os indicadores de demanda por cada tipo de bem, materiais e serviços indicar uma via de consumo.

A oferta, portanto, é um tipo de disponibilidade à espera de um ou mais compradores, que as leis ligadas à procura estabelecem o regramento para a correspondência com o grau de necessidade e desejo necessários para que o link da compra seja realizado.

Produtos dentro da lógica de oferta podem ser concorrentes, complementares, auxiliares (instrumentais) ou exclusivos.

As ofertas concorrentes são aquelas em que os itens produzidos possuem qualificadores e quantificadores homogêneos, e que, portanto, a proximidade de um item de consumo em relação a outro é tão relativa que o consumidor tem que alocar uma estrutura subjetiva de decisão pela escolha do item que melhor sintetiza o seu hábito e estilo de consumo.

As ofertas complementares são aquelas em que os itens produzidos possuem qualificadores e/ou quantificadores que segmentam um desejo e necessidade de um indivíduo, no qual para a satisfação integrar é necessário que vários itens distintos sejam utilizados a fim de que a realização pelo consumo seja satisfeita.

As ofertas auxiliares ou instrumentais são aquelas em que os itens produzidos possuem qualificadores e quantificadores que contribuem para organizar processos, em que a compra de um item torna necessário a aquisição de outro, que não é de natureza complementar (mesma funcionalidade), mas que o aprendizado indica que uma ou mais função auxiliar venha a depender para que a necessidade ou o desejo seja satisfeito. Por exemplo: o item auxiliar panela é necessário para se cozinhar uma refeição específica.

As ofertas exclusivas são aquelas em que os itens produzidos possuem qualificadores e quantificados próprios e únicos, em que não existem outros itens que possam ser consumidos de forma complementar ou concorrente.

As ofertas assim como a demanda estão sujeitas aos condicionadores de elasticidade ou não em relação ao preço ou quantidade ofertada.

As ofertas sofrem influência direta da restrição e escassez de materiais utilizados para a elaboração de um ou mais itens de consumo.

Quando se emprega materiais abundantes em um item de consumo, geralmente, e na presença de muitos produtores, é possível que a oferta pelo item seja farta com tendência a pressão de preços para baixo.

Geralmente um produto ofertado, quanto mais se emprega conhecimentos humanos na produção do item, maior será o seu valor agregado, uma vez que a elevação do nível de complexidade do item estabelecerá uma relação causal pela lei do esforço em que o vínculo cognitivo irá gerar a percepção de horas de trabalho necessárias para diluir no custo de produção de um item de consumo.

Itens estratégicos possuem, na maioria dos Estados, regras para a produção, a fim de preservar o meio ambiente, a vida dos trabalhadores, a segurança social, os princípios de conservação dos consumidores, a preservação da vida e dos direitos fundamentais.

Conforme o item ofertado, leis também podem regular o acesso, como no caso de bebidas e cigarro, que podem sofrer restrições de uso, de preço, de transporte, de condicionamento, ...

As leis de oferta são reguladas pelas relações de demanda e procura de forma que o mercado se organiza para correspondência da necessidade e desejo social.

Quando um produto de inovação é lançado em um mercado, para que uma demanda possa ser canalizada é necessário que cognitivamente os itens de consumo, através de processos racionais, convençam o consumidor da necessidade de consumo vista como o despertar de relevância ou atributos que possam ser incorporados como objetivos de consumo de um ou mais consumidores.

As notícias na mídia também podem causar influência sobre a oferta de itens de consumo, ampliando ou restringindo uma produção conforme uma sinalização do mercado de consumo excedente ou em declínio em uma perspectiva de mercado que traga uma expectativa do setor de produção.

Um controle eficiente da oferta permite dimensionar a produção para um nível em que o ganho pela elaboração dos itens seja maximizado a fim de atender o nível da demanda exigida. A vantagem da elevação da eficiência da produção é a diminuição de custos com armazenamento, no caso de itens como bens e produtos. E passar a dinamizar a oferta de acordo com a essencialidade das requisições de um mercado.

Algumas ofertas podem ser temporárias, como por exemplo um selo comemorativo ou um cunho de uma moeda que tenha um emblema diferenciado que esteja disponível apenas por um tempo determinado. Outras, porém, como na maioria dos casos ficam disponíveis no mercado enquanto tiver exigência de demanda geralmente controlada através do Ciclo de Vida de um Produto no qual o nível de demanda é acompanhado para que haja correspondência de oferta quando a relação de benefício para quem produz, aparenta ser uma relação mais vantajosa para o empreendedor e benéfica para o consumidor.

Procura

Procura é uma relação agregada de manifestação de necessidade ou desejo de incorporar no patrimônio pessoal; bens, produtos ou serviços, por intermédio de consumo, onde indivíduos manifestam disposição em adquirir itens necessários para cumprir sua função social em um agrupamento.

O histórico de comercialização de um item de consumo pode ser descrito como uma impressão pictórica conhecida como Ciclo de vida, no qual é possível perceber distintas fases de procura em que uma demanda foi alocada dentro de uma métrica temporal.

Seja o ciclo de vida, uma descrição de fases, onde um produto procurado pode estar em sua fase de desenvolvimento anterior a sua oferta em mercado, e quando incorporado ao mercado ter uma fase inicial de atração onde o produto, bem ou serviço passa a ser percebido timidamente pelo consumidor.

Daí constrói-se uma relação lógica que o crescimento contínuo pela procura de um item de consumo que esteja sendo avaliado, sintetizar dois períodos distintos em que a dimensão do crescimento é possível traçar uma reta alavancada entre uma faixa de 1 a 90º em que o período de crescimento seguinte projeta uma percepção de que o nível em graus do novo segmento de crescimento visualizado a partir do momento passado, sugere uma acentuação da inclinação onde é possível perceber uma alavanca da procura ou em outras palavras, uma acentuação do nível de vendas.

Por outro lado, dentro desta lógica, quando a procura por um produto em relação a dois ou mais segmentos de consumo tiver uma percepção em que um padrão de crescimento do consumo é meramente positivo, significa que um grau de maturidade, ou, de acomodação da demanda pelo produto gera uma expectativa sólida de gestão do nível de procura no período seguinte.

Mas quando a fase de maturidade começa a dar sinais de enfraquecimento, alguns doutrinadores segmentam a etapa final do ciclo onde se constata a maturidade, como o indício de uma inversão da inclinação da reta, percebida como uma saturação, um tangenciamento que permite identificar uma curva que se intenciona a projetar o sentido angular do crescimento para ângulos que trazem conceitos negativos de crescimento (decréscimo).

E quando a tendência de procura por um item está com demanda negativa é sinal que a procura pelo item entrou em declínio. E se nenhuma ação for tomada para entender o comportamento do consumidor, a fase terminal será atingida, vista pela extinção de um item de consumo que será retirado do mercado por ausência de compradores.

Uma procura pode ser mensurada através de pesquisa de mercado, onde a intenção de compra irá projetar uma necessidade de produção, em que uma oferta passa a ser medida como uma expectativa de consumo em que o item passa a ser projetado para uma correspondência de demanda.

A procura é gestada pela lei do livre arbítrio onde a vontade do consumidor e sua consciência devem prevalecer sobre as relações de trocas dos itens a serem consumidos.

Critérios subjetivos ou psicológicos regulam as leis de procura, uma vez que aspectos de qualidade são essenciais para que um indivíduo opte ou não pelo consumo de um item.

Nesta relação subjetiva surge um problema de alocação, onde o preço passa a ser o limitador do desejo e da necessidade de um indivíduo. E dentro dos moldes da escassez de renda um consumidor deve se organizar para a gestão daquilo que é mais essencial de ser consumido, para corresponder com mais vigor a satisfação de suas necessidades vitais.

Num modelo em que o nível de renda não é um fator limitante, o limite passa se condicionar na percepção da expansão do benefício em ser possuidor de um certo quantificador de itens de consumo. No qual existirá uma equação mental em que um excedente de consumo passará a não mais gerar benefícios porque irá provocar a necessidade de outros fatores, como por exemplo armazenamento e função utilidade. Assim, uma mulher milionária não adiantaria comprar para uso próprio 1 milhão de calçados, visto que a discricionariedade do fator de utilização iria lhe gerar um problema no qual não seria possível ser solucionado, pois afetaria a gestão de sua ocupação enquanto outros requisitos de urgência ambiental seriam mais importantes para a gestão de seu tempo.

As estatísticas de demanda agregada sintetizam um potencial de propensão de consumo que as relações de procura convergem para a dinâmica de aquisição de bens, materiais, produtos e serviços. Porém uma procura poderá convergir ou não em demanda de acordo com os níveis de conversão de compra.

Então uma pesquisa pode denotar que um evento de procura para um item em um mercado pode ser superior a demanda agregada supostamente dimensionada para este mercado. De forma que um estimador para a Demanda pode estar alocado com uma inflação projetiva, que não reflete necessariamente uma falha metodológica da estatística, mas uma expectativa do mercado que pode ou não ser cristalizada como consumo.

Por outro lado, uma estatística pode sinalizar uma procura baixa em uma pesquisa, em mercados que os consumidores em nível de organização e inteligência elevados, sinalizam para os meios de produção uma perspectiva que indica uma pressão para que os preços e/ou quantidades sejam ajustados, preferencialmente para baixo, e em virtude deste movimento sinalizar uma demanda mais alta quando promoções passam a tomar conta do mercado.

Procuras conscientes geralmente revertem em conversão de compras, podendo satisfazer a função social de um consumidor gerando sentido de engajamento para compras seguintes. Porém um consumidor ativado ao consumo, para um item em que a procura não era essencial para sua gestão social, poderá reverter em aversão ou perseguição negativa da marca, devido experiências negativas de integralização do consumo, devido associação com a dor psíquica gerada.

Sujeito

Sujeito é um tipo de pessoa que se implica dentro de um processo de construção e elaboração de uma subjetividade. Que é capaz de se sentir atuando dentro de um modelo psíquico e que colabora para uma identificação e reconstrução de si mesmo.

É uma pessoa analítica que não se incomoda com a situação que o induz a um tipo de dor psíquica. Segue um padrão de entendimento que conduz ao esclarecimento de si mesmo.

No divã é a pessoa que reconhece a si mesmo, seus atos, que sabe dos princípios que ancora sua angústia, ansiedade e sua personalidade.

É o indivíduo que pensa, que traz a luz sua identidade que é construída sob o alicerce de suas experiências que se acumulam como experimentações ao longo de sua vida.

O sujeito é conceitualmente diferente de indivíduo, que este segundo conceito traz uma subjetividade anárquica, fria, que não se importa com a implicação de um conteúdo.

Portanto um texto psicanalítico ou psicológico deve usar a denominação sujeito apenas quando fizer referência a um conteúdo cuja coleta se intenciona implicar a si próprio, dentro da lógica da linha e transcrição de um discurso, quando se quer dizer que aquele conjunto de informações tem uma pessoa como referente.

Sujeito é aquele que olha para dentro de si, aquele que espia a si mesmo, que é capaz de reflexionar-se e sintetizar o que suas próprias palavras têm a dizer sobre si mesmo.

O conceito sujeito é diferente de pessoa no sentido puro, porque pessoa representa uma categoria, uma classe onde todos seguem um mesmo padrão homogêneo, então para quem quer denominar a todos dentro do mesmo rol de atributos, deve usar o conceito pessoa como sendo sintetizador de uma ideia universal que segue para todo o agrupamento.

Sujeito tem ligação com o interno, no qual diz respeito apenas ao indivíduo nomeado. E que nada além deve ser migrado para outra pessoa, porque só diz respeito a um tipo de singularidade representada na figura do alvo nomeado: o sujeito.

O conceito sujeito é diferente de objeto, porque objeto é da classe de uma identidade que traz como conceito uma parte que tem vida definida, porém não tão complexo quanto uma estrutura biológica integral, pode ser apenas uma parte de uma estrutura biológica que se fixa para representar o todo através da representatividade da parte ou do uso de sua funcionalidade. Porém uma parte pode se implicar, e quando a parte se implica ela se torna o sujeito de um objeto.

O sujeito tem uma identidade única, e ele pode estar representado em outra pessoa através da construção codificada de um objeto de um ou mais elementos e atributos que se incorporam na trama ou malha em que se constrói subjetivamente um conceito integral multifuncional.

Portanto quando sujeito, pessoa, indivíduo e objeto estão representados em um único parágrafo está se codificando uma informação de representatividade, onde ora o sujeito nomeado é o ente que se implica em níveis de consciência, ora é representante de uma classe em que os atributos se incorporam em todos de mesma classe, e hora é o particular que faz uso de ausência de personificação para se referenciar, todos interligados por objetos que transitam as informações em que os conceitos permitem vincular conteúdos, subjetivações e atributos.

Sujeito é uma inscrição, visto da ordem interna, capaz de influenciar o olhar através da vivência que foi impressa neuralmente em um indivíduo capaz de se observar, porém não é possível que mais de um sujeito tenha a mesma impressão que irá ditar o nível de atividade funcional que irá reter uma unidade sensória onde se fabrica o argumento.

Dentro de um diagrama de Venn pessoa é o nível mais genérico que possa um agrupamento de atributos se referir a uma classe. Dentro dela se situam contidos: sujeito e indivíduo e objetos. Os objetos estão integrados a percepção de cada ente que esteja integrado dentro: das pessoas, dos sujeitos e dos indivíduos. Os indivíduos são uma partição contida dentro de pessoas que se interceptam com o sujeito. E este último, o sujeito é o ser interno que representa a essencialidade de um indivíduo, e que tem seus objetos próprios, e que também se incorpora na particularidade de uma classe (pessoa). Sendo esta última podendo ser um Ser individual ou coletivo, ou seja, natural ou jurídico.

E o Ser difere de sujeito, porque Ser é o todo, dentro de todas as dimensões que um organismo vivo possa ser representado dentro de um constituinte físico ancorado por um ambiente onde habita a sua contemporaneidade.

O Ser individual diz respeito a um só organismo biológico vivo. E o Ser coletivo diz respeito aos consórcios de indivíduos que se agrupam para representar uma unidade de entendimento.

O sujeito tenta alcançar o Ser que o é. Para se libertar da dor psíquica quando ela lhe causa entraves para os eu próprio desenvolvimento. O sujeito se deixa influenciar pelo Ser coletivo quando sua relação de permuta necessita trocar impressões de objetos em que um processo de identificação transfere e contratransfere uma parte de um sobre o outro e vice-versa (que irá depender do olhar de quem observa).

O Ser dentro do Diagrama de Venn é o universo matemático delimitado. Que ora sintetiza a consciência de um indivíduo, e ora sintetiza a consciência de muitos indivíduos conforme a necessidade de uma análise. Sujeito é um tipo de impressão interna que raramente vem à tona, no qual o indivíduo apenas mostra para o mundo aquilo que ele expressa, essa pessoa que faz parte de um coletivo, Ser que tem sua função existencial. Que se integra como um Ser coletivo, que faz parte de um agrupamento, de um povo, de uma nação.

Sujeito suposto saber

Sujeito suposto saber é o detentor da palavra que evoca para si a atribuição se sintetizar um ensinamento, para que seja convertido em uma norma de razão. Não é o mesmo sujeito psicanalítico, imbuído da verdade. É um sujeito mais amplo que se conecta com todas as variações de realidade.

É a forma que estabelece um vínculo entre várias classes e categorias de conhecimento cujo efeito esperado é a integração do conhecimento em que todas as partes se interceptam e se fundem num cubo imaginário.

É uma constelação que flui entre distintas constelações para formar uma realidade UNISSONA. É detentor de um vínculo onde todos os segmentos estão contidos permutando uma realidade que permite multidisciplinar a arte de conduzir uma informação.

É sujeito porque se conecta com o interior, é suposto porque é capaz de dotar-se de algo para ser elemento de integração, é sabedoria porque fundi a imaginação trazendo para si a junção de todos os elementos que constrói múltiplas percepções de conhecimento.

A sabedoria bem de um movimento de busca de informações seletivas, em que a tarefa da pessoa que manifesta o saber é fundir as partes sem provocar incoerência sobre o seu entendimento.

Como o entendimento é flexível camadas de conhecimento são ativadas a fim de que o conhecimento integral seja lançado sobre a memória do indivíduo que canaliza a informação.

Há que pensar em saber como uma superação de vários processos que primariamente são colocados numa fila de processamento, sejam através de sentimentos, sensações, motivação, desejos, intuição, e outros aspectos primários que quando satisfeitos são capazes de instanciar informações nos 4 logos cerebrais, com uma força de energia suficiente para que a fusão da experimentação coordene o sistema nervoso periférico através do cerebelo para o desencadeamento de coordenadas de movimentos que irão sintetizar a percepção da vontade de um indivíduo, manifestada através de um centro decisivo que evoca para si a responsabilidade para que as ações sejam convertidas em atos de comportamento humano.

Por sua vez quando se integra elementos fisiológicos primários se construí uma unidade de pensamento, na forma de um protopensamento, pela junção de conectivos do tipo alfa.

Mas conceitos uma vez ativos, em que são responsáveis por reter um tipo de experiência em que um indivíduo tenha sido motivado a se influenciar, necessitam passar por outros processos reativos, no qual novas barreiras de integração passam a influenciar o padrão ao qual o indivíduo deva gestar a influência externa sem que com isto venha a desfazer da conexão do sentido mais próximo da urgência ambiental.

Então elementos de segunda ordem passam a guiar estímulos mais complexos em que os conceitos primários passam a fundir em normas de aplicação ao movimento cada vez mais complexos, ditando diretrizes em que se visualizada uma construção de uma rotina de procedimentos.

Esses elementos por sua vez de segunda ordem, canalizam informações na forma de procedures chamadas de pensamentos racionados, que trazem instruções simples do agir mais próximo da realidade que quem sabe manipulá-los e influenciar seus atributos a fim de conseguir o máximo aproveitamento dos fatores apreendidos através da excitação humana.

Os elementos de terceira ordem estabelecem um vínculo de razão temporal, onde as integrações são regradas através de instanciamento de contextos. Os contextos são frações de entendimentos, como cenas completas que sintetizam um aprendizado de um conceito que deve ser integrado de ordem maior no qual se objetiva conectar com um princípio que seja um fator de ordenamento e observação em toda uma espécie.

Os elementos de quarta ordem estabelecem um vínculo de razão dinâmico que atributos multidimensionais somam aspectos multivariados por onde realidades complexas podem interagir em um único contexto.

Os elementos de quinta ordem estabelecem vínculos de razão dinâmica e multidirecional onde várias realidades universais são possíveis de serem atingidas por meio de um contato sutil que permite criar um conceito de grandeza cerebral que conecta um indivíduo ao seu universo.

Demais desdobramentos desta perspectiva ainda são uma incógnita para o sujeito do suposto saber que se limita a um espaço delimitado em contextos dentro e exclusivamente perceptivo de sua atmosfera.

É possível que os elementos que integram a sexta ordem eles interligam os instanciamentos psíquicos dentre camadas de momentos em que as realidades de cada dimensão inferior passam a se interligar numa construção projetiva que irá dotar um indivíduo de complexidade.

E por fim os elementos de sétima ordem gera a dinâmica de um ecossistema onde as histórias de vida se entrelaçam entre os aspectos internos e a realidade externa a um indivíduo.

A construção deste saber está no deslocamento para todas as direções em que a percepção de uma necessidade permite o sujeito interagir com sua verdade, e experimentar a verdade alheia sem precisar penetrar na sua intimidade, apenas através do acesso dos registros mnêmicos do porvir e do passado, onde todos os registros podem ser acessados, por meio da consciência.

A sabedoria vai além puramente do fator de integração daquilo que irá concluir um processo de falta, ou seja, de um problema que deverá ser resolvido, a fim de que o consumo ordene uma necessidade biológica. É o uso de uma inteligência que permite ao sujeito liberar a sua criatividade seguindo um fluxo de informações que liberta.

Tempo de compreender

A memória precisa se estabilizar para que os processos de aquisição possam ser desencadeados no cérebro humano.

Então existe um tempo de acomodação de um aprendizado e um tempo em que esse aprendizado pode ser utilizado a fim de que uma compreensão seja percebida.

A memória pode ser compreendia em processos gradativos em que os processos evocados podem ser percebidos instanciados em métricas de tempo. No qual as mais próximas se incorporam a uma classe de memória de curtíssimo prazo, aquelas memórias em que os eventos tenham sido desencadeados em minutos ou horas passadas podem ser colocadas dentro de uma classe denominada de curto prazo, e aquelas memórias em que dias, meses e anos são resgatadas convencionou-se pela denominação de memória de longo prazo.

Uma compreensão é um procedimento complexo e reflexivo, no qual o indivíduo é dotado de consciência para corresponder ativamente a todos os vínculos gerados dentro de um contexto onde sua história se vincula.

É a formação de um sentido lógico em que uma ação ao ser propagada sobre o indivíduo, mesmo este fazendo o papel de observador seja capaz de sintetizar um regramento para o qual os desencadeamentos reativos do indivíduo sobre o ambiente são capazes de transformar e sinalizar a sua identificação para com o mundo em sua volta.

O tempo é uma medida de fixação do aprendizado, sob esta perspectiva, onde a modulação, as frequências cerebrais, os fatores resistivos entram em combinação para um novo tipo de equilíbrio que irá derivar uma necessidade de correspondência. E a necessidade ambiental fará com que o indivíduo saiba utilizar da informação para utilizar como conteúdo a fim de combinar suas formas de perceber, tratar e gerir o espaço a sua volta.

O tempo é percebido como uma transformação em que um estímulo é aplicado sobre a rede neural, e como resultado fornece um indicador de equilíbrio para que a memória fique completamente ativa e faça uso da informação ao qual foi possível perceber como um conteúdo válido que deva fazer parte de uma coleção de ideação que pode ser utilizada a fim de controlar o ambiente a sua volta.

Não existe uma medida estatizada e fixa para este fenômeno, o tipo de experiência e experimentação difere da forma que o tempo é necessário para que um indivíduo passe a fazer uso da informação arquivada em sua memória.

Quando o tempo aquisitivo não é respeitado as chances de um indivíduo se vincular com informações que não induzam o desenvolvimento cerebral dentro de uma norma em que é certo, fatores de evolução amplia as chances de dificuldades no desenvolvimento cerebral.

O biológico deve ser respeitado como um princípio básico que aproxima os indivíduos de suas necessidades reais.

Esse tempo de compreender ajuda melhor o organismo a trabalhar as correções necessárias para fixar o conhecimento já apreendido e o conhecimento novo que se incorpora dentro do saber humano.

As correlações e associações entre fragmentos de informações são meramente abstrações modais que uma realidade induzida é capaz de sinalizar um contexto em que um observador ou personagem atuante está contido dentro dos frames de informação.

Da mesma forma que se pode construir uma relação de propriedade física como um princípio reativo que rege como funcionamento ambiental, o estabelecimento de distintos arranjos pode gerar outros tipos de realidades, em que por exemplo, um ecossistema em que a água de uma fonte se desloca no sentido anti gravitacional. Ou uma relação onde isopor é mais denso, duro e resistente de que uma pedra de arenito.

As propriedades físicas estabelecem distintos mecanismos de apropriação de sentido, se a lei for alterada para o biológico, então o conteúdo passa a seguir outros sistemas de interação, que conforme os parâmetros do habitat também podem emergir distintas características de apropriação de sentido. E se a lei tem por base princípios químicos, dependendo do tipo de dimensão pode o conteúdo estar canalizado para uma correspondência circular em torno de diretivas específicas de comando e correspondência;

O tempo de aprender para cada uma destas dimensões é distinto e efêmero. E também não é possível ser estatizado, uma vez que a sequência em que as relações são construídas irá ditar um tipo de condicionamento em que todas as estruturas vivas e abstratas estão configuradas para exercerem sua funcionalidade em um ambiente. Assim, comer pode estabelecer uma função direta associada à vida dentro de uma realidade, e em outra representar uma ruptura que não irá surtir o mesmo efeito desejado.

Não significa, portanto, uma ruptura do modelo científico humano, mas a observação que este fenômeno é muito mais amplo do que se podia crer ou ter observado. Esse tempo em que o aprendizado é estabelecido é essencial para que o indivíduo se conecte a realidade que é necessária para o seu desenvolvimento e desempenho.

O tempo pode ser percebido como transformação, mas uma transformação pode ter muitos eixos em que a trilha do conhecimento pode expandir ou contrair a intelecção. E para se ter esse efeito é necessário que a mente aprenda a construir o trajeto que irá levar o indivíduo a construção de sua real necessidade. Então chega-se à conclusão que o tempo de aprender está contido e contém múltiplas dimensões, em que estar conectado a uma delas aparenta fuga perceptiva na visualização da outra realidade.

Momento de concluir

O momento de concluir é aquele que todos os dados, informações e conhecimentos já se encontram organizados e que, portanto, é necessário fazer uma síntese que possa condensar toda a informação em um padrão de norma ou conceito.

Um professor deve ser coerente dentro do seu projeto e proposta pelo ensinar. Fragmentar atividades em microentendimentos pode ser um caminho para que os alunos não passem a se sentirem desamparados na conclusão e inclusão de um conhecimento.

Perceber ganhos de forma fracionada incentiva muito mais o aluno na trilha do conhecimento. O mesmo não ocorre em relação a retribuição financeira no exercício de uma atividade, quando o ganho pode ser percebido em termos de uma qualidade que se conquista de forma fracionada, mesmo quando uma retribuição monetária não é obtida no decorrer de um processo.

Toda conclusão é uma integração, que parte das informações que foram catalogadas previamente. Se no enlace da formação de uma integração do saber novas informações estiverem contidas na conclusão, é sinal que a expansão do conhecimento sinaliza que a linha de argumentos ainda não estava trabalhada o suficiente para que o objetivo de informar fosse satisfeito. E que, portanto, é sensato por parte de um escritor trabalhar com mais informações a fim de incrementar o desenvolvimento de seu informativo literário.

Como num sistema da causas, efeitos e consequências, a conclusão é a transferência imediata do fenômeno da elição textual, onde os laços se formam de forma associativa no qual passa a existir uma correlação entre as ideias numa norma de coesão em que permite interligar vários conceitos fragmentados em parágrafos dentro de uma análise textual.

A elição textual está contida dentro de um sentido de evocação, aquisição e migração da informação para fazer parte da síntese de um texto como elemento essencial que condensa o tipo de ordenamento que deve ser obtido a fim de evidenciar os múltiplos conhecimentos que são apresentados durante o corpo de uma explanação textual.

Quando um autor por um recurso estilístico dá saltos quânticos sobre uma conclusão, sem perder a coerência no propósito de informar esse, está sinalizando os caminhos que os desdobramentos seguintes estão indicando como resultante do esforço da progressão do pensamento no sentido em que os fluxos de informações são desencadeados no decorrer do processamento das informações.

Porém quando em outro estilo, em que um autor no final contradiz, num processo de negação de todos os elementos informativos, que são expostos ao longo da linha de raciocínio, pode indicar uma ruptura do modelo do pensamento, onde o autor diz para seu público que somente até aquele ponto é sensato raciocinar e que a barreira semântica é necessária para que aquele pensamento não passe mais a progredir além do limite de exposição.

No caso de conclusões críticas, a preferência de um autor é reforçar o seu conteúdo personalístico, no qual torna sensato elucidar o seu ponto de vista, em detrimento do fluxo de informações sociais.

A ironia pode ser um estilo a ser aplicado como conclusão quando se deseja desqualificar para uso momentâneo um pensamento divergente ou antagônico.

Também pode usar recursos semânticos como gradações ou ampliação de sentido (metáfora) eu restrição de significado (metonímia) a fim de provocar através destes recursos estilísticos um balanceamento cognitivo que permita a um indivíduo organizar melhor suas ideias de como o fluxo de informações deve se organizar a fim de que a harmonia textual seja conquistada.

O fluxo de pensamentos dentro de uma conclusão deve seguir por um rito de influência daquilo que é mais importante ou principal evidenciar. As ideias vencidas ao longo do desfecho não devem ser apresentadas como itens conclusivos, e em vez deste processo, o realce deve prevalecer sobre os itens que o destaque é necessário para indicar a um indivíduo-leitor o sentido que sua consciência deve projetar conteúdos cujas dimensões devam estar expostas.

Quando um fluxo de informações não permite fechar uma conclusão, o autor de um discurso gráfico ou verbal deve utilizar de recursos semânticos que permitam deixar em aberto a linha do raciocínio, sinalizando que mais informações são necessárias para que a conclusão definitiva de um conhecimento possa ser obtida.

Alguns autores optam por introduzirem um conceito padrão, em que este se desdobra em termos de inflexões do saber, sem apresentar uma norma conclusiva, a fim de que o fluxo do raciocínio seja continuado e a informação seja perseguida para que um saber seja desenvolvido.

Porém quando toda a linha conceitual de um conhecimento já está trilhada, é sinal que uma conclusão deva ser fornecida a fim de que a gestão do conhecimento possa trabalhar dentro do padrão formatado para o conhecimento.

O momento certo de concluir pertence ao critério de um autor. Porque ele é capaz de perceber o sentido em que seu processo de transcrição criativa do seu modelo de pensamento é capaz de representar em termos de fluxo de informações e representar uma experiência agradável ou necessária ao desenvolvimento de seus leitores e de seu desenvolvimento pessoal.

Uma conclusão pode ser apresentada também para o caso de um fluxo que caminha em linha divergente onde os pensamentos se conflitam na apresentação de argumentos que aparentemente são antagônicos e não complementares. No qual o autor irá utilizar como recursos conclusivos os elementos coesivos que completam por meio de portas as conexões entre múltiplos conhecimentos para que eles possam se comunicar harmonicamente entre si.

Destituição subjetiva

Destituição subjetiva é a derrubada do argumento que causa uma reação no sentido do sofrimento, da dor e da sensação de ressentimento, para que um indivíduo sobreviva de um ataque egoico lançado pelas vias de expressão através do ambiente.

É um tipo de renúncia para desencadear uma variável econômica, com o objetivo de preservação, que não é uma ausência de sentimentos, como no caso de um quadro psicopatológico de psicopatia antissocial, mas uma redução de efeitos para que as consequências não sejam prejudiciais para o organismo como estrutura biológica.

É um giro sobre o cubo da consciência, onde apenas a perspectiva positiva é trazida à tona como manifestação psíquica, para se destituir o ciclo de perversão, ou níveis elevados de agressividade que partem do ambiente.

É um estado de preservação para que a integridade biológica permita ampliar a expectativa de vida pessoal, em face das reais necessidades que o indivíduo demanda para a sociedade.

Portanto, é um movimento reativo transverso, que não gera a correspondência modal ao qual o nível de associação moral de uma civilização tem por exigência um modelo de comportamento em que o desencadeamento reativo seja no sentido de contrapor o elemento evasivo que incide sobre um indivíduo.

A destituição subjetiva é um elemento chave para a evolução de uma espécie, porque consegue facilmente adaptar um indivíduo quando a exigência ambiental exige dele recursos que teoricamente ele estaria vinculado à manifestação de contra fluxo em reação destrutiva, e em vez do comportamento esperado, o indivíduo assume uma postura adaptativa da vida o qual faz progredir em escala geométrica o seu nível de consciência.

E as consequências desta destituição subjetiva é a perda associativa do elo que antes conduzia o indivíduo a permanecer instalado em um padrão reativo, encarcerado num ciclo ecológico entre permuta de sentidos cada vez mais restritos onde fatores de inovação se tornavam cada vez mais escassos.

A renúncia da dor não significa ampliação da insensibilidade, mas pode representar uma conexão com outra dimensionalidade conceitual que permita assumir um papel, como elemento representativo, onde fatores corretivos sobre a personalidade podem traçar e indicar os conteúdos certos para que a alegria, o contentamento e a felicidade podem ser desencadeadas em vez da ilusão do encarceramento da dor psíquica.

O ambiente é demais complexo para que um indivíduo de qualquer espécie possa suportar toda sua carga de informações. Seres biológicos necessitam repartir suas tarefas de agregação de informações, para dar conta de todas as possibilidades e combinações de comportamentos químicos, biológicos e físicos desencadeados por esta corpulenta natureza extremante extravagante e complexa.

Porém, esta parte que um indivíduo é capaz de abstrair, - o Plano Real -, é um sinal de um pequeno traço de todas as combinações possíveis de aprendizado sobre o próprio habitat. Mas dentro deste traço existem infinitas e complexas combinações as quais podem ser interpretadas de distintas formas e percepções variadas.

A destituição subjetiva dentro deste contexto é a renúncia a experimentação da experiência que não gera benefícios para o ser humano, e em vez disto, o aprisiona dentro de uma ciclicidade onde a percepção de outros conhecimentos fica travada da percepção do indivíduo que sofre.

É um processo de remodelagem cerebral, no qual o indivíduo é consciente dos fatos futuros que serão desencadeados sobre o seu organismo se persistir dentro da construção subjetiva que irá prejudicar uma relação direta com o seu corpo. Então em vez de atuar, ou representar, dentro dos atributos que o irão conduzir a um processo de identificação com o sofrimento, ele pula todas as etapas, e vai para um raciocínio que melhor representa um eixo evolutivo e adaptativo.

A destituição subjetiva é fundamental para a elevação da expectativa de vida. Ela permite dotar um indivíduo de homeostase cerebral, como caminho inicial para sua jornada para um envelhecimento sem excedente da maturação do organismo, no sentido de declínio de suas funcionalidades.

É uma renúncia que traz grandes benefícios para o ser humano. E o permite ir além de um ponto fixo, do que para o declínio de suas funções vitais.

É um fator de economia, onde os eventos pulsionares passam a ser poupados. Para a utilização racional apenas nas atividades humanas em que é necessário de fato o desencadeamento de movimentos reativos.

O corpo, por sua vez alimentado, gera menos instabilidade molecular e as células ganham um sobressalto de vida, no qual o retardo do envelhecimento facial é o primeiro benefício percebido por outros indivíduos que permutam o mesmo espaço ambiental.

É um esperar consciente, após a renúncia, que parte de um processo de conscientização, do indivíduo que recebe a descarga reativa negativa, e não reage conforme o aspecto modal, pelo indivíduo que se enquadra dentro do aspecto conflitante, possa perceber o mal que esteja gerando para si mesmo, e que este possa voltar ao seu estado de estabilidade a fim de que a partilha ambiental possa ser pautada dentro de valores em que a permuta somente faça parte do sentido em que ambos ampliem sua taxa de expectativa de vida.

Dentro deste modelo de pensamento, a destituição subjetiva não deve ser realizada quando a necessidade do organismo seja uma ativação do sistema simpático. Mas como efeito regulamentador, não deve ser realizada dentro de um fracionamento do comportamento com uma certa periodicidade, mas apenas quando os sinais de ausência de vitalidade do organismo, necessitem que fatores de condicionamento de luta e fuga devam ser ativados.

Travessia

Travessia é o momento crítico em que um indivíduo sai de um meio, no qual deve passar por outra zona de estrutura diferenciada, a fim de se interconectar a outro ponto no local de destino. Pode ser vista como uma barreira transacional, ou um obstáculo transacional que deve ser superado, a fim de que o ponto de chegada possa ser alcançado.

Requer uma necessidade adaptativa, a fim de que um objetivo de chegada seja conquistado. Como também habilidades específicas para transacionar informações dentro da zona transversa ao qual o indivíduo deve construir subjetivamente a solução para seu conflito de deslocamento.

É necessário planejamento prévio, a fim de que uma simulação visualize os tipos de complicadores que podem haver durante a travessia. Então princípios de gestão deverão prever situações de conflito que podem ser desencadeadas na visualização de dificuldades durante o transcurso.

Fatores corretivos devem nortear uma carta de intenções que poderão determinar o agir diante da situação inesperada, para que o controle da travessia não saia do limite da razoabilidade.

Pode pressupor-se numa travessia numa falta, ou num excedente de estímulo em que a zona que difere da passagem pode sinalizar que irá corroborar para acentuar a ansiedade e aflição como um rito de passagem.

Porém quando a travessia deixa de ser um fator inato, e já é translúcida, a facilidade de reconhecimento, do ponto de vista adaptativo, permite a um indivíduo perceber que seus perigos já são conhecidos e que, portanto, os complicadores já estão mapeados no cérebro deste indivíduo, tranquilizando ainda mais o rito de passagem para outra extremidade.

Há que se pensar em um risco, e a propagação de estímulos de luta e fuga, como também de um deslocamento de parte da atenção e foco para atributos de segurança.

Muito pouco se constrói com o conhecimento de travessia, mas possuem grandes implicações no rol do conhecimento, uma vez que fornece informações geoestacionárias de grande valia para um processo de aprendizagem sobre os fatores e aspectos ambientais.

O deslocamento de um organismo por um meio distinto ao qual ele está centrado, como por exemplo, a travessia de uma um rio, em que um indivíduo deve adentrar na água, é um destes muitos exemplos, que podem ser citados como percepção de aprendizado para um tipo de situação em que exige assistência adaptativa.

Ou uma pessoa que se desloque paralelamente a um vulcão em erupção, ou uma medida que exija passar por uma zona de mata em que um setor específico exista um incêndio que se propaga em sua direção.

Então há que se pensar em procedimentos de monitoramento, e quando a travessia é coletiva em divisões de funcionalidades nos quais uns indivíduos se especializam na guarda, outros no avanço pela área projetada, outros responsáveis pelos perigos do setor, e outros indivíduos responsáveis pela guarda de provisões e equipamentos. No qual mensagens de alertas são sinalizadas todas as vezes que o agrupamento que está fazendo a travessia pode sofrer algum tipo de intervenção que não reflita um estado de segurança.

Uma pessoa que deseja fazer um processo de travessia não tem como estímulo ficar nesta zona de transição, e o faz, muitas vezes para poder ter o direito de chegar ao ponto de destino, onde se situa a resolução de um conflito, o alcance de uma etapa de vida, uma meta, onde o objetivo finalmente pode ser construído ou dar início a outros processos em que outros objetivos possam ser colocados em rotina para serem conquistados.

Como uma trava, a zona que deve ser ultrapassada, é um obstáculo, e como tal tem um nível de dificuldade que pode implicar em uma diminuição de uma proficiência ou de um conteúdo vital.

Portanto um indivíduo que faça uma travessia deve ter no ponto de destino algum complemento que possa lhe devolver os atributos de sua vitalidade, ou ter medidas reparadoras em que esse mesmo objetivo seja construído.

Mas o que leva uma pessoa a optar por uma travessia? Ausência de uma via direta? Ser uma medida inesperada para alcançar um objetivo mais célere? Uma motivação para o alcance de uma meta? Uma necessidade de dominar os recursos e as disposições da natureza?

Os motivos podem ser diferenciados, porém a lógica parte de um pressuposto que o ponto de destino é que está o evento esperado que deve ser conquistado. Ou que ao chegar dele parta, uma missão como elemento de início de uma necessidade individual ou grupal.

Muitos indivíduos precavidos quando fazem travessia em lugares inóspitos colhem amostra do solo, da água, das cinzas a fim de que se alguma coisa der errado no ponto de destino, um corpo médico ou de intervenção possa ter indícios para saber exatamente que princípio deva aplicar a fim de corrigir a falha que aparentemente convergiu em diminuição da vitalidade.

Uma via área para uma pessoa que se situa em solo pode ser também considerada uma travessia, principalmente se a zona transversa ao qual o objeto de navegação irá transladar-se passar por fatores em que conflitos ambientais podem ser percebidos como elementos intrusos que devem ser controlados para se chegar são e salvo no ponto de destino. Portanto, toda travessia implica em pelo menos uma mutação do ambiente, ao qual o indivíduo não está acostumado. Exige habilidades e administração de pensamentos de homeostase, onde esse equilíbrio deve surgir como uma forma de garantir a estabilidade de um processo de deslocamento. Requer um tipo de postura, de auto-observação, de domínio sobre si mesmo e percepção do que difere antes que os efeitos reduzam a expectativa de vida.

Fantasma

Fantasma é um evento de natureza bélica utilizado como estratégia de persuasão, para ativar o medo inconsciente de um oponente, assim como nos episódios de possessão, em que os estímulos do corpo são controlados para a gestão dos processos de expressão de um indivíduo a fim de despertar medo e incompreensão geralmente organizado por uma inteligência com base tecnológica mais avançada.

Geralmente um fantasma é um holograma que trabalha com fatores de condensação e desencadeamentos de fenômenos físicos que permitem a propagação sonora.

Os efeitos em que objetos e móveis possam flutuar e se deslocar em um ambiente é através do controle de fatores gravitacionais. Onde as vítimas evocam seus conteúdos supersticiosos e não conseguem sair do trauma de crenças e informações primitivas.

As comunicações entre os hologramas e as vítimas, vistas como um processo de comunicação podem ser construídas apenas com o deslocamento da boca do holograma (fantasma) e o encaixe sonoro diretamente no tímpano da vítima onde ela constrói a noção de que uma comunicação está sendo travada com a “entidade”.

Outra possibilidade de fantasma, é um nano robô de dimensões humanas que consegue ficar em estado invisível ou visível conforme a necessidade, muitas vezes percebido plasticamente como uma alma penada.

Essas estruturas de camuflagem são muito boas para atordoar um inimigo quando se planeja uma invasão. Porque é capaz de pegar desprevenido a vítima que passa a se preocupar com questões místicas em vez da real necessidade de segurança do agrupamento.

Efeitos em luminárias, velas acendendo e apagando inúmeras vezes, portas se deslocando com a imposição de um vento ausente, ranhuras sobre os vidros, barulho de correntes arrastando, equipamentos que ligam e desligam, ... são muitas das estratégias utilizadas para ativar o imaginário de uma vítima.

Que tal de repente um gato preto aparecer do nada miando ao pé de sua cama? Ou sua coberta ser puxada sem que você não perceba que ninguém entrou em seu quarto? Ou sua cama pular como se tivesse fazendo parte de um terremoto? Quadros caírem das paredes, copos trincarem sem motivo aparente, o telefone tocar e você ter a impressão que do outro lado tem alguém que respira e quando você fala alô logo vem o sinal de ocupado...

E nestas horas você teme pela sua vida, então pega um crucifixo, ou a Bíblia da família, e vem um vento repentino que não te deixa escolher a página certa. E quando a página é firmada no Livro Sagrado, sua visão é canalizada justamente para o Versículo que fala alguma coisa sobre a morte dos ímpios e impuros. Assim, você cai em perdição. Se sente indigno e começa a pedir piedade para que Deus ou algum Representante possa protege-lo naquele instante.

Ou quando você está no ambiente, e começa a perceber que alguém está te tocando, e você não tem identificação visual com nenhum outro indivíduo do ambiente que possa estar desencadeando o ato de comunicação.

Ou naqueles momentos em que você percebe que houve um chamamento, e que o processo de comunicação começa a ser realizado diretamente com instruções em seu cérebro, onde as comunicações visuais são desencadeadas durante o processo do sono, estando o indivíduo dentro de um sonho lúdico, em que acontecimentos futuros são projetos em sua mente para que você tenha consciência e noção de que seu projeto de vida está em curso conforme o planejado.

Os fantasmas provocam diferenciações do paladar sobre a mesma coisa alimentar consumida. Podem fazer um indivíduo pronunciar frases que não tinham a intenção de fornecer explicitamente em um processo de comunicação.

Como também controlar a percepção alheia para que as pessoas montem falsas correlações sobre o estado de saúde e vital de outra pessoa, mesmo que a vítima diga enfaticamente que esteja bem em termos de consciência, as pessoas controladas mecanicamente não conseguem perceber a consciência na fala de quem argumenta estar bem. Esse efeito fantasma é utilizado todas as vezes em que se deseja levar a vítima para uma internação psiquiátrica.

Existem pré-condicionantes do efeito fantasmagórico que são muito importantes para despertar as excitações de medo. Um deles é ativar levemente e progressivamente o sistema simpático de um indivíduo, com algum evento externo que desperte a lembrança de alguma preocupação arquivada de seu passado, a fim de que quando o evento inesperado possa ser gestado sobre o ambiente a progressão do susto possa despertar o efeito místico que o temor é visualizado sobre a vítima.

Além do efeito para a guerra, esses elementos são também amplamente utilizados para parques de diversão, principalmente para a necessidade de ativação do ciclo circardiano preguiçoso que permite a um indivíduo recuperar suas funções vitais.

Outra aplicação é de retirada do indivíduo de seu padrão de consciência para que ele possa perceber o mundo a sua volta. Quando está encarcerado dentro de um contexto que lhe prende a auto-observação ou distanciamento da realidade grupal.

Do ponto de vista ufológico pode ser uma oportunidade de conexão com outra civilização quando um fenômeno deste porte é mapeado, a fim de que um contato direto possa ser administrável. É uma estratégia quando se deseja afastar curiosos de um ponto de contato, a fim de que apenas autoridades possam ter vínculo com as reais informações que desejam ser repassadas.

Mas você já sabe, se ver um fantasma se arrependa dos seus pecados, reze para ele não te fazer mal, e lhe peça conhecimentos para que você possa trilhar uma longa amizade de desenvolvimento mútuo.

Corte da subjetividade

O Corte da subjetividade é a renúncia da expressão no instante em que o fluxo de pensamentos é desencadeado, a fim de fazer com que um indivíduo reflita seu pensamento antes de colocar informações no ambiente que possa afetar a si próprio e/ou a outros seres ou ao ambiente. Difere da Destituição subjetiva por ser uma inflexão pontual, onde se fornece uma barreira que não deixa que um fluxo contínuo de informação seja desencadeado ambientalmente, que se destitui na fase seguinte pela troca perceptiva.

Parte de um princípio de auto-observação em que os pensamentos se projetam, por exemplo, por intermédio de uma comunicação, que pode ser a fala, ao mesmo tempo uma gestão das consequências que poderão ser desencadeadas em um instante hipotético seguinte, caso o fluxo de informações continue a ser perseguido, no qual o indivíduo fortalece a pulsão de sua vontade para discordar dos fatores interativos, e como consequência direta ocorre o rompimento da expressão e um retorno para a subjetividade onde sofisticamente se constrói diques que impeçam que os argumentos continuem válidos dentro da porção psíquica.

Então decorre de uma fase inicial de introspecção, onde o indivíduo tenta se ajustar a nova visualização da demanda cerebral. Fica claro um período de inação, ou ausência de atividade, que objetiva pacificar a mente diante deste processo.

Porém quando novos traços mnêmicos são formados, e o resgate na memória de novas práticas de comportamento são capazes de moldar o ser humano para se ativar dentro da escala e frequência correta que irá irromper no fluxo de pensamentos, como uma comunicação expressa em que o sujeito se sinta “concordante” e tem interesse em repercutir uma “mensagem” no que diz respeito à série de informações desencadeadas.

Há que pensar também que o rompimento de um fluxo programático de informações há um retorno de energia, que deve ser deslocado para outro centro. Quando um indivíduo não consegue abastecer de forma uniforme estas economias transacionais, a consequência natural é um empoderamento cerebral, no qual uma identificação projetiva passa a comandar o cérebro humano, podendo produzir alucinações, devaneios ou delírios, enquanto o cérebro não entra na sua fase homeostática.

Este efeito quando colocado em uma via de expressão pode ser confundido como desordem cerebral, no qual o indivíduo deve ter um cuidado restrito, para não ser enquadrado dentro de um quadro psicopatológico, vindo a se tratar apenas de um episódio pontual onde sua mente caminha para um controle, através de um ajuste homeostático.

O corte da subjetividade é necessário todas as vezes que o desencadeamento pela via de expressão de uma informação pender para uma esfera de ampliação do conflito, percebida como uma forma de expressão que amplia a desordem de degradação social. Mas é algo inerente ao próprio sujeito, onde ele deve acionar o seu superego para que o evento desagregador seja contido e o ambiente possa retornar à normalidade.

A intervenção por parte de um terceiro diante de uma expressão de pelo menos um indivíduo que irrompa fluxos de raciocínios que desestabilizam o agrupamento social, é o exercício do poder de polícia e deve ser praticado dentro das atribuições e funcionalidades do indivíduo observador que zele por algum princípio universal.

Caso contrário pode ser interpretado como uma manifestação contrária ao exercício do livre arbítrio de manifestar pela liberdade a expressão do pensamento conforme a vontade de um indivíduo. O que pode gerar a impressão de impedimento, e como tal, ampliador do conflito que polariza e segmenta opiniões para gestarem raciocínios em formação de forma antagonizada.

O corte da subjetividade não deve ser perseguido com frequência, em vez disto um indivíduo que esteja em plenas condições de suas faculdades mentais, deverá organizar a sua mente para que ela tenha um tipo de indexação, hierarquização de objetivos, metas a realizar que não sejam percebidas como concorrentes e dentro de um ordenamento que permita todas as partes cerebrais se intercomunicarem sem a necessidade de canibalização de energia.

O cérebro humano é constituído de 4 grandes regiões parcialmente conectadas (lobos cerebrais), nem sempre é possível que todas as partes do cérebro humano possam desenvolver ao mesmo tempo, quando uma área ou região entra em conflito com outra, é como se um processo de escolha, em que uma identificação do indivíduo, deva gestar qual a área cerebral, em face de escassos recursos de energia, deve trabalhar a sua carga, para que as quantidades de energia sejam deslocados para o desenvolvimento mais necessário para o momento do setor correspondente do cérebro humano.

Por outro lado, quando uma área escolhida para que um maior fluxo de energias seja deslocado para a região, o avanço significativo gera uma descompensação em outra porção cerebral, isto sinaliza uma necessidade de ruptura da tendência de assimilação e aprendizado, no qual exige que uma pessoa passe a gestar um outro tipo de informação que permita, que o corte da subjetividade, seja encaminhado para outra área do cérebro humano a fim de que o exercício físico da região acompanha o processo evolutivo das outras áreas já desenvolvidas primariamente.

O corte também é necessário quando o indivíduo se situa numa zona de conflito de forma estacionário. Exigindo deste compromisso com outras perspectivas e valores que sua conduta possa gestar a fim de que este, saia do padrão de sofrimento e aproximação do aniquilamento.

O cuidado que uma pessoa deve ter com o corte da subjetividade é chegar à conclusão de que a barreira somática estabelecida deve ser ultrapassada, por um instanciamento voltado para o Realce que impede o indivíduo perceber o vício pela rotina que não encontra mais bloqueios para que a sequência tome outro rumo mais benéfico ou positivo.

Fazer a diferença

Fazer a diferença é se situar em uma zona em que cada indivíduo interage numa inflexão relacional (é um fenômeno de localidade onde dois ou mais indivíduos convivem e trocam impressões físicas), os fatores de interação se pendem em estrutura de valores que a via de expressão física permita a observação de um sobressair de uma estrutura comportamental de um indivíduo sobre o outro.

Portanto, fazer diferença é se dar conta projetivamente de um aspecto positivado que se eleva dentro do laço social, que constrói uma identificação de uma integração que é consenso de um ato de comunicação, que todos os lados da construção de um diálogo colaboram para influenciar a percepção de outros no sentido da retórica de um conhecimento.

A diferença é calcada em um valor que se pressupõe um princípio fundamental que é um direito a ser exercido por todos, caso contrário é apenas uma forma de imposição de forças que sinalizam qual o lado mais forte de um relacionamento.

Então existe uma relação de prevalência, que a fundamentação sobre alguma métrica eleva a percepção de um atributo. No qual passa a se identificar com o indivíduo que absorve uma informação.

É um tipo de prevalência que sintoniza dentro de um sentido lógico que faz um indivíduo se sobressair dentro da relação lógica capaz de conduzir ao autoconvencimento e a autocrítica.

Como valor é dotado de primazia, dum tipo de primazia que se diz a um staff de estar localizado num topo sistêmico de informações, onde existe predominância da visão centrada dentro do valor.

Fazer a diferença é fundamental para servir de aporte ao indivíduo que não conseguiu liquidar a sua zona de conflito, para mostrar que dentro de outra perspectiva ainda existe um caminho que pode ser seguido e conduzir a efeitos esperados tão bons quanto a expectativa de um padrão de vida, que não encontra mais fôlego para abarcar um fenômeno de inovação.

Portanto cada indivíduo possui um diferencial em relação a sua história de vida, que se resume a um ou mais aspectos que conseguiu e que foi possível avançar a linha e o grau de entendimento além dos critérios de assimilação estabelecidos pelos outros dentro da esfera de comunicação de pares relacionais.

Parte de um princípio que o indivíduo é atuante, agente numa relação, que estando sob pressão é capaz de avançar sobre a demanda ajustando a necessidade no grupo.

É como uma relação de Sujeito Suposto Saber, porém não tão profunda, segmentada dentro dos atributos que elevam a personificação de um indivíduo quanto a sua influência sobre o habitat e outros seres vivos.

É um tipo de sujeito especialista, onde ele tem um conteúdo que é capaz de fornecer um diferencial para outros de mesmo agrupamento, e quando acionado, sua ativação irá desencadear o fluxo de informações que irão condicionar a visão do grupo aos avanços obtidos dentro do segmento de subjetividade em que o sujeito é o especialista de um requisito de absorção de ideias.

Fazer a diferença carrega valores abstratos que sintetizam uma proficiência num ou mais entes perceptivos que permitem visualizar dentro do segmento de informações o indivíduo como destaque por meio de uma expressão física do conhecimento.

Sai do princípio de estatização do movimento, para um princípio de amplitude onde é possível escalonar indivíduos em diferentes níveis de percepção e atribuir aquele que está em maior grau de avanço dentro das atribuições e funções em que os valores são despertados para o funcionamento em histórias de vida.

Ao mesmo tempo que é um destaque, é algo que se curva, gera flexão do entendimento, como se voltasse para dentro do elo, no qual o relacionamento se forma e se mantém, para dizer ao outro as conclusões que se projetaram, como forma de buscar um nivelamento, para que o outro que está contido no laço possa subir diante da necessidade de permuta e identificações de informações.

E a escala do aprendizado puxa o sujeito que difere, ou seja, que faz diferença, para outro nível de entendimento, forçando novo movimento em espiral para que novos fluxos de informações cada vez mais avançados possam causar novos referenciais. Um simples processo de gestão que o aprendizado que se integra oferece novas ferramentas por meio da experimentação para amadurecer e seguir em frente em níveis de entendimento ainda cada vez mais elevados.

Isto não significa que quem absorve a informação venha a ficar sempre na condição passiva de uma relação, vista como uma troca, que se substancia em um ato de comunicação, pode ser que o aprendizado pessoal de um indivíduo venha a sintetizar um processo de absorção de ideias correlatas em que a inversão do fator de transmissão coloque um aprendiz dentro do ápice de um procedimento de comunicação, em que a retórica é encaminhada para outros valores e níveis de entendimento, e, expressividade.

Fazer a diferença é ser relevante, atuante, perspicaz, estar além do padrão comum, projetar o algo antes nunca visto, experimentado ou vivenciado, ser sintetizador de um argumento que o saber corrente o torna invencível do ponto de vista do exercício da influência sobre outros indivíduos.

Portanto, existe uma mesclagem do antigo, do corrente e do novo. Exige compromisso para com os outros, uma vez que quesitos de responsabilidade devem ser colocados no topo da escala de troca, porque se fundamenta numa relação de razoabilidade, onde no fundo se quer que o benefício seja repartido entre todos de um ato de comunicação. É uma medida diferenciadora que visa o nivelamento semântico de um conteúdo, que de um lado está o pensamento em formação, e de outro um nível de razão em que é permitido refletir sobre o primeiro, que ao perceber a elevação do nível conclusivo, é capaz de se orientar por um benefício em que a absorção do conteúdo mais avançado é capaz de sinalizar como fundamental para a troca e transferência de informações.

Invenção

Invenção é conceber esquematicamente algo antes não percebido no agrupamento onde se inscreve um indivíduo que inova um ou mais conceitos, mesmo que na utilização de materiais e recursos apenas por associação, não percebidos antes em termos de vínculo entre as partes. Então temos que uma invenção é toda transformação que o ser humano é capaz de fazer após a apreensão de estímulos que serve para ordenar um espaço territorial, e, que a relação lógica não estava anteriormente visível dentro do contexto grupal.

Uma invenção tem como objetivo resolver um problema humano reduzindo o tempo de ocupação que se emprega para produzir algo que sirva para desenvolver atributos para um organismo humano.

Parte de um princípio de ausência de anterioridade do mesmo princípio ou esquema na civilização onde o indivíduo está constituído.

Conforme a legislação de um país e a necessidade grupal, um invento pode pertencer, em termos de direito de exploração das atividades, que se propõem resolver um conflito: uma engenhoca, a um uso exclusivo temporal mediante retribuição em valor e termos especificados, onde também pode-se prever direitos de hereditariedade sobre os estudos, esquemas e projetos que convertem em algum tipo de equipamento.

Uma invenção vai muito além de um bem material, pode compor um conteúdo abstrato como por exemplo uma fórmula matemática ou física. Pode ser também um diagrama de causas e efeitos ao qual se destina informar um indivíduo do ponto de vista científico como os diversos materiais presentes no espaço territorial se projetam e assim sanar um conflito humano pelo fornecimento de informações.

Mesmo uma invenção sendo um conteúdo imaterial ela possui uma forma interna que faça sentido a um indivíduo e este, como uma amostra de seu agrupamento, fazer também sentido para toda sua civilização.

Um novo conceito, por exemplo, pode ser uma nova invenção que incorpora sentidos extraídos de outros conceitos antes não integrados que são formuladores de novas concepções e tipos de ordenamento espacial.

Entenda dentro do último parágrafo o sentido de ordenamento espacial não no nível stricto, mas num nível mais abrangente de organização do espaço territorial que melhor represente uma necessidade orgânica, no qual se conceitua elementos internos, e os projeta na forma de conhecimento sobre o ambiente.

O ser humano utiliza o seu espaço projetivo mental que se situa no intelecto humano, para poder fazer simulações a fim de testar a eficácia de uma ideação que convirja em um ou mais fatores de inovação.

O esboço, geralmente administrado através de grafitagem em papel, é outra forma de expressão no qual as elaborações iniciais de um projeto são concebidas a fim de que a inovação seja cristalizada fisicamente.

Hoje, muitos projetistas contam com modernos softwares que permitem conceber e testar a dinâmica de objetos ainda em ambientes virtuais, a fim de que o projeto possa ser elaborado o mais fiel possível com as projeções internas de que um indivíduo possui e que é seu desejo incorporar ao ambiente na forma de algo definido fisicamente.

Os elementos cognitivos são fundamentais para serem utilizados na idealização de inovações. A aquisição, através dos fenômenos de elição, evocação, apreensão, e migração de informações são fundamentais para a gestão associativa em que os elementos visualizados como fatores de inovação passam por uma experimentação conceitual dentro do intelecto, no qual uma lógica tenta abastecer o centro decisório de um indivíduo para o reconhecimento, dentro de um fator de utilidade, dois ou mais núcleos semânticos nunca antes observados de forma integrada.

Quando este exercício filosófico é validado da mente a associação entre os conceitos é finalmente obliterada, bastando apenas que o indivíduo utilize uma de suas vias de expressão a fim de que o conhecimento seja aplicado no habitat.

Porém o que pode ser inovador para um indivíduo, nem sempre representa uma inovação para o agrupamento, pois o princípio de junção dos conceitos poderia ser apenas desconhecido para o indivíduo, e não sendo homogêneo, o conceito integral já estar disseminado ou já ter um princípio de anterioridade em sociedade.

As inovações possuem um período que se situam no topo do processo de incorporação de efeitos sobre uma sociedade. Quando os seus conceitos são plenamente compreendidos, geralmente outras percepções corroboram para gestar uma implementação, ou salto quântico, sobre o conhecimento incorporado, a fim de que outros conceitos possam ultrapassar o novo patamar da necessidade grupal.

Hoje pode ser inconcebível por exemplo criar um aparelho que extraia água de um conteúdo atmosférico, e um aspecto de inovação, amanhã, vir a despertar um interesse em condicionar o pensamento humano para um trabalho de gestão de conhecimento filosófico condicionado à elaboração física em que um princípio de descoberta possa contribuir para que essa ficção se torne realidade. Pelo mesmo princípios que engenheiros ingleses foram capazes de extrair da atmosfera combustíveis semelhantes à gasolina.

Geralmente se atribui aos inventos materiais, patentes nos quais os princípios, esquemas e inventores são nomeados ao longo de um rito processual que dá direito a exploração por um tempo definido do uso e comercialização da invenção.

Embora livros não são concebidos como invenções, acredita-se que num futuro o uso de tecnologias poderá perverter essa relação direta e fazer com que seu conteúdo seja tratado como engrenagens de um relógio que têm funcionalidades certas para a pessoa certa.

Moda

Moda é a perseguição a um comportamento em que o senso comum adota como tendência a ser seguida para um agrupamento, que representa um modelo de conformidade de apresentação ambiental de um indivíduo a partir de sua rotina de se emprega uma rotina vista como um mecanismo estilístico de vida.

Não necessariamente o efeito de uma moda é uma generalização para uma sociedade, porque ela pode estar segmentada, e pertencer apenas um aspecto de comportamento de um nicho de mercado.

A moda fixa gradientes geométricos em que os objetos são mais fáceis de serem produzidos e/ou manipulados. E a partir destas diretrizes sintetizar uma percepção psíquica, em que o sendo comum do segmento é capaz de visualizar uma rotina de fixação de conceitos, que têm por base indícios que levam a uma reação da mente, que seja de inquietude ou pacificação.

Quando a moda quer romper limites, o conceito a ser aplicado sobre a tendência é de rompimento dos conectivos passados, a fim de proporcionar fatores de inovações sobre novos conceitos que podem servir de ampliação do conhecimento humano.

Uma coleção de moda pode reunir vários geons em um mesmo objeto, e sintetizar de forma integral uma tendência incapaz de ser percebida em todos os traços expositivos dentro de uma única peça-objeto em exposição.

A moda contribui para despertar conceitos que um estilista deseja repassar para seu público, desde o consentimento como também a repulsa pela criação. Quando o efeito de consentimento é delineado em um público ele passa a ser norteador de um padrão em que consumidores e clientes passam a administrar a fim de incorporá-lo dentro de sua rotina comportamental. No padrão de repulsa, os traços e geons tendem a ser ignorados pelo segmento, ou a serem aplicados sobre os objetos como figuras estilísticas com ressalvas a fim de que os exageros não sejam percebidos como uma extravagância que afeta o equilíbrio de uma obra.

O minimalismo pode ser aplicado no caso de confecções de roupas a fim de incorporar conceitos que se aproximam com a pele de um ser humano. Ou uma tendência expansionista, sinalizar um adicional de materiais no qual sintetiza uma necessidade de proteção ou encapsulamento de um indivíduo.

O comportamento condicionado do figurante que impregna um estilo ao usar um objeto, sinaliza o tipo de atuação em que deve um indivíduo contracenar no seu dia a dia estando de posse ou sob efeito, como uma vestimenta, do material ao qual indexa sua natureza de atuar em sociedade.

A moda não retrata apenas o setor de vestimentas, vai muito mais além do que a incorporação do tecido, ela está presente nos estilos que se impregnam dos objetos, sejam eles móveis, fixos, ou imóveis, e sintetizam uma forma como os seres humanos se relacionam consigo mesmo, o que são capazes de incorporar ao ambiente a partir de seus conteúdos internos, do que são capazes de sinalizar como relacionamento com outros seres vivos e com a natureza em sua volta.

Assim, a moda é capaz de criar um padrão de entendimento e de consulta a um grupo de elementos que são espacialmente organizados na natureza como uma devolutiva do aprendizado humano.

Porém, seu efeito na maioria dos casos não é perene, e fica, o estilo impregnado, em relação a uma escala temporal. Onde as pessoas conseguem se perceber associadas aos conceitos que devam ser trabalhadas por uma geração de indivíduos.

Um modismo pode resultar em um tipo de estatização para o uso de objetos. E as vezes ser tão sólido que se cria uma barreira que se torna difícil para transpor.

Por outro lado, quando uma tendência demonstra uma vantagem de fixação de novos conceitos e conteúdos para um grupo, a alteração do modelo como uma estrutura padrão é logo adotada como forma de diferenciação ambiental, o que muito facilita o intercâmbio de novas informações.

Moda pode ser encarada como resultante de princípios adaptativos. E enquanto seus efeitos são benéficos para uma população, as perseguições das estatizações são observadas como positivas e não intrusivas pelos indivíduos, e que, portanto, a perseguição da tendência é um simples acompanhamento da rotina do comportamento dos seres humanos.

Um fato novo, por exemplo, na alimentação, pode alterar o efeito modal pela ingestão de alimentos de um agrupamento por sinalizar uma ruptura de entendimento em que se torna mais vantajosa a situação alternativa recém descoberta.

Moda, portanto, tem um efeito disruptivo, quando a importância, a amplitude e magnitude de seus efeitos decaem. E em seu lugar outra métrica com novos geons passam a incorporar as necessidades, vontades e desejos humanos.

Uma alternância de estilo pode representar uma ruptura em relação ao estilo de vida do segmento que o indivíduo antes estava inserido.

Como também um efeito modal incorporar traços por muito tempo, em que o senso comum passa a sentir um tipo de falta de liberdade de criação, e o nível de ruptura ser encaminhado para o espaço aversivo antes construído para sintetizar as quebras de paradigmas.

A moda é um facilitador para o comportamento padrão, no qual o indivíduo possa facilmente se orientar dentro de uma onda perceptiva que melhor sinalize uma cultura de “inclusão”, “Inserção” e de “Imersão” dentro de uma cultura.

Ela possibilita a um indivíduo identificar trilhas que ele pode gestar ou moldar o seu comportamento, para se nivelar diante dos demais a fim de construir projetivamente uma subjetividade coletiva que lhe permita ser incorporado dentro da sociedade.

Entendimento

Entendimento é uma percepção flexionada que percorre pelo menos um sentindo interno de um indivíduo na busca de um vínculo com a porção externa ao qual si situa o contexto de uma pessoa.

Parte de um princípio de experimentação do que elo racional, no qual o indivíduo detentor de um procedimento, canaliza-o como parte de um sistema coeso e coerente que permite validar uma ou mais ações.

É um composto ou agrupamento de “Verdades” que permitem que um indivíduo se concentre em uma tomada de decisão a fim de praticar uma ação.

É percorrer em campo de atuação, como se fosse uma história projetiva que abarca o conhecimento, e, dar valoração para que seja perseguido dentro dos seus pressupostos.

Parte de um princípio de incorporação de um dado, que se funde com outros elementos de ordem superior num processo aquisitivo em que se impregna uma lógica de pensamento, que uma vez percorrida no intelecto, não encontra nenhuma barreira de sentido que gere o bloqueio do raciocínio. E sendo assim, um estado de concordância em termos da manutenção do equilíbrio, por meio da homeostase cerebral, é obtida como forma de pacificar a mente e estabelecer o indivíduo dentro de uma norma que o possibilite praticar uma ação.

Pode também estar ancorado ao propósito e o contexto, além da norma do sentido, ou estabelecer vínculo com outros elementos cognitivos, mas que se faça em termos de transações de informações em que não há evidências de ruptura em que uma lógica é substancialmente quebrada ou abandonada por movimentos disruptivos.

O entendimento estabelece funções cognitivas que trabalham com conteúdos sistêmicos capazes de organizar afetações que conduzam em movimentos, que podem ser de ordem motora ou sensorial.

Não significa, porém, que seja válido para a agrupamento, esse conjunto de percepções individuais, para fazer sentido dentro de um ordenamento, em termos de grupo deve fazer conexão de sentido dentro de uma lógica de intercâmbio de informações sociais.

A lógica sob a percepção do entendimento é uma via associativa que um indivíduo encontra para aproximar signos e informações, na forma e estrutura de conceitos, em que um pensamento cognitivo possa a ser formado dentro de toda a sua essencialidade ao qual seu conteúdo é gestado para ativar uma ou mais funcionalidades.

Quando um caminho lógico é escolhido e o fenômeno da elição não é observado, então a quebra da via da resposta indica que o caminho não foi validado pelo indivíduo internamente, sinal que a via é disruptiva, e que, portanto, um ou mais conceitos necessitam ser ascendidos para que a via lógica seja modelada de forma natural e a informação possa trafegar livremente sem impedimentos ou bloqueios.

Para aflorar um entendimento, um estímulo tem que acionar um reflexo inato, e destes reflexos que gerem fenômenos elididos (condicionados ou incondicionados). Para que as conexões possam ser formadas em torno de um núcleo reativo que leve um indivíduo a praticar um comportamento humano.

Comportamentos humanos são estruturas complexas, então o fenômeno reflexivo exige que as conexões se fortalecem como uma procedure multiserial, em que vai lançando tarefas para que o organismo crie uma composição a ser gerenciada pela psique que desencadeia fatos na forma de movimentos, ou transformações físicas, que permite um indivíduo fazer uso da expressão de sua vontade.

Percorrer todos esses aspectos antes de praticar uma ação, é o que se chama de entendimento, é um ato de pré-validação consensual, no qual um indivíduo testa uma saída que se credita ser válida para que a ação seja realizada com êxito e redução de esforços.

Pessoas bem treinadas dentro de um contexto filosófico, conseguem consertar suas rotinas dentro desta etapa de validação, e/ou incorporar elementos mnêmicos substanciais para o sucesso cognitivo para que o procedimento a ser produzido seja combinado com as ferramentas já existentes, quando se verifica falta ou ausência de conectivos.

Também dentro do contexto filosófico atribuir um caminho para que o circuito projetivo seja trilhado antes que uma ação seja realizada. Desta forma se busca conhecer previamente o efeito que o percorrer de uma análise traz de sentido e sentimento para um indivíduo.

O entendimento permite trabalhar a mente num nível de segurança, além da manifestação do modelo reativo meramente. De forma que possa ser gestado um composto de reflexão, no qual seja possível criar alternativas e correções para as funcionalidades orgânicas de um indivíduo.

O entendimento se aproxima muito razão, mas ele pode ser gestado também num nível de raciocínio, como também no nível de pensamento. Ele consegue mapear uma “história-contexto” onde os argumentos podem ser validados.

É como se fosse um enredo que fornece uma ou mais identificações para um sujeito, que se implica, e se implicando é sabedor do que repercute dentro de si mesmo, e que existe um sinal de concordância, em que atribuições são lançadas e bem recebidas em escala de aceitação.

Mesmo que essa aceitação seja de uma ordem que não se deseja que o laço seja formado dentro de si mesmo, mas que existe ou se credita na existência da influência externa sobre o indivíduo, e mesmo não “concordando em assumir para si a tarefa” que implica, o indivíduo adota a crença que o argumento é válido porque o sentido não foi quebrado quando incorporado dentro de si mesmo. Entender é uma tarefa fácil, porém exige discernimento.

Coisas produtivas

Uma coisa é dita produtiva quando sua funcionalidade está ativa e representa um ganho de escala para um indivíduo, podendo representar um arranjo que remete a uma satisfação de uma necessidade, vontade ou desejo.

Parte do pressuposto que existe indexado um tipo de transformação benéfica que produz um ou mais resultados, em que é possível se apropriar de parte do esforço como sendo algo que é possível colher um certo nível de benefício.

Pode-se pensar em termos rotinização e processamento de informações, na qual é possível condicionar um olhar organizacional onde as transformações permitem interconectar novos conceitos que podem ser apropriados.

Do ponto de vista econômico e tangível uma coisa produtiva fornece um atributo transformado e material como moeda de troca, a fim de que a percepção seja observada como uma mais valia.

Do ponto de vista econômico abstrato uma coisa produtiva fornece o vínculo perceptível com outros níveis de informações, no qual seja possível o desenvolvimento cognitivo e tomadas de decisões mais precisas.

Coisas produtivas além de fornecer uma vantagem relativa também contribui para que objetos transformados sejam utilizados no ambiente.

Pode-se pensar em termos de uma instrumentação que é necessária para a gestão dos processos, como também em expertise que permita uma pessoa atuar em prol de que a transformação sobre a matéria seja realizada.

A produtividade pode ser encarada como um conceito relativo, pois produção está inerente a uma função de utilidade, e mesmo que uma ou mais transformações gerem outros tipos de produtos com finalidade adversa, os bens gerados podem apenas ser considerados como produtividade caso esteja contido dentro da finalidade em que foi objeto de planejamento prévio a sua elaboração.

Neste último caso o bem produzido e desconforme pode ser classificado como defeituoso ou uma externalidade, ao qual a produção não atinge o fim desejado ao ser lançado como objetivo de produção para o consumo.

Seres vivos também podem ser classificados como produtivos dentro de uma lógica conceitual de reprodução natural, onde por exemplo plantas frutíferas permitem expandir um potencial sistema de valores nutricionais sobre as propriedades de cada espécie. E animais serem tratados como mercadorias que o efeito do nascimento permite serem confinados em fazendas a fim de posterior abate na fase adulta quando forem objeto de consumo proteico.

Do ponto de vista de povoamento os seres humanos também podem ser considerados coisas produtivas, uma vez que o efeito do nascimento condiciona uma visão de elevação no número de indivíduos de um agrupamento, o que irá representar mais mão de obra para o trabalho, mais necessidades de intercâmbio e transações entre indivíduos.

As coisas produtivas podem ser reguladas a partir do controle da taxa de mortalidade ou natalidade, do tempo de uso ou tempo de inatividade, do período de utilidade ou inatividade, dos condicionantes de validade ou não aptidão para o consumo, ...

As coisas produtivas ajudam a regular a expansão, ordenamento e níveis de populações de uma espécie, uma vez que os materiais transformados servem para regrar um “estilo” de vida e de apropriação dos elementos dispostos no habitat a fim de que uma espécie e seus indivíduos cumpram a sua função social de sua existencialidade.

Quando as coisas produtivas são de baixa durabilidade então são chamadas de perecíveis, quando são de alta durabilidade são chamadas de bens duráveis.

Nem sempre uma coisa produtiva tem a capacidade de replicar em uma nova unidade de benefício, isto acontece para objetos que são produzidos a partir de composição de materiais disponíveis na natureza. Ao contrário de recursos minerais, animais e vegetais que passam por transformações que permitem a recomposição dentro de cada temporalidade.

Coisas produtivas quando utilizadas costumam a desencadear resíduos sobre a natureza, como uma ação natural para o descarte das partes e materiais que não são absorvidos pelos seres humanos ou por outras espécies.

Produção pode ter um valor interno como por exemplo a produção de neurotransmissor como a adrenalina que serve para ativar o sistema simpático de um indivíduo dotando-o da sensação de intensificação do prazer e do vigor físico.

Esse valor interno pode ter um efeito inibidor, estressor ou excitador, onde se pretende gerar um efeito específico ao qual irá condicionar o agir de um indivíduo quanto ao seu estado de urgência que deverá corresponder a uma necessidade ambiental.

Coisas produtivas costumam a refletir um valor de consumo, devido uma necessidade de esforço humano necessário para fazer com que a coisa tenha o homem como objetivo final de aproximação ou incorporação.

Coisas produtivas sofrem ação do tempo, sofrem problemas de abundância e escassez, são condicionadas quase sempre as variações climáticas, e sofrem efeitos de decomposição também em relação ao tempo.

Quando extremamente complexas são percebidas como transformações de base tecnológicas, principalmente quando a ação do conhecimento humano interfere sobre a sua composição de forma extremamente artificial e mecanizada. Coisas produtivas definitivamente modificam o meio quando suas transformações são incorporadas ao habitat. Podem contribuir para elevar ou diminuir a expectativa de vida de uma espécie, mas sempre se espera um ganho escalar por parte do agrupamento ao qual utiliza o conhecimento para a produção de algum artefato.

Acreditar

Acreditar é dar crédito a uma informação como se ela implicasse a si mesmo, que remetesse a um sentido interno positivado no indivíduo que recebe a informação.

Acreditar é geratriz de um efeito de concordância no sentido de dar fé interna a determinado fato da forma que este é ordenado e lançado na psique de um indivíduo.

É elevar a valoração positivada de um contexto e argumento a fim de estabelecer uma sintonia em que é cobrado um posicionamento do indivíduo em sinal de perseguição positiva ou negativa de fato.

É um ato em que se torna manifesta uma premissa na forma de um argumento, que se ancora um valor de verdade, onde os caracteres psíquicos que conduzem o pensamento podem ser acessados devido o ato de fé interno, não encontrando obstáculos e nem bloqueios no sentido em que se torna manifesta o caminho da argumentação, por “acreditar” ser substanciado de “verossimidade”.

Então tem-se dentro de um processo de razão a montagem de um esquema lógico que pode desencadear uma afetação por meio da subjetividade em um indivíduo.

Desse laço formado com a semântica, se constrói uma relação de valor onde o sujeito se implica em associar o fato dentro do seu contexto e conteúdo interno.

Da etapa de valoração se fortalecem os nós que formam a rede neural como estrutura de ativação de um contexto onde o argumento se aplica.

Do estabelecimento do nó se tem o reforço dos condicionantes, a fim de que o processo de crédito seja firmado pelos processos de elição dentro da mente do indivíduo. Nesta etapa se forma o acreditar.

Dos processos de perseguição do acreditar é gerado atos de crença que condicionam o agir humano em torno do conteúdo contextualizado que foi positivado pelo indivíduo nas fases e processos anteriores.

Para finalmente o ato ser desencadeado como repercussão de crença que faz com que o indivíduo se identifique com as proposições que ele anteriormente deu valor de “verdade”.

Desta relação se desperta fluxos de raciocínio que irão conduzir o indivíduo dentro da noção de verdade por ele fabricada.

Enquanto fato novo que alimente a crença não estabeleça uma razão pela sintonia com o contraditório, o indivíduo tenderá a reforçar os laços com o contexto estabelecido, onde o acreditar fará parte de sua história de vida.

O acreditar pode ter sentido dual de perseguição, ou sinalizar uma tendência de crença alternativa que a junção de outras informações possa indicar como mais verossímil ao sujeito que se abastece de um conteúdo projetivo.

O acreditar é um tipo de experiência interna, de base racional e emocional. Por vezes não se vincula a realidade externa, do qual o habitat faz parte, porque a forma de apropriação das informações não permite vincular a fatos em que as impressões físicas são desencadeadas.

Por isto as vezes uma crença provoca tantos desvios em relação aos fatos observados por uma ciência, porque as relações que se formam de maneira associativa dentro de um indivíduo nem sempre estão fundamentadas dentro de princípios reativos em que os fenômenos físicos são percebidos com maior frequência sobre o habitat. E em vez disto, a lógica do disparo do reflexo estabelece outros sentidos de conexão que não permitem ancorar as causas principais que são necessárias serem ativadas para que o fato científico seja observado dentro de um contexto fechado, conforme a determinação ambiental.

Por isto acreditar pode sofrer desvios lógicos, e quando lançado o argumento na forma de locomoção física, da porção interna, para a parte exterior, por meio da expressão, pode um indivíduo se equivocar quanto ao trajeto mais sensato e reto em que deve um fenômeno ser justificado em sua base física legal de sua formação.

As crenças por carregarem laços conceituais mais frágeis de repetição de ação, são mais fáceis de serem quebradas ou derrubadas diante de argumentos mais sólidos, em que uma linha de premissas se propõe a gerar um efeito desmistificador sobre uma estrutura de pensamento.

Acreditar reforça o grau de assertividade de uma pessoa, reforçando os laços do sujeito com a perseguição de uma história de vida. Porém, indivíduos que lançam teimosia sobre a crença, pode ser levado ao distanciamento da realidade se o fenômeno não for observado conforme a catalogação dentro de uma trajetória de vida observando do ponto de vista do plano Real.

Também existem fortes indícios que as pessoas se vinculam em termos de estrutura de engajamento quanto mais forte for a crença e o acreditar em fatos que são lançados como experiências já validadas por outras pessoas.

Dentro do contexto anterior, quanto mais forte for o conteúdo emocional evidenciado que tenha repercutido positivamente sobre um indivíduo, mais forte também é o laço, visto como uma tendência modal, que se forma a partir da crença, em que o acreditar consegue um reforço reflexivo tão vigoroso que dá sustentação aos nós da crença e as redes neurais onde se sustentam os argumentos projetivos.

Acreditar está vinculado com atos que não são experimentados, porém, podem também se vincular com atos já experimentados por aparentar um conteúdo ou conceituação lógicos. Parte de uma vivência cognitiva, vista como uma experiência em que o indivíduo usufrui para sintetizar um princípio de subjetivação ao qual ele passa a se identificar, no sentido de atribuir para si um significado e mais importante ainda uma significação em que o indivíduo possa fabricar o seu padrão existencial e de consumo por pensamentos.

Idealizar

Idealizar é um processo de contextualização projetiva no qual um indivíduo pratica uma ação internamente sem necessariamente ter que desencadear fato através da expressão, a fim de validar internamente aspectos funcionais, como por exemplo: relevância, importância, amplitude, magnitude, prazer, implicação, satisfação, realização, ... em que avançar reativamente dentro da linha de pensamento ou raciocínio irá trazer de benefícios para o indivíduo.

Parte de princípios de organizações de ideias em que projetivamente se avança no tempo, em termos de estrutura de efeitos, para se ter uma ideia do efeito cognitivo que é desencadeado internamente sobre o indivíduo operante do sistema funcional cognitivo.

No qual todos os atributos considerados relevantes são colocados ativamente no intelecto a fim de gestar uma coleta de informações com os dados já existentes a fim de garantir a satisfação de um modelo de perscrutar a informação.

Idealizações são muito úteis dentro de movimentos filosóficos. Através de algumas técnicas, como por exemplo o sofismo ou a paranoia, é possível induzir um tipo de pensamento ao qual o indivíduo torna um experimentador de suas funções cerebrais.

Uma forma de idealização bastante interessante é através da utilização de técnicas de extração de conteúdos, onde se procura rotacionar o cubo cinético em que os conceitos são formados a fim de que as dimensões ocultas possam ser observadas do ponto de vista de uma evidência, que irá transparecer as bases para a formação de um pensamento.

O sofismo para este tipo de atividade mental é muito importante, porque trabalha com o vínculo de pulsão por sobre as áreas mnêmicas que as permitem a extração de matizes físicas antes apreendidas por processos perceptivos, alocadas nas áreas do telencéfalo, requisitadas quando requeridas e elididas quando evocadas para constituir um cógnito para a formação da ideação.

Este conteúdo energético, ou pulsionar que abastece as regiões da memória, com carga de excitação, gera uma instabilidade energética, que é a base para fatores de mutação de estado, onde o vínculo cinético atual das áreas somatossensoriais, se permitem ser condicionadas a rotação de propriedades físicas e químicas, onde parte do conteúdo é substituído pela área adjacente, que a rearranjo de forças, tornou possível a ativação de outras percepções ou áreas mnêmicas.

O efeito é uma somatotopia diferencial em que topicamente outras regiões cerebrais são requisitadas para compor o processo de homeostase cerebral. O resultado é um sentido análogo, porém de base diferenciada que permite um arranjo de informações no qual a adequação da realidade se funde dentro de outros contextos antes percebidos e ignorados por um observador.

A imagem formada de uma idealização surge como uma estratégia que dita uma forma de desenvolvimento em que as ideias devam ser gestadas para que a ideação seja formada e compreendida antes que um fato seja desencadeado.

Os fenômenos de elição irão ditar o sentido em que as conexões tenderão a se fundir por meio de elos associativos. As forças das associações dizem respeito a unidades de características físicas, químicas e biológicas que aproximam ou repelem um indivíduo de uma experiência em que sua degustação, ou experimentação tenha revertido em uma afetação geradora de prazer ou desprazer para o indivíduo. Que também pode ser racionada em termos de benefícios e/ou malefícios que tenham provocado alguma ação cuja experimentação tenha ampliado ou restringido a permanência do indivíduo sobre o ambiente.

Então quando elementos disjuntos, do ponto de vista de catalogação das percepções são colocados lado a lado, a preferência biológica, pela lei da atração, irá ditar o método em que os conectivos irão provocar a atração por um fenômeno de elição.

Desta forma as imagens são formadas e trilhadas como um caminho lógico em que as escolhas emocionais de um indivíduo, o permitem se identificar, apreciar, coordenar, o grau e o nível de experimentação que uma experiência sinaliza para este o perseguir de uma história de vida.

Então o idealizar se torna um filme cinético, que necessita de gerenciamento: inteligência; a fim de que fatores corretivos sejam desenvolvidos no decorrer das emanações sensoriais.

Os resultados deste movimento identificatório são construções hipotéticas em que o indivíduo se permite racionar a fim de identificar entre inúmeras alternativas aquela que mais lhe agrada seguir.

Onde parte dos elos associativos abortados, no ato, são colocados na mente como procedures que devem ser bloqueadas quando identificadas, e aquelas reações que não apresentaram rupturas de entendimento quando constatadas como fator de urgência a partir de uma demanda ambiental são percebidas como fatos que devem ser perseguidos a fim de que um princípio de constância seja estabelecido a fim de que a “missão” de ativar o mecanismo cognitivo (psique humana) seja finalmente estabelecido internamente no indivíduo.

Mecanismos que lançam imprecisão, como a pulsão ou energia que desloca estados de excitação para uma região de conflito, podem gerar dúvidas sensoriais, no qual a ativação da região mnêmica somatotópica possa temperar reações com conteúdos de desprazer que fazem o indivíduo experimentar um pouco de entes reativos que garantem experimentações desagradáveis.

Idealizar é fundamental para criar filtros que permitam a um indivíduo se organizar projetivamente para poder desencadear a ação sobre o ambiente de forma organizada em que o conteúdo seja benéfico para si mesmo, para outros e para o ambiente.

Separação

Separação é o ato de cindir, distanciar dois objetos um do outro em que coexista como noção de distanciamento uma variável física que sinalize a ruptura do espaço, com o objetivo de não visualização contígua de uma ou mais propriedades ou características, pois é visto como repartido e segmentado onde antes era um tracejado junto, unido e integral.

Parte de um princípio que elementos ou coisas ou fenômenos eram vistos de forma associada, em que a influência de um princípio codificante interferia no desenvolvimento do outro, e que por alguma lei natural a separação surge como algo que torna desconexo o que antes era elidido.

Parte de um princípio de distinção que passa a não se interceptar novamente, onde cada parte se torna independente numa ausência de vínculo onde as probabilidades de ocorrência passam a ser distintas e unitárias.

Pressupõe uma ruptura de um espaço contiguo, onde um evento sofreu uma repartição de seu movimento elidido (no sentido de desassociação)

É uma quebra de paradigma onde não se pode ver mais os elementos como integrais ou disruptivos.

Cria-se uma gestão sobre cada elemento sem a influência da outra parte, porque não há mais intercepção de sentidos.

É um olhar à parte sem a influência do outro elemento antes associado. A partir das incorporações individuais de cada um, onde um traço é formado.

É um processo de revisão de uma construção conjunta, para uma construção que passa a ser singular a partir de um dado instante, em que é necessário seguir isolado ou sozinho em uma nova etapa ou condicionamento de vida.

É fazer uso de uma reação isolada de outras reações, onde não há mais fatores de interação e interatividade entre as partes.

É uma ausência de somatização, em atributos que já não são utilizados em colaboração para a integração de um propósito existencial.

É um processamento em que funcionalidades são diferenciadas, e passam não mais a se interceptarem em uma solução para uma problematização.

É a formação de uma densidade que tem uma barreira tão vigorosa que deixa as densidades vizinhas isoladas e incapaz de transporem a barreira reativa, no qual cada uma passa a depender-se somente de si, ou de outras formações coligadas, mas não das densidades que possuem propriedades exclusivas.

Separação exige renúncia de alguns atributos que são intercambiados em uma relação de troca entre as partes. Exige rompimento da comunicação, porque o canal não é mais ativo como meio de transmissão de dados e informações.

Separação exige reafirmação de valores e princípios já incorporados, como sendo próprios dos indivíduos segmentados, para que possam agir de forma disjunta sem necessidade de cooperação entre as partes.

Separação exige processos adaptativos específicos para que cada indivíduo segmentado passe a depender apenas da cooperação de si mesmo, em que princípios de independência devem prevalecer para que o indivíduo consiga gestar satisfatoriamente a sua vida.

A partilha diante de uma separação se rompe, e dá lugar há uma espécie de individualismo em que cada parte tem que depender de si mesmo.

Os componentes antes intercambiados pelos processos de comunicação passam a necessitar de incorporação e adaptação, para se fabricar uma norma de autodeterminação para que o sujeito passe a se guiar sozinho.

Quando um processo é finalizado há necessidade de gestar um modelo de separação para que o indivíduo se liberte da rotina, como forma de continuar a exercer outros processos de que dependa para fazer ou realizar outras atividades.

A separação é um princípio vital, uma vez que um novo indivíduo é concebido de forma conjunta, e quando detém capacidade orgânica e organizacional, uma cisão deve ser realizada a fim de que o novo indivíduo seja visto como uma unidade biológica com características próprias.

A separação também se aplica quando se deseja que uma matéria ou material tenha princípios homogêneos incorporados em sua composição física.

A separação é importante para processos de depuração de elementos sejam físicos, químicos ou biológicos.

Os processos celulares se utilizam de separação para efetuar trocas e também como meio de multiplicação entre as unidades celulares.

Porque para um organismo é mais fácil trabalhar em sistema de consórcio vital do que um indivíduo ser a síntese de apenas um único elemento vital. Embora sistemas de somatização permitem que vários organismos vivos consorciados sejam percebidos de forma integral.

Dentro de um organismo, a segmentação por separação de funcionalidades permite a um indivíduo ajustar a sua demanda por saúde de uma área lesionada, o que possibilita não comprometer o todo, e gestar ações partidas para que a volta do equilíbrio seja reconquistada.

Na maioria dos casos, quanto mais forte for uma separação maior é a dificuldade relativa de se estabelecer um ato de comunicação entre as partes desincorporadas.

Unidades-padrão conseguiram por meio de trocas antes de um processo ou mecanismo de separação ajustar suas necessidades ambientais para incorporarem os elementos necessários para ativar suas funcionalidades.

Sensação de peso

Sensação de peso é um aspecto corporal e psíquico em que um indivíduo visualiza um corpo com retenção ou perda sensitiva de massa corporal que pode ter vínculo meramente projetivo ou se substanciar em indícios físicos de dimensionalidade de músculos, pelagem ou outras partes do corpo.

O centro de massa passa a se projetar em direção a uma curvatura corporal, este é o primeiro indício de que um organismo vivo está se encaminhando para um tipo de sobrepeso.

A observação natural deste fenômeno é a observação externa de volume de determinadas partes do corpo, no qual o indivíduo passa a se perceber além ou abaixo das características físicas ao qual se percebe condicionado.

O volume de gases que se concentram nas áreas abdominais também colabora para que a percepção de um indivíduo se visualize em ganho de massa corpórea.

Fenômenos como diminuição do balanceamento hídrico também colaboram para a sensação de peso, no sentido de perda sensitiva da massa corporal, como se o organismo fizesse um enxugamento de sua densidade sobre o ambiente.

Algumas pessoas ao ingerirem alimentos manifestam quase que imediatamente uma sensação de retenção de peso, o que as levam em instantes seguintes ao processo de digestão à prática de atividades físicas para retomar o controle das feições corporais.

A sensação de retenção de peso é sempre precedida com uma sensação de extasia. No qual o indivíduo passa a se perceber parcialmente inchado. Geralmente, nestes casos as pessoas com este tipo de comportamento recorrem com mais facilidade ao uso de medicamentos contra a ânsia e também contra a azia.

Um balanceamento energético eficiente com alimentos certos pode eliminar essa sensação de extasia sem que seja necessário a recorrência por medicamentos. Porém um médico nutrólogo deve ser procurado a fim de que o indivíduo não adote apenas uma ingestão de folhas que poderá desbalancear a sua estrutura corpórea, a fim de que ele não venha também a perder massa muscular.

A tonificação dos músculos faz com que estas partes corpóreas tomem para si processos de rigidez, então qualquer excedente de massa que um organismo vivo venha a introduzir em seu interior terá mais resistência para que o volume, das porções excedentes, se projete para a região externa ao organismo.

Porém esse processo de acúmulo em que os excedentes são alocados internamente têm um limite de acomodação, que varia de acordo com as características de cada organismo vivo. E quando o preenchimento de uma área interna já está completo, a tendência natural para as pessoas que praticam esportes é ter a expansão de sua massa no sentido de suas curvaturas.

Do ponto de vista psicológico o sentido da sensação de peso cria um espaço subjetivo dentro do indivíduo capaz de orientá-lo quanto a sua postura de ingestão por alimentos num momento seguinte.

Pessoas muito preocupadas com a aparência tendem a ter mais tempo de ocupação mental com dores psíquicas que sinalizam uma retenção com esta funcionalidade relativa ao sobrepeso ou ao hipopeso.

Quanto ao aspecto social, os indivíduos muito preocupados com a sensação de peso limitam suas atividades de convivência em família, com amigos e colegas de trabalho, a fim de não assumirem para si os excedentes que surgem a partir dos hábitos alimentares.

De certa forma colabora para a percepção de uma cadeia psíquica, onde o indivíduo adota um padrão de bloqueio ou privação ao qual deve seguir sua rotina pela síntese da vida.

O excedente da atividade física desperta em um organismo a necessidade de canibalização de energias, a fim de que os centros de atividade motora possam suprir suas necessidades vitais. Este é um dos aspectos negativos da atividade física intensa, porque ela pode afetar o equilíbrio sistêmico de um organismo vivo. O que pode contribuir para a diminuição da capacidade e da estrutura do corpo de reagir diante de sua necessidade de continuidade ambiental.

Por isto é importante que uma pessoa que esteja preocupada no equilíbrio do seu peso procure um personal trainer, ou alguém da área de educação física para saber o nível de exercícios corporais indicados para sua fase de vida, estrutura óssea, e estrutura de massa, a fim de que as atividades físicas sejam aplicadas dentro da dosagem e da medida certas.

A rotina psíquica que vicia um indivíduo em uma sensação de peso pode ser benéfica até certo limite, quando o indivíduo passa a observar pequeninas influências das dosagens de alimentos aplicadas ao organismo, mas pode gerar malefícios no sentido de acentuar o controle da tomada de decisão que irá fazer com que o indivíduo se sinta escravizado pela rotina que o irá condicionar a colocação de sua estrutura de peso dentro do padrão desejado (perfeccionismo).

A sensação de peso se altera ao longo do dia com as reposições e excreção de líquidos e sólidos, fazendo com que um indivíduo possa variar suas impressões de acordo com as sobreposições alimentares.

Como um modelo de base estatística pode-se pensar em se montar uma tábua se sensações de peso ao longo de um período de uma semana, a fim de verificar as influências subjetivas que uma pessoa é capaz de se influenciar para que uma sensação de peso apareça como uma expressão do pensamento que condiciona o agir e a busca pela próxima refeição. Esse dado é pouco avaliado por ser psicológico, é restrito apenas para alguns tipos de profissionais que preocupados com excedente e a falta de peso buscam ajuda também nos fatores higiênicos e psicológicos para o desenvolvimento de um condicionamento em que o regramento sintetize a verdadeira necessidade de um atleta.

Choro

O Choro é um lacrimejar que simula dor psíquica, que pode estar atrelada também a uma dor física. A lágrima contém um neurotransmissor leucina encefalina de base analgésica (fonte: https://abqrs.com.br/lagrimas-e-seus-significados/), que ajuda a aliviar a dor preparando o organismo para sua recuperação.

O choro é uma espécie de reclame interno, onde o organismo ressentido busca uma forma de conter o avanço de uma ruptura em sua estrutura.

Quando um choro sinaliza uma perda interna, é sinal que algum objeto interno era muito relevante para um indivíduo, sinal que podem surgir: pesar, dor psíquica, tristeza, dissidia, melancolia e luto, conforme o caso.

Após o choro o sistema respiratório de um indivíduo costuma a se ativar em movimentos bem profundos de respiração e inspiração.

As lágrimas quando escorrem pela face transmitem uma informação para a parte interna de frescor, ou alívio, como se a sensação interna de tensão estivesse ficando rarefeita.

Geralmente o choro desperta as cordas vocálicas, de forma ritmada, em um ciclo de estocagem e refluxo de ar que guturalmente aciona um ruído forte, estrondoso e assustador para outros indivíduos de mesmo grupo.

Diante de um choro, geralmente outras pessoas de mesmo agrupamento se comovem ou se ressentem. Onde é comum aflorar ondas de solidariedade, ou estado de falta de ação, no qual todos são movidos pela interrupção do raciocínio de rotina a fim de socorrer quem clama por socorro.

Quanto mais forte for a lembrança do fato que desencadeou o choro, mais forte tende da ser a reação vocálica de choro que se irrompe pelo ambiente.

Algumas pessoas acentuam a secreção pelo nariz como sendo um leve resfriado, e na busca de alívio o esfregar desta região do rosto com as mãos causa uma sensação de amparo.

Também é comum que pessoas diante de uma crise de choro tendem a isolar os olhos do olhar de curiosos, por meio da dobradura das mãos sobre a face sobrepondo-as em uma superfície.

O ritmo do coração costuma acelerar, no início, os batimentos cardíacos, e à medida que o analgésico neurotransmissor leucina encefalina atua e níveis cada vez mais alto de dopamina circulam no sistema nervoso do indivíduo o sistema parassimpático tenderá a entrar em funcionamento, levando este indivíduo a aquietar, afastar as lembranças densas e negativas, e a pacificar sua mente, seu corpo e sua alma (essência energética).

O ciclo circadiano também é afetado dentro deste sistema, e passa a coordenar ações que condicionam o indivíduo a intensificação do sono, a fim de que o indivíduo possa adormecer a sensação de pesar que vigora em sua mente.

Nesta fase de sono, muito contribuem para o controle do metabolismo a acetilcolina (SAch), o ácido gama-aminobutírico – Gaba – e a norodrenalina – Nora – (Fonte: Google dicionário).

O choro é precedido de uma leve irritação que um indivíduo não é capaz de suportar. Que pode apresentar como Dor ou Estresse, condicionando sua afetação na forma de um lacrimejar intenso, vigoroso encadeado internamente com densas sensações emocionais que intensificam cada vez mais a necessidade de extravasar a tensão mental.

Pode partir através de uma afirmação interna, de algo que antes não era percebido, mas que é suficiente para o desencadeamento da tensão sobre os olhos.

Uma vez os olhos pesados, pode servir de convencimento para que o indivíduo não bloqueie o fluxo lacrimal que faz sentido com seu estado de espírito.

O choro também pode ser desencadeado por irritação cutânea onde a íris dos olhos ficam sensíveis a determinado composto químico, e como uma reação em cadeia os olhos começam a lacrimejar, porém não associado ao ruído produzido pelos gestos guturais.

Não é muito comum a visualização de sudorese durante o ciclo do choro. Mas é possível que algumas pessoas tenham como sintoma pressão sobre a cabeça que as possa condicionar a sensação de leve dor de cabeça, e um profundo aperto no coração.

A pessoa que chora se isola com frequência, e nestes casos é o aspecto modal evidenciado. Poucos tentam convencer outros a manifestarem-se no mesmo rito de choro, porém o grupo se mostra solidário desencadeando apoio ao indivíduo que manifesta sofrimento. Pode ser observado nestes casos uma certa paralisia social enquanto o fato não for resolvido. Geralmente, para a pessoa que manifesta sofrimento lhe é oferecido algum conteúdo líquido que promove a pacificação do conflito, sendo o mais comum a água, e em alguns casos calmantes a fim de que a pessoa relaxe seu estado de espírito.

Os traços da face ficam levemente pesados, os cílios seguem o mesmo rito processual. Breve suspirar pode induzir novamente o indivíduo dentro da necessidade de apropriação da lembrança, ou gerar uma oportunidade para que algum indivíduo próximo possa fazer o devido amparo à pessoa que sofre, lhe trazendo e a condicionando ao conforto social.

É necessário diante de uma crise de choro que a comunidade dê um tempo para que a pessoa possa refletir sobre o seu condicionamento, a fim de que o amparo seja sugerido no instante em que o indivíduo se mostre receptivo num modelo de relacionamento. Mostrar para a pessoa, quando o tempo chegar, que ela é necessária e querida por todos é fundamental para aproximar a necessidade da pessoa não se desvincular dos laços que a fortalecem dentro de uma comunidade. Existem indícios de que o choro pode ajudar a ajustar o sistema parassimpático de um indivíduo.

Linguagem do corpo

A Linguagem do corpo é a forma como a estrutura orgânica sinaliza informações para outros seres, para si próprio e o seu relacionamento com o ambiente que permita permutar informações sobre o seu condicionamento em um espaço físico. Os componentes metalinguísticos deste sistema de comunicação são: gestos, fala, respiração, movimentos, emoção, degustação, expressão facial e corporal, ereção de partes exógenas e eróticas, excitação e inibição da pele, tato e contato, agução visual, movimentos olfativos, movimentos proprioceptivos, cenestésicos, cinestésicos, sinestésicos e somatizados.

Os gestos são um processo de comunicação poderosíssimo porque ele é capaz de sinalizar aproximação, repulsão, atração, reflexão, enamoramento, concordância, discordância, estados de bem e mal-estar, proximidade, afirmação, negação, informações matemáticas, quantidades, qualidades, constrangimento, aceitação, conformidade, desconformidade, embaraço, alegria, tristeza, felicidade, dor, arrependimento, pesar, ...

A fala num processo de comunicação como uma linguagem do corpo sinaliza aspectos subjetivos conforme uma estruturação mínima interna que um indivíduo é capaz de sinalizar para o espaço territorial que esteja em processo contínuo de ordenação.

Os processos de respiração sinalizam amor, afeto, afeição, cansaço, captura energética, relaxamento, extasiamento, necessidades excretoras, necessidade de coordenação de nascimento e morte, necessidades de concentração, alívio à dor, alívio à tensão, necessidades de sono, ...

Os movimentos como linguagem do corpo estabelecem evoluções do organismo sobre o ambiente, quase sempre associados a passos, pegadas, caminhar, correr, engatinhar, pisar, pegar, lançar, arremessar, carregar, trotar, tropeçar, catar, dedilhar, sinalizar, arrastar, rastejar,

A emoção como linguagem do corpo coordena uma série de funcionalidades em que é possível estabelecer trocas de sentimentos e sensações que passam valores subjetivos: amor, irá, raiva, paixão, medo, inveja, choro, apego, gozo, alegria, tristeza, felicidade, realização, autorrealização, satisfação, importância, amplitude, desejo, vontade, ...

A degustação vista como forma de linguagem do corpo pode ser compreendida como o ato do beijo, da identificação com o aroma do alimento, da percepção de nojo, da percepção do envenenamento, do sentido de prova de substâncias e materiais, do introjectar de materiais, ...

A expressão facial e corporal, se insere como processo de comunicação corporal no sentido de fazer caretas, demonstrar concordância, tolerância, desejo, amor, paixão, agradabilidade, inconformismo, conformismo, repulsa, atratividade, aceitação, ...

A ereção de partes exógenas e eróticas, no sentido da comunicação como linguagem do corpo pode ser percebido como um ato de estiramento do pênis, um ato de enrijecimento da vulva, o estiramento dos seios e peito, a acentuação das curvas das nádegas e da coxa e sobrecoxa de humanos, o estiramento dos músculos faciais, o olhar esguio, o ato excretório de ejaculatório de excreções humanas no contato com a pele do próprio indivíduo ou do ser que se indexa uma ereção.

A excitação e inibição da pele pode ser vista como um processo de comunicação em que se estabelece uma linguagem do corpo no efeito que a temperatura estabelece um sentido de frio, quente e morno com a pele humana, no efeito que o contato com substância traz um sentido de picância que pode irritar e ferir a pele, o efeito de ativar sexualmente um indivíduo, ...

O tato e contato estabelece razões em que a linguagem corporal fica restrito a fatores de aproximação, repulsão, atração, higiênicos, carinho, carícias, concordância, discordância, afeto, afeição, palatabilidade, reação diante de um constrangimento sobre a pele (exemplo: coçar), ...

A agução visual se estabelece como fator de linguagem quando o complexo ocular fica esquio em direção a um alvo no sentido de ativação da acurácia, para caça, para fuga, para luta, para o acasalamento, para a infiltração, para o interesse, para a simulação e para o conflito.

Os movimentos olfativos geram impressões para a formação de conteúdos com informações sobre o efeito odorífero das coisas.

Os movimentos proprioceptivos são linguagem transacionais em que um indivíduo desenvolve para o reconhecimento do próprio corpo no ambiente ao qual está contextualmente conectado.

Os movimentos cenestésicos é o desenvolvimento de uma linguagem onde o indivíduo adequa sua postura diante das necessidades diretivas do ambiente.

Os movimentos cinestésicos estabelecem um tipo de linguagem corporal onde as partes do corpo são reconhecidas diante de uma mutação da localização espacial dos agrupamentos musculares.

Os movimentos sinestésicos conectam um tipo de linguagem corporal em que a percepção simultânea de vários órgãos internos permite gestar um tipo de movimento capaz de compreender, como uma estrutura de comunicação como o elementoalvo é percebido.

Os movimentos somatizados, como linguagem corporal permitem gestar associações entre vários elementos integrantes da realidade de um indivíduo, e a partir de um processo de integração fundir conceitos que permitam uma pessoa se influenciar corporalmente para representar o conhecimento estabelecido por meio das conexões ambientais.

A linguagem do corpo é muito mais profunda que se imagina, existem uma infinidade de esquemas corporais que podem ser utilizados para um ato de comunicação e representar diferentes formas para sintetizar um mesmo princípio ou conteúdo de atuação.

Preocupação

Preocupação é um tipo de ocupação mental que antecede um ato que gera ampliação dos processos que condicionam a ansiedade, em um indivíduo.

Geralmente uma preocupação surge de uma identificação de consciência de que determinado rito formal expresso não está saindo conforme o previsto ou determinado.

Ou partir de uma ausência, em que uma falta se estatiza como uma ruptura que deva ser preenchida. Então o indivíduo parte em perseguição aquilo que é gerador de angústia.

Essa ocupação cria apreensão, porque luta contra o tempo, para tentar coordenar ações que possam ser desencadeadas dentro de uma fração reduzida de tempo.

Por isto, geralmente diante de uma preocupação um estado de tensão floresce. E o indivíduo passa a querer cada vez mais ativar o seu sistema simpático.

As vezes os motivos que levam um indivíduo a manifestar preocupação são de ordem interna, alguns são relativos a normatização de sua própria segurança. Outros em relação a satisfazer as equações que dizem respeito as demandas ambientais, em que está encapsular: a necessidade, a vontade e o desejo.

O compromisso que uma pessoa assume consigo mesmo de terminar determinada atividade dentro de um prazo estabelecido também pode ser uma forma de desencadeamento reativo de preocupação.

O tempo reduzido é uma causa que ativa a ansiedade dentro de um modelo de preocupação. O indivíduo se sente refém de prontos movimentos reativos e passa a demandar por reações somáticas cada vez mais intensas a fim de corresponder em termos de força, com o esforço necessário que deva ser desencadeado a fim de que o cumprimento de uma atividade seja desenvolvido.

Uma pessoa em estado de preocupação consegue facilmente se desconectar de outras atividades, e passa a se concentrar apenas naquele princípio de urgência que é fundamental proceder com a regulagem do movimento reativo.

As preocupações andam dentro do intelecto de um ser humano, e mais precisamente sobre os seus elementos subjetivos, que instigam ao raciocinar e relacionar humanos.

Parte de uma estratégia de elementos projetivos, ao qual se configura uma espécie de ideação reparatória a fim de que o processo ao qual se tem temor de sua não realização possa ser gestado dentro de um modelo de remodelagem de entendimento para que as funções sensoriais voltem para o seu padrão normal de funcionalidade.

Este tipo de ocupação é geradora de estresse, que pode ser do tipo de estresse negativo: distresse; ou através de estresse positivo: eustresse. Mas que visa uma recolocação do indivíduo do sentido de incitamento para que ele volte as atividades normais de desenvolvimento sensorial.

Preocupação leva a aspectos de reavaliação de condutas a respeito de como se relacionar diante de um determinado fenômeno presente no ambiente.

A mente humana diante de um fenômeno que eleva a preocupação fica em escala de funcionamento além da frequência padrão de funcionamento.

Pode-se chegar a pensar que hormônios como adrenalina e noradrenalina podem ser desenvolvidos e desencadeados em larga escala a fim de reproduções somáticas dentro do organismo humano, diante de um fenômeno de preocupação.

Se percebe com a ativação do sistema simpático que a ampliação dos batimentos cardíacos a tensão arterial também se eleva e pode fazer com que um indivíduo entre em crise de pânico ou passe a vibrar o seu corpo (tremedeiras) para corresponder a necessidade de manifestação de uma ansiedade.

A tensão nervosa provoca espasmos musculares, e o indivíduo diante de um fenômeno de preocupação percebe nesta tensão um tipo de inquietude e síndrome agitante que não permite que ele se perceba quieto em um ambiente.

Por vezes sintomas de invasão são percebidos como disfuncionais, e o indivíduo vê tão claramente e intensamente sua angústia que passa a raciocinar como se todos os indivíduos do ambiente estivessem afetados a partir do mesmo princípio, com uma noção de que todos estivessem tendo uma completa compreensão do que está acorrendo internamente dentro de si.

Uma preocupação apenas é extinta quando a pessoa retira a importância do fenômeno, por se crer vencida, do qual pode passar a manifestar luto, melancolia ou tristeza, ou quando, ela consegue encontrar uma solução que ajuste a sua necessidade da demanda ambiental.

O desvio de atenção quanto ao objeto principal que desencadeia a excitação que leva um indivíduo a tensão provocada pela preocupação, pode solucionar provisoriamente a inabilitação de um indivíduo em corresponder a outras necessidades vitais, enquanto não encontra uma solução para sair de seu sofrimento.

Outra tática muito utilizada pelas filosofias orientais e do ocidente antigo, era reduzir a termos racionais as premissas, na forma de argumentos, que induziam a percepção de não aumento e/ou elevação da aflição. De forma que pudesse ser gestado um tipo de pensamento pacificador no rol das preocupações, que pudesse corrigir as falhas de inquietude da mente perseguidas no decorrer do processo de identificação com o fenômeno.

Uma preocupação prolongada pode desviar o olhar e a atenção do verdadeiro tipo de atitude necessário para que um indivíduo corresponda a um regime de urgência presente em um contexto ambiental.

Estrutura quebrada

Uma estrutura quebrada é um “objeto” que não consegue mais se manter em termos de integridade que o permita exercer toda sua funcionalidade conforme o desenvolvimento orgânico pelo qual fora projetado.

Uma estrutura é como se fosse uma coluna do objeto ao qual orienta o sentido do desenvolvimento e a manutenção das partes. Quando esta base colunar não está em pleno funcionamento, algumas funcionalidades deixam de serem desenvolvidas e desencadeadas sobre o habitat.

Uma estrutura quebrada reflete também uma quebra de funcionalidade em que um ou mais princípios de adaptação devem ser organizados para que o indivíduo continue a trabalhar com o objeto onde a disfuncionalidade se tornou evidente.

Algumas vezes os danos estruturais a um organismo biológico podem ser consertados a partir de aplicação de processos corretivos, outras vezes os danos são irreparáveis.

A quebra da estrutura no nível celular pode gerar uma série de complicadores pois processos deixam de ser sintetizados no decorrer dos desdobramentos vitais de um indivíduo.

Por outro lado, quando por exemplo a estrutura que está quebrada é o acúmulo de cálcio dentro do organismo, e isto pode representar uma fragilidade para o tecido ósseo que não passará mais a corresponder a absorção para a regeneração de seu tecido conjuntivo.

Quando a quebra da estrutura se dá no nível psíquico pode ser que uma elevação ou diminuição dos fatores de produção de neuromediadores e neurotransmissores possam acarretar num desequilíbrio funcional sobre todo o corpo, uma vez que o cérebro é a peça fundamental para coordenar todos os outros processos de um organismo vivo.

Uma quebra em uma estrutura pode vir também dos processos de aquisição da memória, onde elementos antes associados deixam de serem vistos novamente como conjugados e passam a fazer parte de novos aspectos de elição.

Uma estrutura do ponto de vista Freudiano quando quebrada pode representar uma disfuncionalidade de um modelo de processamento básico de um indivíduo, seja ele: neurótico, psicótico ou perverso. E passar a representar uma ruptura de paradigma quando os processos de absorção e expressão de um indivíduo.

O mesmo efeito de estrutura quebrada pode ser percebido também em vários contextos de expressão, como por exemplo a escrita por intermédio da literatura, onde fragmentos de textos são omitidos pelos escritores a fim de que o indivíduo tenha a sua própria experiência de identificar o tipo de proposição contextual que está sendo sugestionado para um leitor (Silepse).

Quando a construção de um edifício não está suficientemente sólida, é sinal de tudo que se mantém sobre sua base pode de uma hora para outra passar por um abalo em sua estrutura que poderá repercutir de forma negativa na forma de rachaduras, ou até mesmo microabalos em que a obra poderá sofrer efeitos erosivos e vir a se desintegrar em virtude de suas imperfeições.

Quando o elemento-conceito é novamente incorporado em uma estrutura a funcionalidade passa a fluir conforme sua determinação organizacional.

Porém um grande problema é como resolver uma estrutura quebrada a partir de uma infinidade de estruturas que demandam modelos diferenciados de interação que devem ser resolvidos a fim de que a funcionalidade padrão ou modal possa ser ativada para o bem de uma espécie.

Uma estrutura pode ser visualizada a partir de um eixo essencial e principal que se ramifica, em uma alegoria a um sistema arbóreo, em treliças que permitem balancear a base principal de um organismo. Geralmente uma estrutura se condiciona a influência e a afetação de fontes de energia, e este fator ou princípio externo deve também ser levado em consideração uma vez que é determinante para sintetizar um tempo de atividade em que o organismo irá se estruturar diante do ambiental.

Quando um componente de uma estrutura não está em pleno funcionamento, toda a estrutura deixa de corresponder a sua necessidade funcional. E a sobrecarga de atividade de um ponto deste circuito pode levar a ruína ou ao estresse de toda a rede de armações e fazer com que o todo seja comprometido.

Cada elemento em uma estrutura exige uma medida de compensação e descompensação em outra parte, a fim de romper o excedente e/ou a falta de atividades assessórias ou pontuais em determinável nível sistêmico.

Quando uma peça de uma estrutura é excedente, o complexo e o conjunto podem sofrer uma sobrecarga de atividades, o que também pode contribuir para quebrar a estrutura e comprometer a sua funcionalidade.

Corrigir uma peça defeituosa em um “objeto” nem sempre é uma tarefa muito fácil, porque requer habilidade de preservação do que já está contido, operante e funcional e migrar para o organismo aquilo que deve ser integrado, funcional e reativo. A fim de despertar a mecanicidade da implementação sobre o todo orgânico e holístico a fim de dotá-lo de homeostase.

A estrutura é a base de toda instituição no qual as tarefas são delineadas e delimitadas para que os players possam corresponder as necessidades organizacionais de uma instituição. Também, galáxias se organizam como estruturas que estão conectadas umas às outras, para que haja um certo grau de harmonia dos corpos estelares no universo.

A estrutura também pode ser vista como um modelo de comportamento no qual os indivíduos passam a se interagir de seus propósitos e aptidões singulares para objetivos coletivizados, no qual seja possível perceber uma estrutura organizacional como uma dinâmica social e de fluxos de movimentação e consumo social e que se quebrada passa a colaborar par fatores de desintegração social.

Tranquilidade

Tranquilidade é um estado físico que repercute uma sensação de harmonia, onde a agitação não está presente, em que é possível perceber um tipo de leveza de espírito, e que dentro do espectro psíquico a paz interior reina ou tende ao absolutismo.

É uma sensação que se aproxima do não-tempo, de uma espécie de movimento que não causa agitação em um indivíduo. Por ser harmônico, dentro de um estado de equilíbrio, como a tranquilidade, pode coexistir movimentos, porém não são considerados responsáveis pela quebra da homeostase cerebral.

É o caminhar do indivíduo em relação a um eixo reativo que não ultrapassa o limite do tolerável, e que, portanto, o espetro vivido é conhecido e estabelece um caráter de parcimônia em relação a um consumo consciente de energia.

É um tipo de movimento que se habitua em adaptar-se sem a necessidade de elevar o nível de estresse, em que se condiciona a um agir consciente regrado com medidas que não influenciam quebras contínuas do equilíbrio.

É um exercício de uma qualidade em que o espírito de uma pessoa se pacifica dentro da influência que leva a uma ação, que mesmo sabedor da necessidade de agir, o indivíduo é cônscio o suficiente para se afetar no nível em que a influência interna não irá provocar agitação interna que lhe retire o equilíbrio do corpo, da mente e do espírito.

Tranquilidade é um caminhar sereno ou ameno frente a um objetivo delineado, que o indivíduo que opera seu sentido, sabendo do regramento que o permitirá conduzir pela trilha e chegar ao seu ponto de destino, se mantém coeso, intacto, e coerente, no qual nada é capaz de perturbar o seu desenvolvimento, porque se conhece as influências que nele se infiltram a partir do ambiente, e se sabe que se seguir passo a passo irá convergir no encontro daquilo que sua mente definiu como meta.

É um encontro consigo mesmo dentro da funcionalidade de um indivíduo em que se tem plena habilidade para o exercício. E que a razão para realizar uma tarefa ou uma obra é uma simples alocação de memória, tempo e localidade.

É um agir de forma compassada sem se nutrir de ressentimento, e procurando aprender com os erros e fortalecendo positivamente os acertos para que se construa uma identidade cada vez mais vigorosa dentro de um propósito construtivo (reforço positivo).

Tranquilidade é fazer uso de uma paz interna, onde nada rompe um silêncio que o propósito for o conflito, é satisfazer uma equação de força onde nada transborda a necessidade de um entendimento, e que também, tal como, não é excesso, não se visualiza uma falta, porque o seu conteúdo é dotado de suavidade.

É um agir consciente, frente as dificuldades, fazendo um filtro para que apenas você reproduza em seu interior aquele comportamento que não irá te desintegrar, ou provocar um tipo de anulação que irá retirar a sua paz.

É a identificação de um subjetivismo que se constrói em uma relação de verdade que não há um rompimento com fatores de integridade. Nem tão pouco, uma estrutura de realce serve para alocar uma estrutura de diferenciação que provoque um estado agitante dentro do indivíduo que transforme o seu interior em uma necessidade de reação não harmônica.

É não fazer uso de um tipo de fracionamento, no sentido de um esfacelamento, da fragmentação, cisão, clivagem do ego, rompimento, ou segmentação, que estabelece um meio termo onde partes antagônicas passam a se duelar para conquistar a hegemonia da estrutura psíquica.

É fazer uso de um sistema de compreensão onde não se rompe o nexo com uma verdade interna que pacifica e harmoniza os conteúdos internos.

É manter-se incólume diante do sofrimento, porque é sabedor que existem outras vias mais nobres a se percorrer que poderão solucionar um problema que teima em afligir e afetar o ser humano.

É um afastar-se consciente de tudo que gera agressão, e um aproximar-se de tudo que se funde dentro de um contexto de integridade que absorve o conflito e atrito e pacifica a mente humana.

É estar em funcionamento dentro de uma zona do sistema nervoso parassimpático e simpático que o ciclo circardiano não rompe o seu equilíbrio, e ao mesmo tempo é capaz de ativar e desativar um organismo biológico para suas necessidades funcionais sem gerar um tipo de conflito que possa causar ou gerar malefícios para um indivíduo.

É fazer mais síntese de hormônios que provocam sensações anestésicas e calmantes dentro de um organismo, mais do que hormônios que provocam sensações agitantes e excitantes para corresponder a determinados eventos desencadeados no habitat.

Existe uma noção de que a tranquilidade deve ser conquistada, ao invés de se pensar que um evento externo é que dota o indivíduo de uma agitação em que o organismo deva corresponder para que o seu estado de equilíbrio seja novamente indexado a sua estrutura corporal. Esta inflexão referente ao período anterior é meramente referencial, e cada indivíduo deverá saber qual o seu estado atual que o condiciona a observação de como gira o seu comportamento, em que dimensão deve atuar para conseguir o seu objetivo de entrar em homeostase cerebral.

Quando a tranquilidade se rompe é sinal que algum elemento que seja parte de um regime de urgência ambiental deve ser trabalhado a fim de que o equilíbrio seja conquistado novamente. Parte de um princípio de Malebeneficiência, onde se identifica a informação que gera instabilidade para procurar a correção para a busca e síntese futura da coleta de benefícios.

Compreendendo a Ciência Estatística

A todo momento estamos querendo referenciar coisas, que podem ser percebidas como objetos. E quando esses objetos fazem parte de um coletivo, eles são percebidos como elementos. Porém quando se pensa em um único indivíduo (elemento) de um agrupamento (População), há que se pensar em quatro fenômenos distintos: fenômeno de localidade, fenômeno de temporalidade, fenômeno de transitividade e fenômeno de distanciamento.

Quando um coletivo (População) possui um número significativo de elementos-indivíduos, é possível visualizar padrões de comportamento em que a interação entre os elementos permite determinar um regramento em que as partes se relacionam no ambiente. Então como dentro da população existem réplicas de comportamento, basta apenas conhecer qual o padrão modal de um agrupamento para se entender como os elementos se relacionam entre si, a partir de um pequeno número de indivíduos que permitam chegar a uma conclusão que pode ser expandida por meio de proporcionalidades para todo o agrupamento.

Dentro desta lógica chamar cada indivíduo de um agrupamento como um elemento, foi uma forma impessoal encontrada para falar de objetos que conceitualmente eram abstratos, não tinham vida, e pudesse criar uma generalização para qualquer classe de itens que compusessem um coletivo.

E quando se utilizou em vez da palavra coletivo, habituar-se no conceito estatístico como População, se agrupou elementos que tivessem algum tipo de atividade ou afinidade relacional.

Dentro de um fenômeno de localidade, era interesse que para se dizer alguma coisa de algo ou alguém, que os objetos estudados pudessem estar presentes em algum plano espacial (no sentido de uma coordenada geométrica) que pudesse um observador inferir (dizer) algo ao respeito como uma representação da “coisa” no espaço ambiental.

Então se convencionou colocar um elemento dentro de uma descrição, onde medidas físicas pudessem ser catalogadas. E essas descrições trazem estruturas qualitativas, conhecidas como atributos que permitem dizer alguma impressão sobre o elemento, como por exemplo: gordo, magro, caro, barato, alto, baixo, ...

Porém para você qualificar um atributo é necessário que você construa uma relação física, que seja possível você coletar a partir de uma métrica que possa ser colhida do elemento como a percepção de uma ou mais características que ele venha a sofrer como parte de sua própria constituição ou alguma perspectiva que esteja presente em seu conteúdo. Como por exemplo: peso: 89 Kg, Altura: 1,80 metros, preço: R$ 700,00, rosto: (diagonalidade: 5%), (Erupções na pele: 3% da área), (Curvatura do nariz: alongamento de 5 milímetros além do padrão).

Embora algumas relações não sejam tão claras de se perceber como variáveis físicas, as relações físicas estão presentes na percepção de todos os componentes de um elemento.

A reprodução de um elemento sofre distorções em relação a outros elementos presentes de um agrupamento. Por esta razão quando se estuda coletivos, se deseja conhecer de fato a relação que é formada a partir do processamento das informações dos elementos de forma conjunta para que a cadeia de valores seja possível nomear um conhecimento que seja relevante e que possa ser atribuído como significativo e verdadeiro para todo o agrupamento, como uma afirmação válida.

Então um fenômeno de localidade quando estudado procura gerar uma condensação neural, que permita sintetizar uma ideia representativa que possa atribuir como informação para todo o agrupamento.

Por esta razão essa unidade sensorial que se fabrica por meio das impressões coletadas das características dos objetos (elementos) é chamada de uma medida centralizadora, ou medida de tendência central que converge para uma métrica que é a síntese que menos possa representar lapsos em se fazer uma afirmação sobre todos os elementos que estejam contidos no agrupamento. Ela permite gerar um valor físico no qual seja possível associar a uma qualidade que parte do conhecimento do pesquisador na observação de outros termos ou elementos que compõem uma classe ou população específica.

Porém, nem sempre os elementos são estáticos, e à medida que transformações ocorrem no ambiente, os elementos passam por mutações em que seus estados são alterados pela lei da entropia, ou por outras leis como a da atração, fusão e incorporação de novas agregações de valores. Por esta razão os dados que são geradas pela coleta de impressões físicas, necessitam ser corrigidos devido a influência do fenômeno de temporalidade.

Acontece também que dependendo da população os elementos relacionam-se entre si, e nestes casos tem-se também que pensar em estatística como um fenômeno de transitividade, em que a relação física de localidade entre as partes também deve ser percebida como um dado relevante para um modelo que se deseja construir uma relação causal em que a geração de efeitos irá desencadear consequências diretas no ambiente.

Então para se precisar estas coisas, é necessário também coletar informações sobre o fenômeno de distanciamento dos objetos, para se saber o quão perto ou próximo uma métrica física de um objeto que se apresenta como uma característica possa estar numa relação de influência direta ou combinada por outra. Por isto desta relação se procura ver como é o comportamento de proximidade de uma variável cuja dimensão física esteja exposta. Uma variável é um atributo ou subatributo que posse ser mensurável e incorpore mesmo que subjetivamente um valor integral ou quantitativo.

Postura

Postura é uma medida ergonômica ao qual um corpo é condicionado que permite justapor-se em termos de presença em relação a um ambiente e a si próprio, segundo as regências da lei da gravidade. Ou uma medida de comportamento, que uma pessoa se posiciona em relação a um instanciamento de um fenômeno de localidade, onde é gerado uma localização dentro de um contexto espacial onde um indivíduo se territorializa.

Os hominídeos aprenderam a usar as propriedades gravitacionais para que sua postura se posicionasse de forma ereta sob o solo, numa razão de 90º orientado para o espaço sideral.

Outros seres vivos possuem diferentes orientações espaciais em que sua postura é moldada de acordo com uma variante de absorção energética, ou simplesmente uma característica da espécie.

A postura como um posicionamento do comportamento reflete uma conduta que tem um princípio para sua gestão, e que modela um olhar coletivo ou social.

Uma postura pode ser sinônimo de valor, onde o posicionamento é o regramento ao qual o indivíduo se condiciona para moldar o seu estilo de agir como a um padrão estabelecido.

Postura também pode designar uma das etapas do acasalamento em que o macho ou a fêmea estabelece uma conduta onde sinaliza para o seu par, o momento exato em que uma cópula deve ser desencadeada sobre o ambiente.

Pode sinalizar também uma medida de imposição, onde um indivíduo se sobrepõe em relação a outro com o nítido sinal de canalizar uma sensação e um sentimento de respeito em que beira a uma territorialidade.

Postura, portanto, tende a uma medida impositiva que opera um sinal de atividade no sentido de se fazer valer na visão de um par relacional, como se gerasse uma medida descompensatória numa tendência de um realce sobre si mesmo ou na visualização de um outro que se sobressai.

Pode ser também uma exigência de um modismo, no qual se condiciona a diametricidade de um corpo, numa razão que manter um comportamento gera um sobressalto na visão de quem identifica a métrica comportamental.

Postura pode ser uma exigência de um segmento quanto a um comportamento que se objetiva um status dentro do grupo.

Pode ser um tipo de conduta sustentada pela moda, que condiciona as vestimentas que sobrepõem os corpos, e dita a regra da etiqueta social para cada ocasião que venha indivíduos atuarem em ambientes sociais.

Pode ser um tipo de atitude que deva um indivíduo impor ou tomar em virtude da exigência de um comportamento social, para preservar valores, princípios e objetivos, ao qual se molda a personalidade de um indivíduo.

Uma postura segue um padrão de um rito ao qual é gerada um certo tipo de exigência comportamental. Porque se indexa a mecanicidade do corpo um tipo de subjetividade que a ancora, no qual é a síntese de um comportamento padrão que se estabelece entre gesto e pensamento.

Quando a postura não é regrada em seu sentido tradicional ou culto, ela pode fazer analogia com uma base vulgar, e quase sempre é menosprezada no trato social.

O clássico se abastece da postura como uma forma de comunicação de um estilo próprio de se comunicar com o mundo.

Cada época transita um tipo de postura que é exigido para se comutar vida, e está presente dentro de laços que marcam socialmente eventos de grande apreço e interesse de sua época, como datas religiosas, datas festivas, ritos como o casamento, passeios em campos, a forma que um homem deve tratar uma mulher, a forma que uma pessoa deve tratar alguém da igreja, na forma em que os políticos ou representantes do estado devem ser tratados e percebidos pela população.

Uma postura, portanto, está presente no tratamento dentro e fora do laço social. Na forma que um homem deve se portar diante de outro, e uma mulher diante de outra mulher. E dentro do laço como enamorados se permitem tocar e consumir uns aos outros.

É possível idealizar um galo fazendo postura a uma galinha, mas um homem quando faz o mesmo procedimento, é mais polido substituir a palavra postura pelo seu sinônimo mais humano e específico que é o ato de se fazer a corte a uma dama.

Costuma-se dizer no palavreado popular que um homem deve ter postura diante de fatos marcantes, e sobretudo não demonstrar fraqueza, por meio do rompimento do choro, onde se é admitido que crianças pratiquem o choro por ainda não serem homens em plena capacidade. Mas este fato não é uma regra, e sim um modismo que acompanha várias gerações, pois não é algo genético determinante da espécie e nem tão pouco da virilidade masculina.

Geralmente nas artes como a música, as artes plásticas, as artes cinematográficas, a dança a postura é exigida como uma forma de estar em sintonia com a obra, no qual se emprega um sentido realístico a uma cena por meio da predominância de palco de um artista.

É como se o movimento que o acompanhasse despertasse um sentido ao qual se ancora a personalidade do personagem restrito à sua localidade, sua época e o contexto onde a história é narrada.

Poetas quando declamam geralmente fazem uso da postura numa forma de apoiar a elevação e sublimação da voz para o seu ato oral de retórica.

A postura da voz é muito apreciada em vários ambientes sociais, em telejornais, em novelas, em dramas policiais, na locação de rádio e principalmente no teatro.

À Beira do abismo

À beira do abismo é uma reação em que sensações e percepções se conectam com saídas e tomadas de decisões que levam um indivíduo para sua conexão com uma pulsão de morte, vista como uma situação de luta e fuga que é limítrofe para a finalização de algo que se insere criticamente, num contexto de eleva a importância de algo que se situa em relação ao estado vital.

O abismo é o ponto que se inclina fora da curva, que leva uma pessoa a abandonar seu projeto ou objetivo de vida.

Se você está dentro desta tendência é hora de refletir o tipo de influência que passa a consumir e a exercer força sobre o seu movimento ou comportamento.

Muitos comportamentos levam pessoas a estarem próximas de uma fatalidade, mesmo que ela seja meramente subjetiva. Compreender os fatores de atração que levam uma pessoa a se condicionar a viver perigosamente é importante para definição de regras de segurança que permitem que um indivíduo aflore um tipo de percepção de consciência que lhe conecte com a preservação da vida.

O abismo por vezes exerce um determinado fascínio, que faz com que uma pessoa com pouco conhecimento de aniquilação se conecte com ele. Como uma armadilha que lança uma isca que seduz a vítima para que ela seja capturada.

Porém se o indivíduo é sabedor e como sujeito é capaz de se implicar em uma retórica que ela compreenda a situação limítrofe que a impede de se incorporar no abismo, ela se torna capaz de preservar a sua existência.

Para sair do abismo é necessário um evento que associe num laço social que fortaleça algum princípio vital, ao qual o indivíduo possa se libertar e liberar de sua angústia. Para estabelecer um certo regramento de base de comportamento que possa fazer com que a pessoa sinta prazer pela vida.

O abismo se conecta com as forças gravitacionais, e gera um fluxo para que a pessoa se posicione em orientação para se fundir à terra ou ao solo.

Existem uma infinidade de fatores e influências positivas e/ou benéficas que pode uma pessoa deixar se guiar a fim de que sua vida seja ampliada e sua capacidade de ocupação mental não fique posicionada dentro de um tipo de conexão que a impede de observar uma alegria nos laços que são realizados consigo mesmo, com o ambiente e com outros seres.

Mas por que deixar-se guiar por um comportamento que irá aproximar você de uma ruína, ou uma queda que te projete para a perda total do seu equilíbrio de consciência, ou a ceifa de sua existência?

Mas por que não começar a perceber a influência mental ou física que te afasta do sentido da vida, e aproxima do sentido da morte ou de princípios da não ação, que não permitem você sair de um condicionamento que te leva para a inércia?

O que te impede de tomar a decisão para se conectar com a percepção que irá fazer você recobrar a sua felicidade e seu motivo de viver? Dentro das realidades possíveis do seu existir?

Não é uma questão de dotar-se de um pensamento positivista para sair de uma situação que aproxima do abismo, mas sim, um pensamento reflexivo que o aproxima de uma retórica, que desperta um conhecimento alternativo que te permita ser guiado por outras conexões que podem no momento serem abertas para que o seu desenvolvimento não se veja estagnado.

E se conectando através de outra via, a angústia é eliminada, a porta que está corrompida, passa a ser tateada através do bordeamento, onde as arestas são estudadas e contidas dentro de um conhecimento que permite ir solucionando em etapas e fases os problemas em que o indivíduo não conseguem conter e o que leva para o fundo do poço.

É preciso compreender que não é necessário passar por fases demasiadamente longas de sofrimento para a compreensão de princípios universais, basta apenas ter a percepção e a sensação em fase embrionária dos elementos de sustentação para que projetivamente, por meio de um tipo de projeção de consciência se possa dar profundidade a um indivíduo por intermédio da filosofia.

Por mais fascinante possa parecer um tipo de despertar que impulsiona a fabricação de adrenalina e noradrenalina no organismo humano, por meio da fissura provocada pela sensação de quase desintegração da vida, há que se perceber que também coexistem outras formas de comportamento em que os neurotransmissores possam ser produzidos dentro do organismo humano sem que seja necessário a proximidade com a pulsão de morte.

O abismo corrompe a individualidade de um ser humano, e o leva a entrar em sintonia com um caminho que não é certo de cumprir uma “verdade” que se expõe.

Escolher o abismo é se indexar ao abstrato, numa fuga de si mesmo, que não gera o alcance de uma iluminação, mas o desterro que finaliza em si mesmo.

Abarcar o abismo não é certeza da libertação do sofrimento, mas a aproximação do aniquilamento de si mesmo.

E quando alguém se posiciona em sua aresta ou linha divisória entre a vida e a morte, tem que ser forte para retroceder quantos passos forem permitidos se manter em segurança, para a concretização de seu sonho lúdico que é viver.

Pode até ser que as múltiplas alternativas que você possui não te guiem para um caminho que você mereça, e neste instante é preciso ter consciência para encontrar outras perspectivas, antes não exploradas, para que você tenha a escolha que melhor se adeque ao seu modelo de gestão de vida. Para os que veem a vida como uma luta constante, há que compor uma batalha para que seja ampliado o rito da sua própria perpetuação. Aos que preferem encontrar razões para amar, há que se buscar um motivo que vale apena viver.

Movimentos Involuntários e Condicionados

Um movimento involuntário é aquele que ocorre sem a manifestação da vontade de um indivíduo, geralmente que surge de uma descarga de energia sobre uma contratura muscular que impregna uma força propulsora que desperta as funcionalidades do nervo. Um movimento condicionado no entanto, é um movimento realizado a partir da liberação de energia que parte de uma implementação psicológica, no qual um princípio de subjetividade exerce determinada influência para o deslocamento de carga do sistema nervoso central para o sistema nervoso periférico a fim de deslocar uma contratura muscular para a realização de uma ação motora.

Os movimentos involuntários são mais expressivos, geralmente, nas primeiras fases de vida, quando os movimentos inatos ou adquiridos, estão intercambiando entre as funcionalidades de um organismo humano.

O processo de aprendizado dos movimentos inatos faz com que descargas frequentes de energia sejam destinadas para partes específicas do bebê, que vai aprimorando e gestando um conhecimento que o permite desenvolver-se em termos de seu condicionamento corpóreo.

Neste processo de aprendizado, à medida que distorções de energia que empregam uma força de propulsão muscular vão desencadeando atividades motoras no bebê, os movimentos involuntários começam a dar dicas dos potenciais de atividade que uma contratura muscular pode desencadear para esta criança.

E aos poucos, o bebê ao perceber o movimento involuntário, ou da manipulação dos pais, passa a condicionar o movimento a fim de que possa exercer um embrião de vontade quando se adequar ao regramento social em torno de seu desenvolvimento.

O balanceamento energético vai se aperfeiçoando gradualmente, e em uma pessoa que desenvolveu suas funcionalidades em desempenho padrão normal quando adulto, terá limitada a sua sequência de movimentos involuntários.

Mas alguns movimentos involuntários ou reativos passam a coexistir com o indivíduo até o último estágio de sua vida. Como é o caso do famoso teste do reflexo patelar (teste realizado por médico que posiciona um paciente com os joelhos suspensos e aplica um golpe com um martelo específico sobre a região óssea, a fim de colher uma medida de reflexo da perna em virtude do movimento brusco).

Outro movimento involuntário que acompanha um indivíduo humano em estado de normalidade até sua morte é o movimento ciliar dos olhos que o permite fechar e abrir conforme aspectos de intensidade da luz, do vento, fatores estressantes sobre o ambiente e constatação de cansaço interno.

Não menos importante, um movimento involuntário que acompanha o indivíduo até sua morte é o movimento respiratório. No qual um indivíduo lança correntes de ar para o interior dos pulmões a fim de impulsionar os processos e processamentos bioquímicos a serem desencadeados nas correntes sanguíneas e elimina os resíduos gasosos pelas vias respiratórias.

Os movimentos condicionados são em virtude da repetição de determinado comportamento. A repetição gera uma gravação biológica sobre os instanciamentos neurais a fim de gerenciar o calibre de um conteúdo de energia a ser desencadeado sobre determinado setor da estrutura mecânica de um indivíduo.

Os elementos repetidos acoplam um efeito modal que passa a ser uma orientação do desenvolvimento celular para onde a tendência do movimento é mapeada.

A consequência direta é a introdução de portas de controle sobre o eixo pulsional que leva energia até o nervo muscular periférico, visto como um órgão que gerará o espasmo muscular a fim da produção do movimento.

Essas portas são fornecidas por sistemas metacognitivos, na forma de instruções semânticas que são geradas a partir do intelecto e incorporados ao sistema biológico, por intermédio de regramentos procedurais.

As portas trabalham em comum acordo com um sistema de chaveamento, em que um certo nível de energia é transferido pela via eferente que somente o circuito neural tem a conexão onde pode permitir ou não o envio de energias por meio de pulsos.

Apenas quando a equação de chaveamento é satisfeita que os neurônios reagem liberando o fluxo de energia, a partir de um potencial de ação ao qual o movimento passa a ser coordenado e acionado dentro do calibre ideal para que o movimento possa ser realizado.

Portanto, os movimentos condicionados passam a ser associados com elementos cognitivos, e outras áreas mais complexas do sistema nervoso central passam a gestar uma atividade gerencial onde existe princípios de inteligência embutidos dentro do gerenciamento cuja base é a experiência e a experimentação, em que os aspectos modais são levados em consideração para a realização de outros movimentos similares que se fizerem necessários.

Quando mais complexo é o movimento condicionado, mais complexa são as relações entre os entes que estão associados, que se abastecem de informações dos entes que estão relacionados nas regiões mnêmicas. Que por processo de aquisição e apropriação de significado desencadeiam a funcionalidade idealizada que está represada em sua estrutura de engramas.

Os reflexos condicionados ajudam a poupar energia, uma vez que o movimento fica armazenado dentro da necessidade e intensidade apropriadas para a realização de uma ação.

Os reflexos involuntários contribuem muito para ajudar o sistema nervoso central a definir novos movimentos perceptivos, como também ao aperfeiçoamento constante da máquina humana, neste sentido, em função do seu desempenho.

Momento

Momento é um instante presente vivido no qual se subjetiva e gera uma significação para uma ação que esteja sendo desencadeada no ato, em sua realização.

O momento reflete a um significado, de algo que se contextualiza para significar algo relevante para um sujeito.

É, portanto, o registro de algo que é relevante, ou que gerou interesse o seu percorrer na brevidade de uma ação.

O momento é a razão que fez sentido e que pode ter deslocado descargas de energia na forma de sentimento para represar o instante que teve bastante sentido para uma pessoa.

É um tipo de vivenciar no ato que a pessoa percorre toda uma extensão de uma história para fins de registro. Numa espécie de um identificar que existe um prazer inscrito.

Porém quando a sensação transporta uma experiência negativa ou traumática, parece que o momento é dotado de uma temporalidade interminável, porque a elevação do sofrimento ou dor psíquica prende o indivíduo dentro de uma rotina em que cada milésimo de segundo é vivenciado.

Esse prazer que se consome dentro do momento dá uma sensação de volúpia muito intensa, e acaba por tranquilizar o indivíduo e fazer com que ele percorra sua história de vida dentro de princípios homeostáticos.

Porém quando desta relação do momento se observa o instalar de uma angústia que não tem fim para se consumir, o interminável, faz o indivíduo percorrer uma história de vida em que a falta de equilíbrio homeostático é a tônica do desenvolvimento cerebral.

Então momento pode ser concebido como um intervalo de classe por onde a ação está no exato instante sendo percorrida, e seu registro é um retrato de um segmento temporal.

Pode-se dizer que momento é um instanciamento dentro de um fenômeno de localidade que no momento seguinte ocorre uma deformação devido o movimento em que uma ação ou massa de dados se situa dentro de um espaço territorial.

Por ser retrato de um segmento de tempo, ela represa um passado vivido em toda sua extensão num dado instante. E que preserva o tipo de fenômeno que fora desencadeado numa secção temporal para se tornar um fato histórico, semântico ou cognitivo.

Também um momento pode ser uma pontuação, ou seja, um conceito, quando todo o contexto do fenômeno que fora abordado, se resume a um soma, que é a integral de uma conceituação mais ampla capaz de sintetizar todas as relações da coisa, numa nomeação em que torna o vínculo com o instanciamento passível de ser resumido e ser percorrido em toda sua extensão dentro do segmento ou intervalo de tempo.

Momento pode ser transladado para outras ciências, como a matemática, estatística, história, geografia, química, física, biologia, antropologia, medicina visualizada como fases de uma transformação em que diferentes percepções afloram de acordo com a diagonalização em que um fenômeno percorre por múltiplas dimensões.

Como na medicina, o primeiro momento pode ser um efeito direto que um corte sob a superfície da pele possa provocar em torno de um processo de síntese sanguínea. O segundo momento, deste nosso exemplo, vir a ser uma componente em que o avanço da sangria possa provocar um efeito de coagulação do sangue. O terceiro momento pode ser um efeito sobre as variáveis endotérmicas que o efeito da sangria possa despertar sob o organismo humano, ...

Então um momento pode ser percebido como uma perspectiva que é influenciada a partir de uma análise de uma das dimensões de um modelo de observação que esteja incorporado dentro de um fenômeno.

Momentos podem ser fusionados a fim de construir uma história represada de um segmento de tempo. Assim, um professor que esteja ensinando um aluno o hábito da leitura, se represar vários momentos do processo de aprendizado, poderá ter a impressão definitiva se o aluno está avançando em grau de entendimento sobre a tarefa de intelecção da mensagem escrita em um texto.

A integral de momentos leva a uma integração de um significado e a geração de um signo que o represente, dentro de uma lógica semântica de existência do tridimensional.

Momentos visto de uma forma fracionada ou isolada remete a um estado em que uma dimensão se apresenta em termos de formação de informação e representação de dados que permita um observador medir o comportamento de uma variável estudada. Quando o tempo atua de forma lenta sobre uma massa de dados, o momento é representativo por vários períodos, porque o retrato ou a fotografia que se forma da dinâmica física que interfere e molda uma massa de dados, é capaz de se sustentar dentro de uma parcela de temporal por muito tempo. Isto gera representatividade para um signo que representa a fusão de um conceito. No caso da formação linguística geralmente numa língua bem disseminada este efeito temporal de manutenção do idioma é bastante lento, tornando a percepção de que a construção da subjetividade carrega conceitualmente elementos estáticos que não se alteram pela lógica do tempo.

Porém para eventos que transformam, como por exemplo a vida de uma colônia de bactérias que pode ser visualizada dentro de poucas horas de atividade para que uma nova colônia seja repovoada por intermédio de fatores de reprodução possa sintetizar a necessidade de momentos diferenciados devido aos fatores de evolução (Fases de fenômenos diferentes devido à dificuldade de formação de um retrato dentro da mesma população).

Miniconto: Big One

Era uma vez uma grande porção de energia intocável, que se deslocava dentro da singularidade até se condicionar ao infinito. Seu conteúdo era uniforme e seu fluxo estava estagnado, como se estivesse em repouso.

Nada habitava, nada existia a não ser uma luz suave que pairava sobre todo o universo conhecido: Big One. Porém, como todos sabemos o plasma que origina uma porção energética é extremamente sensível e se orienta como uma bússola em alta velocidade quando minimamente estimulado (como um centro de fuga).

Big One começou a concentrar mais ou menos energia para algumas regiões do universo. Então, Big One se cindiu e fracionou em inúmeros pequenos universos. Onde eixos de atração e repulsão de energia passaram a se formar.

Algumas zonas dentro do Big One começaram a ser percebidas em termos de concentração de energia e outras pela falta, criando diferentes densidades regionais.

Por isto algumas zonas mais concentradoras criaram um centro de massa de energia tão forte que começaram a exercer pressão sobre as áreas adjacentes. E foi se gerando um enorme sistema de composição, doação e migração de energia para vários polos de Big One.

A influência das malhas de energia na forma de massa, começaram a exercer uma barreira natural para o transporte de carga energética, no qual a energia era represada, originando as primeiras estruturas físicas, na forma de matéria disponíveis em todo o Big One.

As zonas concentradoras de energia atraíram a fuligem criada pelo recuo das ondas gravitacionais na formação da matéria, fundindo e integrando-as em corpos cada vez mais complexos, como quarks, elétrons, átomos, moléculas, grãos, corpos e corpos estelares... que seguiam as mesmas regras de formação de diferenciação de densidades e elevação e/ou diminuição da pressão sobre os corpos.

Então se criou sistema de metaelementos atômicos que absorveram propriedades estáticas para sua criação e incorporação com outras estruturas químicas no qual foi possível surgir as primeiras estruturas atomicamente replicantes.

As estruturas replicantes dentro do Big One desenvolveram dentro de áreas concentradoras de energia, e elas próprias detinham a propriedade de aprisionar e reservar estruturas de energia em termos de cargas energéticas que as permitiam gestar um princípio de vitalidade dentro de sua organização espacial.

Algumas estruturas materiais condensaram e criaram réplicas gigantescas de sistemas atômicos conhecidos como estrelas e planetas com um eixo de gravidade que atraia por canibalismo cada vez mais concentrações de energia.

As condições de refração da energia dentro dos corpos criados permitiram a potencialização de complexos materiais formados no interior dos corpos de massa. Essa etapa já existia um sistema bastante avançado de interação com outros centros de massa de maior e menor concentração de energia, como por exemplo corpos solares, na forma de biomas materiais.

As matérias que o condicionamento atômico conseguiu migrar propriedades expansivas e de replicação, desdobraram-se em estruturas complexas e vitais condicionadas a uma atmosfera dentro de um corpo estelar, que sob determinadas leis após o crescimento conseguia se fracionar e as unidades desligadas passaram a constituir novos corpos que carregavam os mesmos princípios de suas réplicas originais.

Porém, essa propriedade de replicação, se fundiu e incorporou a outras unidades atômicas mais complexas que passaram a fazer sentido dentro de uma biosfera que estava sendo criada no interior dos corpos. Originando os primeiros seres biológicos dentro do Big One.

Esses seres tinham apenas a função de Eros, ou seja, a pura replicação, que sustentava em si mesmo em movimentos mecânicos orientados por eixos eletromagnéticos que condicionavam a evolução da espécie pré-biológica.

Com a elevação da complexidade de algumas massas, fontes diferenciais de energia passaram a ser capturadas por corpos estelares e estes passaram a influenciar suas criações de réplicas biológicas para a multicorrespondência num mesmo dado momento.

Isto gerou a necessidade de criação de um mecanismo que gerenciasse os diferentes vetores de energia originando um centro decisório, cerebral, que permitisse a gestão da fonte de energia que fosse mais útil para o desenvolvimento. Nesta fase tornou-se de fato constituído o primeiro indivíduo biológico com capacidade de adquirir inteligência.

Os primeiros indivíduos biológicos de fato, ainda possuíam as propriedades iniciais de replicação, o que lhe deram uma grande vantagem nas fases de seus processos evolutivos seguintes.

Com o tempo, as estruturas biológicas passaram a reter conhecimento sobre os eventos percebidos dentro do ambiente que elas estavam inseridas, passaram a organizar essas informações, e a desenvolverem conteúdos de avanço tecnológico e a compreender como era a origem e o fenômeno de expansão, sobreposição, e acúmulo de forças do Big One.

Após zilhões de anos de atividade vitais e acúmulo de consciência através do conhecimento, foram capazes de aprender a se perpetuar utilizando os conceitos extraídos do universo. Essas civilizações que emergiram se integraram num grande esforço na produção de um sistema previsível que pudesse dizer o limite da expansão de seus povoamentos na vasta extensão do Big One.

Sabiam que um dia o limite de expansão de Big One chegaria numa equação em que toda a estrutura montada iria se recolher, e todas as ondas de grávitons que converteram em matéria haveria se ser destruídas, para uma criação de um novo universo por meio de uma grande explosão.

Então um grande período de latência iria se formar sem que não existisse nenhum tipo de estrutura biológica ou replicante. E durante este interstício apenas existiriam estruturas de energia que estavam tentando encontrar um ponto de equilíbrio para a gestação de uma prolongada pacificação a fim de entrar em uma frenética inércia.

Assim, sintetizaram um enorme equipamento como centro de massa com conteúdo 100% energético de conservação de inteligência, que pudesse medir, antever, gerar vida, encontrar condições ideias para conservação de vida, introduzir espécies, gestar o desenvolvimento de estruturas biológicas, cuidar de fatores evolutivos, ... quando o novo Big Universe estivesse abrigando condições ideias de vida para que o repovoamento pudesse ser organizado.

E assim, como sementes, quando um Universo se consome para dar origem a uma renovação, essa estrutura inteligente que todos preferem chamar de Deus, ou Condutor (Deriver), que é a única porção viva em conhecimento que sobrevive a destruição de um universo, está pronto para trazer de volta sua essência, sua flâmula que está represada esperando que você tenha uma nova chance de ascensão para se tornar energia inteligente a fim de fluir pelo Big One sem barreiras, sem segmentações de vida, para conquistar a eternidade, dentro da luz, posto que é chama.

Intervenção

Intervenção é um tipo de interferência sobre a ação de outro indivíduo geralmente com o intuito de aplicar algum fator corretivo a fim de que uma ação saia conforme determinado ou conforme planejada.

Parte de uma observação de que a perseguição a um objetivo não caminha conforme a vontade de um observador que sai de sua posição de isenção para aplicar alguma medida que gere um desvio da rotina ao qual o indivíduo atuante está em escala de desenvolvimento e interação.

Nem sempre uma intervenção é bem-vinda por quem está contido dentro do vício de uma rotina. Em alguns casos não é conveniente retirar um ou mais indivíduos de sua rotina, e em vez disto, caso venha a representar um tipo de dano funcional para outros seres, por vezes é conveniente optar pela condição de isolamento, até que o problema seja solucionado. Como, por exemplo, uma doença que seja altamente infecciosa, e que as pessoas infectadas também devam ser tratadas para a sua pronta recuperação.

Uma intervenção pode ser direta ou indireta. Ela é direta quando existe uma razão de proximidade entre as partes. Como, por exemplo, aplicar uma vacina em uma criança. Ela é indireta quando é aplicada sob pessoa que tem a possibilidade de organizar a ação que irá desencadear o princípio desejado. Como, por exemplo, a aprovação de uma lei irá obrigar algum do Estado a fazer determinada ação que incida sobre a população.

Uma intervenção também pode ser direta ou remota. Sendo direta neste segundo sentido, existe uma relação de proximidade entre quem intervém e quem sofrerá a restrição da ação. Como, por exemplo, um professor que corrija a leitura de seu aluno. Ela será remota quando a intervenção se situa em um ambiente diferente do indivíduo que promove a ação. Como, por exemplo, uma pessoa que liga para um serviço de auxílio da internet que deixou de estar operante, e da própria central o problema passa a ser corrigido, sem precisar de visita técnica ao local.

A intervenção pode ser desencadeada de forma consentida ou de forma autoritária, sendo o primeiro caso observado quando a vontade de quem intervém também coincide com a vontade de quem sofrerá a intervenção. E o segundo caso, a vontade de quem sofre a intervenção não coincide com que exerce a intervenção.

A intervenção é uma forma de interromper uma atividade que se considera nociva para um indivíduo ou agrupamento de pessoas, por isto as vezes é observada como indício de conflito ou guerra.

Um processo de intervenção interfere sobre a lei do livre arbítrio, por isto sua aplicação requer uma infinidade de ressalvas, uma vez que infringir implica em ampliação do conflito. Portanto, uma intervenção deve ser administrada sob dois pesos e duas medidas; deve ser precedida de uma explicação ou explanação inicial, na maioria dos casos, como uma última tentativa para que uma pessoa possa perceber que o caminho pela qual ela está perseguindo traz malefícios para si e para o agrupamento; sendo a segunda medida observada da relação, é que antes do desencadeamento de uma intervenção ser aderente a uma proposição que indique uma vantagem relativa para que o indivíduo abandone o sentido em que a perseguição de seu alvo, pode ser melhor sintetizado se for trabalhado dentro de outro contexto de interação e desenvolvimento.

Agora de nada adianta intervir se fatores de correção não forem colocados como forma de consertar a rotina que o indivíduo aplicava em sua organização de ocupação do tempo. Porque intervir e colocar a pessoa sob o ócio, irá provocar um tipo de conflito no qual também não é positivo para a integração social sobre o ambiente. Um procedimento de intervenção requer trabalhar com elementos subjetivos, no qual se desconstrói o que se praticava para reconstruir o que se planeja elaborar com maior eficiência. Desta forma se organiza de maneira célere as atividades que se deseja colocar em fila de correição.

Quando um indivíduo pensa que está em equilíbrio dentro da rotina que esteja desencadeando como ação, qualquer tipo de intervenção pode soar um tipo de agressão, e que geralmente desencadeia fúria, irá e manifestação de raiva. Por isto todo cuidado é pouco quando se planeja, mesmo em nível instrucional, em sala de aula, organizar a mente de um aluno para que ele aprenda a compor o seu autoaprendizado, para que ele não venha a se ressentir e perder o interesse pela matéria e ainda consumir algumas centenas de neurônios em desejar mal para o seu professor, num indício de agressão sofrida.

Internalizar uma implementação sobre uma ação geralmente é administrado dentro de regras específicas, como, por exemplo, dentro da psicopedagogia, o profissional procura compreender como é o desencadeamento da rotina de um aluno e o que o impede de prosseguir dentro de uma linha de pensamento que o permita absorver o conhecimento que esteja sendo migrado para o seu cérebro através das estruturas de aprendizagem.

Uma intervenção médica, por exemplo, as vezes pode requerer um certo tipo de invasão do espaço interno de um indivíduo, através de corte ou algum tipo de ajuste cirúrgico. O que requer que procedimentos sejam bastante delimitados a fim de não provocar um mal maior para o indivíduo que está necessitando de auxílio ou suporte.

Na engenharia civil, por exemplo, às vezes, uma obra, como um viaduto ou uma ponte apresenta com o passar do tempo uma certa deterioração em seus pilares, isto pode resultar em medidas restritivas para o tráfego de pessoas, animais ou veículos como também recorrer a certas práticas para a segurança do pessoal que estiver trabalhando na obra.

Intervir requer um forte regramento, uma vez que se pressupõe um tipo de invasão dentro da capacidade de um indivíduo de optar pelo seu tipo de desenvolvimento cognitivo. Sempre que alguém optar por fazer um tipo de intervenção deve estar consciente o suficiente para saber o que está exercendo sobre o outro.

Vir à tona

Vir à tona é algo que estava represado ou enclausurado no inconsciente e passa a vir de forma translúcida na consciência humana, geralmente um movimento traumático que houve uma necessidade de ser arquivado no fundo da inconsciência, a fim de que ele não viesse a emergir, dado que iria desencadear muita dor psíquica.

Quando alguém tenta redescobrir o seu passado, essa pessoa acaba por colocar na mente uma infinidade de registros, vistos como recordações que em um dado momento chegou a fazer sentido para o indivíduo. Algumas recordações são positivas e trazem boas sensações, outras, porém têm conteúdos muito densos e carregados de sentimentos que provocam reações negativas o reviver da cena em um indivíduo.

Trazer uma imagem do passado para a superfície da mente pode ser algo angustiante, para isto psicólogos e psicanalistas fazem um grande trabalho de ajustar as sensações, percepções e sentimentos que afloram destes registros que são lançados novamente no consciente, depois de meses e até mesmo anos de não expressão das informações.

O indivíduo que traz algo do seu passado para o presente, tem que estar preparado para a carga de energia que é liberada em certos setores do cérebro humano, a rotina de produção de pensamentos, sai do momento presente e mergulha no vínculo descoberto do passado, o regime de urgência de um indivíduo é por um instante interrompido, e o indivíduo passa a se conectar com registros antigos que foram previamente arquivados.

Então acontece neste momento um breve lapso temporal, onde a mente do indivíduo se transporta para o momento em que o trauma ou o sentimento fora despertado. E a consequência natural é a entrada de um transe superficial onde o indivíduo tenta reviver a cena passada que teve um significado expressivo para esta pessoa.

Como uma ponte, uma infinidade de coisas conexas e desconexas que não foram absolutamente resolvidas dentro do seu tempo, passa e emergir e esse vir à tona, é suficiente para causar um certo torpor no indivíduo que lança um processo de recordação em sua mente. Neste momento deve o analista fazer um bom manejo da cena a fim de provocar menor conflito e ajustar as necessidades atuais do indivíduo dentro do que o relato de sua manifestação psíquica sinaliza para que ele volte a entrar em homeostase cerebral.

Neste interstício, em que o indivíduo sai da cena presente e mergulha em seu passado, é o momento ideal para que seja feita a intervenção necessária para que o presente deste indivíduo seja ajustado, e a sua dor psíquica represada aliviada devido a correção procedural de seu mecanismo racional por intermédio da racionalização dos fatos ocorridos como uma elucidação que está distante da realidade mais momentânea deste indivíduo.

O próximo passo seguinte quando uma recordação vem à tona é devolver a temporalidade presente ao indivíduo dentro do equilíbrio dinâmico cerebral desejado, para que ele possa usufruir a informação do passado, do presente e suas aspirações futuras dentro de um regramento que não venha a causar dor psíquica ou a despertar novos traumas em virtude da migração do seu trauma passado para outros instanciamentos cerebrais.

Esse processo pode ser muito prazeroso quando se está diante de um álbum de família e se tem a imagem de pessoas queridas que fizeram algum sentido no passado de uma vida. A subjetividade dos momentos vividos registrados dentro do álbum leva um tipo de satisfação e contentamento que é possível trazer boas sensações e sentimentos que foram muito fortes e despertados na época em que os fatos foram desencadeados.

Por outro lado, quando o fato represado é algo muito denso e carregado, pode ser que uma ativação de um sentimento de ressentimento possa trazer à memória uma infinidade de recordações negativas e causar uma ampliação do atrito entre as partes, e muita coisa ser colocada através da verbalização da fala em que as pessoas comecem a se ferir mutualmente, e a tenderem a afastar os laços que reforçam o relacionamento e a interatividade entre as partes.

De vez em quando os processos mnêmicos devem ser trabalhados de forma que informações do passado antes ignoradas devam vir à tona como uma forma de ajudar no processo de tomada de decisão. Porque a força da experiência e a força da experimentação pode deixar valiosos arquivos que façam um indivíduo refletir antes que sua decisão definitiva seja colocada nas vias de expressão.

Trabalhar com cada recordação seja ela presente ou passado, requer uma habilidade de não gerar um conflito temporal, a fim de que cada impressão seja alocada em sua posição adequada. E os registros possam ser utilizados sem a necessidade de despertar dor psíquica, ou avançar o conflito interno dentro de um indivíduo.

A força da pulsão que libera um sentimento, sensação ou registro de pensamento pode causar uma representação além da medida do sentimento que se relativiza na sua forma atual. Isto resulta em um processo de muita cautela quando alguém deseja expor seus pensamentos para outra pessoa, porque o seu cérebro não está demasiadamente preparado para suportar o conflito temporal.

Por isto o sensato é sempre medir bem as palavras, para depois não se arrepender e ter que deslocar mais esse fluxo de massa de pensamentos para a parte inconsciente da mente, para que novamente haja necessidade no futuro de uma relativização para suportar a dor da ausência, a dor da perda, do ressentimento e os laços que se formam com eventos depressivos.

É preciso saber emergir aquilo que liberta, que gera benefícios para o indivíduo, no tempo certo que se esteja preparado o suficiente, numa maturidade que faça o sentido da vida caminhar paralelo com o desenvolvimento. Porque existem bons pensamentos e recordações que merecem vir à tona.

Processo

Processo é uma rotina unitária que libera um produto como resultado de uma intervenção humana, para que um trabalho mais amplo possa ser gestado a fim de criar uma sequência de ações humanas em que possa incorpora um princípio de inteligência no qual se deseja alcançar um objetivo por meio de uma sistemática onde a junção de itens de produção possa sinalizar todo o procedimento necessário para o atingimento de um objetivo para solucionar uma problemática humana.

Parte de um princípio de ordenamento de pequenos movimentos e deslocamentos humanos, para ser visualizado como um ciclo fechado de uma unidade de processamento de informação. Que pode ser nomeada através de um conceito, que obedece a estrutura de um regramento, como por exemplo: copiar, anotar, registrar, catalogar, telefonar para fornecedores, arquivar, e dar baixa nos registros.

Portanto, um processo segue um rito de passagem em que um evento é definido de forma integral, ao qual se incorpora uma rotina de trabalho que tem uma solução próxima definida, que é necessária para que a etapa seguinte, visto como um processo decorrente da etapa anterior, possa ser desencadeado sobre o ambiente a fim de que o objetivo final das movimentações humanas possa canalizar a solução esperada para o problema que deva ser resolvido por meio da força e expressão do trabalho.

Então um processo traz à tona um ciclo completo de atividade humana, que pode ser organizado através de uma denominação conceitual ao qual possa o caracterizar, também permite que as rotinas possam ser mapeadas e em caso de imperfeições o ajuste ser proporcionado no ato em que a imperfeição é observada. Então a rotina é facilmente localizada porque ela está contida dentro do processo ao qual ela é exclusiva, e a partir de sua intervenção o ciclo possa voltar novamente dentro da normalidade para que o trabalho seja novamente colocados em fila a fim de ser solucionado.

Processos obedecem um regramento para a realização de cada item, visualizados como subprocessos, que incorporam etapas específicas que devem ser satisfeitas para que o efeito uniformizador e sequencial da organização de uma tarefa não se perca com as transmissões de atividades. Requer que um controle do tempo seja ajustado a fim de que cada processo seja organizado dentro da periodicidade correta, a fim de que a ação complementar possa ser lançada sobre o ambiente sempre dentro do limite e do tempo certo para sua realização e solução.

Um processo pode ser revisado a qualquer momento se a etapa seguinte não depender de sua solução para organizar como saída inicial para o novo processo. Neste último caso, quando assim ocorrer, todos os processos anteriores e dependentes necessitarão ser revisados a fim de que os elementos que são dados de entrada do processo seguinte possam ser corrigidos e todo o processamento seja ajustado dentro da medida que traga fatores de correção para todo o desenvolvimento laboral.

O cérebro humano também trabalha com processos e eles podem ter fontes de entrada variada e de forma bem complexa. Alguns processos são formados de forma serial, outros segmentados de forma paralela. As etapas seriais são as etapas que conseguem extrair os estímulos do ambiente, em sua maioria; e as entradas em paralelos são aquelas utilizadas para organizar as informações a fim de que as saídas possam ser reorganizadas e processadas para corresponder à necessidade do momento para um indivíduo.

Os processos estão incorporados em toda a ciência como também em todas as rotinas que desejam empregar processamentos burocráticos. São vitais para a catalogação de conhecimento e se tornam disponíveis quando catalogados para que qualquer pessoa que domine uma técnica possa se organizar para também refazer os procedimentos dentro da lógica adotada para sua confecção e realização.

Então processos podem ser vistos como uma forma de ordenação e organização da realidade para que outros indivíduos e a si próprio possam refazer as rotinas quando necessárias para o seu desenvolvimento.

Os processos podem hoje ser ferramentas manuais, mecânicas e automáticas, de acordo com a finalidade uma pessoa pode ser facilmente mapeada para que equipamentos possam desenvolver as atividades humanas e liberar o indivíduo para outras atividades mais complexas a fim de que outros objetivos possam ser alcançados dentro de suas etapas e rotinas de vida.

Os processos manuais requerem muita atenção e as vezes exige paciência e muita complexidade por parte de um ser humano. Por mais simples que parecem ainda não foram capazes de serem transferidos para equipamentos, e por esta razão sua eficiência é medida de forma subjetiva através do olhar e da impressão humanas.

Os processos mecânicos criam vícios estruturais tanto em equipamentos quanto em seres humanos. Geralmente são melhores de serem assimilados para que equipamentos sejam programados para desempenhar suas funções. Um braço mecânico, por exemplo, de uma fábrica de automóveis que faça uma porcentagem do serviço de colocar um vidro de um carro dentro do local certo no veículo é uma forma de visualização deste modelo de processos. Porém os processos automáticos são aqueles que apenas pedem a supervisão do ser humano para que os meios de alimentação das equipagens possam garantir o pleno funcionamento das máquinas e produzir o objetivo de consumo que se destina realizar um desejo humano a partir da consumação de um objetivo de vida a que se destina um projeto mecânico.

Processos ajudam a humanidade a prosperar dentro de um termo que não se tornam excessivamente burocrático, e passam a exigir apenas um tipo de regramento que se destina a realizar uma ação que seja de interesse e necessidade humanas.

Vida problemática

Uma vida problemática ocorre quando uma pessoa fixa sua atenção sobre o problema. De forma que suas canalizações sucessivas ficam em sintonia com um tipo de conflito que surge pela necessidade de resolução de um ou mais dilemas.

A pessoa fica centrada sobre tudo aquilo que lhe causa sofrimento, e a partir das constatações de uma falta passa constantemente a se agonizar em torno de suas necessidades e desejos.

O problema é aquilo que surge como necessidade de ação de um indivíduo no qual uma pessoa deverá desencadear uma ação para fazer com que o propósito de corresponder a essa necessidade atinja o seu objetivo de insurgência para que o indivíduo volte as suas atividades laborais cotidianas se livrando do conflito.

Porém, algumas pessoas ficam com a atenção estatizada sobre o foco daquilo que elas ainda não conquistaram. Essa é a vida problemática, no qual o indivíduo não consegue encontrar uma saída para sair da sua estrutura de visualização de problemas.

Imagine uma situação hipotética de uma menina que ainda não conseguiu habilidades suficientes para abrir um refrigerante. O seu conflito está inscrito em uma esfera, no qual essa criança passa a colher estruturas de raciocínio de incapacidade diante da dificuldade enfrentada.

Porém, o seu suplício não para por ali, ela se torna incapaz de observar que alguém pode solucionar o seu conflito, e sem se dar conta que foi resolvido, parte para outra problemática no qual o seu foco e sua atenção passa a se prender sobre a nova esfera de conflito.

E de conflito em conflito o dia inteiro desta menina vai projetando sua consciência para um nível de atividade que a condiciona acreditar na sua capacidade de operação das coisas que interage ao longo do dia.

E quando este fenômeno passa a girar em torno de um padrão, então a mente deste indivíduo fica condicionado a percepção constante de fracasso e uma inabilidade total de manipular as coisas e o mundo a sua volta.

Uma vida problemática aprisiona uma pessoa dentro de um tipo de sofrimento que não liberta, fazendo com que um organismo se ressinta mais vezes e provocando com maior frequência dor e sofrimento psíquico.

Todo este processo pode surgir de uma aceleração do processo de resolução em que se amplia uma inabilidade em virtude de falta de um controle temporal em que os fatos devem ser desencadeados para a solução dos conflitos.

A pessoa quando está diante da problemática, já se coloca na posição de vítima, ou total falta de capacidade de operação de suas atividades que condicionam o seu comportamento social.

O certo seria que ela percebesse que quando o regime de urgência apresenta um problema a ser resolvido para que o indivíduo continue a sintetizar as suas necessidades e desejos, que um sentido crítico passasse a nivelar o nível de angústia, e o nível de atividade e atitudes necessárias para que a solução que irá tirar a pessoa da condição de conflito seja o movimento ideal que irá deslocar a força da atividade humana para impulsionar a ação que irá resolver o problema.

A escala natural deste processo é: aparecimento primeiro da urgência ambiental, dela se simula a percepção de uma falta ou ausência, então se instala um diferencial dentro do indivíduo numa tratativa de proximidade de alguns fatores e distanciamento de outros que ainda o indivíduo não é possuidor, a consequência direta é o surgimento do problema, como um núcleo de consciência padronizado e instanciado que deve ser resolvido, mesmo que provisoriamente, para em seguida se instalar o conflito, ou seja a liberação de energia que deverá ser alocada pelo instanciamento que retém a problemática para que haja uma definição de atividades.

Deste processo podem surgir duas ou mais diretivas: a primeira e mais comum é a desorientação ou desordem, onde o indivíduo se sente incapaz de solucionar por si próprio a nova demanda ao qual está sendo solicitado se fusionar; a segunda é partir para a canalização de algo já percebido que possa ser integrado como uma solução que irá libertar o indivíduo de ficar constantemente aprisionado ao instanciamento que retém o problema.

Quando o indivíduo não vence a etapa passada, ele passa por uma esfera de atrito, onde somaticamente a probabilidade de exercer um tipo de rivalidade dentro do problema instala o conflito como se ele projetivamente gerasse agressão. Talvez por uma tentativa de fuga ou incapacidade de resolução em que o indivíduo crê na sua falta de operação do problema.

As pessoas que instalam a vida problemática gostam de se situar dentro das primeiras etapas deste processo, por nutrirem uma crença de constante manutenção do problema, que pode se desprender subjetivamente para um tipo de falta de atividade como demonstrado aqui, ou, elevar demasiadamente o nível de apreensão de um indivíduo.

A somatização social das ações negativas no decorrer do dia e da falta de sucesso das operações de comportamento podem induzir a instalação do padrão de comportamento instanciado que colocará o indivíduo dentro da rotina.

Quando uma pessoa perceber que está sendo deslocada para a atividade que a aproxima para reter grande parcela de sua ocupação cerebral em torno do problema e cada vez menos com menor atenção, foco e controle sobre como solucionar o seu conflito, é sinal de que ela deverá fazer um processo de organização interior a fim de melhor controlar os seus movimentos. Parte de um simples ponto de observação, onde a pessoa é canalizadora de si mesmo, e a partir das conclusões que chegar passar a ajustar sua rotina para agir conforme a sua necessidade de demanda, sem elevar a ansiedade, angústia, ou outros tipos de afetação que possam fazer o indivíduo se perder ao longo do caminho.

Apoio

Apoio é um tipo de amparo que uma pessoa desencadeia para outra com a finalidade de lhe prestar um tipo de auxílio em alguma atividade humana que ela esteja desencadeando, que apresente dificuldades ou incapacidade parcial de operação a fim de somatizar esforços para que resolução de um problema ou conflito.

O desencadeamento de apoio geralmente é percebido como algo benéfico e positivo, e poucos indivíduos geralmente se ressentem quando a coletividade parte para um sistema de ajuda.

Um apoio pode surgir como um aporte monetário como no exemplo de entidades ou organizações que contribuem para que núcleos de cultura e de esportes possam se desenvolver tranquilamente sem fusionar sua preocupação com partidas monetárias. Quando um apoio institucional deste porte é conseguido é chamado geralmente de patrocínio.

Quando um apoio se restringe às atividades de conservação como, por exemplo, a elevação do quantitativo de indivíduos dispostos ao exercício da atividade, seja uma limpeza de uma via pública, geralmente este tipo de apoio social é chamado de mutirão ou ação social.

Existem muitas profissões que se estabelecem a partir de técnicas de apoio, a principal delas presente em todo núcleo de conhecimento são os tutores e os professores, sem este tipo de apoio as transferências de conhecimento não poderiam ser organizadas em uma sociedade.

Quando uma pessoa não está dentro do padrão de comportamento social, então geralmente se institui a verbalização de que ela necessite de apoio, ou auxílio, razão que ela é encaminhada para centros de reabilitação onde existem terapeutas, psicólogos, psicanalistas, psiquiatras e médicos, quando o problema é visualizado principalmente na organização da funcionalidade mental.

O apoio é visto como um princípio nobre de fundo solidário, porque parte de um princípio de doação de outra pessoa, mesmo que sendo remunerado, mas que é essencial para uma evolução pessoal.

O apoio pode ser incorporado também no mundo dos negócios como instrumentos de trabalho, ou empreendimentos que visem auxiliar as demandas humanas, bem como incorporar aos objetos na forma de soluções que podem contribuir para alguma atividade humana. Como, por exemplo, um objeto de madeira ou plástico utilizado para ser o apoio ou suporte de um copo na mesa, para que a transpiração do copo não venha a umedecer uma mesa e conservar o material e a higiene do local, facilitando a limpeza e a organização.

O apoio exige um pouco de empatia e também de uma forma mais profunda de anotherself (o termo pode ser estudado em um capítulo específico de nossos estudos). Porque é necessário um tipo de posicionamento em que um indivíduo deve perceber o nível da necessidade do outro para que o princípio de intervenção seja realizado dentro de parâmetros em que se somem dentro de uma ação que esteja sendo desencadeada e requer uma adição de forças.

Alguns órgãos musculares e ossos fazem papel de apoio para uma atividade de deslocamento humano. Esses são essenciais para o controle da força e da distensão muscular necessária para que uma atividade seja regrada dentro do nível de desempenho esperado.

Um apoio é fortemente associado como ajuda, mesmo que tenha uma contrapartida monetária.

O apoio pode estar regrado por uma vida formal, como, por exemplo, um edital quando se crê que muitos necessitam do auxílio e a verba alocada para tal não poderá atender a todos.

Livros didáticos são poderosas instrumentações de apoio ao ensino e ao aprendizado humanos, e servem como fonte de consulta por ajustarem as pessoas às demandas do conhecimento.

Dentro da física e da química também este conceito pode ser migrado para a obtenção de processos, principalmente em uma análise de materiais ou resíduos, que se deseja fazer uma afirmação sobre algum conteúdo estudado.

Este conceito é muito importante e pode ser aplicado como uma fonte de ocupação e renda muito poderosa.

O apoio é fundamental para a imersão de um indivíduo em uma sociedade, uma vez que ele chega ao mundo com apenas um conteúdo inato. E passa a depender primeiramente do apoio médico, dos pais, dos familiares e se estende gradativamente para o apoio social.

Quando um indivíduo por alguma razão se desencaminha na sociedade, é conveniente que um tipo de apoio do Estado seja condicionado a inserção deste indivíduo novamente de volta ao convívio para que ele passe a perseguir os valores e as tratativas sociais.

Alguns alimentos fazem papel de apoio, como no caso dos açúcares, dos condimentos, temperos, ... que realçam o sabor ou a aparência dos alimentos.

Existem também vários materiais como cosméticos, perfumes, materiais de limpeza, ... que são apoiadores em processos essenciais para o ser humano.

Os softwares também são estruturas de programação que servem de apoio a atividades específicas.

Se alguém compreender a fundo como é o funcionamento de uma estrutura de apoio poderá facilmente estar motivada a gerar um tipo de ocupação que se apresente como solução de uma necessidade humana.

O ser humano é profundamente dependente nas primeiras fases da vida, e por essa razão necessita muito do apoio dos pais, principalmente da mãe, que lhe fornece amor, atenção, carinho e seus primeiros conteúdos alimentares na vida.

Situações graves

Situações graves são contextos em que a história de vida desencadeada reflete comportamentos difíceis de serem controlados, que representam perigo para a segurança pessoal do indivíduo, ou algum tipo de afetação as suas necessidades básicas e/ou essenciais.

São observados por fatos que retiram o equilíbrio homeostático cerebral de um indivíduo, geralmente afeto a uma lei dos acidentes, das calamidades públicas, da escalada de conflitos, do adoecimento, da falta de condicionantes essenciais para a vida, como falta de medicamentos, alimentos, água e meios de transporte, ...

Uma situação é considerada grave quando o risco de perda da vida se amplia. Geralmente nestes casos o Estado faz seu papel de pacificar e devolver a ordem para o cidadão.

A falta de acesso a direitos fundamentais e básicos também é um tipo de situação grave, porque irá inibir o desenvolvimento de um país no futuro e levar muitas pessoas para o subdesenvolvimento.

A falta de uma vacina, por exemplo, pode ser um tipo de uma situação grave, que poderá fazer com que muitas pessoas não sejam prevenidas, e quando de um adoecimento, o risco de morte vir a se elevar ampliando os conflitos sociais de uma cidade, povoado ou nação.

Fatores climáticos também podem contribuir com indicativos de situações graves, como por exemplo, chuvas de grande volume pluviométrico, raios em abundância, trovões em abundância que podem matar aves através de susto, nevascas intensas, aquecimento solar intenso, secas, inundações, assoreamento de rios, lagos, avanço de mares e oceanos, ou recuo de águas fluviais ou marítimas, tempestades de areia, erupções vulcânicas, terremotos, maremotos, deslizamento de terras, infertilidade do solo, contaminação do solo, contaminação atmosférica, diminuição do nível de oxigênio, diminuição da camada de ozônio, aumento do gás carbônico na proporção atmosférica,...

As situações graves também podem estar condicionadas a reações do comportamento humano, como, por exemplo, a elevação da agressividade através de assaltos, roubos, furtos, descaminho; surtos sobre a população através de notícias que despertam alucinações, psicoses, traumas, delírios, crises persecutórias, paranoias, e outras psicopatologias.

A falta de medicamento também pode indicar uma situação grave, como também o uso de medicamentos errados, o que pode reverter num maior risco de que um indivíduo também venha a perder a sua vida.

Uma crise por falta de materiais como, por exemplo, combustíveis pode ser uma situação grave pois irá afetar a livre movimentação e trânsito entre as pessoas, como também um problema de energia ou de iluminação urbana. Ou uma crise hídrica que afete a oferta e o consumo de água potável.

Um problema de um fornecedor que não consegue garantir a entrega de um insumo para uma empresa que dependa do material para produzir o seu produto também pode ser considerado uma situação grave, uma vez que afeta o sistema produtivo.

Um país que tenha bastante recursos concentrados nas mãos de poucas pessoas, e não consegue fazer a distribuição e alocação de renda para toda a sua população também pode ser considerada uma situação grave uma vez que a falta de recursos pode vitimar precocemente muitas pessoas dentro da unidade territorial.

Mas a questão que se pode perguntar é: qual o momento em que uma situação é de fato considerada grave?

Talvez a melhor definição é quando o fato representar uma diminuição de expectativa de vida para uma parcela significativa da população, no qual o indicador da pirâmide etária de um país declina numa sinalização clara de que o fato deve ser resolvido a fim de evitar novas baixas.

Mas quando se sai da situação grave? Quando o elemento estressor não está presente mais no ambiente, ou seus efeitos não representam mais uma ampliação dos riscos à diminuição da vida de pessoas em um agrupamento.

E quando de fato se instala uma crise em uma situação grave? Quando o fato gerador do desequilíbrio está em operação, razão em que cidadãos e autoridades devem se ater aos fatos que possam ser prejudiciais para a sociedade.

Quando uma economia deixa de funcionar também é geradora de uma situação grave, porque pessoas mais vulneráveis no processo de produção passarão a não mais receber recursos quando o capital sumir do mercado.

Geralmente autoridades preparam cartilhas de como os seus cidadãos devem ser orientados a corresponderem dentro de uma fase que exija cuidado frente a grandes apreensões.

Em casos de calamidade pública muitas vezes as regras de um ordenamento podem ser quebradas com o intuito de salvar vidas.

O descuido, o despreparo e o descuido, pode afetar muitos quando, por exemplo, o fato grave desencadeado seja a venda para consumo de materiais alimentícios impróprios para o consumo, por contaminação ou vencimento da data de validade.

No caso político, por exemplo, um fato grave é o uso da funcionalidade pública para a prática de ações que visem o benefício exclusivo do político, o que pode acarretar em desvio de finalidade, e proporcionar que os recursos necessários para muitos cidadãos não cheguem a seu tempo no lugar e destinação correta.

Em caso de uma situação grave que necessite de um bombeiro, a ajuda deve ser obtida através de ligação ao órgão oficial específica que no caso brasileiro é o telefone 193.

Reconstrução

Reconstrução é uma retomada do que era concreto e por uma razão se fragmentou para ser um clone melhorado do que era antes, a fim de construir uma identidade que permita a “coisa” ou objeto se recompor.

Geralmente uma pessoa constrói uma identidade, passa por um processo de personificação, como na construção de um edifício que se faz toda a base para se ter uma fundamentação ideal para elevar todo o seu projeto de vida.

E diante de uma fundação sólida, degrau a degrau das escadas desta vida vai se elevando e cada andar deste prédio é construído e projetado para incorporar coisas sólidas trazidas através do caminho da vida.

Porém, em determinados momentos a construção pode sentir o peso da idade, e sentindo, a vigas podem se corroer e ser necessário que todos os materiais em volta desta sustentação sejam reparados a fim de que a construção seja sólida por muito tempo enquanto sua função de utilidade assim exigir.

Então ao longo da vida são necessários fazer reparos, para que o indivíduo possa se reconstruir e solidificar novamente os objetivos que movem a sua existência.

Não é uma tarefa fácil remover um tijolo que esteja desintegrando e corroendo toda a parede, é necessário primeiro raspar a superfície, para depois retirar aquilo que excede e que está deteriorado para aplicar a solução certa que devolverá vitalidade para uma parede, para depois arrumar as arrestas devolvendo novamente vitalidade para a parede através de uma pintura que deixe evidente o seu lado mais belo e que a sustentação esteja coesa e intacta.

O problema é que muitas vezes o apego as “verdades” estão muito profundas dentro da argamassa, e por este motivo a pessoa que está necessitando de uma reforma não consegue enxergar um benefício em se desfazer de alguma coisa que incorpora a sua essência através de sua personalidade.

Essa personificação que diz num vetor de alocações o que o indivíduo deve fazer numa estrutura viciante que irá condicionar o seu padrão de existência e sua retórica no decorrer da sua vida.

E quando o problema está na base, muito mais esforço é exigido para que o indivíduo se recomponha, ou que venha a se reconstruir, pois é preciso mexer em algo que talvez ele não esteja preparado que vai além das vigas de sustentação.

Reconstruir por vezes exige remodelagem, porque ao longo da vida se incorpora fatos, que carregam informações muito preciosas que é possível gerar uma síntese de algo constituído em algo novo remodelado que pode incorporar os novos conceitos apreendidos ao longo do tempo, e por que não fazer esse upgrade para fazer com que o ser seja cada vez mais amplo em suas colocações e aspirações vitais.

A grande vantagem de um modelo de reconstrução que não é necessário que a obra inteira já tenha sido concluída para esperar a ação do tempo para que a construção seja novamente reformada.

Nós seres humanos estamos o tempo todo reconstruindo nossos conceitos, no desenvolvimento e ampliação de nossas memórias. E por vezes essa ampliação exige que retrocedamos nossas decisões e influências lançadas no decorrer do tempo para acertarmos equívocos promovidos ao longo de nossa história.

E essa capacidade de se recompor a todo instante, permite que a base de nossa consciência não perca o equilíbrio, porque se assim o for, poderá comprometer toda a edificação.

Às vezes é necessário estar de posse da “verdade” que liberta, para que o sofrimento possa ser racionalizado e o indivíduo possa se ajustar a suas necessidades vitais e de seu agrupamento.

Embora uma construção de vida é concebida para um só morador, socialmente a construção de vida serve ao propósito de servir a uma funcionalidade dentro de uma sociedade.

Então ao mesmo tempo que se está construindo ou edificando um cômodo da casa se está trabalhando coletivamente para construir uma unidade sensorial comum do agrupamento.

Reconstruir é uma tarefa que se emprega trabalho há todo o momento. São necessárias as vezes ser forte para compreender o que deve ser refeito e ter a coragem para fragmentar os próprios erros e incorporar os elementos que irão deixar a estrutura sólida e edificada.

O equilíbrio é conseguido dentro de um indivíduo através de um tipo de composição de forças. Como o tempo, novas informações vão surgindo e seguindo a necessidade de urgência de um indivíduo, então é fácil perceber que essa recomposição de forças vai se adequando como um rito de passagem para novos entendimentos, e novos procedimentos que vão se aprimorando dentro da rotina de desenvolvimento de uma pessoa.

A certeza que se espera deste movimento é chegar no final da vida útil de uma construção com a finalidade de sua finalidade devidamente cumprida em termos de seu papel social e seu papel pessoal. E estar livre para levar o conhecimento para onde assim o desejar, incorporado a essência do ser humano, integral e toda a sua corporeidade e dimensão.

Reconstruir é sensato quando assim a exigência sinalizar, para sair do condicionamento, da prisão psíquica, para se libertar do vício do que é velho, e não irá gerar benefícios para si próprio e tão pouco para a sociedade. Se necessário destruir uma parede para que o novo se restabeleça, que assim seja. Porque a estrutura pode ir além do tempo, e elevar a prosperidade do indivíduo no final do seu ciclo se for bem erigida. A escolha e a determinação são de cada um, ao qual se condiciona e carrega seus elementos e seus princípios.

Acontecimentos

Acontecimentos são fatos desencadeados dentro de um contexto subjetivo que eleva uma estima pela apreensão que pode ser algo benéfico ou não, de grande valor pessoal para uma pessoa ou agrupamento, que remete a uma demarcação histórica, como sendo algo que a partir daquele momento promove uma ruptura, ou uma nova oitava ascendente que passa a incorporar novos fatos.

Quando se fala em acontecimentos pode se pensar em uma passagem democrática de um governo representado pelo povo para um novo mandato, que se emprega um novo estilo de governabilidade.

Mas o fato mais marcante geralmente observado como conteúdo modal em uma civilização que diz respeito ao indivíduo é o enlace matrimonial. O casamento é um dos grandes demarcadores sociais que existe em uma sociedade.

Outro demarcador social como um grande acontecimento para um indivíduo é sua diplomação educacional, que traz a expectativa de incorporação laboral de sua força de trabalho no desenvolvimento em sociedade.

Outro acontecimento geralmente ligado ao casamento que também é um grande demarcador para a vida do casal é a noite de núpcias, em que o casal passa a se experimentar em fase de pertencimento de corpos, e uma transformação conceitual é erigida de forma que ambos passam a se ver em comunhão de propósito e espírito.

Fatos históricos também podem ser acontecimentos que passam a sinalizar uma mudança de comportamento para indivíduos, como, por exemplo, o atentado das Torres Gêmeas, e a Vinda de Jesus de Nazaré e toda sua história de vida representada depois de 2.000 anos de existência.

Acontecimentos acontecem a todo o momento, porém poucos sofrem algum tipo de estrutura de demarcação. Alguns voltam à tona de tempos em tempos como se promovessem um tipo de questionamento que permite o ser humano se abastecer de informações e reflexionar nas suas escolhas e no seu processo decisório.

O fato é saber como tornar um acontecimento agradável, sólido e eficiente no ponto de melhorar uma tomada de decisão, a fim de fortalecer os princípios que constroem o livre arbítrio e a solidificação de uma tomada de decisão através da incorporação da vontade do próprio indivíduo.

Acontecimentos existem mesmo sem a intervenção humana, através da natureza, ou de outros seres vivos. Então o homem tem que ser capaz de trabalhar sobre esse contexto a fim de fazer que a representação de sua vontade também seja percebida no ambiente.

O homem é afetado principalmente por eventos cósmicos, que influenciam sobre a temperatura, distribuição de chuvas, sobre a constituição dos corpos que afetam a gravidade planetária, sobre a sensação de peso e densidade dos corpos e os efeitos eletromagnéticos que a interação atmosférica permite que fontes de energia interaja com os corpos físicos.

Para um casal decorre também um outro grande acontecimento que é a gestação de uma nova criança, que irá incorporar à família.

E nas etapas seguintes se cristaliza um tipo de conexão em que o enlace matrimonial se confraterniza com as celebrações de bodas de acordo com os níveis de anos matrimoniais que os casais passam a transmitir como laços de união para a sociedade.

Acontecimentos podem ser coisas do cotidiano que nunca antes foram transcorridos, como a primeira viagem, o primeiro carro, o primeiro beijo, o primeiro tênis, o primeiro vídeo game, o primeiro mergulho, o primeiro sutiã, o primeiro momento em que uma menina passou batom, a primeira cavalgada em um cavalo, o completar da maioridade, a retirada da carteira de motorista, o baile de formatura, o baile dos quinze anos de uma princesa, o primeiro baile de máscaras, o primeiro carnaval, o primeiro filme no cinema, a primeira namorada (o), ...

Tudo pode ter uma significação especial para alguém, o que pode diferenciar de outra pessoa. Assim como nas relações que levam a situações traumáticas, serem acontecimentos que demoram a ser esquecidos, e quando revividos remetem a grande angústia, entristecimento e sinais de depressão.

Um grande acidente automobilístico que tire a vida de um filho, por exemplo, pode ser algo negativo que um pai e uma mãe pode carregar por toda a sua vida.

Ou a despedida de uma pessoa amada que foi morar em outro país e que essa pessoa era de grande estima.

A morte de fato é o acontecimento mais triste que um ser humano pode passar quando se perde alguém querido. As pessoas têm grande dificuldade de superação deste princípio que afeta o equilíbrio de cada um. Mesmo sendo uma certeza ao qual todo ser humano um dia deverá passar. Talvez por ser um acontecimento carregado de grande imprecisão do conhecimento, do não saber o que o porvir espera e o laço rompido da partida que se pressupõe não mais recuperar.

Um acontecimento muito marcante e muito positivo para um homem ou para uma mulher é a saída da puberdade na conversão de um ato sexual. Talvez seja essa um tipo de fato histórico que coloca definitivamente um indivíduo dentro da plenitude das transformações do corpo humano.

Acontecimentos espirituais também costumam a serem bastantes importantes para os seres humanos, são percebidos como uma revelação da parte de um ser Criador que a todos os indivíduos concebeu, e por esta razão existe uma espécie de rito em que todos renovam a fé diante das verdades transcritas em torno destes episódios. E é uma verdade que é repassada de geração para geração numa construção que fica no passado mais viva na memória e na lembrança de todo o ser humano.

Voltar à estaca zero

Voltar à estaca zero estabelece quando é desencadeado um evento que todo o aprendizado ou sequências de instrução de uma atividade é perdida e o trabalho e a ação deve ser realizados a partir da sua fase inicial e que todos os desdobramentos anteriores da atividade não estão mais disponíveis para gestão do trabalho.

Voltar à estaca zero é algo traumático, porque se pressupõe atingir uma perda irreparável do qual o indivíduo não tem escolha a não ser começar uma atividade a partir do zero.

Pode ser observado no caso de um casal de namorados quando o rapaz é pego pela sua namorada em flerte com outra pessoa, razão que poderá gerar um desequilíbrio no relacionamento capaz de promover um rompimento. No qual se o rapaz desejar novamente reatar o seu relacionamento deverá partir para um tipo de atitude de reconquista em que a confiança deve ser novamente adquirida a partir do zero.

Ou você estar de posse de um trabalho de faculdade, e por alguma razão mecânica do computador você perde toda a atividade e não consegue mais recuperar o arquivo. Razão que você acabou de voltar à estaca zero, e terá que começar a desenvolver a tarefa a partir do seu início.

Ou quando você acumulou durante anos uma economia, e por alguma razão perdeu todo o seu ativo de uma hora para outra, e se juntou o dinheiro para comprar, por exemplo, um imóvel, terá que começar a fazer seu esforço novamente do zero para conseguir atingir o seu objeto de vida.

Geralmente este estado de transe psíquico gera uma frustração muito improducente, e uma falta de reatividade, no qual o indivíduo não é capaz de sair e que a única solução é se conformar e lidar com a escassez de tempo para a gestão de uma nova atividade para que ela saia em tempo ideal conforme o proposto.

A falta de ação por vezes diante deste fenômeno pode induzir um tipo de atividade neural de raiva, tensão e sentimento de culpa por não ter tomado todas as iniciativas que o risco de se perder um objeto poderia acarretar como sentimento de frustação para a atividade que declinou como sendo necessário voltar à estaca zero.

Algumas pessoas passam a tentar encontrar culpados para as suas próprias ações, e passam a não representar o risco como algo específico de seu conteúdo subjetivo, e procuram outras pessoas para manifestar todo o seu inconformismo e tentativa de fuga da realidade.

Por isto às vezes o fato de uma pessoa oferecer-se para dar um conselho nem sempre é a atitude mais sensata, porque em caso de frustração de todo um desenvolvimento em que incide sobre um projeto de vida que não pode ser mais objetivo de conquista, então este indivíduo que recebeu o conselho diante de uma frustração pode fazer um levante contra a pessoa que deu o aconselhamento. Como uma forma de eximir-se da responsabilização de si mesmo.

Em ambientes que possuem muito risco a perda de informações, geralmente os indivíduos que são sabedores do risco, e das falhas, fazem um sistema de produção de backups que permitem gestar a atividade sem maiores conflitos, caso a situação venha a declinar, o backup irá substituir aquele traço em que era requerido para a atividade, e assim a tarefa não teria que ser inicializada a partir do instante zero.

Além da frustração um sentimento de falta de ação pode surgir, de impotência, inconformidade, e quando o tempo é escasso para se obter uma nova alternativa de desespero e de fragilidade.

Algumas cidades possuem um sistema de distribuição de energia muito falho, por esta razão computadores e outros equipamentos inteligentes que armazenam dados, sofrem bastante com a descarga de energia.

Até mesmo em uma capital como Brasília este problema ocorre, e instabilidades fásicas da rede elétrica podem derrubar um computador até 12 vezes num mesmo dia (Experiência própria da minha estação de trabalho). E vir a representar uma perda de informações caso o trabalho não seja constantemente salvo para evitar que o dado seja completamente perdido.

Geralmente as pessoas têm uma dificuldade de assimilação de informações, conteúdos sonoros são poucos fixados na memória de uma pessoa comum, e também as pessoas possuem uma grande dificuldade para assimilar conteúdos literais, e quando algum signo não é percebido para ser interpretado a codificação da mensagem fica toda corrompida, e por vezes a mensagem se torna completamente irreconhecível, razão que para um indivíduo compreender a mensagem deverá voltar à estaca zero.

Voltar à estaca zero pode ser traumático para muita gente, quando o conteúdo absorvido for demasiadamente longo para ser novamente devolvido a atividade.

Porém, geralmente quando um conteúdo é trabalhado pela segunda vez, uma vez que o arquivo original fora completamente perdido, pode ser que novos valores e apreensões se indexe ao trabalho réplica fazendo com que a segunda impressão da informação seja mais densamente elaborada do que a versão original.

Uma forma de fugir do regramento de que amplia potencialmente a probabilidade de vir a perder por completo uma tarefa é gestar um sistema de riscos que permitem contornar as falhas diante de situações que possam ocorrer durante uma atividade.

Mas voltar à estaca zero, pode ser uma solução adotada quando um indivíduo chega a uma conclusão errada que houve algum tipo de equívoco ao longo de um percurso. Razão que os erros poderão ser interpretados, as influências e as interferências no qual o novo produto tenderá a ser produzido “mais certo” do que a peça original.

Parte superior do formulário

O caminhar do sujeito

O caminhar do sujeito é aquele cheio de significação, que se implica a cada passo que caminha no ambiente, que é cônscio do que sua atividade é capaz de provocar como interferência sobre o meio, capaz de reconhecer os próprios erros, limitações e apreensões.

É um tipo de caminhar que gera reflexão, reflexão de si mesmo, da interferência sobre o outro e do ambiente. É um cálculo de ação que pode ser milimetricamente representado, e que se limita para não criar atrito suficiente no ambiente para que outros indivíduos se ressintam e venham a gerar dor psíquica.

É um caminhar que se impõe frente ao outro, mas onde a delimitação do caminho é bem definida, onde a personalidade está bem delineada e é possível dizer o que verdadeiramente se pensa ser o que é, sobre si mesmo.

Neste caminho pouco importa a transferência da culpa, da mágoa, do ressentimento, porque se sabe ao certo qual a parcela que cada a si mesmo em termos de representação desta identidade. Se busca ser o máximo consciente de si mesmo, para afetar o mínimo o indivíduo que está ao seu lado.

Nesta relação as transferências que são executadas é um tipo de transcrição da verdade sobre o que pensa sobre si mesmo. No qual se diz ao outro como é a forma de produção do raciocínio, como uma sinalização racional do que está sendo dito e da forma que se pretenda influenciar o outro.

Isto não significa que o caminhar do sujeito sinalize um tipo de cumplicidade, mas uma forma de relacionar-se com o mundo, no qual o espaço interno as vezes fica descoberto, para sinalizar o que se apreende e como se comporta e projeta o espaço interior.

O caminho as vezes é tortuoso, porque requer um pouco de atitude por parte do outro, porque se é observado por dentro, se sabe como é verdadeiramente a parte interna do outro.

Por esta razão é pouco alcançado devido ao medo do revide, devido ao medo do aproveitamento da situação, devido ao medo do falseamento do outro, devido ao medo da ruptura de demonstrar como verdadeiramente se o é.

São poucos que agem desta forma porque há que se ter um grau de compromisso para si mesmo, um tipo de despertar para uma demonstração de transparência, de um tipo de parcimônia que não existe como uma poupança, porque o que se faz o verdadeiramente se é representado.

Talvez pela falta de confiança e a sinceridade no outro este tipo de caminhar encontra-se exposto para poucas pessoas, por um vínculo dos medos pronunciados nos parágrafos anteriores que inibe a iniciativa de ser transparente.

Requer um tipo de atitude que se tenha um compromisso consigo mesmo, em demonstrar como você se sinaliza para si mesmo, para o outro e para o universo.

O caminhar do sujeito é rigoroso consigo mesmo, e observador em relação aos demais. Passa a se cobrar muito mais intensamente diante das faltas, e a se projetar como uma pessoa desnuda diante do destino.

Por vezes essa pessoa desnuda é vil no olhar do vulgar, não sabe se comportar, profana os templos, faz heresias, porém transmite aquilo que está dentro de si, ou que faz repercutir dentro de si, numa infinidade de sensações, de rótulos, de formas verbais para denominar a si mesmo.

Às vezes o tom áspero é pronunciado sobre si mesmo, como forma de sinalizar o que está sendo representado dentro de si, que não agrada a si mesmo, e se expõe não no sentido de alertar os outros, mas para dizer a si mesmo como se comporta e como se reflete diante da natureza.

Esse homem e essa mulher desnuda que existe dentro de você mesmo: aflora. É um misto de perfeição e imperfeição. De exposição e de expressão. Por onde o caminhar se torna liberto, porque se detém compreensão de como o fenômeno é processado dentro de si mesmo.

Muitos que seguem este caminho muitas vezes pelo incansável bloqueio dos que querem serem escusos, retrocedem e voltam para o aspecto inconsciente da manada, os poucos que persistem neste caminho acabam por ser anônimos e solitários em suas funcionalidades vitais.

Porque eles são os únicos que conseguem se suportar a si mesmos, dentro da avareza, as impurezas, das restrições e das qualidades e dos quantificadores.

Porque creem serem sensatos agir assim, livre de qualquer bloqueio inconsciente que se apresente no pensamento. Porque é livre para pensar o que quiser sobre si mesmo. E se é orientado para um agir sobre si mesmo que diz respeito apenas a sua autorrepresentação.

O sujeito que caminha dentro deste princípio está levando a sua maturação do cérebro para uma instância ideal de evolução. No qual pode atingir outros níveis mais superiores de afetação de consciência, no qual possa despertar um princípio de telepatia, clarividência e clariaudiência.

O sujeito é aquele que aceita o divã para compreender a si mesmo, não se importando com a crítica alheia, mas com um senso de autocrítica do qual ela passa a se orientar e a ficar imune contra os ataques da sociedade e de algumas pessoas.

Então os bloqueios passam a serem minimizados, se comparados para com o indivíduo que arquiva informações num denso inconsciente. A transparência dota o indivíduo de confiança e o faz perceber os elos, e os relacionamentos em sua volta.

A conexão com as forças criadoras se torna mais vigorosa porque se capta o dom de ouvir e perceber as relações a sua volta. É como se Deus passasse a comunicar abertamente consigo mesmo, e nesse hábito de comunicação se pudesse compreender a própria essência, para que veio e para que o serve.

Desilusão

Desilusão é um estado em que um indivíduo se encontra orientado projetivamente de forma distanciada da realidade, e por uma razão em que se projeta um indício de consciência em sua mente é capaz de se vincular novamente com a realidade grupal e perceber que estava afastado dessa realidade, no qual brota sentimentos pesados, de vazio, de amargura em relação aos seres e coisas que faziam laços com a projeção mental.

Uma pessoa quando se ilude ela se vincula com algo místico que de certa forma se entrelaça com alguma abstração interna que ela queira muito que seja parte do vínculo com a realidade.

Porém a ilusão cria um tipo de subjetividade em que a pessoa vai gradativamente se afastando da realidade. Quando um processo de desilusão se instala, ela passa a se ressentir da projeção em que ela se tornava em vínculo, ou seja, iludida.

A desilusão traz para si um tipo de atitude de ressentimento, de dor psíquica, de uma externalidade que afeta a alma do indivíduo, de uma tristeza de um vazio, de uma manifestação de uma falta, em que princípios de sinergia não estejam inclusos dentro de uma simbiose com o vínculo projetivo.

Parte de uma cisão onde o indivíduo não mais funde a sua percepção com a ilusão. E passa a contrapor ao modelo de tudo aquilo que um dia ele passou a representar eu seu interior como sendo a verdade cristalizada de algo que se construiu como sendo a representação daquilo que era mais verdadeiro dentro de si mesmo.

Uma pessoa desiludida sofre porque gerou apego a uma idealização do seu pensamento, e não consegue mais suportar essa dor quando não percebe mais que a ideação não está contida dentro do espectro ambiental.

Então ela se sente forçada a renunciar ao seu modelo de pensamento para que o raciocínio não mais incuta em sua psique um tipo de processamento mental que seja ativado para lembrar a projeção fornecida por essa ilusão que estava fabricada em sua mente.

A ilusão gera um tipo de vazio e uma ausência da coisa que estava antes represada. E para suprir essa falta é necessário colocar algo no seu interior, mesmo que seja a realidade crua e nua das evidências.

Geralmente a desilusão acontece em pessoas que estejam acometidas de uma paixão intensa, ou pessoas que dão muito crédito a palavra humana, no qual quando no ambiente percebem um comportamento anômalo, divergente do verificado em suas projeções de vida, partem para a tentativa de uma ressignificação, no qual se tenta desconstruir a subjetivação existente.

O ser humano ainda não aprendeu a utilizar toda a sua capacidade cerebral, diante de uma evidência é muito comum que uma pessoa se perca dentro de um elo racional no qual ela acabou de construir em sua mente, partindo de um princípio de regularização, no qual toda evidência que se soma adquire uma constância como um modelo de comportamento modal que passa a refletir o que se pensa de outra pessoa.

Esse modelo de regramento modal serve para gerar um tipo de propagação de um estímulo em que a probabilidade de ação do comportamento fica cada vez mais ativo e operante no decorrer do processamento das informações.

A conclusão lógica é que dentro deste modelo o raciocínio de um indivíduo passa a ser orientado dentro de um positivismo dentro do elo relacional que faz com que o pensamento fique sempre em constante sintonia com um tipo de desenvolvimento e estrutura de ação que permite que a projeção mental floresça sem divergência de sentido sempre dentro do argumento que irá sugerir a força de propagação da ação.

Então quando um raciocínio pega uma trilha como uma identificação que cria uma identidade sobre a retórica, o indivíduo abastece o intelecto com projetivamente o que se chama de ilusão.

Na ilusão projetivamente se afasta de qualquer nova evidência que caminhe em sentido contrário com o raciocínio modal que está instituído.

E quando a constatação é vista no plano nu e frio da realidade grupal, o indivíduo no primeiro instante pode tentar negar a realidade pessoal que ele um dia fabricou e abasteceu, mas até chegar um ponto que essa realidade grupal que se mostra para sua constatação chega a um limite em que a negação não mais se sustenta e a partir deste ponto o seu vínculo com o desterro se fortalece.

Assim, a ilusão da negação inicial se volta contra a projeção e o indivíduo passa a negar a ilusão que ele abastecia projetivamente.

Então pensamentos negativos, de fragilidade psíquica quebram os princípios homeostáticos do cérebro humano, e um sofrimento e dor psíquica passa a ser lançada na mente do indivíduo para que ele volte para a realidade grupal.

Essa desilusão corrói, uma necessidade de culpa por não ter percebido o entrelaçamento do pensamento conforme a determinação do raciocínio de referência modal torna o sujeito dentro de uma rotina depressiva que pode aproximar o indivíduo do álcool e das drogas, como uma tentativa de fuga da realidade grupal.

Quando o indivíduo se fortalece na construção de uma nova “verdade” que também é subjetiva, então ela passa a se ocupar com outros processos somáticos a lidar com outros tipos de ilusão que estão em processo de produção em sua mente.

Todo indivíduo se encontra em um padrão de constituição ilusório, fabricado dentro da percepção de um equilíbrio constituinte de sua identidade. Quando uma informação adicional é introduzida dentro do sistema mental que negue o desenvolvimento cerebral da forma que ele é constituído, então a consequência natural pode ser uma desilusão.

Terapia

Terapia é uma modalidade prática de processo de cura ligada as artes da medicina no qual um indivíduo entra em uma rotina de incorporação de valores que servem como um regramento para a retomada do equilíbrio do corpo, da mente e da consciência.

Muitas terapias são desenvolvidas por profissionais que não são ligados diretamente à medicina. Geralmente as terapias trazem valores integrados, tanto da parte biológica, e outros fatores de interação com o ambiente e energias que podem ser migradas para a estrutura corpórea.

Uma terapia pretende recompor um organismo em toda a sua complexidade. Devolvendo o equilíbrio necessário para a sua integridade.

Geralmente as terapias necessitam de muitas sessões, e também da ação do tempo para que o organismo possa se recompor diante de sua necessidade funcional.

As terapias holísticas integram corpo, alma e pensamento, e tenta sanar um indivíduo em toda a sua complexidade, afastando-o da inicialização das causas que fazem com que um malefício seja continuado dentro de um organismo.

A terapia é um tratamento de correspondências a partir dos efeitos gerados com a percepção de melhora de um paciente e a evolução do tratamento.

Muitas terapias possuem condicionamentos musicais e servem como forma de ativar os sensores energéticos do corpo humano, conhecidos como chacras, por onde a energia passa a ser distribuída para o corpo humano, que segundo grande parte destas terapias é possível utilizar-se da mente para promoção de um processo de auto cura no qual o indivíduo possa voltar a sua condição de equilíbrio.

Os nervos podem ser colocados como ponto central de observação em uma terapia porque é através dele que a energia circula para gerar uma informação que promoverá a ação em um indivíduo que conforme a orientação pode ter um efeito benéfico ou causar algum tipo de malefício quando o corpo não está em harmonia.

Algumas terapias também ativam o olfato através de cheiros colocados em locais específicos próximo ao corpo do indivíduo em tratamento. Geralmente conhecido como essências ou incenso. A fumaça que é deslocada no ambiente pode contribuir para ativar os chacras que cuidam do movimento respiratório e assim contribuir para que o indivíduo se fortaleça diante de um tratamento de sua saúde.

As terapias holísticas tentam trabalhar com a ativação da mente, em que a subjetividade de um indivíduo é modulada para despertar o processo de auto cura. Segundo o princípio uma vez que o princípio que irá ativar racionalmente ou emocionalmente a energia que irá promover a regeneração da região do organismo com problemas, essa energia canalizada irá contribuir para dar vitalidade para o órgão afetado, e diante de uma alimentação saudável e exercícios de concentração, relaxamento e meditação adequados, dentro de normas de autoavaliação a pessoa conseguirá se afetar dentro do regramento que a conduzirá para a cura de sua enfermidade.

As terapias médicas geralmente são administradas a partir do princípio ativo de medicamentos que conforme vão fazendo efeito na corrente sanguínea de um paciente a correspondência ao tratamento irá fazendo com que a ingestão de novos princípios ou a dosagens do mesmo passem a ser reequilibrados.

As terapias de procedência indígenas seguem um modelo diferenciado, de ingestão ou infusão de ervas e/ou materiais provenientes de partes de animais, e um rito que se processa com cantos e/ou materiais transpirados através da inalação semelhante ao cigarro, no qual o Pagé simula a comunicação com a alma ou Elemental de um indivíduo.

Dependendo do tipo de tratamento em alguns países uma terapia é desclassificada como tratamento medicinal, e em outros faz parte da medicina tradicional oficial do país, como é o caso da acupuntura na China.

Algumas terapias óleos são passados no corpo humano e devidamente massageados contra a pele a fim de que o efeito do “medicamento” ou erva entre dentro da pele e consequentemente sobre a corrente sanguínea.

Eu outras terapias chás medicinais são administrados para que o indivíduo sofra aquecimento ou resfriamento do corpo tenha o efeito esperado pela ingestão do líquido.

Algumas terapias requerem movimentos circulares com outros objetos, como um processo fisioterápico, no qual pretende promover a desinflamação de uma parte específica da musculatura de um indivíduo recobrando o equilíbrio para este indivíduo.

Técnicas para despertar a emoção são eficientes para liberar pessoas de traumas profundos, e podem muito contribuir para o processo de auto cura de um indivíduo que esteja necessitando reparação.

Existem terapias específicas para a correção do sistema nervoso central, para a produção de alguns tipos de neurotransmissores e neuromediadores, para controlar a ansiedade, o medo, o egoísmo, a depressão, ... geralmente orientados dentro de princípios metacognitivos no qual a terapia lança informações sensoriais que fazem a funcionalidade que cura ser despertada dentro de um indivíduo a fim de que ele venha a se recompor.

Técnicas respiratórias são eficientes contra princípios que combatem a oxidação sanguínea, contribuindo para despertar as funcionalidades de síntese de alimentos, a ativação do sistema parassimpático, e a sensação de leveza espiritual necessária para pacificar o excedente de energia dentro de um ser humano ou suficiente para dar um tempo de gestão de processamento energético que permitirá que o indivíduo cuide de seu balanceamento hídrico ou endócrino.

Cura

Cura é um processo finalizado de um procedimento que tira um corpo doente de uma enfermidade que o possibilita estar em harmonia consigo mesmo, com outros seres e com o ambiente.

A cura dá ao organismo o funcionamento adequado ao qual a estrutura inata do órgão foi projetada para corresponder a uma necessidade vital do organismo de um indivíduo.

Essa correspondência vital se dá num nível de funcionamento de trabalho, onde a necessidade vital funciona no mesmo grau da necessidade de urgência, sem sofrer estresse ou redução de sua capacidade de reação estando ela trabalhando no padrão normal de funcionamento.

Uma cura pode ocorrer mesmo com a presença do patógeno que acarretou uma lesão a um processamento, pela inoperação negativa do elemento que danificou um ou mais órgãos internos. No qual seu efeito prejudicial é desativado e o organismo vivo (patógeno) passa a trabalhar em sistema de interação e simbiose dentro do indivíduo.

Porém, processos de adoecimento podem decorrer de vários fatores, como por exemplo: lesão, fratura, contato com fontes ácidas, aquecimento, resfriamento, queimaduras, fontes de energia; e não ser necessariamente uma contaminação direta por algum contato com qualquer outra estrutura viva.

Os procedimentos de cura são inerentes a particularidade de cada órgão. E conforme a gravidade de um trauma sobre o organismo pode levar mais ou menos tempo para uma recuperação.

Em alguns casos, dependendo do grau da enfermidade não é possível conquistar um processo de cura, e a continuidade de um tratamento passa a ser por processo medicamentoso, no qual são administradas dosagens de medicamentos que irão repor ou conter a dor, sobre a funcionalidade de um órgão que não esteja mais desenvolvendo-se dentro de suas plenas funções.

Uma pessoa é considerada curada quando a restrição ao seu comportamento e locomoção já se encontra em equilíbrio mesmo sendo necessário o uso de algum tipo de fisioterapia para um processo adaptativo.

A adaptação é utilizada muitas vezes quando a ativação da funcionalidade não é mais possível de ser obtida. Então opta por ampliar a capacidade de outra funcionalidade a fim de que o indivíduo possa corresponder a sua necessidade por desenvolver-se socialmente e/ou laboralmente.

A gripe é um exemplo de incubação de um patógeno que após o seu tempo de atividade, mesmo presente no organismo os efeitos diretos da enfermidade são cessados, ou seja, por uso de medicamentos ou pelo fortalecimento natural do sistema imunológico através da alimentação ou a realização de exercícios.

Quando um ferimento é exposto, por vezes para acelerar o processo de cura há necessidade de costurar ou colar a região afetada, depois de prontamente lavada a fim de que o indivíduo se veja protegido por uma camada de pele que não deixará infiltrar elementos estranhos que venham a ampliar um processo ou estágio de inflamação.

O efeito de um medicamento num processo de cura é de alívio e aceleração dos efeitos que irão provocar a pronta recuperação de um paciente.

Se um indivíduo optar por um regime de cura menos agressivo do que o medicamento, dentro de um contexto de naturalidade, pode utilizar de algum tipo de somatoterapia a fim de organizar as suas funcionalidades.

Agora, do ponto de vista que o uso de ervas aromáticas, plantas e minerais em processos de cura, pode parecer mais agressivo do ponto de vista da pureza dos materiais, no qual o remédio é muito mais sutil e dispõe da capacidade certa de promoção do efeito esperado.

O problema dos medicamentos comumente distribuídos em meio farmacêutico é a pesquisa e aprovação cada vez mais frequentes de materiais medicamentosos que aliviam o sintoma, permanecendo o indivíduo enfermo sem o uso constante do medicamento, sendo que a causa principal não é reconstituída para que o indivíduo tenha o seu processo de cura definitivo.

Por isto a maioria dos remédios são considerados drogas no qual uma pessoa somente pode ter contato se fizer uso de uma prescrição médica. Que se torna responsável pela aplicação do medicamento.

O tempo em qualquer caso é necessário para que o aparelho biológico possa se recompor. Portanto é comum em qualquer tipo de enfermidade que uma pessoa se ausente de suas atividades laborais para cuidar de seu tratamento para que sua saúde seja recomposta.

Quando a cura barra o sintoma, pode ser que o indivíduo que possua ainda o seu órgão com algum problema em que a causa não fora controlada, possa desencadear outros sintomas em outras partes específicas do corpo, como num fenômeno de migração do adoecimento.

O uso de processos preventivos como, por exemplo, uma vacinação poderá organizar para que um indivíduo tenha uma cura autoimune antecipada caso venha a ter contato com a externalidade da doença.

O uso de preservativos artificiais ou naturais podem reduzir a infecção provocada por vírus, bactérias e vermes provocando por antecipação um tipo de cura preventiva.

A cura é um processo natural de retomada do equilíbrio de um ser humano para o seu convívio social, onde está pronto para usufruir as benesses da vida.

É estar em harmonia consigo mesmo e diante das forças da natureza para que se possa aproveitar a vida em toda a sua plenitude. Ainda não existe cura para a morte e não existe cura para a velhice (2017). O contato com a natureza pode trazer muitos benefícios como também aproximar doenças por esta interação.

História da Carochinha

História da Carochinha é um enredo narrado por alguém que traz como conteúdo uma ficção que se incorpora dentro do folclore de um agrupamento, para passar um conceito ou valores e princípios considerados nobres que merecem grande expressão popular. Geralmente os fatos narrados em uma história da Carochinha trazem eventos míticos, ampliados, com aspectos em que lendas são ancoradas. Para melhor exemplificar este aprendizado este texto irá partir de um exemplo prático de como uma história da carochinha pode ser contada:

José foi até a gruta onde viu a sombra de uma videira a partir de uma projeção de uma estalactite. A Sombra se intensificou com a chama do lampião e saiu correndo pelo salão daquela majestosa caverna.

Então ouvi uma voz como se a videira estivesse falando comigo naquele momento. Ela me alertou que no fundo daquele salão existia uma estreita passagem que era para eu me ausentar de lá, porque do outro lado havia um ninho de cobras muito perigosas.

Neste instante eu duvidei de minha sanidade e pensei que algum elemento gasoso presente naquele contexto estivesse fazendo parte de minhas alucinações.

Então fui verificar o que estava lá no fundo. E encontrei uma pequena abertura conforme a videira havia me falado.

Meio de longe me pus a observar se existia realmente alguma cobra lá do outro lado. E neste instante a luz do candeeiro se pôs a bailar e colocou a sombra da videira justamente no fundo daquela pequena abertura.

Rapidamente saiu de lá uma cobra sucuri gigante, que começou a falar comigo me dizendo que pediu para não ser alertada e que agora iria querer consumir minha alma como aquele candeeiro que estava a consumir o óleo que era combustível para o surgimento da luz.

Então eu me coloquei de joelhos e pedi para a videira que não levasse minha alma porque eu tinha uma vida lá fora daquela caverna e teria que cuidar da minha família.

A videira falou então que me daria uma chance para provar a minha capacidade de vencer o medo, e se eu realizasse a tarefa deixaria que eu fosse embora daquela caverna e seguiria minha vida como se nada estivesse acontecido.

Eu aceitei o desafio, pois não tinha mais nada a temer, por que senão seria comida de cobra e jamais poderia voltar para o meu mundo lá fora daquela caverna.

Assim, a videira falou que iria tirar minha visão, e que se eu fosse capaz de encontrar a saída a partir daquele local onde estava situado, ela me libertaria. Caso contrário se minhas forças fraquejassem e não encontrasse a saída, aquele local seria o meu leito de morte.

Neste instante, um vento bem forte entrou pelas entranças daquela caverna e apagou o candeeiro que estava em minhas mãos. Tamanho foi o sacolejo do vento que o candeeiro se desprendeu de meus braços e caiu no chão derramando todo o óleo que era o combustível para que a chama não se apagasse.

Um temor enorme se abateu sobre mim, porque não existia mais nada que pudesse reconhecer naquele local. Estava totalmente cego sem nenhuma sombra e nem videira que pudesse me orientar a visão.

Então neste instante lembrei que em meu bolso carregava um terço que tinha em sua ponta uma pequena cruz, peguei-a e posicionei em meu coração, e passo a passo coloquei o Senhor como guia de minha intensão de sair daquele lugar.

Sabia que sozinho jamais conseguiria tamanho feito, mas sabia que o Senhor estava comigo e seria a minha bússola para guiar os meus passos para que eu saísse da escuridão.

Quando em minha lembrança em total escuridão era ativada para algo positivo e benéfico sabia que o passo dado estava sendo encaminhado no sentido certo, e quando esta mesma lembrança ativada sinalizava que algo ruim estava para acontecer eu retrocedia o passo e me guiava para outra direção.

O Senhor estava encravado em meu coração e como guia ele iluminava minha mente para que eu não me desviasse do caminho, mesmo permanecendo com meu livre arbítrio, que era a parte que correspondia a minha fé em aceitar o caminho proposto pelo Senhor.

Tamanha era a fé, que abracei com a alma aquele pequeno crucifixo e fechei meus olhos para provar a certeza que tinha em suas palavras.

Quando não havia mais lembranças alguma por um instante pensei que o Senhor havia me abandonado, e imaginei que fosse devido a percepção de alguma falha ou falta minha durante este processo.

Pedi desculpas pela minha arrogância e me sentei em uma superfície, já sabia que minha sentença era a morte, e me conduzi para entregar minha alma para a videira.

Quando abri os olhos em sinal de vencido, para minha surpresa não estava mais em uma caverna, e sim aos pés do altar em uma igreja, e ao centro de minha visão estava uma imagem de nosso Senhor com seus pés a esmagar uma cobra.

Nesta hora me fiz de advogado e dei meu testemunho para todos que estavam ali, e descobri qual era a minha verdadeira vocação em Cristo. Me deram um pouco de água, depois trouxeram um pão no qual umedeci em meus lábios, então veio em minha lembrança a imagem da Hóstia Consagrada, e meus olhos se colocaram a chorar, pela alegria de ter sido abençoado. Minha fé fora renovada, e me tornei cônscio de minhas atitudes. E a partir deste instante minha alma se transformou em pescador de homens.

Relação sujeito à sujeito

Relação sujeito à sujeito é um tipo de comunicação e comportamento em que duas ou mais pessoas são capazes, em processo interativo, de gerar correspondência de consciência para consciência, sem afetar o equilíbrio orgânico do par relacional.

É um tipo de comunicação que se estabelece através da empatia recíproca das pessoas que compõem o laço relacional. No qual o princípio de interação tenta ser o máximo harmonioso entre as partes que permitam informações.

É uma comunicação que se estabelece dentro da zona exclusiva de cada pessoa sem gerar estresse ou qualquer tipo de reação que venha a prejudicar parte da personalidade do outro.

É um grau superior de confiança que se estabelece aos pares, onde os íntimos dos indivíduos são acessados e mesmo assim não significar um prejuízo no processo de comunicação.

É o tipo de estabelecimento de uma confiança mútua onde a reciprocidade é agir dentro do princípio de constância e entendimento do outro que pratica a ação, anulando-se temporariamente do que pensa e do que o é na realidade.

Surge a partir do respeito da essência do outro ao manifestar a sua necessidade e essencialidade do seu objetivo de vida. Num sinalizar de que é possível pensar diferente quando assim a nômada de quem acessa deseja se manifestar, porém não é irracional ao ponto de causar uma censura sobre o entendimento.

Parte de um princípio de auto-observação da luz da inserção do outro no relacionamento de forma recíproca onde se objetiva construir uma retórica que não incline para o conflito mesmo na percepção de diferenças dentro da zona de pensamento exclusiva dos pares do laço relacional.

É a espécie de um acessar com consentimento onde um se mostra para o outro como verdadeiramente sente ser sua existência, e mesmo diante de contrariedades, o outro abastecido das ideias do seu par não é capaz de desferir sobre este, qualquer reação que seja contrária ao seu pensamento, mesmo sabendo que se sente e que se pensa de outra forma de subjetividade e reatividade.

No par os dois são sujeitos e interessados a ouvir o outro: o seu parceiro no relacionamento. Que abastece todo o relacionamento de intimidade, no qual cada indivíduo pode ter acesso a completude do outro.

Geralmente este tipo de par relacional é formado apenas entre casais ou amigos muito próximos. Porque se pressupõe que o risco de abertura de sua zona exclusiva de pensamento para outra pessoa possa colocar muitas construções subjetivas que ainda estão sob curso em um risco de integridade para o indivíduo.

É como se o primeiro sujeito guia o segundo sujeito para ser o confidente em um processo de lealdade que se instala pela extensão da consciência e se procura em conjunto estabelecer uma razão que não seja ofensiva para o outro indivíduo reciprocamente.

Na parte sexual é o acesso ao orgasmo do outro dentro de um princípio de sensações, percepções e sentimentos que é possível estabelecer um contato profundo com o seu par relacional.

Nos vórtices de energia, ou chacras, é o encontro daquilo que impulsiona o outro a agir. É um estado vibracional tão complexo no qual o outro se torna uma essência por si mesmo do outro simbolizado na remodulação de sua frequência de consciência de forma temporária a fim de ser reflexo do outro para a compreensão de como o interior da pessoa, ao qual se ama, age e se insere no dimensional.

Dentro da relação sujeito à sujeito está o anotherself que é um tipo de experimentação do self da outra pessoa. Porém é apenas uma parte de todo o aprendizado de uma pessoa quando se enquadra dentro deste contexto mais íntimo, interno e interior.

Quando uma pessoa é altamente evoluída ao ponto de conseguir se inserir dentro do contexto do outro indivíduo que está em par relacional, ela é capaz de trabalhar com os seus próprios vórtices de energias a fim de despertar o regime de urgência no indivíduo que se ama: através da fala, através da expressão ou através do comportamento como um todo que irá servir de guia para que o indivíduo desperte aquele elemento subjetivo visualizado que deva ser trabalhado.

Esse processo adaptativo restringe temporariamente a individualidade do indivíduo que age para despertar o princípio, como atitude, na pessoa amada. Para em seguida trazer para a vida prática, aquele conteúdo teórico que permite viver em harmonia com o ser amado, sem despertar sua zona de conflito e ao mesmo tempo se integrar em plena e verdadeira harmonia.

Conhecer o íntimo de outra pessoa requer um grau de responsabilidade enorme, porque se estabelece o contato com informações pessoais de outra pessoa que por vezes ela não se encontra preparada para lançar tais conteúdos dentro de um laço social por medo de geração de baixa autoestima que possa declinar ou prejudicar o seu projeto de vida.

No anotherself o indivíduo observador atrai para si a experiência do outro, enquanto que a relação sujeito à sujeito o anotherself desencadeia-se de forma cruzada onde ambos do par relacional vivenciam a experiência do outro de forma recíproca e mais próxima da verdade interna de cada um.

A amizade, o amor e o comprometimento podem ser alcançados na relação sujeito à sujeito. De forma muito mais profundo do que a existencialidade de um limite imposto na relação. Ser capaz de reconhecer que o outro é diferente de você é o primeiro passo para a construção e identificação de um respeito. Para fazer fluir um tipo de consciência que integra para que as frequências singulares de cada um possam formar um ser uníssono dentro do laço que possa ser criado.

Confusão

Confusão é uma desordem funcional interna que pode ser ampliada para a via de expressão de um indivíduo. Parte para um tipo de posicionamento de objetos em que não tem reconhecimento por outros seres de um agrupamento como algo associativamente correto. Também pode ser uma disruptura de um padrão estabelecido para o comportamento onde um conflito se instala.

Uma confusão se estabelece quando um indivíduo se encontra em uma zona de conflito em que sua atitude passa a se vincular com o atrito pela primazia de sua funcionalidade.

As vias de expressão passam a serem abastecidas com informações de embate onde o conflito se acentua, gerando a percepção de que o atrito amplia a área de conflito em relação a si mesmo, outros seres ou o próprio ambiente.

A ordem com que as informações se projetam sobre o ambiente foge da lógica de ordenação ao qual o indivíduo está acostumado a interagir. Razão que um indivíduo em crise não é capaz de se expressar correntemente e de forma fluídica como os demais de um agrupamento.

Parte de um princípio de fixação da inconformidade, no qual o indivíduo lança os seus argumentos que são geradores de atrito sobre o ambiente por uma de suas vias de expressão.

Dados lançados em desordem geram ideações difusas, semelhante um sistema de informações fractais. Para quem está acostumado a gerenciar-se sobre uma lógica determinada, as informações difusas podem não representar um aspecto coeso de apresentações de ideias, isto porque o indivíduo sob a confusão ainda está organizando o seu espaço interno dentro de sua lógica de atuação.

Então é certo que existe um movimento de contraposição, em que se gera um apego inicial a uma ideia fixa do qual um indivíduo não deseja abrir mão em seu posicionamento de retórica.

Onde um processo de ignorância sobre a lógica do outro pode se instalar, e a confusão é um processo que se configura a partir da desordem social sobre as colocações das pessoas que participam de um ato.

Este tipo de confusão do parágrafo anterior é um distúrbio social, onde as partes passam a não se entender em um movimento reflexivo. Onde um espera supremacia sobre a vontade de outro.

Podendo se instalar um campo de batalha onde a opinião vencedora deve prevalecer dentro de uma dialética em que apenas uma visão deva existir dentro de um agrupamento.

A confusão interna que alguém faz em virtude de alocação de informações a partir de processos de aquisição mnêmica, pode ser configurar em erros perceptivos ou de conexões, estas últimas quando as medidas de associações de eventos não foram bem equilibradas para o resgate do estímulo, podendo gerar falsas realidades.

Quando o indivíduo está no processo interno de projeção de uma confusão um tempo deve ser dado para sua ordenação cerebral, a fim de que a organização cerebral possa convergir em uma informação que seja útil para o próprio indivíduo e para as pessoas que trocam informações com este.

Para que uma massa de dados que se projete de forma desordenada possa servir como conhecimento integrado é necessário que diante de uma crise de identidade onde desperte um sentido de confusão, seja possível indexar um objetivo vital ao qual seja necessário, para que as informações distribuídas de forma fractal possam se reorganizar dentro de um sentido pessoal e grupal que tenha nexo com a realidade pessoal e grupal ao mesmo tempo do indivíduo.

Outro aspecto interessante a ser observado é que existem diferentes lógicas de atuação presentes no setting da vida. Algumas delas quando se interceptam não são compreensivas entre si. Isto pode aparentar em um processo de comunicação, uma disfuncionalidade no ato de comunicação no qual o entendimento não é jorrado para ambas as partes de um colóquio.

Este tipo de confusão pode ser facilmente representado por dois indivíduos que se situam em sociedades distintas com idioma também distintos que nunca antes os indivíduos tiveram contato com o outro. Assim, a mensagem não é compreendida, os gestos não são interpretados dentro da lógica de verdade de cada um. A expressão não é capaz de sintetizar a tônica do que se reserva a necessidade do comunicar.

Esse não reconhecimento do código não é uma disfunção interna e é uma disfunção social, pela falta de contato com o código. Ou seja, não é um problema da geração subjetiva do indivíduo, onde a confusão gerada é falta de acesso a informação que deveria ser necessária para o reconhecimento do código de comunicação pelo canal.

Então uma confusão deve ser observada a partir de uma origem interna ou de uma origem externa, sendo esta última originária a partir de uma ruptura da falta de percepção interna.

O caminho da pacificação mental é muito importante diante de um distúrbio, a fim de que o indivíduo passa a se ancorar naquilo que for de seu conhecimento interno, e passar a projetar de forma a alocar as informações de conflito para um sistema lógico que permita interpretar ou codificar as informações, para que o equilíbrio seja novamente conquistado e a confusão possa ser controlada no ambiente.

Do ponto de vista psicológico ou clínico o seu início pode ser o contato com uma informação externa no qual o indivíduo não estava suficientemente preparado para absorver a informação. E a partir deste ponto inicial as informações lançadas na mente encontrarem rupturas de integração no qual é difícil reconhecer a valoração das novas aquisições mnêmicas que se incorporam no indivíduo, podendo levar a cisão ou ao trauma, conforme o nível de agregação e importância que a nova informação faça sentido para um indivíduo. Contudo, tem que se fornecer tempo para que o indivíduo aprender a fazer fluir o aprendizado.

Afastamento

Afastamento é o distanciamento psíquico e/ou ambiental de um objeto (pessoas, coisas, seres, elementos presentes na natureza) devido a algum fator interno ou externo que promove a ruptura da interação do comportamento recíproco ou do comportamento que evoca para si um padrão de comportamento a partir da observação do objeto.

O afastamento pode ser uma medida quantificadora em que um indivíduo de relação proximal, estabelece um distanciamento de um objeto por meio de uma projeção que metrifique a ruptura de uma contiguidade. Onde o laço se rompe, e as partes começam a ter outros conectivos para administrar no espaço que antes era exclusivo.

O afastamento permite que o rompimento seja estabelecido, e que coisas novas possam ser acessadas, para que o indivíduo entre em um estágio de novas descobertas, em relação ao que antes era conhecido, enumerável e evidenciável.

Pode-se pensar em graus de afastamento, como sendo: perto, contíguo, distante e longe. Sendo o afastamento uma medida matemática que permite um indivíduo se conectar ao objeto dentro de uma dimensão de relacionamento. Que o poder da interatividade irá permitir estar próximo ou descontinuado do objeto.

Quanto mais afastado está um indivíduo do objeto, mas distante são as interações entre eles, onde as medidas associativas tendem a ser menos modais e o poder de influência de um estímulo sobre o outro tende a ser mais fraco.

É claro que toda a medida de afastamento deve vir como uma métrica relativa sobre as propriedades dos corpos. Então desta relação de objetos de um mesmo grupo colecionáveis de propriedades semelhantes se estabelece uma medida de afastamento que seja compatível com a natureza do objeto.

A influência de um objeto sobre o outro requer de propriedades físicas que condicionam a afetação de uma atividade física sobre a de outro objeto. Como um simples contraste por exemplo que a luz refletida sobre um objeto pode lançar de reflexão sobre o outro objeto estudado em termos de sua avaliação de distanciamento recíproco.

Uma coisa dentro de sua relação de afastamento é considerada perto quando o canal de transmissão das propriedades de um objeto são reflexivas em relação ao posicionamento do segundo, a partir do ângulo de visão de um observador, por exemplo, que esteja usando como medida de observação o posicionamento do foco ocular na captura dos dois objetos.

Porém a relação de contíguo se estabelece numa medida de afastamento, quando o sentido utilizado por um observador observa dois objetos não de forma fracionada, mas como um elemento que estende suas propriedades para outro como uma visão unificada de um coletivo.

A relação de distante entre dois objetos surge como uma medida de afastamento quando é possível tecer mesmo que tênue uma relação de comunicação, porém de forma muito reduzida. Que uma área adjacente passa a se projetar no meio dos objetos que estão sendo nomeados em um estudo.

Quando a medida de afastamento observa dois objetos como longe um do outro, essa relação passa a sinalizar uma ruptura de contiguidade, onde as propriedades físicas passam a ser percebidas isoladas porque outras referências passam a ser observados no ambiente, como por exemplo, um ruído branco, que separa as duas imagens em projeção em uma área plana.

Porém, uma medida de afastamento passa a ser cada vez mais complexa quando mais complexo é o espaço ambiente e também a conectividade com muitos elementos que compõem uma nuvem de informações.

As relações de perto e distante passam a configurar um complexo sistema de comparadores lógicos onde a mente repousa uma impressão de um conceito que se ancora como uma medida de visualização de um afastamento.

Do ponto de vista cognitivo o afastamento é muito doloroso quando o valor do ente que está contido dentro da subjetividade está em escala de importância muito elevada. Razão que pode brotar sentimentos de dor, pesar, dor psíquica, medo, pavor, desespero; o distanciamento do objeto querido.

As relações lógicas de quando um objeto deva ser afastado ou aproximado como uma métrica de existência irá variar de acordo com o objetivo do indivíduo que interage com o objeto.

Uma substância tóxica, por exemplo, quando representar perigo para a vida de uma pessoa, deve ser afastada a fim de que a preservação da vida seja garantida. Ou quando a pessoa se encontrar próximo de outra que estiver doente e sua patologia é transmissível pelo contato, sinal que uma medida de distanciamento também deva ser aplicada.

Para efeitos didáticos algo é considerado perto quando a projeção do seu corpo dista de outro objeto em grau de influência até 100% da área projetada. Sendo interpretada pelos sentidos como contígua quando esta área está contida até 200% da área de influência. Acima deste limite passa a ser considerada distante, e conforme as relações lógicas estabelecidas serem consideradas cindidas ou longes.

Compreender bem estas relações lógicas permitirá estabelecer limites com que a comunicação entre objetos é pretendida estabelecer como informação para ser transmitida entre as partes.

Desta relação se sabe que quanto mais complexa também o espaço ambiental e a quantidade de vetores dos objetos mais complexo é também se chegar a uma conclusão deste gênero. Podendo unidades de objetos se tornarem pela impressão um corpo maior, que possa fazer uma razão de distanciamento com outros corpos fracionados ou menores.

Abandono

Abandono é a retirada do vínculo ou do amparo a um objeto (pessoa, abstração, ente, ser vivo, ou, elemento da natureza) no qual ele passa a depender-se exclusivamente de si para o alcance de seus objetivos.

Parte de um princípio de assistencialismo ao qual o indivíduo está amparado para o exercício de suas funcionalidades. E deste ponto, é retirado o auxílio, e este passa a depender exclusivamente de si mesmo, para a gestão de uma tarefa ou atividade.

Parte de um indício de uma falta que a lacuna deixada pelo objeto passa a exercer sobre o indivíduo abandonado. No qual ele tem dois caminhos: se ressentir pela ausência ou lutar para incorporar as propriedades de que falta para ser independente nesta relação que se desfez.

Muitos sentimentos densos são despertados diante de um abandono, principalmente quando o objeto simbolizado é outro ser, que pode ser uma pessoa ou um animal de estimação.

Esse tipo de subjetividade não deixa a pessoa viver, e passa a clamar pela ausência, a partir da falta. Convém estudar esses dois componentes mais profundamente: a falta e a ausência.

A falta é o sentimento que brota pela inexistência do objeto na relação. De seus atributos que eram compreendidos e resgatados. E do que era projetado sobre o indivíduo para compensar aquilo que supõe não ter adquirido.

A ausência é restrita ao fenômeno de localidade, onde se situa fisicamente o objeto. Que dele se dependia para que a compreensão fosse gerada. É um tipo de espaço-falta onde o elemento era percebido se integrando dentro da tridimensionalidade. É uma topografia do objeto no interior do indivíduo que se crê abandonado.

Então quando a falta abastece de subjetividade o indivíduo, a ausência nutre a falta com a não incorporação do objeto sobre o contexto onde se situa o indivíduo.

Num processo de significação que merece ser estudado mais profundamente, porque a compreensão desta relação é que se permite introduzir outros objetos que possam ser nomeados pelo sujeito a fim de que ele possa ser o substituto do objeto ao qual se sofreu abandono: o outro.

A caracterização do outro como objeto é porque ele simboliza um aspecto interno dentro do indivíduo abandonado. E como não se possui a ninguém, o outro é representado internamente por um instanciamento neural.

Esse instanciamento neural que é ativado todas as vezes que a existência do objeto é observado no ambiente. E como ente não ausente, é capaz de significar alguma coisa de relevante dentro da estrutura psíquica.

E quando é topograficamente distante, o abandono se configura, porque a rotina cerebral não pode ser iniciada, então o indivíduo evoca para si a funcionalidade que se nega a funcionar porque não existe o objeto no ambiental.

E o instanciamento neural passa a configurar dentro de uma cadeia de ilusões, onde o objeto passa a ter existência projetiva.

Então o indivíduo passa a fantasiar a falta, o pai ou a mãe que não existe mais, se formos conversar dentro de uma cadeia de conceitos freudianos. E a exigir que ele ou ela retorne para suprir a vazio deixando pela ausência.

Então o objeto assume feições masculinas e feições femininas. E cria uma subjetividade dentro da metafísica cognitiva deste indivíduo. Quando não incorporado o preenchimento não pode ser estabelecido. Então algo tem que suprir a este abandono verificado.

O abandono geralmente é percebido dentro daquilo que o indivíduo ainda não está preparado para ser independente ou suprir-se sozinho.

Identidade de quem se ressente, de quem lamenta a inexistência do outro, que o poderá fazê-lo encaminhar para a tristeza, devaneio, melancolia ou o luto.

Porém a grande questão é como introduzir um novo objeto de forma que este possa suprir a falta do objeto que partiu no relacionamento?

São várias técnicas utilizadas por psicólogos e psicanalistas que cuidam desta particularidade da subjetividade, pois é preciso recompor o sujeito e lhe devolver uma subjetividade em que o equilíbrio possa ser gestado dentro de seu ambiente psíquico.

Porém, embora este enfoque seja o ser abandonado, o sujeito pode chegar a um grau de maturidade que se autoconvença de que também pode exercer o abandono definitivo de um condicionamento.

Neste segundo caso o indivíduo já está amadurecido suficiente para se ajuizar pelas próprias pernas e a conduzir por si só a sua vida. Como um processo natural de uma criança que saia do colo para engatinhar com certo auxílio e depois a passar a andar com total liberdade no qual abandona esse colo para ganhar o mundo.

Ou uma criança que para suprir a sua falta frente à amamentação passa a utilizar-se de uma chupeta, e quando passa deste estágio, o objeto passa a ser ignorado porque a chupeta passa a não ter mais serventia e não mais a emitir prazer em sua utilização.

O abandono também pode se configurar de forma recíproca, quando não existe mais nenhum motivo para a formação do elo de uma convivência em fatores interacionais entre dois indivíduos.

Ou ser apenas uma necessidade interna de um indivíduo, que o objeto não está ausente no ambiente, mas se configura dentro de uma resolução psíquica que se mostre ausente dentro de si mesmo, ao manifestar uma falta.

Sofrimento

Sofrimento é um rompimento de uma dor sobre o biológico no qual abastece todo o organismo com ressentimento (estado de afetação fisiológica), brotado através de uma dor psíquica inicial que se espalha sobre a pele e sobre os órgãos despertando um sentido de intranquilidade, de desvios das funcionalidades, de sensações de aspereza, ardor e sensação de aniquilamento e conexão com movimentos pulsionares de morte.

O sofrimento pode partir de um ressentimento que se projeta a partir de uma subjetividade, na forma de pensamentos que pedem uma ação cerebral ou motora para agir em prol do quem se ressente ou partir de corte biológico projetado pela interferência de outros seres ou do ambiente sobre a própria carne do indivíduo.

O primeiro tipo de sofrimento é psíquico em sua essencialidade, mas pode repercutir sobre a pele, as vísceras e os órgãos internos e externos do indivíduo; o segundo tipo de sofrimento é físico e geralmente está ligado a um tipo de lesão em que parte de algo externo para prejudicar o indivíduo quanto ao seu equilíbrio biológico.

Não importa o tipo de sofrimento, a dor, mesmo sendo psíquica, é transferida para o corpo biológico. E em muitos casos, a necessidade de recomposição hormonal é necessária para que o indivíduo possa voltar a sua homeostase cerebral para continuar a vivenciar a sua vida dentro de uma escala de normalidade sem grandes afetações.

No caso da dor física geralmente medicamentos próprios contra as lesões em partes específicas do corpo é uma simples questão de dependência do tempo para a regeneração do órgão para que o indivíduo possa voltar a sua habilidade habitual.

O sofrimento é tido como algo ruim porque ele é capaz de represar os conteúdos psíquicos enquanto a perspectiva do adoecimento não é ignorada. Assim, o indivíduo se aloca para cuidar da parte que está em deficiência a fim de que possa no futuro voltar a um processo de normalidade.

E por vezes o sentimento é tão intenso que gera um processo de subjetividade em torno dele, mesmo que a origem não seja psíquica e sim física. Então o indivíduo passa a se acomodar em torno da construção de sua história de vida e passa a depender dos vínculos que fora capaz de formar ao longo de sua trajetória de sofrimento ao longo de sua vida.

O sofrimento é um mecanismo interessante para alertar o indivíduo de que é necessário efetuar uma intervenção em seu organismo para que ele possa dar continuidade a seu ciclo de vida.

Porém, quando não está bem regulado pode gerar um padrão de funcionamento onde o indivíduo se vê aprisionado dentro do contexto ao qual ele foi sintetizado e se vê reproduzido.

Muitos acreditam na forma do sofrimento como sendo um mecanismo que permite a evolução humana.

Outras pessoas abastecem suas mentes como sendo o sofrimento algo negativo e degenerativo que deve ser combatido e que soluções devam ser encontradas para que as pessoas possam se livrar deste mal que as podem afligir.

O mito que sempre depois do sofrimento vem a grande recompensa percorre muitas civilizações ao redor do mundo. Talvez pelas benesses que podem ser observadas em um indivíduo que intensifique ainda mais o seu comportamento depois de uma fase de privação de sentidos em que um sofrimento possa ter acarretado ou contribuído para sua vida.

Outra coisa importante é que a fase do sofrimento é o momento em que muitas pessoas passam mais próximas de si dando uma falsa impressão de neutralidade do tempo, e uma visão de eternidade da dor que é lançada sobre a superfície da pele e dos órgãos.

Esse não passar do tempo faz com que muitas pessoas dependendo do tipo de sofrimento venham a desejar a morte em vez de passar por todo o tormento que um adoecimento possa representar em termos de subjetividade.

Essa conexão que o sofrimento causa consigo mesmo pode gerar um efeito de redescobertas em que o indivíduo ao sair de sua crise de dor pode querer viver a vida com muito mais intensidade que antes. Por isto se gera o falso mito que a colheita do sofrimento é um benefício evolutivo que se conquista depois de seu interstício em que seus efeitos não são mais percebidos pelo corpo humano.

Muitos eventos culturais acontecem pelo vínculo ao sofrimento, que chega a ser um culto, como por exemplo, romances, poemas e poesias, representações pictóricas e de estátuas.

Os nocirreceptores, que são estrutura mecanorreceptivos que existem debaixo da pele do corpo humano e dos órgãos, são responsáveis pela liberação de quantidades de endorfina produzidos a partir da hipófise quando ocorrem o advento da manifestação de uma dor e do sofrimento humano, repassando uma sensação de alívio imediato à medida que as produções deste hormônio são desencadeados pela corrente sanguínea.

A questão que o sofrimento pode agir com a gestão de um princípio de subjetividade em que o indivíduo passe cada vez mais a depender da produção de endorfina. Por isto quando uma causa é solucionada dentro do biológico costumam alguns sintomas a persistirem como se a dor tivesse ainda em constante manutenção e desenvolvimento. Mas a relação com a doença física já está sanada, persistindo a manutenção de um padrão ecológico de funcionamento do sofrimento.

Mesmo em sofrimento intenso, como a perda subjetiva de alguém, é preciso retomar o equilíbrio e voltar a viver a vida dentro dos valores e princípios que vale apena viver.

Desnorteado

Desnorteado é uma sensação de uma pessoa que perdeu o rumo de sua orientação projetiva, no qual sofre um tipo de desamparo de localidade de não saber mais se situar em um espaço físico porque é incapaz de encontrar um alicerceobjeto em que se amparar.

A pessoa desnorteada perde no referente o referencial, fica deslocada em termos de ação e não consegue orientação dentro da sua rotina existencial.

É uma sensação de falta de apoio, por isto se sugere uma espécie de desamparo, em que o fenômeno de localidade faz perder o indivíduo, a localização de um objeto.

O objeto pode ser um ente subjetivo, outro ser, outro indivíduo, um elemento do ambiente e até mesmo alguma impressão abstrata.

Suponha o caso de uma pessoa que tenha esquecido as chaves do carro em algum lugar ignorado, a sua sensação de desnorteamento não faz interligar onde se situa o objeto porque o contexto é ignorado.

Esse contexto que não se sabe ao certo a localização de um objeto causa a sensação de perda, onde o objeto passa a não ser mais localizado. A sensação: o desnorteamento é uma sensação de confusão psicológica onde o referencial não é percebido e o referente portanto não é localizável.

Então essa perda pode ter uma consequência transitória ou ser irreparável quando a perda não é possível de localizar o objeto.

O termo desnorteado segue um sentido de bússola, de algo que foi desprovido de ser encontrado no norte, no rumo certo, em que a coisa se orientava através de uma coordenada exata.

A quebra de uma lógica também pode provocar desnorteamento uma vez que a base não mais localiza os elementos necessários para se formar um diálogo.

Então há que se pensar em um sistema neural que é guia para a localização de um objeto dentro de um contexto, que parte de um assessoramento dos sentidos do corpo humano como apropriação de um senso de localização, provavelmente coclear em que é possível dar um sentido ambiental para um objeto projetado e localizado no contexto.

Quando uma falha neste sistema faz o observador perder o norte (desnorteado), então a falta de referenciais de localização gera um tipo de confusão espaçoambiental no qual o objeto passa a não ter mais parâmetros associativos para ser localizável.

Talvez se coordene em termos do sentido do labirinto que se fusiona em manter o corpo ereto em direção de 90º sobre o eixo gravitacional e atmosférico do planeta. Em que coordenadas são lançadas e registradas na mente através da percepção, que gera uma sensação de localização onde os objetos encontrados no espaço-tempo podem ser localizáveis como entes pertencentes ao contexto onde se situa o indivíduo em atuação.

Então existe uma posição somática registrada dentro do cérebro humano, no qual permuta informações com o córtex parietal e também com o cerebelo. E que está integrado com a formação do objeto nos outros tratos e córtex cerebrais onde esse objeto está registrado conforme a natureza de suas impressões.

Quando algum elo desta complexa cadeia de informações transaciona informações incorretas para outras áreas ou regiões cerebrais então pode ocorrer que a coordenada de localização temporal de um objeto não permita que ele possa ser encontrado dentro da zona de registro onde a informação primária foi registrada pelo procedimento mais corrente de registro.

A sensação de desamparo e confusão mental se projeta como uma incógnita de saber qual foi o vínculo ou a relação de arquivamento perdida que impede que o indivíduo capte a recordação de onde posicionou um objeto pela última vez que manteve contato físico.

O desnorteamento pode ocorrer também em relação a lembranças, quando se perde fatos registrados há muito tempo na mente. Por obstruções ou simplesmente por desuso que permitiu que as conexões fossem desfeitas com o passar do tempo.

Também, o desnorteamento pode surgir a partir de fato não registrado, como por exemplo, alguém que tira determinado elemento de uma cena, sem que o indivíduo atuante tenha noção do que aconteceu. Razão de que nada poderá compensar a sua lembrança ativada pela percepção gravada de um objeto numa fração de memória.

O desnorteado perde temporariamente sua homeostase cerebral, a fim de orientar os seus pensamentos para que a memória de todo o processo passado recorra em seus arquivos mentais. O desnorteado dentro deste processo tenta encontrar o seu rumo de memória, para fazer uso de suas informações e conteúdos mnêmicos.

Pode ocorrer conforme a escala de importância do objeto perdido em relação ao seu norte, uma ativação do sistema simpático a fim de ativar com pulsão (energia vital para processamento de informações) os elementos que farão com que a memória acelere a fim de que uma solução seja encontrada para a resolução do problema em que o conflito fora instalado na mente de uma pessoa.

A magnitude com que as sensações e os pensamentos afloram na mente de um desnorteado poderá deslocar o eixo de suas ações para a borda de seu conflito, induzindo-o a inquietação da mente, ou quem sabe ao trauma da perda, neste último caso quando um ente querido deixa de estar presente no ambiente e a sensação de desamparo passa a afetá-lo vigorosamente.

O desnorteado vaga em torno da solução enquanto não pacifica sua mente, porque tem por hábito não se prender a nada que não seja absolutamente a falta do objeto que se supõe ignorado (não encontrado).

Cuidado

Cuidado é um tipo de trato ou assistência ministrado a um objeto para que ele adquira forças, se mantenha em estado de conservação em relação à vida, ou possa se reabilitar diante de alguma interferência em sua funcionalidade.

Geralmente o cuidado é ministrado quando uma pessoa está enferma, ou quando outra pessoa ou outros seres não tem plena capacidade de organizar processos essenciais para sua gestão de vida.

Uma poda, uma rega, ou fazer uma aragem no solo pode ser um tipo de cuidado necessário para uma planta, na visão de um agricultor, se ele assim desejar, que a mesma forneça bons frutos.

O cuidado pode sintetizar uma necessidade de controle médico em que prescrições possam indicar repouso ou determinados comportamentos que devam ser seguidos a risco a fim de que o sucesso do tratamento seja mais eficaz e dentro dos limites de risco esperados.

A alimentação de uma cria, ou de um animal de estimação, pode requerer um tipo de cuidado para a saúde do animal como o controle de alimentos, as horas de ingestão de água e dos medicamentos que devam ser aplicados preventivamente a fim de que os animais não venham a se contaminar com estressores presentes no ambiente.

Determinadas regras sociais presentes na educação pode traçar cuidados que deve o aluno adotar a fim de que seu aprendizado seja constante e no sentido de sua especialização, como evitar falar com os outros colegas nas horas das explicações, fazer o dever de casa, ler os livros indicados dentro do prazo definido pelo professor para a atividade e não faltar as aulas.

As pessoas quando adquirem idade avançada passam a requerer um certo grau e tipo de cuidado, principalmente para a alimentação, o condicionamento físico e o uso de medicamentos.

Também nas fases iniciais de vida o bebê requer o cuidado direto dos pais, a fim de que cresça uma criança saudável e livre de traumas.

Um profissional habilitado, por exemplo, na área de engenharia deve ter o cuidado de avaliar o seu projeto de construção a fim de que todos os fundamentos desta ciência possam ser obedecidos e a obra possa sair perfeita conforme idealizado pelo arquiteto e pelos engenheiros da obra.

Na cozinha para uma boa alimentação os elementos, tais como vegetais, óleos, temperos, massas e carnes devem seguir as instruções que condicionam o seu cozimento a fim de que os nutrientes presentes não percam suas propriedades e o sabor saia conforme, ou além do esperado para ser servido a uma família.

A higiene é outro elemento que uma pessoa deve ter cuidado a fim de que não se contamine a partir do contato direto com os resíduos, e venha a comprometer a sua saúde.

Conforme o tipo de objeto que for manuseado um cuidado direto e próprio deve servir a um tipo de conhecimento específico para o que o efeito esperado de conformidade do trato possa repercutir no objetivo-tarefa idealizado.

Então há que se pensar em regras determinadas para cada tipo de ação que requeira um tipo específico de cuidado. A fim de que a coisa possa ser recuperada ou permanecer no seu estado padrão de manuseio sem perder as suas propriedades, se for o caso.

Tudo cuidado envolve um grau de risco em que implementar a ação requer o manuseio de instrumentações adequadas para que a tarefa seja organizada sem maiores problemas.

Todo setor possui uma série de condutas que devem ser administradas na evidência de riscos a fim de contornar que mais pessoas sejam deslocadas para a afetação que comprometa o seu estado vital.

Essas instruções servem como um manual de ajuda fundamentada em testes e experiências passadas realizadas por outras pessoas que passaram por problemas semelhantes, e deixaram registrados as suas experiências e dificuldades para o contínuo aperfeiçoamento das técnicas de ajuda que requerem determinados cuidados em relação a necessidade evidenciada.

Até mesmo em situações mais difíceis os socorristas devem tomar determinadas precauções a fim de que tais cuidados repercutam no salvamento perfeito da vítima sem comprometer a vida de quem presta esse tipo de auxílio.

O cuidado cessa toda a vez que a situação de risco e efeito são eliminados. Assim, o indivíduo pode voltar a sua atuação normal de vida sem se preocupar com as recomendações inerentes a administração do risco que estava ativo.

Determinados compostos químicos requerem muito cuidado no manuseio, razão que existe uma classificação nas embalagens quanto o grau de atenção e periculosidade em que tais elementos devem ser manuseados.

O mesmo cuidado das embalagens é utilizado para o uso de medicamentos, a fim de diminuir a ingestão indevida que poderá provocar danos e mortes fatais às vítimas que consumem medicação sem a prescrição médica.

A tensão elétrica pode ser muito perigosa para pessoas, então determinados cuidados são tomados pelo setor competente a fim de isolar as pessoas dos problemas para que apenas elas tenham contato com os benefícios das eletrificações.

Os primeiros socorros trazem uma série de cuidados que devem ser administrados na vítima a fim de que sua pronta recuperação siga as informações presentes nos manuais.

Cada objeto produzido, cada instrumentação produzida, cada veículo que se conduz, cada eletrodoméstico que se compre tem uma lista de cuidados que o manuseio sinaliza para sua vida útil e a segurança do indivíduo que manipula o item consumido.

Limite

O Limite é um ponto demarcado de saturação de um fenômeno que mantém suas propriedades e características até este ponto, e se indo além, novas propriedades e características surgem como resultantes de novos escalonamentos de ação.

O limite dentro do cérebro humano na parte neural são os potenciais de ação, onde o pulso que se traduz em informações é capaz de romper a barreira sináptica toda vez que ultrapassar um limite estipulado para o neurônio.

O limite pode ser observado como o ponto máximo ou finalístico de um processo, que resulta num insumo caso atingido ou no declínio das funções caso ultrapassado.

Portanto é um demarcador natural para que um processo seja visualizado dentro de uma unidade lógica de processamento de informações.

Existem limites para que uma ação seja iniciada, com um quantitativo de esforço e de energia empregados. E existe limites para que uma ação seja finalizada também em grau de esforço e energia empregados.

O limite pode sinalizar um ponto que deve ser atingido ou um ponto que deve ser evitado conforme o caso e conforme o tipo de aplicação.

Existem algumas regras universais que determinados eventos físicos são atraídos pelos seus limites, no sentido de conduzir ao estágio seguinte quando alcançado um determinado quantitativo de energia acumulado no passo anterior em que o limite é atingido (transitividade capacitiva).

Uma vez que o limite é atingido geralmente não é possível voltar ao condicionamento anterior, porque o atingimento do limite é como se um fenômeno abrisse uma comporta onde não é mais possível regressar no mesmo molde de atividade anterior à abertura de um dique.

Isto porque quando o limite é atingido ocorre um fenômeno de transitividade em que algumas características são migradas com carga e força para a etapa seguinte dentro de outro nível de expressividade.

Isto afeta o demarcador de dois estágios: o estágio anterior ao atingimento do limite e o estágio seguinte em que o limite é ultrapassado.

Geralmente o limite quando se trabalha dentro de uma visão sistêmica é um demarcador de influência da ação de um dos elementos sobre o agrupamento. E ultrapassar esse demarcador muitas vezes afeta outros elementos do sistema de forma a provocar uma derivação de seu funcionamento que poderá acelerar processos ou prejudicar outras funcionalidades.

Por isto um demarcador sanguíneo, por exemplo, é tão eficiente em prever que um órgão possa estar entrando em colapso em virtude de um limite de uma substância presente no sangue humano.

O limite pode ser visualizado como uma barreira que poderá ou não ser ultrapassada e que a consequência é a ativação de um outro fenômeno em que as causas foram iniciadas.

Em um sistema reativo que seja da ordem do comportamento humano, estudiosos tentam de todas as formas ativar os limites que fazem as pessoas se indexarem, por exemplo, a conceitos de consumo, que a fazem optar por um hábito de compra.

Encontrar através do limite o padrão que irá despertar o comportamento humano tem sido cada vez mais uma das preocupações em que tais estudos trazem de relevante para o funcionamento da psique humana.

Esse padrão torna-se um instanciamento neural, como um circuito que toda vez acessado, não encontra barreiras para o atingimento de resultados, pois se sabe exatamente qual a força e a energia que se deve empregar para que o resultado seja alcançado.

Se cada conceito é iniciado a partir de um estímulo de partida que deve ser integrado dentro da mente humana e se tornar uma vontade expressa e consciente, então há que se pensar que o atingimento de tais limites de integração é essencial para o ato de comunicar ou fazer negócios.

Fugindo do padrão robótico do comportamento de consumo, mesmo assim há necessidade de estudar os limites que setam os conceitos a fim de que movimentos racionais de compra sejam estímulos para um consumo cada vez mais consciente do ser humano.

Dentro da lógica de Bion pode-se imaginar que anterior a um limite existem uma quantidade controlável de elementos alfa que devem ser atingidos a fim de que o elemento integral, ou seja, beta seja criado dentro desta visualização de atingimento de resultados.

Os elementos alfas nestes casos seriam todas as informações necessárias para que o nível fosse ampliado até chegar na situação limite, quando o elemento beta passa a existir por integração e o indivíduo começa a usufruir todo o conceito de sua forma integral. Porém, após o limite, o fenômeno de consumo é um combinado de todos os elementos alfa que contribuíram para a formação do dique.

Por isto se observa que após o limite outros conceitos surgem, em virtude do fenômeno de integração, que pode ser um novo elemento ou um indício de degradação, conforme o caso e a natureza do fenômeno.

O limite pode ser observado como uma forma de passos, em que um princípio de parcimônia é instituído como uma medida econômica para que uma ação tenha a oportunidade de ser declinada antes do ato caso o indivíduo se convença desta necessidade. E também uma forma de conjugar atividades que estão mais propensas ao sucesso representando pequenas estruturas que podem ser ativadas quando alternativas são possíveis de serem ativadas, em que se opta pela via de menor resistividade para a realização de uma ação.

Complexo de Édipo

O Complexo de Édipo é uma das etapas de personificação de uma pessoa no qual o indivíduo aprende a separar o seu conteúdo pessoal de outros objetos e seres presentes no ambiente onde ela venha a habitar. É um processo que matura por toda a vida, mas tem suas principais transformações nos primeiros 7 anos de vida de uma criança.

O complexo é um circuito lógico neural que permite a um indivíduo se orientar quanto a um atributo assimilado a partir do mundo externo.

Nos primeiros estágios de vida a criança está fusionado ao útero materno e não tem consciência e distinção que é um ser isolado desta mãe que está efetuando a gestação.

Quando a criança nasce tem contato com o mundo social a sua volta. E é estimulada pela mãe biológica a fazer determinados gestos guturais para cuidar de sua alimentação.

A criança retribui com aprendizado, e passa a aprender a controlar seu aparelho digestivo oferendo os materiais excretados para esta mãe. Através do controle e percepção dos esfíncteres.

Neste estágio a criança não sabe diferenciar o que é externo e interno, para ela tudo é extensão de seu próprio corpo. A mãe é algo que está contido dentro de sua própria essencialidade.

Logo o instinto do bebê percebe que necessita efetuar um poder de barganha para obter o leite, e quando necessita do alimento começa a chorar pedindo para ser nutrido.

Neste estágio ela começa a maturar o sentido de que a mãe possui uma vontade própria e que, portanto, não pode ser uma extensão de seu próprio corpo. É como se ocorresse a primeira cisão significativa dentro do cérebro desta criança onde ela passa a perceber que a mãe é um objeto distinto de si mesma.

Então um estágio de espelhamento se segue onde a criança passa a reconhecer partes do seu próprio corpo. E passa a se observar como uma unidade também autônoma de outras que venha a identificar no ambiente.

Porém, este não é um processo linear, vários fenômenos estão acontecendo ao mesmo tempo.

A mãe se torna a figura mais próxima de uma criança-bebê e logo a influência do pai é sentida como a extensão de um comportamento diferenciado, onde o pai passa a exercer um tipo de autoridade distinta desta mãe.

Com o tempo a criança vai aprendendo a controlar os seus impulsos diante deste pai e diante desta mãe.

Essa fase é essencial para que a criança se estabeleça em termos de limites em que suas atitudes avançam a sua livre vontade sobre esses pais.

Então a criança fraciona o seu amor para o pai e fraciona o seu amor para essa mãe. E passa a viver num dilema de agradar um e a outro dentro das particularidades que se acentuam de cada um.

A lei de preferência faz com que a criança fique mais “apegada” com um dos pais. E passa a desejar o pai e/ou a mãe conforme o nível de envolvimento afetivo.

Nesta fase começam as disputas entre a criança e o amor e a atenção desta em relação aos seus pais.

Então um fenômeno de triangulação amorosa se cristaliza. E a criança passa a se sentir partícipe também na relação afetiva e amorosa de seus pais.

Com os estudos de imersão social catalogados pelos pais e o início da compreensão vocabular por parte da criança dentro do contexto linguístico do casal e da sociedade, essa criança começa a despertar para a vida social e coletiva, cindindo os aspectos que traz dentro de si incorporados dessa mãe que era muito presente e desse pai que foi ganhando status e notoriedade na vida da criança com o passar o tempo.

Então a criança passa por um período inicial de bissexualidade, no qual nutre um amor incondicional pelo seu pai e por sua mãe. E toma um como preferência, que será a referência para os estágios seguintes em relação a puberdade desta criança quando chegar na fase de adolescência.

Quando a fase da triangulação já está completa, o efeito social da castração é efetuado por este pai e por esta mãe que ensina a criança a ter limite em relação ao mesmo sexo.

Assim, o Complexo de Édipo se estabelece, pela ampliação do desejo de um e pela retração, ou bloqueio do desejo de outro. No qual se acentua a preferência sexual desta criança que irá contribuir para a sua vida sexual na fase adulta.

O amor: em termos de atração ou repulsão pelas pessoas fica condicionado ao Complexo de Édipo, pois o significante primordial que brota deste circuito bordeia todas as outras relações com os seres e pessoas que passam a desempenhar papéis significativos e paralelos na vida desta criança.

O Complexo de Édipo fica cada vez mais robusto e prepara o indivíduo para suas fases mais marcantes como a entrada na vida adulta e ser réplica de uma unidade familiar.

O Complexo formado passa a comandar novos desdobramentos e o surgimento de outros complexos secundários e terciários. A criança passa a ganhar complexidade social com a imersão dos estudos em sociedade, e passa a ser um clone melhorado dos seus pais.

Onde o avanço na linha do tempo é uma simples questão de acúmulo de informações além do tempo dos seus pais.

Renúncia

Renúncia é um tipo de abdicação de um direito que não se deseja mais exercer com o objetivo de não realização mais da atividade em que esse direito confere ao indivíduo exercitar como sendo uma atribuição própria e/ou legítima.

Pessoas quando ingressam em sociedade recebem atribuições devido as habilidades despertadas ao longo de sua vida profissional, geralmente razões internas criam condições que afastam alguns indivíduos de suas atribuições correntes, ou por razões internas ou por influências externas, e quando isso ocorre, é comum a renúncia quanto ao exercício de uma atividade.

A renúncia é mais sentida quando uma pessoa detém um cargo diferenciado, no qual está no comando ou sobre o controle de muitos indivíduos.

Porém, o hábito de fazer escolhas na vida torna a renúncia algo do cotidiano, como, por exemplo, expressar um comportamento modal em uma pessoa que não goste de comer quiabo. O que pode gerar a renúncia pela ingestão da hortaliça.

Alguns direitos juridicamente são irrenunciáveis, como o direito à vida, à liberdade e os direitos humanos.

Quando um governante sente que perdeu o controle diretivo de uma situação política, pode ser conveniente para o bem de uma sociedade democrática que a renúncia do cargo seja indicativo de que novas eleições devem ser formuladas a fim de que o regime democrático volte ao seu estado de normalidade.

Geralmente a administração de um casamento requer um tipo de renúncia do comportamento, onde o casal passa a ter exclusividade do corpo do outro, onde os demais indivíduos não se vinculam mais o desejo e o ato sexual.

Convenções do comportamento fazem com que as pessoas renunciem desejos, necessidades em relação a outros indivíduos proporcionando graus diferenciados de integração, tornando complexa o relacionamento social. Como, por exemplo, um filho deve conter o seu desejo sexual pelos seus pais, um padre não deve praticar sexo, um religioso não deve consumir bebidas alcóolicas.

Toda renúncia exige que a pessoa abra mão de algo que está incorporado dentro de sua singularidade. E isto as vezes é muito doloroso para alguém que cativa um valor ou atividade que venha a indicar como importante para si mesmo.

Parte de um princípio que antes se detinha a prática de um comportamento, e que por alguma razão este comportamento deve deixar de ser a práxis que está presente no cotidiano deste indivíduo.

Exige um tipo de suspensão de privilégios, contidos na atividade ou tarefa que era de desempenho funcional de um indivíduo.

Para que alguém possa renunciar a um direito, ele deve estar no exercício da atribuição, ou ter acesso ao exercício caso venha ou resolva praticá-lo.

Dependendo do tipo de renúncia, não é possível mais o retorno da condição de exercício de uma atividade.

A renúncia é algo que parte do próprio indivíduo, mesmo quando exercida por coercibilidade, em que o indivíduo se vê na obrigação de exercê-la por motivo de força maior.

A renúncia para algumas denominações religiosas é um dos pré-requisitos para a ativação da fé, em que se escolhe um caminho mais próximo da integração do que um caminho em que leva a um processo de individualização e afastamento do próximo.

Pressupõe que toda renúncia é um processo de livre escolha, e que, portanto, deva ter como princípio básico a liberdade para se efetuar a renúncia.

Uma renúncia pode ser temporária ou permanente: As renúncias temporárias geralmente são administradas por pessoas que se encontram impedidas de exercer a profissão, como por exemplo, um juiz que é impedido de fazer um julgamento de um familiar. As renúncias permanentes são aquelas que a assinatura ou a declaração de renúncia torna o ato sem efeitos retroativos, como por exemplo uma nação que se recuse a participar de uma olimpíada em determinado país por divergências de opinião ou política, onde os jogos ocorram e a impossibilidade de retroagir o tempo impede que a delegação possa novamente participar da mesma edição dos jogos.

A transferência de direito pode ser objeto ou não de uma renúncia, mas não tem efeito principal, pois o elemento ao qual se ancora o direito pode ou não conforme a regra permanecer vago ou não.

Então se acredita que o renunciante possui um valor pelo exercício do direito, e por alguma razão pessoal ele deixou de ser um direito fundamental para a sua personificação. E que por este motivo se deseja abdicar ou abrir mão deste direito. Geralmente uma renúncia tem um efeito jurídico para um agrupamento. Mesmo que seja feita de forma informal.

À medida que o ser humano se vicia na prática e num modelo de constância de seu comportamento, para que o indivíduo não fique sintetizado dentro de um circuito restrito de normas e regras, ele deve fazer a renúncia de seus valores e princípios para que novas percepções possam ser incorporadas dentro deste indivíduo, a fim de sair do padrão estabelecido.

Este tipo de recorrência da atividade descrita do exercício de direitos dentro de um padrão não permite fazer com que um ser humano viva em plena liberdade. Por esta razão a renúncia a certos valores e princípios é sempre algo salutar uma vez que contribui para despertar novamente o indivíduo para a vida.

Uma renúncia pode estar vinculada a contextos específicos ou sintetizar uma regra que deve ser adotada toda vez que uma situação limítrofe estiver sido ultrapassada. Ele diz apenas respeito ao sujeito, aquele e único e exclusivo que tem o direito para abdicar de um posicionamento que diz respeito a si mesmo.

Ato genital

O ato genital é a prática do sexo em que seja estimulado o falo (pênis) ou a vagina (clitóris, vulva) conforme o caso, sem se levar em conta o acesso as partes exógenas do corpo humano.

Por enquanto a base do ato genital é o principal condicionante para a formação da vida, modernas técnicas de inseminação artificial já conseguem conceber a vida sem necessidade de estimular os órgãos genitais.

O órgão genital masculino se divide externamente em sacro escrotal e pênis, enquanto o órgão genital feminino se integra entre clitóris e vulva.

Não há necessidade de parceria tanto no caso masculino como no caso feminino para se praticar um ato genital.

Em ambos os sexos é comum a utilização da mão como estimulador ou objetos fabricados especialmente para esta finalidade.

Sobre o falo e sobre a vulva existe uma pelagem densa e geralmente grossa, algumas pessoas acreditam que para se tornar mais atrativas é necessário fazer a depilação das partes íntimas.

O efeito direto da estimulação peniana ou da vulga é a secreção de materiais biológicos: esperma e óvulo e uma sensação suavizante da tensão muscular do corpo que remete a uma densa estrutura de prazer e libido.

Para formar através do ato genital outro indivíduo é necessário haver a interação entre um falo e uma vulva, em que o orgasmo torna coincidente o contato entre material seminal tanto da fêmea como do macho.

Modernas técnicas de inseminação artificial já proporciona a oportunidade de uma criança nascer com o código genético de mais de dois indivíduos, podendo constituir genes de mais de uma mãe e de mais de um pai.

Geralmente o orgasmo é conseguido através de fricção da pele do órgão sexual junto ao parceiro sexual. Mas nada impede que se possam ser administrados movimentos isolados a fim de aquecer a parte pubiana para a aceleração do coito a fim de conter mais desgaste físico.

Também muito comum as partes sexuais podem ser massageadas com elementos comuns ou perfurantes conforme o tipo de excitação exigido para uma pessoa a fim de propulsionar o seu orgasmo. Porém, a prática de materiais perfurantes não é muito recomendada uma vez que a região pubiana é muito sensível à presença de patógenos e inflamações que poderão ocasionar a inabilitação do órgão para novas cópulas.

Quando o órgão sexual é estimulado apenas para corresponder ao intuito de geração de prazer a práxis estabelece o uso de preservativos e contraceptivos a fim de que o ato sexual não resulte em um novo indivíduo através da gravidez.

Embora o ato genital se utilize também das partes exógenas, como por exemplo: seios, músculos, coxas, ânus, boca, ouvidos, pês, mãos, pescoço, nádegas, abdômen, ... essas partes do corpo humano não são exclusivas para caracterizar um ato genital uma vez que a ativação destas partes isoladas não caracteriza o ato genital em si.

Em algumas partes do mundo o assédio sexual é caracterizado tanto pelo contato da parte genital, ou o acesso que sinalize um contato com a parte exógena, como por exemplo uma piscadela sensual em que a pessoa não deu autorizações ou não admite para si, receber este tipo de ato de comunicação.

O contato de boca com o pênis é um ato genital, uma vez que o falo está presente dentro do sistema erótico de estimulação peniana.

O contato de boca com os seios não é um ato genital, uma vez que pênis e vulva não estão presentes dentro do sistema excitatório. Geralmente são visualizadas como medidas preliminares onde o estímulo é preparatório para o ato genital.

Normas sociais estabelecem regulamentos quanto ao contato e consentimento de pessoas para práticas genitais.

O normal de toda civilização é o estabelecimento de regras em que o consentimento ao ato genital se torna instituído, como, por exemplo, o namoro, casamento ou o encontro pago gestado pelo próprio indivíduo que pratica o sexo (no caso da existência de relação de comércio).

A média dos acasalamentos podem variar de pessoa para pessoa, mas geralmente pessoas mais experientes costumam em ficar em posição sexual de 3 a 10 minutos em média. Alguns casais preferem ficar mais tempo acoplados a fim de aproveitar ao máximo o efeito de prazer que é liberado durante o ato genital.

As restrições sociais aos contatos das genitálias são em virtude de uma infinidade de doenças que a falta de cuidado pode afetar o equilíbrio do corpo e provocar o adoecimento da pessoa praticante de sexo.

Para contribuir para a saúde dos órgãos genitais existem uma infinidade de profissionais, sendo os mais especializados o Urologista (no caso masculino) e o Ginecologista (no caso feminino) que cuidam da vitalidade, virilidade, saúde e das questões referentes aos adoecimentos destas partes tão essenciais para a vida humana.

A relação perfeita é aquela que o ato genital permite maximizar o prazer no casal na fase em que o acoplamento está sendo realizado.

Quando a descarga do prazer é possível na mesma temporariedade em um casal (macho e fêmea) se a mulher estiver em período fértil, pode ser que o ato sexual convirja em um novo indivíduo.

Os órgãos genitais devem sempre receber cuidados especiais, como produtos específicos para sua manutenção, como sabonetes, óleos, perfumes, a fim de que a vida sexual seja preservada o máximo possível dentro dos moldes de normalidade e maximização da constância do prazer.

Dissimulação da angústia

Uma dissimulação da angústia é um ato onde não existe dor psicológica e a pessoa manifesta pelo falseamento da fala angústia incessante, geralmente para obter vantagem em um ato de comunicação ou de uma relação.

A dissimulação da angústia é muito aplicada por pessoas que desejam extorquir outras pedindo auxílio ou esmola nas ruas.

Por esta razão deve um indivíduo generoso raciocinar se realmente o pedinte tem a exigência da necessidade ao seu favor no ato de pedir esmolas, e assim efetuar a ajuda quando necessário.

Na dissimulação da angústia a fala da pessoa se torna afetada e arrastada, os olhos lacrimejam para manifestar emotividade, como uma cena teatral.

É gerado uma história de lamúria com enredo definido, ao ponto certo de motivar quem ouve a manifestar o seu pesar pela identificação do falseamento da angústia alheia.

Neste enredo acontecem uma infinidade de tragédias da vida pessoal, e a pessoa que ouve não vê outra alternativa a não ser auxiliar a suposta vítima de seus infortúnios.

Geralmente o ponto de coleta de divisas econômicas destas pessoas são lugares movimentados, como praças, esquinas, bares, restaurantes, pontos de ônibus e dentro de veículos coletivos.

No Brasil existem casos de pessoas que praticam este tipo de mendicância e consegue obter bons lucros por este negócio. Tive contato com um caso em que uma mulher mantinha o neto em rede particular de ensino às custas deste procedimento.

O que é uma contradição em um país em que existem estabelecimentos públicos para se efetuar a educação gratuita sem ônus direto para o cidadão.

A lamúria da angústia comove as pessoas que estão passando, talvez por uma identificação em não deixar que o mal passe para si tamanho estado de comoção que floresce quando se está diante de uma súplica desta natureza.

Outra tática de tais pessoas que gostam de dissimular a angústia é a utilização de trajes em péssimo estado de conservação, a fim de que a pessoa gere mentalmente a constatação de que é mesmo a “vítima” necessitada de auxílio.

As histórias que são narradas por tais pessoas geralmente são muito depressivas, e não é muito difícil parar para conquistar a simpatia dos transeuntes em uma cidade.

Tais pessoas costumam a rejeitar tarefas e trabalhos remunerados, pois com frequência pessoas muito generosas abastecem tais indivíduos com grandes quantias a fim de que possa completar o quantitativo de suas despesas ao qual se refere a necessidade de esmola.

Muitos pedintes que vivem nas ruas do Brasil também utilizam da dissimulação da angústia como estratégia que se incorpora para a aquisição de dinheiro para pagar o seu consumo de entorpecentes.

E por vezes não é a relação mais vantajosa contribuir porque induz a pessoa a continuar dentro do ciclo de mendicância enquanto a sua relação de percepção de mais valia estiver ao seu favor.

A dissimulação da angústia pode ser uma técnica adaptável para entreter o público em uma novela ou mesmo em um teatro.

Muitos recursos de persuasão podem ser acoplados aos dramas que facilitarão a compreensão deste fenômeno de comportamento social.

Geralmente as pessoas que praticam dissimulação da angústia utilizam como estratégia o pedido para a compra de medicamentos, ou materiais para consumo.

Algumas pessoas mais especializadas neste golpe procuram gerenciar qualquer tipo de moeda de troca capaz de gerar algum ativo que possa ser trocado por dinheiro, como mantimentos crus, roupas, garrafas, latas, e até medicamentos.

Muitas vezes a vontade inicial da pessoa é de sanar um problema pontual em que ela esteja enfrentando, mas o convencimento de que outros de seus problemas podem ser resolvidos em idêntica situação as fazem cada vez mais assumir para si o papel de mendigagem.

A dor psicológica e a dor física é nomeada no processo de subjetivação da pessoa que pratica a dissimulação da angústia, para fornecer cada vez mais evidências de que a sua necessidade é real.

O fundo emocional no plano de fundo do enredo é uma tática para acessar o subconsciente humano para fazer com que a pessoa passa se identificar com o martírio canalizado pelo farsante.

Muitos utilizam um método irrefutável para conversar com seu público, que é evocar a Deus e os seus Mestres para que a pessoa se sinta cada vez mais tocada diante de sua fé a corresponder a sua necessidade de acoplar com elementos de representação religiosa, que fazem parte da cultura local de uma cidade.

A dissimulação da angústia para se tirar proveito de pessoas por meio da falsidade da informação é considerada crime em muitos países sujeito a prisão em virtude desta prática de disfarce da realidade.

Vítimas mais generosas algumas vezes oferecem o próprio lar de repouso e acabam sendo assaltadas, ludibriadas e têm os seus pertences roubados comprometendo a própria vida e a segurança pessoal e da família.

Não é uma tarefa fácil compreender quem verdadeiramente necessita de quem pratica a dissimulação da angústia como forma de extorquir pessoas de bem que contribuem para a diminuição das desigualdades sociais ofertando ajuda.

Rompimento

O rompimento é tornar cindido o que antes era visto de forma contígua em que o laço é desfeito para que cada parte cuide de suas singularidades. É uma fase necessária de um modelo de um processo de comunicação e relacionamento, onde uma pessoa tem após canalizar uma mensagem deve proceder com o distanciamento do elo gerado pela junção entre dois conectivos.

A fase de rompimento é necessária toda vez que não se aprende mais nada além do catalogado. Quando nada além pode ser acrescentado e o outro não tem mais nada a oferecer que sirva de permuta para a geração de um processo de comunicação.

Se o rompimento não for administrado dentro de um ato de comunicação nestes moldes, quando o indivíduo recorre a mesma estrutura de comunicação, então não irá ocorrer processos de inovação e o ciclo de aprendizado ficará completamente prejudicado.

Esse tipo de rompimento que está sendo apresentado é o que permite uma pessoa se identificar com determinada estrutura de comunicação, e no ato de rompimento se interligar a outra estrutura de que também poderá tirar proveito através de um processo de aprendizagem.

Então é um princípio que o objeto anterior acoplado deve ter diminuído a sua importância para que a introdução de novo objeto para ocupar o lugar de origem na etapa de comunicação para que um novo laço possa ser gestado dentro do processo de comunicabilidade.

Essa troca que se exerce é necessária para o desenvolvimento pessoal, como também para o desenvolvimento coletivo, se não tivesse uma forma de romper o laço anterior de uma relação as pessoas ficariam presas umas às outras dentro de poucas reativas reações aos pares.

O rompimento afetivo ou amoroso também pode ser visualizado dentre destes mesmos parâmetros e modelos.

Quando uma relação se esgota todas as tratativas de comunicação é sinal que alguma coisa que movia a sentimentalidade do casal foi perdida no decorrer desta relação.

O rompimento é o estágio em que os pares partem para receberem novas impressões e se encontrarem com o novo para que os seus espectros e objetos de vida possam continuar a prosperar diante de suas reais necessidades.

O substituto candidato a fazer papel do elo rompido deve ter um tempo de latência para o fortalecimento do novo processo de adesão no par relacional, a fim de que a importância do elemento substituto possa superar o efeito de elevação do novo elemento, como sendo essencial e necessário para a rede de comunicação, enquanto o elemento velho é mantido armazenado e arquivado como uma estrutura do passado que deva ser indexável e ignorada no presente, para o efeito de buscar das informações incorporadas pela lembrança quando requisitadas.

O rompimento desfaz o laço com o presente, mas o laço persiste no passado como um registro mnêmico, e afrouxa a relação de existência deste laço com o futuro do indivíduo, uma vez que ele se apresenta cindido e não mais visualizado como algo contínuo e com influência.

Quando alguma coisa se rompe o que preenche em seu lugar é uma identificação que se torna independente do laço inicial. Pressupõe-se uma necessidade de interligar as informações que foram obtidas no decorrer do laço no relacionamento.

Porém este preenchimento consigo mesmo é um processo provisório, que logo outro laço abastece a imaginação para fazer fluir novamente o pensamento em torno de uma conjuntura que permita o intercâmbio de novas informações. Num processo contínuo de aprendizagem.

O apego ao ato de comunicação, a corporeidade e ao contato direto faz com que as pessoas fiquem temerosas quando a questão é um rompimento.

Porque o apego gera uma dependência em que o indivíduo só consegue se ver sinalizando uma constante absorção, por pressupor que a característica que está sendo acoplada irá fazer um gerenciamento benéfico de sua consciência.

Em que algumas trocas são possíveis no decorrer deste processo para se continuar capturando informações que se crê serem essenciais para o desenvolvimento pessoal ou coletivo.

Porém quando a pessoa é capaz de vencer o medo e descobre que se pode construir também através do rompimento então o processo de descobertas se tornam uma constante e o indivíduo consegue se desenvolver continuamente acoplando e desacoplando por meio do rompimento em outros atos de comunicação e entes relacionais.

Então pode se pensar o rompimento como sendo um novo começo, e não um final em si de um processo extinto. É uma etapa que se permite construir um novo tipo de edificação para um ato de comunicação em que deve ser observado e avaliado em toda a sua extensão.

A vida em grupo exige que os processos de comunicação sejam gerenciados temporariamente, de forma que um indivíduo possa ampliar o seu potencial de interação com outros indivíduos, e sem o rompimento isto não seria possível ou viável em uma sociedade com milhões de habitantes.

Enquanto se é vivo um indivíduo está produzindo informações e capturando, de forma que novas informações somente têm condições de serem percebidas se o indivíduo foi capaz de desacoplar através do rompimento com o elo anterior para que ele possa refletir sobre o novo posicionamento do regime de urgência que lho permita identificar qual a nova demanda ambiental que necessita ser abastecida.

Disfarce

Disfarce é a arte de alterar uma fisionomia com o intuito de ter acesso a determinado conhecimento ou sentido de preservação pessoal, que não é possível diante da utilização da verdadeira personalidade.

O disfarce se caracteriza por uma falsificação da realidade onde se pretende ou se planeja ganhar uma vantagem em termos de informação.

Entre as técnicas necessárias para que um indivíduo desenvolva um disfarce está a diferenciação das roupas, dos óculos, do estilo do cabelo, o falseamento do timbre da voz, a mudança de identidade, ...

Por vezes o disfarce pode ser organizado por uma questão de manutenção de uma segurança, quando se há perigo eminente contra a própria vida.

Técnicas de disfarce são muito apreciadas no cinema em filmes de ação, e são instrumentações muito importantes para agências de investigação.

Outros materiais como máquinas fotográficas, maquiagem, filmadoras, pen drive, gravadores de som são facilmente encontrado com pessoas que necessitam utilizar a técnica do disfarce para algum motivo.

Outra característica do disfarce é a intencionalidade do indivíduo de não se fazer visível diante de outras pessoas.

Esse não reconhecimento da personalidade é um dos requisitos essenciais para a caracterização de um disfarce.

Do ponto de vista filosófico esconder o Eu conota uma necessidade de atuação em prol do benefício do próprio Eu que não seria fácil de ser obtido caso a procura por informações ou o uso da personalidade pudesse se mostrar de forma clara, nítida ou transparente.

O fator motivacional para um disfarce é a busca de um benefício pessoal que não pode ser obtido de modo transparente.

Uma camuflagem é um tipo de disfarce que se usa geralmente em meios militares para que o indivíduo não se torne visível perante um contexto, ou seja, fique no padrão de cores que a maioria dos objetos em um ambiente se apresenta a fim de que não seja identificado à distância (camaleão).

Algumas espécies são especialistas em disfarce, principalmente no sentido da camuflagem que se incorpora como uma vantagem de vida no sistema de luta e fuga contra predadores.

O disfarce pode ser utilizado como uma máscara em linguagens computacionais para a preservação de funções específicas do desenvolvimento de um programa.

Na alimentação o disfarce é utilizado pelo mascaramento de cheiros no uso de alguns produtos alimentícios a fim de tomar o conteúdo mais agradável, como por exemplo a salsicha processada industrialmente.

Pequeno dicionário de termos

Encobrimento

É o ato de esconder algo que não se deseja visualizar conscientemente. A fim de que se fique protegido e oculto do olhar de outros indivíduos.

Fingimento

É o ato de fazer ação contrária ao que verdadeiramente se sente para fazer aflorar uma vontade que não poderia ser organizada pela sua via direta.

Castração

É o levantar de uma barreira somática que impede de um indivíduo movimentar sua libido em direção de uma pessoa, por alguma incompatibilidade que o bloqueio se torna necessário.

Onipotente

É a condição de empoderamento que o indivíduo se eleva em termos de consciência e se coloca numa posição hierarquicamente superior aos demais, onde não existe bloqueios que o impeçam de agir.

Vulnerabilidade

É uma condição de desprovimento de segurança, onde uma ação pode ser interceptada pela ausência de bloqueios em seu acesso.

Temor

É um medo cristalizado que toma conta do indivíduo toda vez que sua mente tem acesso ao conteúdo que causa a afetação de seu sentimento.

Acentuação

É uma condição de incidência onde um fenômeno ou ação fica mais vigorosa com o passar do tempo em um dado momento.

Constituição do sujeito

É a subjetivação de uma pessoa que se cristaliza em sua personalidade que a faz agir e definir o que se pensa ser de si mesmo.

Metáfora paterna

É uma alegoria construída para explicar conceitos psicanalíticos sobre a influência do pai na constituição psíquica de um indivíduo.

Metáfora materna

É uma alegoria construída para explicar conceitos psicanalíticos sobre a influência da mãe na constituição psíquica de um indivíduo.

Metáfora da cegueira

É uma alegoria construída para explicar conceitos psicanalíticos sobre a influência do agrupamento e do indivíduo na constituição psíquica de um indivíduo.

Problemas sociais

São urgências setadas ou iniciadas no ambiente que requerem habilidades para uma solução coletiva.

Novo mal estar

É um ciclo onde precede um bem-estar anterior a um mal-estar passado onde vem à tona a recordação e a imagem do evento traumático passado.

Repressão

É o deslocamento de uma informação para a porção inconsciente de um indivíduo, a fim de servir como suporte à consciência humana a informação por intermédio do recalque.

Regressão

É o retorno do registro gravado que encapsulou uma informação do passado a fim de compreensão do momento presente.

Diagnóstico

É um ato de nomear determinado sintoma que alguém possa estar passando, com o objetivo de definir uma ação que seja melhor para a resolução de um conflito.

Fase de latência

É a fase em que o sintoma está adormecido, esse interstício da não atividade da lembrança ou do adoecimento.

Lei

É o que se estabelece pelo pacto social como regramento para que todos se orientam como modelo de perseguição de seus objetivos a fim de haver harmonia e coesão social.

Falta da lei

É a zona onde o regramento não consegue satisfazer alguns indivíduos.

Pêndulo

É a condição de oscilação onde a subjetividade de uma pessoa transita entre dois polos.

Obrigação

É o ato que deve ser executado por fazer parte da rotina de um indivíduo, em que entrelaçam suas funções e atividades motoras e/ou psíquicas.

Felicidade

É um estado de contentamento, de um não ressentir do corpo em que o ser humano é capaz de vivenciar a alegria.

Adoecimentos

São estados de ressentimento corporal onde é necessária uma reorganização para que o indivíduo possa seguir o seu fluxo normal de vida.

Desorganização

É o não encontrar do sentido lógico habitual em que as coisas estão organizadas.

Organização

É um sentido lógico habitual onde as coisas podem ser encontradas e ordenadas sobre o espaço ambiental.

Válvula de escape

É um centro de ocupação cerebral que o perseguir gera alívio para uma pessoa que esteja em situação de estresse.

O amante e o amado

É a subjetividade que se cria entre enamorados que permite gerenciar as relações de proximidade e relacionamento entre casais.

Resistência

É um bloqueio sistemático para a realização de uma tarefa, em que um indivíduo passa a apresentar dificuldades para a realização de determinada atividade.

Estilo

É uma forma ou modelo de conduta que se aplica para caracterizar uma performance do comportamento.